UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORINHA DE ARTES

Alice Fátima Martins

Goiânia/GO, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

M386 Martins, Alice Fátima
Memórias de uma professorinha de artes / Alice Fátima Martins. – Goiânia: [S.n.], 2020.
330 p. : il.

Inclui referências, anexos e dados biográficos.
ISBN:

1. Memória autobiográfica. 2. Professoras de arte. 3. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. I. Título.

CDU: 82-94

Bibliotecária responsável: Amanda Cavalcante Perillo / CRB1: 2870

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORINHA DE ARTES

Alice Fátima Martins

Memorial apresentado à Comissão Especial de Avaliação CEA, como parte das exigências para a promoção ao cargo de Professor Titular Livre do Magistério Superior da Universidade Federal de Goiás UFG.

Goiânia/GO, 2020

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORINHA DE ARTES

Alice Fátima Martins

Comissão Especial de Avaliação CEA

Profa. Dr.ª Heloisa Buarque de Hollanda – UFRJ – Membro titular

Profa. Dr.ª Iria Brzezinski – PUC/GO – Membro titular

Prof. Dr. José Maria G. da S. Ribeiro – Universidade Aberta/Portugal – Membro titular.

Prof. Dr. Raimundo Martins da Silva Filho – PPGACV/FAV/UFG – PRESIDENTE

Profa. Dr.ª Marilda Oliveira de Oliveira – UFSM – Membro Suplente

Prof. Dr. José César T. de S. Clímaco – PPGACV/FAV/UFG – Membro Suplente

FAV UFG

PARECER FINAL DA COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO (CEA) REFERENTE À SOLICITAÇÃO DE PROMOÇÃO À CLASSE ``E'', COM DENOMINAÇÃO DE TITULAR, NA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR, DA DOCENTE ALICE FÁTIMA MARTINS, PROCESSO Nº 23070.023136/2020–11

Com base no artigo nº 58, incisos I e II da Resolução CONSUNI nº 18/2017 e de acordo com as informações da Ata da Sessão Online de Defesa de memorial (constante do presente processo), os membros da Comissão de Avaliação Especial (CEA), declaram a docente **ALICE FÁTIMA MARTINS** apta à promoção da **Classe D**, **nível 4** para a **Classe E**. Nada mais havendo a tratar, emitiu-se este parecer final que, após lido e achado conforme, segue assinado pelos membros da Comissão Especial de Avaliação (CEA).

Prof. Dr. Raimundo Martins da Silva Filho
Presidente da CEA

Profa. Dra. Heloísa Buarque de Hollanda
Membro da CEA

Profa. Dra. Iria Brzezinski
Membro da CEA

Prof. Dr. José Maria G. da S. Ribeiro
Membro da CEA

Goiânia, 21 de agosto de 2020.

Faculdade de Artes Visuais
Avenida Esperança, s/n, Campus Samambaia (Campus II) CEP: 74690-900
Secretaria Administrativa: Fone: +55 (62) 3521-1159
Secretaria Acadêmica: Fone: +55 (62) 3521-1127 / 3521-1241

REGISTRO DIREITO AUTORAL

CBL Câmara Brasileira do Livro

CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Responsável pela Solicitação:
Alice Fátima Martins

Participante(s):
Alice Fátima Martins (Autor)

Título:
Memórias de uma professorinha de artes

Data do Registro:
1/7/2021 10:10:26 AM

Hash da transação:
0x07d1723S0f9e4c61f67201a6d0fc5705e3e68d5d2fe3834eb79fe666a23e4e2f

Hash do documento:
f845648da54719176a64f8da7cbc4a525af4f4eb0ae7bc8e0df745192cf3d756

Compartilhe nas redes sociais

clique para acessar a versão online

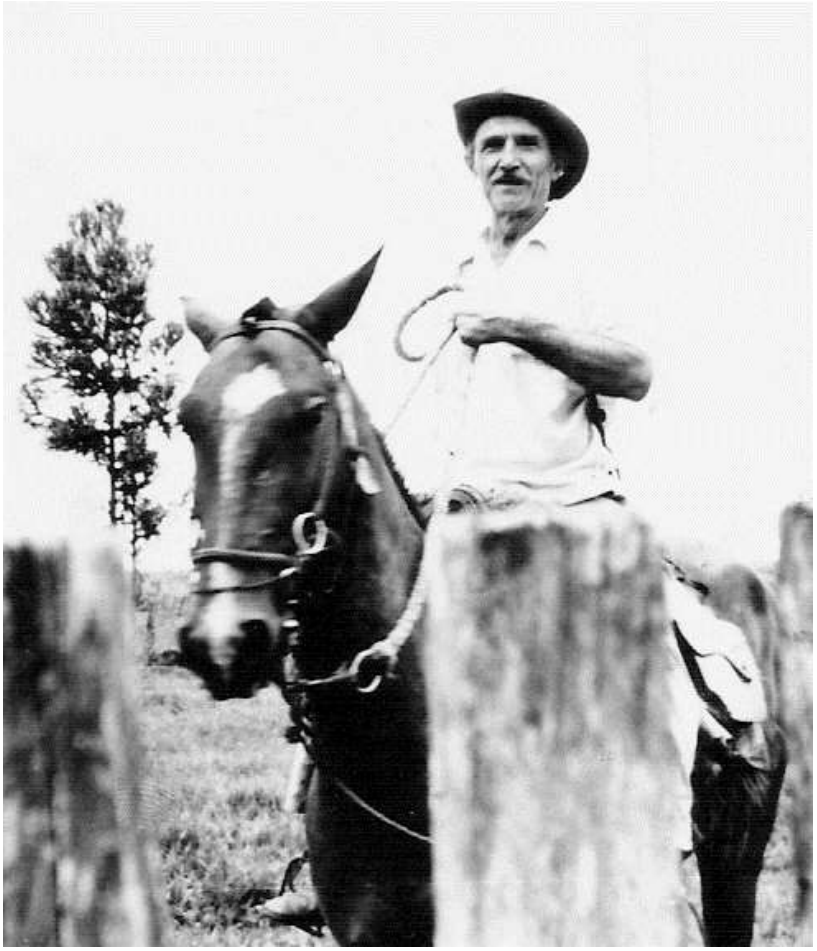


Foto: Ruth dos Santos Martins. 1972

Dedicatória

Meados do mês de abril de 1978. Por telefone, contei a meu pai que conseguira a bolsa integral para estudar o segundo ano do ensino médio. Mesmo debilitado, ele respondeu que não esperava outra notícia, pois confiava em mim. Disse que eu ainda faria muitas outras conquistas. Foi a última vez que ouvi sua voz.

A ele, David Dutra Martins, dedico este memorial.

Saudades.

Habito o Planalto Central do Brasil, e ocupo-me com algumas coisas desimportantes, como bordar imagens, alinhavar poesia, brincar com cinemas, recontar as árvores do cerrado, ouvir conversas de araras... Sendo professora, aprendo mais que ensino. Sendo pesquisadora, desaprendo o que, antes, pensava saber.

Sumário

INTRODUÇÃO ... 1

Apontamentos sobre a organização desta escrita ... 6

PRIMEIRA PARTE: ANTECEDENTES ... 9

1. Do campo para a cidade ... 10

2. Na primeira escola, desafios e estratégias de sobrevivência... ... 13

3. De onde você é? ... 16

4. O curso de graduação. *Você quer ser professora de educação artística?* ... 21

5. A professora entra em ação ... 25

6. Professora em área indígena ... 27

Entreato 1 ... 31

7. A professorinha de artes chega à escola pública. Ou: *Chegou a professora de música!* ... 32

8. O que pode uma professorinha de artes num hospital? ... 36

Entreato 2 ... 38

9. Professora etnógrafa numa sala de alfabetização ... 39

10. A professorinha de artes chega ao ensino superior ... 43

Entreato 3 ... 46

Entreato 4 ... 48

11. Rede pública de ensino: breve retorno ... 52

Entreato 5 ... 54

12. Doutorado em Sociologia: as aventuras de uma professorinha de artes na ficção científica ... 57

Entreato 6 ... 60

SEGUNDA PARTE: DOCÊNCIA, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS ... 63

13. Chegada à Universidade Federal de Goiás. A bagagem. ... 64

14. O que pode uma professorinha de artes na universidade pública? ... 66

15. PILAR I: O território da docência ... 68

Docência na graduação ... 68

15.1 Bases conceituais do ensino, da arte e da educação, e questões sobre a cultura ... 69

15.2 Exercícios de expressão ... 71

15.3 Projetos de ensino e contextos de aprendizagem, na educação formal e não-formal ... 72
15.4 Teorias da percepção ... 73
15.5 A pesquisa na formação ... 73
15.6 Um tópico especial na formação de professores ... 74
15.7 Núcleos Livres ... 75
15.8 Disciplinas na modalidade EaD ... 78
Docência na pós-graduação *stricto sensu* ... 81
15.9 Disciplinas obrigatórias ... 81
15.10 Disciplinas eletivas ... 83
15.11 Disciplina ministrada na UdelaR ... 86
Entreato 7 ... 87
Entreato 8 ... 89
16. PILAR II: As searas da pesquisa ... 92
16.1 Pesquisa de mestrado ... 95
16.2 Pesquisa de doutorado ... 95
Entreato 9 ... 97
16.3 Projetos de Pesquisa desenvolvidos a partir de 2004 ... 98
Projetos de pesquisa cadastrados na UFG ... 98
Projetos com Bolsa de Produtividade em Pesquisa/CNPq ... 108
Projetos de pesquisa desenvolvidos em estágios de pós-doutoramento ... 111
Entreato 10 ... 114
16.4 Grupos e Redes de Pesquisa ... 116
16.5 Participação de entidades artísticas e centros de pesquisa ... 117
16.6 Missão no exterior ... 117
16.7 Formação para a Pesquisa: orientações, coorientações, supervisões e outros ... 118
Graduação: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Iniciação à Pesquisa e à Inovação tecnológica (PIBIC, PIBIC-AF, PROLICEN, PIBITI) ... 118
Tutoria de estudante em intercâmbio internacional ... 122
Mestrado e Doutorado acadêmicos – orientação e coorientação ... 123
Doutorado sanduíche: tutoria concluída. ... 128
Pós-Doutorado ... 128
Acordo de cooperação técnica entre universidades ... 129
Entreato 11 ... 130
17. PILAR III: Dos projetos de extensão, e sua indissociabilidade em relação à pesquisa e à docência ... 131

18. PILAR IV: A gestão acadêmica 136
Ainda sobre gestão, preciosas parcerias 141
19. PRODUÇÃO 145
19.1 Livros autorais 145
Entreato 12 153
19.2 Organização de livros 154
19.3 Capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos completos em anais e outras lides 155
19.4 Outros modos de fazer, sentir, saber... 156
19.5 Bancas, pareceres e outras comissões de avaliação 163
19.6 Premiações 166
Entreato 13 167
Entreato 14 168
TERCEIRA PARTE: AINDA, DEVIRES 169
1. Linhas de fuga 170
Entreato 15 174
2. Revisando a bagagem, para prosseguir 176
Entreato 16 177
Bibliografia 179
QUARTA PARTE: ANEXOS 183

INTRODUÇÃO

Afinal, de que trata um memorial? Que estrutura deve observar?

Há 16 anos, em 2004, escrevi o memorial como parte dos documentos exigidos para o concurso ao cargo de professor adjunto desta Faculdade de Artes Visuais, UFG, de cujo corpo docente tomo parte desde então. Da banca do concurso, tomaram parte as professoras Rejane Coutinho (UNESP), Irene Tourinho e Raimundo Martins da Silva Filho (UFG). Iniciei o texto sublinhando que escrever o memorial acadêmico-profissional pressupunha, àquele momento, poder refletir sobre caminhos percorridos. Era a oportunidade de atualizar experiências vividas que, pertencendo ao passado, ainda são definidoras do presente em curso. O que foi ainda sendo. A palavra *memorial* evoca um conjunto, necessariamente aberto e sempre incompleto, em construção, de registros significativos que constituem a memória, e a própria identidade, de quem os organiza, relata, revela à luz da consciência do tempo presente.

Mas de que matéria é feita a memória? Pertence, ela, ao passado? Ou, pertencendo ao presente, trata de reinventar o já vivido? Talvez eu prefira pensar que seu pertencimento seja, sobretudo, ao tempo da poesia...

Jorge Luis Borges, poeta e ficcionista, discorre sobre duas possibilidades de representação do tempo. Na primeira delas, o tempo seria concebido como um rio que corre desde o princípio, chegando até os dias atuais, rumo ao futuro. Na segunda, o tempo também compareceria como um rio, mas a correr desde o futuro. O presente seria entendido como o exato momento em que o futuro se torna passado. “Podemos escolher entre ambas as metáforas”, afirma o poeta, “dá no mesmo” (BORGES, 2002, p. 65), pois o tempo é a imagem da eternidade, que congrega, simultaneamente, todos os tempos passados, de todos os seres conscientes, e todo o presente, de todas as cidades e suas gentes, mundos, espaços entre os planetas, e ainda o futuro que, embora não tenha sido criado, também existe. O poeta prossegue, com apoio em Plotino: memória é o presente

do passado. Já o presente do futuro vem a ser tudo quanto a esperança e o medo humanos possam imaginar, a cada tempo.

Pode ser que me equivoque, derivando pela poesia. Muitas vezes ouvi, de várias pessoas, a pergunta sobre em que consistiria um memorial. Confesso nunca ter ficado satisfeita com as respostas que tentei dar. Há de se perguntar sobre a finalidade do memorial em questão. Ele pode ser um memorial de campo, memorial de pesquisa, memorial afetivo... Um álbum de fotografias não deixa de ser um memorial... Pois bem, no caso deste memorial que ora escrevo, para ser defendido em sessão pública, a Resolução Consuni Nº 18/2017, da Universidade Federal de Goiás, ao dispor sobre normas para avaliação, dentre outros, do acesso, na carreira, ao cargo de Professor Titular Livre do Magistério Superior, não deixa espaços para dúvidas quanto às informações que nele devam constar:

> Art. 54. O memorial, previsto no Art. 46 desta Resolução, deverá considerar as seguintes atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional:
>
> I- atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação e/ou mestrado e/ou doutorado e/ou pós-doutorado, respeitado o disposto no Art. 57 da Lei no 9.394, de 1996;
>
> II- atividades de produção intelectual, demonstradas pela publicação de artigos em periódicos e/ou publicação de livros;
>
> III- capítulos de livros e/ou publicação de trabalhos em anais de eventos e/ou de registros de patentes/softwares e assemelhados e/ou produção artística, demonstrada também publicamente por meios típicos e característicos das áreas de cinema, música, dança, artes plásticas, fotografia e afins;
>
> IV- atividades de extensão, demonstradas pela participação e organização de eventos e cursos, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento, dentre outras atividades;
>
> V- coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa;
>
> VI- coordenação de cursos ou programas de graduação ou pós-graduação;
>
> VII- participação em bancas de concursos, de mestrado ou de doutorado;
>
> VIII-organização e/ou participação em eventos de pesquisa, inovação, ensino, gestão ou de associações;
>
> IX- apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos;

> X- recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas;
>
> XI- participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística;
>
> XII- assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão;
>
> XIII- exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de diretoria/chefia de unidades/setores e/ou de representação;
>
> XIV-outras atividades relevantes na atuação profissional do professor.

No artigo seguinte, podem ser encontrados os critérios de avaliação do memorial:

> Art. 55. Na avaliação do Memorial, os membros da CEA deverão considerar os objetivos estabelecidos no Art. 54 desta Resolução, além dos seguintes aspectos:
>
> I- relevância da vida acadêmica do candidato e sua dedicação a essa atividade;
>
> II- coerência da trajetória acadêmica e profissional;
>
> III- o domínio, a contemporaneidade, a abrangência e a profundidade dos conhecimentos na área de conhecimento;
>
> IV- contribuição do professor para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa, da inovação, da extensão e da Gestão.

Trata-se de um currículo consubstanciado, portanto, com a finalidade de convencer a banca de que a candidata, ou o candidato, tem perfil para ascender ao cargo de professor titular. E eu pensando em poesia...

Teimosa que sou, escolho insistir um pouco mais por essa vereda. Para tanto, busco amparo em educadores e pesquisadores que, antes de mim, encontraram modos menos administrativos, ou formatos refratários aos relatos mais burocráticos, para a escrita de seus memoriais. Recorro ao texto da professora Magda Soares, escrito em 1981, quando concorreu ao cargo de professor titular em sua universidade. Assim ela inicia:

> Pedem-me um memorial: devo contar o que fui, o que foi; explicar o passado. Mas antes de explicar o passado, é preciso explicar o presente, este presente: por que atender a um edital que convida à inscrição a concurso de professor titular? (SOARES, 1991, p. 21).

A linguagem por ela adotada, os modos como construiu os elos entre sua trajetória pessoal, particular, e os contextos sociais vividos por sua geração, fizeram de seu

relato uma referência, incluída entre as obras que tratam da História da Educação no Brasil, publicada no instigante livro intitulado *Metamória, memórias: travessia de uma educadora*. Nele, a educadora mineira pensa na vida como um bordado em processo, cujo risco não se conhece por inteiro, apenas de modo fragmentário. E quando, eventualmente, se contempla o quanto do bordado já esteja feito, pode-se adivinhar-lhe um pouco do risco, ou descobrir riscos, nele, antes ignorados...

É possível que ela também tenha sido leitora de Cecília Meireles:

Desenho
Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.
Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.
Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.
Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.
Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente um pouco mais.
Cecília Meireles (1997, p. 182)

Admito que não consigo, mesmo, resistir ao empuxo das correntes da poesia... da *poiesis*... Se assim, como devo proceder? Resta a opção de aceitar o duplo desafio: atender às exigências institucionais, sem abrir mão da possibilidade dos bordados, dos desenhos, das imagens e suas narrativas, tão caras ao meu percurso pessoal e profissional, que aqui devo relatar. Escolho fazer a escrita na forma de ensaio. Como recorte, parto das primeiras aprendizagens, quando foram lançadas as bases de formação para os processos de ensinar e aprender com os quais opero. Mas a ênfase recai sobre a experiência profissional no ensino superior na UFG, como docente e pesquisadora, além de integrante de projetos de extensão. A mais, pronuncio este memorial na primeira pessoa, por vezes plural, por vezes singular,

admitindo, como fios de alinhavo, a percepção subjetiva, eventualmente até intimista, que preside a atribuição de sentidos aos relatos do passado.

No cumprimento desse intento, sigo atenta, sem olvidar que, sim, caminhante sou...

Caminhante

imagens de tudo quanto vi
dos lugares por onde passei
paisagens que atravessei
pessoas com quem conversei
tomam parte do que sou
misturam-se, nos meus sonhos
vão comigo por onde vou

Terra Gwayá, fevereiro de 2011

Transeunte próxima ao Campus II da UFG. Foto: Alice Fátima Martins. 2008.

Apontamentos sobre a organização desta escrita

Escrevo este memorial recolhida, em quarentena desde os princípios do mês de março de 2020. Enquanto isso, no Brasil, o número de mortes diárias aumenta exponencialmente, em decorrência das complicações pela COVID 19, causada pelo Sars-CoV-2, correntemente referido como Corona Vírus 19, ou Novo Corona Vírus. Esse inimigo invisível protagoniza a pandemia que vem assolando populações dos cinco continentes desde os últimos dias de 2019. No Brasil, a tragédia ganha contornos ainda mais profundos, porquanto os interesses políticos e do mercado, mesmo quando em detrimento da saúde pública, tenham a palavra final nas tomadas de decisão quanto às prioridades: as atividades comerciais prevalecem às providências públicas para diminuir a extensão das perdas humanas. Nas cidades, majoritariamente, as pessoas deixam-se convencer por argumentos descompromissados com o bem-estar social. Quase sempre, subestimam os riscos.

Se, por um lado, os contatos físicos estão em suspenso, por outro multiplicam-se as interações mediadas pelos aparatos tecnológicos: aulas, reuniões, palestras, conversas, debates, espetáculos, shows, tudo migrou para as plataformas digitais. O trabalho em casa avolumou-se como ainda não se tinha experimentado. O espaço doméstico adensou as atividades privadas, para também dar espaço às atividades profissionais, e ao exercício da vida cidadã e política, agora com vasão reduzida nos territórios abertos da cidade. Professorinha de artes, professora universitária, pesquisadora: neste ínterim, a carreira docente tem sido, inumeráveis vezes, colocada na berlinda pelas políticas vigentes para a educação pública, a cultura e a economia.

Apreensões pulsam nas entrelinhas de boa parte deste texto. Mas é da saudade o acorde principal. Revisitar percursos, mapear caminhos, rever experiências vividas desembaraça novelos, move afetos, traz à superfície imagens que repousavam no fundo do leito do rio.

No entanto, há uma dimensão pragmática na escrita deste documento. Trata-se de um memorial relativo à minha atuação junto à Universidade Federal de Goiás, na docência, pesquisa, extensão e gestão. Ou seja, espera-se que os relatos se restrinjam ao recorte temporal iniciado em 29 de julho de 2004, data quando tomei posse e iniciei o exercício como professora efetiva, categoria adjunto, nível 1. Contudo, a cartografia desse percurso explicita um fato inconteste: as orientações epistemológicas e pedagógicas adotadas, os projetos de ensino e as pesquisas desenvolvidas engendram bagagens trazidas desde trajetos cumpridos antes, em territórios quantas vezes longínquos. Entre olvidar tais referências, como se não existissem, ou trazê-las para este relato, escolho explicitá-las, no ponto de partida. Isso posto, o texto organiza-se em quatro partes, além da introdução e alguns entreatos.

A **Primeira Parte** apresenta alguns antecedentes. Quer dizer, nela registro alguns marcos que considero importantes na minha trajetória pessoal, de formação e atuação profissional anterior à chegada à Universidade Federal de Goiás. Esses marcos balizam, ainda, em grande medida, minha atuação. Contudo, ressalto que a compreensão do restante do documento não depende da leitura destes antecedentes. Portanto, sua leitura é facultativa.

As atividades de docência, pesquisa, extensão e gestão, bem como a produção acadêmica, como docente e pesquisadora da Universidade Federal de Goiás, estão relatadas na **Segunda Parte**.

Fazendo um contraponto aos antecedentes, na **Terceira Parte** estão sinalizados, de modo muito breve, alguns projetos e inquietações que existem em potência, em aguardo para ganharem forma. Devires. Isso inclui algumas possíveis *linhas de fuga*. Essa parte integra, também, as referências bibliográficas, de filmes e outras, citadas no corpo do texto.

No último trecho, a **Quarta Parte**, estão anexados um certificado concedido pela Assembleia Legislativa de Goiás, ALEGO, em 2020, e um certificado concedido pelo CONSUNI da UFG, no mesmo ano. Também estão os **relatórios de prestação de contas dos projetos desenvolvidos junto ao CNPq, e o relatório de pesquisa de pós-doutorado** desenvolvido em 2017, todos aprovados pelas respectivas instituições. O relatório de pesquisa de pós-doutorado de 2009 resultou

em livro, referido no corpo do memorial. Está anexada, também, uma cópia do currículo emitido a partir da Plataforma Lattes/CNPq. Acompanha, este memorial, em arquivo separado, o conjunto de **Relatórios de Atividades Docentes RADOCs** de 2004 a 2019, todos também devidamente aprovados pelo Conselho Diretor da Faculdade de Artes Visuais da UFG.

Um conjunto de **entreatos** pontuam o texto, na forma de comentários, relatos, atividades, eventos e reflexões. Funcionam como pausas. A despeito da aparente desconexão com os trajetos principais de formação e atuação profissional, reportam marcos cujas repercussões, em diferentes medidas, reverberaram e ainda reverberam em meus projetos como professora e pesquisadora.

Fotografias e outras imagens dialogam com a escrita, num esforço de se estabelecerem relações situadas um pouco além da mera ilustração.

Foto: Ruth dos Santos Martins. 1973.

PRIMEIRA PARTE: ANTECEDENTES

1. Do campo para a cidade

Venho da fronteira geopolítica onde, antes da Guerra Grande (ROA BASTOS, 2002), o Brasil já foi Paraguai. Sou de família original formada por camponeses. Por um desvio de percurso, minha mãe, dentre todos os irmãos, foi a única que estudou numa escola regular, na pequena cidade de Ponta Porã, no hoje Mato Grosso do Sul. Mas não chegou a completar o segundo ano primário, e precisou voltar para o campo, reunindo-se à família. Um preceptor ensinou meu pai o mínimo que se julgava necessário para o ofício de agricultor. As aulas eram pagas com a hospedagem, comida, e algum dinheiro pouco, quando possível. Foi minha mãe quem nos alfabetizou aos três filhos, ensinando mais do que sabia. Ou melhor, ensinando o que sequer atinava saber. Quantas décadas depois, revisitei essa história algumas vezes, pelas linhas das aventuras de Joseph Jacotot, com seu projeto de emancipação intelectual registrado em *Enseñanza universal* (JACOTOT, 2009), e reportado por Rancière (2002), no livro *O mestre ignorante*. Portanto, foram dois os mestres ignorantes que abriram os nossos caminhos para a escolarização (meus, do meu irmão e da minha irmã): além de minha mãe, meu pai também tomou parte ativa nesse processo, no ensino das operações matemáticas de base. As lides com as frações eram o seu forte.

Naquelas décadas de 1940 e 1960 ainda não havia escolas rurais na região. Distante dali um punhado de léguas, uma tia ministrava aulas na sala de sua casa. Em classe multisseriada, poucas crianças formavam a turma: seus próprios filhos, um e outro sobrinhos, alguns vizinhos. Ela própria nunca frequentara uma escola regular. A educação formal de qualidade em regiões rurais continua, ainda nestes anos de 2020, sendo um grande desafio (ARAÚJO; DA SILVA, 2019)

Ali, em casa, a leitura, a escrita e os cálculos matemáticos articulavam-se à vida, aos afazeres do quotidiano, e tomavam a forma de histórias, desenhos, observação do mundo à volta. Se uma galinha tinha oito pintinhos, e outra tinha seis, seria necessário preparar comida para quantos pintinhos? E quando eu trazia sabugos de milho para alimentar o fogo, na cozinha, podia experimentar contas de multiplicar: três mãos com dois sabugos resultavam em seis sabugos. E duas mãos com três sabugos também resultavam seis! No movimento contrário, era possível distribuir o

monte de sabugos em grupos de três, ou quatro, verificando quantos grupos formava, e quantos sobravam.

O tempo de aprender era denso e intenso, filiado a Kairós. Não se sujeitava a disciplinamentos externos, divisões artificiais. Não devia obediência a Chronos (GUYAU, 2010). Por vezes, perguntas fundantes para o pensamento me tomavam por horas a fio, sem que me apercebesse do tempo. Uma touceira de violetas mimosas ocupava um canto da calçada. As folhas muito verdes ocultavam as florinhas de cor lilás, próximas a seus caules. Observava a touceira, e imaginava as florinhas à sombra das folhas. O que se passaria ali, nas regiões fora do campo acessível à minha visão? O gesto de afastar as folhas, para ver o que se passava, mostrava-se inútil. Ao afastar as folhas, qualquer fluxo de acontecimentos em curso, ali, cessaria. O gesto demarcaria o início de um processo outro, que incluía a interferência da mão e do olhar. A circunstância já seria outra. De modo que eu jamais saberia o que se passava ali, por detrás das folhas. Enquanto isso, as florinhas desenovelavam-se entre as folhas, sempre ocultas, a me instigar inquietações e pensamentos...

Acho que, por andar, muitas vezes assim, com a cabeça nas nuvens, ou entre folhas de violetas e perguntas sem resposta, minha mãe me comparava ao “tio Giloca”. Estive poucas vezes com esse tio-avô. Mas sabia que ele desenhava bois, pássaros e plantas de seu mundo. E fazia pequenas esculturas dos animais, em madeira, depois as coloria. Eu sentia estremecimentos de alegria com essa ideia. E lia os livros de Malba Tahan, José de Alencar, uma enciclopédia e um dicionário, que estavam ali, disponíveis para me atiçar a imaginação. Havia também as revistas de fotonovela, as radionovelas, e tantas outras histórias ouvidas no rádio de mesa, mensageiro de *lejanias* imponderáveis... Seriam aquelas as mesmas *lejanias* de onde vinham carros e caminhões e ônibus em trânsito pela estrada? De onde vinham todas aquelas gentes? Iriam fazer o quê, onde?

Chegou, então, a noite quando me sentei à beira da varanda da casa, para mirar o céu escuro, talhado de estrelas. A Via Láctea, eu aprendera seu nome. Por trás de mim, algumas cadeiras empilhadas, ao lado de umas poucas caixas com objetos diversos, e outras poucas malas com roupas. Era véspera da nossa mudança para a cidade. No dia seguinte, seguiríamos, nós, por aquela estrada. Há alguns anos,

meu irmão, Wanderley dos Santos Martins, e minha irmã, Ruth dos Santos Martins, já tinham partido. Viviam, desde então, em lugares onde o tempo estava sempre à frente do nosso. Era o que me contavam seus relógios, adiantados em uma hora, quando vinham nos visitar, durante as férias de fim de ano.

Chegara a minha vez de estudar numa escola regular. Naquele momento sentia um aperto no peito. O chão faltava-me sob os pés. Com nove anos, perguntei-me, em silêncio, o que haveria no futuro, no fim daquela estrada, nalgum tempo e lugar não sabidos. O que poderia haver?

Playboy (ao fundo, sob a sombra das árvores), Dona Alice, Seu David, Dayse Mary (a boneca), eu, Ruth, Wanderley. Foto: Horaldo Soares dos Santos, 1969.

2. Na primeira escola, desafios e estratégias de sobrevivência...

Iniciei os estudos regulares em 1972. Naquele ano, estava em curso a implementação da LDB 5692 (BRASIL, 1971), aprovada em 1971. Portanto, minha formação escolar foi regulada por ela, desde seu nascedouro.

Para pensar os modos como operam as instituições escolares, é necessário notar que elas se organizam, além das legislações e demais documentos oficiais, em torno a conjuntos normativos internalizados pelos membros de suas comunidades, regulando rotinas e comportamentos. Nas salas de aula e nos pátios, desde os primeiros anos de escolarização, mais que conteúdos curriculares, as crianças aprendem as regras de funcionamento da escola e, sobretudo, os acordos de convivência entre seus pares, no bojo das dinâmicas institucionais. Os pátios ocupados durante os recreios, por exemplo, são palcos fundantes dessas aprendizagens não oficiais, mas obrigatórias.

Porquanto tenha ingressado tardiamente, já na 4ª série primária, deparei-me com uma comunidade cujos membros participantes estavam cientes, em diferentes graus, de suas regras de funcionamento nas várias instâncias. Mais que isso, esperavam que eu também observasse tais regras, ainda que delas não tivesse qualquer ciência. Tendo cumprido a primeira etapa de socialização primária, em família, eu mergulhava, então, num intenso processo de socialização secundária (BERGER; LUCKMANN, 1999), com todas as tensões, desafios e possibilidades oferecidas pela vida escolar.

Os conjuntos normativos, as regras em torno às quais as instituições se organizam, em sua maioria, não estão explicitados, nem oralmente, nem documentalmente. Aprende-se sobre seus funcionamentos desde o nascimento, no contexto familiar, ou do ambiente no qual se viva a primeira infância. Tais aprendizagens têm continuidade nos processos de socialização secundária, que sucede a primária, estendendo-se por toda a vida.

Recém-chegada, não pude tardar a tomar providências para aprender sobre o funcionamento daquela escola, suas relações interpessoais, seus sistemas simbólicos. Ou para fingir que deles sabia, mesmo quando não tivesse a menor ideia a respeito de que tratassem. Em outras palavras, precisei conhecer suas normas, e montar estratégias de sobrevivência, para alcançar os intentos que porventura pudesse ter estabelecido (por menores que fossem). Nalgumas quantas vezes, não obtive sucesso.

Um dos fracassos se deu logo no início do primeiro ano, quando a professora solicitou que fizéssemos um trabalho sobre Tiradentes. Animada pelas leituras dos livros de José de Alencar, e também por programas de rádios sobre a vida do herói, escrevi uma longa história. Nela, os dados biográficos principais foram buscados no livro didático de História do Brasil. Como eram escassos, os dados, decidi complementá-los, entrelaçando narrativas atribuídas às experiências pessoais do herói, tais como compra de frutas em feiras, e encontros com uma namorada. Escrevi várias páginas no pequeno caderno de tarefas de casa, enquanto meus colegas tinham apenas copiado o texto do livro didático em poucas linhas de uma página. Enormes foram os sentimentos de frustração e vergonha ante a reprimenda pública, feita pela professora, por ter inventado inverdades a respeito do herói. Muitos anos se passaram para fazer as pazes com a História... Confesso, minha relação com essa senhora nunca voltou a ser exatamente tranquila: permanece pautada por algumas ressalvas e muitas desconfianças.

Outra situação semelhante era recorrente nas aulas de ensino religioso. Quando a professora pedia que os cristãos levantassem a mão, eu não hesitava em fazê-lo, junto com os demais estudantes, que levantavam a mão prontamente. Mas, em silêncio, me perguntava o que significava, exatamente, ser cristão, e quais seriam suas implicações. No entanto, não corria o risco de não levantar a mão e, em consequência, ser questionada, ou apontada como a única não cristã no grupo. Nunca soube, dentre meus colegas, de outrem com a mesma dúvida. Se havia, tampouco se manifestavam.

Para contornar dificuldades, percorri atalhos que, em várias medidas, asseguraram que eu fosse aceitação por aquela comunidade. Acabei por inventar atividades de teatro, na escola, liderando a realização de pequenas peças que eu mesma

escrevia, sem nunca ter ido ao teatro, ou ter lido algum texto de dramaturgia. Inventar histórias, e reunir pessoas para compartilhá-las, afinal, mostrava-se uma atividade pela qual fui tomando gosto. Escrever me alegrava. Mas também gostava de fazer cálculos matemáticos. E desenhar. E foi assim que meu desenho ganhou o primeiro lugar no concurso nas comemorações pela Semana da Asa, no mesmo ano de meu ingresso na escola. O prêmio foi meia hora de passeio, com algumas dezenas de estudantes de outras escolas, a bordo de um avião da FAB. Foi também minha primeira viagem de avião. Ali, eu já começava a ensaiar viagens para territórios situados um pouco além daqueles para onde levava a velha estrada de terra que passava em frente à casa de infância...

Das aulas de artes, lembro-me com saudades das faixas gregas que tínhamos de colorir, e das rosáceas que gostava de traçar fazendo uso de um compasso. Gostava, também, de fazer ampliação de imagens com rede estimográfica, técnica de reprodução de desenhos utilizada, na educação, desde meados do século XIX (MARTINS, 1997). As atividades com teatro eram independentes das aulas regulares, e vinculavam-se a atividades extraordinárias da escola. Do mesmo modo que o Jornal O Papagaio, uma ou duas páginas impressas num mimeógrafo a álcool, que comecei a editar, já no último ano do ensino fundamental, com o auxílio da direção da escola.

Foto de formatura do ensino fundamental. Fotógrafo ignorado. 1976.

3. De onde você é?

Concluído o ensino fundamental, sob os cuidados amorosos de minha irmã, Ruth dos Santos Martins, fui estudar na Capital Federal. Sou apenas dois anos mais nova que Brasília. Estávamos (estamos), ambas, em construção.

Em Brasília, ingressei num curso Técnico em Eletrônica. As escolas técnicas ganharam força com a implementação da LDB 5692 (BRASIL, 1971), visando à formação de mão de obra em nível médio, capaz de atender a demandas do mercado de trabalho que se desenhava à época. A tecnologia dos aparelhos de televisão e outros aparatos de telecomunicação estava substituindo as válvulas pelos transistores, o que representava um avanço importantíssimo em termos dos novos recursos disponíveis. Isso propiciou uma arrancada na produção de computadores, com o uso dos semicondutores em circuitos integrados. Havia um mercado em franco crescimento capaz de absorver técnicos com essa formação.

No Centro de Ensino Técnico de Brasília, o CETEB, uma parte do currículo era desenvolvida em laboratórios, organizada em unidades de ensino a serem cumpridas em ritmo próprio, de acordo com o tempo de aprendizagem necessário a cada estudante. As disciplinas eram: inglês, química, física, eletricidade, eletrônica e telecomunicações. Para estudar determinada unidade, cada estudante recebia um roteiro, com os objetivos específicos (entre 3 e 4, bem delimitados), os conteúdos a serem aprendidos e os procedimentos que deveriam ser cumpridos. Realizavam-se os experimentos, montavam-se os circuitos, estudavam-se os textos, ouviam-se as gravações. Eram os estudantes que decidiam quando se sentiam aptos para fazer a prova, solicitada aos professores. Todos os objetivos deveriam ser contemplados, a cada etapa. Quando, eventualmente, um dos objetivos não era alcançado, repetiam-se os procedimentos relativos apenas àquela aprendizagem, e se fazia nova prova.

Essa dinâmica resultava em agrupamentos flutuantes dos estudantes, na turma, de acordo com o estágio de aprendizagem. Ou seja, estudantes que estavam em unidades comuns, ou próximas, tendiam a compartilhar experimentos e outras etapas da aprendizagem. No entanto, também ocorria um trânsito entre as

diferentes unidades de ensino, de modo que, muitas vezes, os mais adiantados ajudavam aqueles que tinham se demorado mais em unidades anteriores. Havia uma solidariedade que vinculava todos, ou quase todos, no enfrentamento dos desafios postos. Ao mesmo tempo se notava a formação de uma autonomia no sentido da introjeção das regras institucionais, e na capacidade de tomadas de decisão e mesmo de autoavaliação. Afinal, para solicitar a aplicação da prova de determinada unidade, era preciso, antes, ter-se chegado à conclusão de que as aprendizagens ali solicitadas tinham sido construídas de modo satisfatório.

Dentre os aspectos presentes nessa dinâmica, ressalto a formação para a autonomia e a solidariedade. No entanto, alguns anos depois, estudando as teorias de aprendizagem no curso de licenciatura, entrei em contato com críticas bem severas a essa abordagem. Foi quando aprendi que as metodologias de ensino organizadas em torno à ideia de ritmo próprio, que fazem uso de instrumentos de autoinstrução, têm como base conceitual de aprendizagem as teorias comportamentalistas (*behaviorismo*), que tiveram John B. Watson e Ivan Pavlov como pioneiros, mas talvez encontre em B. F. Skinner um dos representantes mais radicais (OSTERMANN & CAVALCANTI, 2011).

Dentre as teorias da aprendizagem, essas teorias enfatizam as relações entre estímulo e resposta, em cadeias de condicionamento do comportamento. Nesse sentido, ressaltam-se os comportamentos eliciados, quer dizer, visíveis, passíveis de serem condicionados por meio de cadeias de estímulo e reforço positivo ou negativo às respostas. Tais princípios orientam não só projetos de ensino, como também dinâmicas psicoterapêuticas, além de fornecerem subsídios que sustentam campanhas publicitárias, organização de mercadorias em centros de compras e supermercados, bem como os modos de funcionamento de plataformas digitais as mais diversas.

Um dos pressupostos desses referenciais parece estar num grau mais acentuado de passividade dos sujeitos que aprendem em relação ao meio no qual estão inseridos. Nessa linha de pensamento, os processos de aprendizagem se organizam a partir dos modos como o meio atua sobre o comportamento do aprendiz, moldando-o, a partir dos resultados que suas ações possam alcançar. As

críticas que recaem sobre essa orientação teórica pautam-se sobretudo na noção de tábula rasa atribuída àqueles que aprendem.

Tais orientações estavam em sintonia com as bases tecnicistas em torno às quais parte significativa da LDB fora construída. Ressaltam-se as bases tecnológicas e o uso de instrumentos nos projetos educacionais (SAVIANI, 2007). A ênfase do trabalho pedagógico recai nos meios, e estes definem os fins. É nesse contexto que ganham relevância os instrumentos de ensino, manuais, formulários, recursos audiovisuais, dentre outros.

No CETEB, um extenso grupo de disciplinas curriculares orientava-se por alguns desses princípios. Ao mesmo tempo, sua organização lançava as bases para a sistematização de estratégias muito difundidas na modalidade de Educação a Distância, particularmente no tocante aos materiais didáticos utilizados, e à organização dos conteúdos curriculares.

As demais disciplinas eram ministradas em salas comuns, com aulas regulares, expositivas em sua maioria: língua portuguesa e literatura brasileira, matemática, história, geografia, educação artística. Educação física era ministrada no pátio, com atividades descontínuas, fragmentárias.

Nesse contexto, as aulas nos laboratórios exerciam um chamamento muito mais poderoso sobre as turmas, e me apaixonei pelo campo da física, tendo decidido fazer vestibular para essa área. Talvez pudesse, eventualmente, fazer uma concessão para a engenharia eletrônica, mas não estava muito convicta disso.

A paixão pela física, por certo, derivava do fato de estudar todo o conteúdo curricular por meio de experimentos práticos. Desde a física mecânica, à termodinâmica, passando pela ótica, cada informação aprendida era verificada em experimentos envolvendo parafernálias impressionantes: bancadas, pistas sem atrito, câmaras escuras, jogos de luz, montagem de lunetas... Além do laboratório, eventualmente assistíamos a filmes abordando conteúdos da física aplicados ao quotidiano. Muitas vezes, nós mesmos produzíamos material audiovisual para tratar de temas de aprendizagem.

Somava-se a essa vivência o fato de ter sido acolhida, na chegada a Brasília, em um grupo formado por duas professoras de matemática e uma de oficina de

construções, todas atuantes na rede pública de ensino do Distrito Federal. Eram mulheres jovens, engajadas naquilo que faziam. Essa efervescência me movia em aprendizagens, dentro e fora da escola, adolescente inquieta e curiosa.

É preciso notar que as aulas de educação artística, ministradas apenas no primeiro ano do então chamado segundo grau, em uma aula semanal, restringiam-se a aspectos da história da arte, e ganhavam algum sentido quando agregavam-se às aulas de literatura. Eram, afinal, apenas um detalhe não muito relevante em meio ao fluxo de acontecimentos vividos. Contudo, no turno inverso ao das aulas, frequentava um atelier onde praticava desenho com carvão e pintura a óleo sobre tela. Ali, além das pinturas que, em sua maioria, reproduziam fotografias, fiz exercícios com escalas de cores, em estudos cuidadosos com cores primárias, secundárias, terciárias, atenta à mistura dos pigmentos, observando os cromos resultantes. Os estudos envolvendo luz e sua decomposição em cores aconteceram nos laboratórios de física, quando adentrei o campo da ótica. Das aulas no atelier, resultou a participação em algumas exposições coletivas, e na venda de algumas pinturas.

Concomitantemente, comecei a ter aulas de violão com um professor cego e portador de hemiparesia. Violonista, concertista profissional, atuara em orquestra e performara em inúmeros concertos internacionais, até sofrer um acidente vascular-cerebral, que lhe tirou a visão, e deixou-lhe todo o lado direito com restrições de movimento e percepção. Curioso desafio, esse, colocado para uma adolescente: aprender a tocar violão com um professor tão fora dos protocolos dominantes. As aprendizagens construídas ultrapassaram as notas e os acordes musicais, tendo marcado o interesse pelas questões relativas à inclusão, à interlocução com pessoas cujas condições diferenciadas possam abrir possibilidades também diferenciadas do quer que signifique *estar no mundo*.

Nesses anos iniciais na capital federal em construção aprendi, sobretudo, a estar disponível para encontrar *o outro*. Tal condição era partilhada por todos, que éramos, afinal, outros, estrangeiros, diversos, com nossas histórias, cada qual portando bagagens tão diferentes. *De onde você é?* Essa pergunta fazia parte de todas as primeiras conversas, com múltiplas entonações, sotaques e vocabulários.

Ela acionava nossa escuta a histórias que conduziam ao desconhecido. Descortinava portais para o diverso.

Brasília. Foto: Ruth dos Santos Martins. 1977.

4. O curso de graduação. *Você quer ser professora de educação artística?*

A abertura ao outro é movida, também, pela curiosidade. E muitas vezes nossa curiosidade nos move por caminhos cheios de quebras e descontinuidades. Eventualmente (quando nos pedem um memorial, por exemplo), revisitamos esses percursos, desde os registros da memória. Ao fazê-lo, vamos ajuntando fragmentos, retalhos, tentando reinventar sentidos para as narrativas daquilo que pensamos ter sido. Compomos painéis dessas memórias colecionadas ao longo da vida. Podemos pensar em inventários, como fez Arthur Bispo do Rosário (DANTAS, 2009). Para cada painel, elegemos critérios para a escolha dos objetos que integram a composição: cor, tamanho, textura, material, valor afetivo, estado de conservação... A esta altura, recupero, novamente, as palavras da professora Magda Soares, quando compara nossas memórias a riscos de bordado. Nunca sabemos o desenho completo. Ao contrário, "vamos bordando nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco, representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça" (1991, p. 28). Só quando podemos observar o já vivido constatamos os cortes, as linhas interrompidas, as mudanças de direção, algumas delas bruscas.

A momentânea curiosidade adolescente marcou uma tomada de decisão definidora de minha identidade profissional. Na fila de inscrição no vestibular, indecisa entre a física ou a engenharia elétrica, deparei-me com um curso de licenciatura em educação artística, no manual do vestibulando. Alguém explicou: é o antigo curso de belas artes. Encantei-me com a descoberta. Aquela escolha frustrou as expectativas dos professores e causou espanto na família. *Você quer ser professora de educação artística, e trabalhar na escola?* Essa pergunta feita por minha irmã anunciava as perspectivas profissionais que me aguardavam, em substituição aos laboratórios de experimentos e pesquisa, planilhas de cálculos, projetos e plantas de redes de circuitos elétricos e eletrônicos. Lembrei-me do papel não muito relevante cumprido pelas professoras de educação artística na educação básica. Dei de ombros. Faria o curso.

Com 17 anos, iniciei a graduação. No primeiro dia, enquanto descia as escadas amplas pelo caminho ajardinado que me levaria ao auditório do Instituto Central de Ciências, o ICC, senti os degraus fugindo sob os pés. Tinha a mesma sensação que me tomara na noite de véspera à mudança para a cidade, para estudar, aos 9 anos. Uma nova paisagem se abria à minha frente, e não conseguia suspeitar os rumos aos quais me levaria.

Nessa nova paisagem, não se demorou para encontrar trincheiras às portas das salas de aula, montadas por estudantes em greve. À época, os reitores das universidades federais eram indicados pelo presidente da República, sem consulta à comunidade universitária. O então reitor da Universidade de Brasília, José Carlos Azevedo, estava em seu segundo mandato, vigente de 1980 a 1985. Militar da Marinha, tinha formação em engenharia naval, física e engenharia nuclear. Principalmente a ele, e à estrutura governamental vigentes, eram endereçadas as manifestações da insatisfação estudantil.

Aquele período foi marcado por contradições, lacunas e perplexidades. Muitos dos professores que, na década de 60, haviam participado da instalação do Instituto Central de Artes, conhecido como ICA, já extinto quando do meu ingresso, tinham sido demitidos, como consequência de seus confrontos ou dissonâncias com o governo militar. Dentre os professores que permaneceram, integrando o quadro docente do então Departamento de Desenho, alguns dos quais meus professores, bem poucos representavam focos de resistência crítica dentro da universidade.

Nesse contexto, eu e meus colegas nos formávamos professores de educação artística, entre oficinas de artes plásticas, desenho, cerâmica, teatro, dança, música, ateliers de gravura, eleições de DCE, greves de estudantes, confrontos com a polícia, e a fundamentação do ensino de Arte apoiada, em parte, em orientações da LDB nº 5692 e em parte no chamado ideário *escolanovista*.

No tocante à Lei de Diretrizes e Bases vigente, destacava-se o perfil polivalente na formação de professores da educação básica. O curso que formava professores de arte para o ensino fundamental era uma Licenciatura de curta duração, com três anos, e preparava para a atuação em artes plásticas, música e teatro. Já a formação para a atuação no ensino médio durava quatro anos, no formato de Licenciatura plena. Na base inicial do currículo estavam as várias linguagens

artísticas. Em seguida, aprofundava-se na formação específica, de acordo com a habilitação escolhida. Minha formação teve habilitação em artes plásticas.

Já o ideário *escolanovista* fundava-se na defesa do direito de todos à escolarização formal, pública, de qualidade. Nela, defendia-se que o exercício das linguagens artísticas tivesse, por base, a liberdade de expressão a partir da livre experimentação. A ênfase do curso esteve nas disciplinas práticas, com pouco espaço para uma problematização mais ampla e consistente nas áreas da cultura, da estética, da história das artes, das linguagens artísticas e, mesmo, da arte-educação e suas concepções teóricas e metodológicas. Dentre as professoras que se tornaram referência, cito Helena Barcelos (oficina de teatro, educação, abordagens interdisciplinares), Cathleen Sidki (desenho) e Ligia Saboya Freitas (oficina de artes plásticas, litogravura, ensino de artes). No campo da educação, Teresinha Rosa Cruz foi referência com marcos fundantes, os quais pude retomar e sistematizar mais recentemente.

Um pouco além das questões curriculares, uma extensa gama de atividades tomou parte dessa formação, desde as aulas de dança em projetos de extensão, à participação em grupos de teatro, aos embates deflagrados pelos projetos de arte contemporânea, e às ações demandadas pelos centros acadêmicos e diretório central de estudantes. No entanto, minha inserção em todas essas frentes era marcada pela condição de dúvida frente as convicções que moviam muitos de meus colegas (ao menos eu acreditava que fosse assim...), particularmente os mais ativos na cena cultural e política. Eu outra, estrangeira. Essas dúvidas também pulsavam nas aulas de história da arte, de filosofia, de estética. De onde emanavam as tantas certezas de que os discursos e as ações deles decorrentes estavam impregnados? Por que, tantas vezes, as ações ou posturas de estudantes e professores não correspondiam aos seus discursos? Como deveria me situar em relação àquilo tudo?

Autorretrato. Litogravura. Alice Fátima Martins. 1982.

5. A professora entra em ação

No mesmo ano da conclusão da graduação, fui aprovada em concurso público para professora de artes da Fundação Educacional do Distrito Federal. Quando convocada a tomar posse, fui impedida de fazê-lo, com o argumento de que a data das provas daquele concurso era anterior à data do meu diploma. Informação dada verbalmente, sem documento oficial. A ingenuidade me induziu à aceitação passiva da condição. Parti para a empreitada de trabalhar em escolas da iniciativa privada.

Assim, dei início às aulas numa escola de ensino fundamental que tinha uma sala específica de artes. Mas quando, ansiosa, vi descer, pela escada à frente da sala de artes, uma turma de estudantes de 5ª série, pensei se tratar de uma multidão. Chegaram ofegantes, agitados, curiosos para saber quem eu era. Depois de recebe-los, fechei a porta e respirei. Começaríamos, então, uma nova jornada. Minha pausa foi interrompida pela porta aberta de um golpe. Um adolescente entrou, imitando, com a voz, o som de sirene de polícia. Olhou-me e riu. A turma toda riu. Recorri à memória: haveria algum registro feito durante a formação que me orientasse sobre como proceder? Em que autor me amparar? Aquelas quase 40 pessoas estavam à espera do que eu faria, diante daquela situação. Os 50 minutos de duração da aula de arte evanesciam-se rapidamente, e eu precisava tomar providências. À distância, a direção escolar me observava.

Para a época, a escola parecia experimentar alguns avanços pedagógicos importantes. Um dos exemplos era a inclusão de estudantes com necessidades especiais. Em cada turma, havia um ou uma estudante com alguma característica que exigia cuidados diferenciados. Contudo, só descobri isso no exercício das aulas: não fui informada antecipadamente, não fui orientada a respeito, nem planejei atividades prevendo a circunstância. Dei-me conta, também, de que sequer no curso de formação essa questão fora abordada. E precisei descobrir, entre tentativas, mais erros que acertos, como construir processos de aprendizagem com crianças e adolescentes autistas, cegos, surdos, hiperativos, portadores da síndrome de down e tetraplégicos integrando classes regulares de ensino.

Contudo, o maior esforço que pudesse envidar ainda não seria suficiente para sanar um fato inconteste: artes era uma aula menor no projeto global da escola. De fato, esperava-se da professora de artes que organizasse as festas escolares, produzisse lembranças para as crianças entregarem às mães, aos pais, a professores, em datas comemorativas. E como eu negligenciasse tais expectativas, estando mais afeita às possibilidades de experimentação e criação a partir do ponto de vista dos próprios estudantes, ao final daquele ano fui demitida.

Que importância poderia ter, afinal, uma professorinha de artes?

6. Professora em área indígena

Em meio ao sentimento de desamparo profissional, decidi inscrever-me no concurso para Técnico Indigenista, da FUNAI. Fui aprovada no primeiro certame, das provas escritas e na entrevista com psicólogos. Na segunda etapa, o grupo selecionado entrou num processo de imersão com estudos nas áreas da linguística, do direito, da antropologia, das questões da cultura e das políticas indigenistas.

Encontrava, naquele ambiente, questões que reverberavam na minha própria história, oriunda da fronteira entre Brasil e Paraguai, habitada por comunidades guarani-kaiowá. Particularmente, tinha a oportunidade de rever pontos de vista, já que, em minhas origens, as pessoas assumiam postura discricionária em relação àquelas etnias, referidas por todos como “os bugres”. Descortinavam-se, para mim, outras questões que me mobilizaram profundamente, particularmente no tocante à violência que orientou a ocupação do território brasileiro (RIBEIRO, 1970) pelos europeus. A interlocução direta com pesquisadoras como Berta Ribeiro e Carmem Junqueira, durante as aulas, foi fundante. Do mesmo modo que foi marcante conhecer o trabalho da OPAN, Operação Amazônia Nativa (à época, Operação Anchieta), por meio de seu coordenador, Ivar Busatto. Quando manifestei interesse pelas questões relativas à educação entre comunidades de etnia indígena, Sílbene de Almeida, indigenista e um dos responsáveis pelo concurso, me convidou para cumprir a última etapa de avaliação, na forma de estágio em serviço, no Posto Manairisu, com o povo hahãintesu, em área indígena denominada Nambikwara, onde ele era, então, chefe de posto desde há quase uma década.

O que poderia uma professorinha de artes fazer numa aldeia em área Nambikwara? Que providências tomar se, a essa pergunta, for acrescentada a informação de que, ante a instabilidade política instaurada então, em curtíssimo período vários presidentes foram designados para a FUNAI, para serem exonerados em seguida?

Não restam dúvidas de que as aprendizagens mais relevantes quanto à história do país, aos embates nos processos da dominação política e econômica, às práticas de roubo de minérios, madeira e outras riquezas, às questões culturais, dentre quantas outras, foram construídas ali, no convívio com comunidades hahãintesu,

negarotê e mamaindê. Os dados eram inequívocos: desde o início dos anos 1960 (VALENTE, 2017), o governo brasileiro não adotou políticas públicas em defesa das populações indígenas. Ao contrário. No caso dos nambikwara, na década de 1970, seus territórios foram vendidos a empresas multinacionais que transformaram as matas e zonas de cerrado em pastagens, enquanto as comunidades eram dizimadas, e as pessoas assassinadas como animais. A invasão das terras por garimpeiros também era um problema grave. Em meados dos anos 1980, recuperavam-se, devagar. A presença de muitas crianças sinalizava alguma esperança no futuro. Mas ainda havia muitas lutas à frente, para aquelas gentes.

Por aqueles dias, entrei em contato com uma camada mais funda do sentimento de tristeza. Como parte das atividades, fiz o levantamento de informações sobre vários membros da comunidade hahãintesu. Descobri que uma senhorinha, já idosa, com dificuldade de locomoção, era a única sobrevivente de sua comunidade de origem. Violentada e espancada, dada por morta, sobreviveu. Sorte que não tiveram os seus. O corpo alquebrado não a deixava esquecer. Sentei-me à varanda da casinhola, perdida nesses pensamentos. Não percebi a aproximação cuidadosa do antropólogo alemão que estava ali no posto, de passagem (é impressionante o fluxo de estrangeiros entre as comunidades indígenas, com as mais diversas e inesperadas finalidades...). *Are you sad?* Perguntou-me. *I was really sad*. *Sad*: naquele instante, essa palavra ganhava corpo, peso, contexto.

Mas, um pouco além da tristeza, transbordavam ensinamentos que encantavam. Foi ali que tive a aula mais contundente sobre alteridade. A certa altura, um dos velhos, mostrando-me uma Bíblia, falou: *Neste livro está escrita a história que vocês contam sobre como o mundo começou*. Missionários ligados ao Summer Institute of Linguistic, o SIL, tinham atuado ali durante muitos anos. Estudaram as variações linguísticas entre os povos nambikwara, sistematizaram a grafia, e traduziram os textos bíblicos. Para aquelas comunidades, não interessava aprender a escrita em suas línguas, pois “os documentos do governo estavam escritos em língua nacional”, ou seja, em português. O velho perdera as contas das vezes que ouvira as histórias da Bíblia, no trabalho missionário de catequização. Aprendera quase todas. Mas sabia localizá-las como parte das visões de mundo próprias de

cada povo. Por isso, prosseguiu na conversa comigo: *Agora eu vou lhe contar como é que o mundo começou, segundo o meu povo*. Deixando o livro ao lado, contou-me que todos os seres vivos habitantes da terra teriam saído das cavernas sob a Chapada dos Pareci, cujas aberturas em pedras milenares davam para o Vale do Guaporé. Saíram e se foram espalhando por recantos cada vez mais distantes, até lugares de onde não se tinham mais notícias, muito além da grande água. Ficaram eles, hahãintesú, negarotê, mamaindê, ali, guardando os portais. Muito tempo depois, parte das pessoas voltaram, já olvidadas de que, nalguma era imemorial, teriam partido dali.

Nambikwara, ou nambiquara é o nome genérico atribuído a cerca de 30 subgrupos ligados a um mesmo tronco linguístico considerado isolado, de natureza tonal. A atribuição desse nome resultou de um erro cometido nas primeiras referências feitas às comunidades que habitam a Chapada dos Parecis, o Vale do Guaporé e a região mais ao norte. Essa palavra é de origem tupi, alheia àquele contexto. *Não, eu não sou nambikwara, sou hahãintesu*! A resposta veemente reitera a diversidade de comunidades e seus vínculos de pertencimento. Entre os grupos do norte, podem ser encontrados os da'wandê, os da'wendê, os âlapmintê, os latundê, os yalakalorê, os mamaindê e os negarotê. Ao sul, estão os halotésu, os kithaulhu, os sawentésu, os wakalitesu e os alakatesu. No vale do Guaporé, estão os wasusu, os sararé, os alãntesu, os waikisu e os hahãintesu.

Embora tenham ficado famosos na história da etnologia brasileira, em razão deterem sido contatados oficialmente pelo Marechal Rondon, e também por terem, ao lado das comunidades kadiwéu, inspirado o antropólogo Claude Lévi-Strauss na escrita de sua famosa obra *Tristes trópicos* (1996), são muito pouco conhecidos no contexto nacional. E, dada a peculiaridade de seus modos de vida, permanecem à margem das já precárias políticas públicas, bem como dos próprios movimentos em defesa das questões indígenas.

Das cantorias atravessando as noites a reverberar na memória, dos risos fáceis, das histórias contadas em falas cantadas, da pele impregnada de cinzas, não havia retratos, nem artefatos, entre os objetos que trouxe na bagagem, no retorno à cidade. Os aprovados no concurso para técnico indigenista, da FUNAI, não tinham

sido contratados. Trazia uma grande dose de frustração, outras tantas de insegurança. *Still sad*.

As aprendizagens ali deflagradas continuaram e continuam em processo de construção, entrecruzando-se nas minhas percepções de mundo, ao lado da atuação profissional. Não é possível aproximar-se das complexidades que se constituem nesses emaranhados de relações a partir de concepções maniqueístas e reducionistas dos papéis sociais e das visões de mundo.

Entreato 1

Ano de 1985. Minha mãe e minha irmã me levaram à antiga rodoferroviária, em Brasília, quando parti, rumo à aldeia. A viagem seria cumprida em quatro etapas: de ônibus de Brasília a Cuiabá, e de Cuiabá a Vilhena; numa camionete da FUNAI de Vilhena ao Posto Comodoro. No Posto Comodoro, aguardei pelo chefe de posto durante um par de horas. Chegou alegre, com sua Toyota desgastada. Já era quase fim de tarde quando seguimos rumo ao Posto Indígena Manairisu, a coisa de uns 60 km dali, por estrada precária de terra entre a mata do vale.

Mas, na partida de Brasília, não sabia o que me aguardava nesse trajeto, que pessoas encontraria em cada etapa. Embarcada, avistei mãe e irmã acenando enquanto o ônibus enveredava pela estrada. O que me aguardaria no ponto final? Haveria algum final? O que poderia encontrar no futuro?

Alguns meses mais tarde, recebi uma longa carta da minha mãe. As cartas também cumpriam um longo e complicado percurso até chegarem às minhas mãos: tinham meu nome como destinatária, mas eram endereçadas à Delegacia da FUNAI, em Vilhena, RO. Lá, as cartas aguardavam, até que algum funcionário as levasse até a aldeia. Nessa carta, minha mãe contava como estava a vida, e manifestava suas preocupações comigo. A letra bem desenhada, nas primeira e segunda páginas, deixava-se estremecer pela emoção, revelando o gesto nervoso que lhe roubava a leveza nas páginas que se seguiam. Finalizava com as bênçãos, e a assinatura, com o gesto breve, de quem gostaria que aquela distância se acabasse.

7. A professorinha de artes chega à escola pública. Ou: *Chegou a professora de música!*

No retorno a Brasília, fui surpreendida pela convocação, em última chamada, para tomar posse no cargo de professora efetiva, na área de artes, na Fundação Educacional do Distrito Federal, sob o risco de ser considerada desistente. Não havia registros de minha apresentação entre os convocados na primeira chamada. A vaga disponível era na cidade satélite de Planaltina, que dista cerca de 50km do centro do Plano Piloto. Ali está cravada a pedra fundamental da capital federal. Planaltina, incorporada ao território do Distrito Federal, foi fundada em 1859, sendo portadora de narrativas próprias, que, em sua origem, antecedem mesmo os tão referidos sonhos proféticos de Don Bosco (COUTO, 2009).

Recém chegada de área indígena, embrenhei-me pelo setor mais antigo da pequena cidade, pelas ruas com casas de adobe e seus moradores apoiados nos parapeitos das janelas, alguns cachorros errantes pelas calçadas, flamboyants transbordantes em suas florações vermelhas em meio às avenidas, numa temporalidade que parecia desacelerar os ritmos do progresso. À entrada do Centro Educacional onde ministraria aulas, ouvi uma voz reverberar pelo corredor adentro, anunciando “chegou a professora de música!” Soube, então, que minha antecessora era formada em música. Mas a escola não se preocupava em relação a possíveis descontinuidades no trabalho. Esperava-se, sim, que eu ensinasse elementos das três linguagens artísticas, para os cerca de 45 estudantes de cada uma das 16 turmas do turno vespertino (MARTINS, 2009). A despeito da crítica então emergente à atuação polivalente de professores, o único caminho que encontrei foi organizar as aulas com projetos coletivos de estudo e criação, envolvendo música, artes visuais e teatros, cujos resultados eram apresentados em programações que se expandiam além do pátio da escola, ocupando outros espaços nos quais a comunidade tomava parte, nos finais de semana. Apresentações de teatro e música, exposições de desenhos, instalações diversas.

As escolas localizadas longe dos grandes centros urbanos, onde estão os principais aparelhos culturais, não se localizam entre os discursos pautados por esses

centros. É preciso buscar os seus próprios eixos que giram de modo multicêntrico, em torno dos quais se consiga acionar motivações, em possiblidades de produção de sentidos e aprendizagens efetivas. Os caminhos possíveis, a partir dessas constatações, são sempre surpreendentes. O trabalho naquele centro educacional resultou na criação do Ato Te Ato Grupo de Teatro Amador, reunindo quase duas dezenas de adolescentes dedicados a contar histórias a partir de suas próprias vivências, em palcos os mais diferenciados. O grupo montou quatro espetáculos, que foram apresentados em teatros oficiais diversos (Teatro Garagem, Sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional, dentre outros), em feiras e outros espaços abertos, numa agenda sempre muito movimentada.

Tendo assumido o cargo de coordenadora regional de educação artística, também tive acesso, nesse período, a escolas rurais que, em Planaltina, distavam da cidade até 60 km. Nesses trânsitos, e entre os relatos dos desafios enfrentados quotidianamente por professoras, professores e estudantes, era grande o esforço para estabelecer conexões entre categorias conceituais defendidas por teóricos da educação e da arte, e o chão nem sempre liso, nem sempre encerado, das salas de aula cujas paredes muitas vezes se ressentiam de partes. Ali, por exemplo, a defesa veemente pela especificidade na formação de professores de artes, nos campos das artes visuais, da música e do teatro, não tinha lugar, pois sequer havia professores de artes. Desafiador era assegurar que houvesse professores nas escolas, quaisquer que fossem suas formações.

Fui apresentada, então, aos professores e às professoras dinamizadoras. Eram docentes que, uma vez por semana, ministravam aulas para turmas de 1ª a 4ª séries, ocupando o lugar do professor ou da professora regente (MARTINS, 1996; MARTINS, 2000a). Nesse dia, deveriam dar aulas de artes, educação física e ensino religioso, sem formação para tanto. Em sua maioria, eram profissionais de nível médio, com formação em Escolas Normais.

Ao mesmo tempo em que me deparei com esse cenário, tomei parte, também, da programação do I Festival Latino Americano de Arte e Cultura, coordenado pela professora Laís Aderne. Durante sua realização, foi criada a Federação de Arte Educadores do Brasil, cuja sessão de instalação testemunhei. Esses eventos revigoravam as motivações, jogavam um pouco de brisa fresca sobre os desafios

quantas vezes aparentemente intransponíveis. Principalmente, pareciam capazes de furar um pouco do desalento nas jornadas intermináveis de trabalho. Contudo, ao mesmo tempo, apontavam para condições e pressupostos que estavam longe de encontrar lugar nos ambientes onde exercia o papel de professora de artes. Parecia me mover numa disjunção (APPADURAI, 2004) e, nela, experimentava o sentimento de solidão no exercício da educação escolar. Esse sentimento era amenizado, no mais das vezes, pelas oportunidades de encontro com a comunidade, e das construções que poderiam resultar nessas interlocuções.

As possibilidades de transformação efetiva das políticas públicas em relação ao chão da escola mostravam-se poucas e escassas, mesmo quando tive a oportunidade de liderar a elaboração de alguns documentos oficiais, orientadores. Por exemplo, quando pude trabalhar sobre os projetos pedagógicos para a Dinamização, desde a sede da Fundação Educacional, as dificuldades estavam tanto nas negociações entre os diferentes projetos pedagógicos em questão, bem como com a própria instituição. Os mesmos desafios se apresentaram quando a pauta era a inserção do ensino de artes na primeira etapa do ensino fundamental, quando já atuava como coordenadora pedagógica em todo o Distrito Federal. As mobilizações em defesa do campo das artes na educação básica, e seus discursos, pareciam desconhecer as pessoas envolvidas do dia a dia das escolas, nos processos de aprender e ensinar, e as estruturas de que dispunham.

No início dos anos 1990, fui convidada a integrar um grupo interdisciplinar e interinstitucional para desenvolver projeto educativo voltado a meninos e meninas em situação de vulnerabilidade. Em sua maioria, viviam nas ruas. No primeiro ano, o projeto funcionou nas instalações de uma ONG, para, no ano seguinte, se instalar num circo localizado no centro da cidade. Ficou conhecido como o projeto Gran Circo-Lar. As artes em geral, as artes circenses e as atividades desportivas constituíam o eixo do projeto pedagógico, criando as bases sobre as quais a escolarização era deflagrada, além do suporte psicológico e social propiciado aos grupos que ali chegavam.

Desafiadora experiência, essa. Nela, o grupo de educadores nos vimos empurrados pela necessidade de rever e reinventar nossos projetos, buscando neles articular outros sentidos tanto para nós quanto para aquelas pessoas que, tendo se

levantado contra instituições tais como a própria família e as escolas regulares, enveredaram por outra instituição marcadamente ameaçadora e violenta: a rua. Àqueles habitantes das ruas, complexas e múltiplas em suas redes de tensão e batalhas, o que poderíamos propor ou ensinar? O que eles nos ensinariam? O que estávamos dispostos a aprender? De que modo efetivo as artes poderiam tomar parte desse processo?

A instabilidade político-econômica no início dos anos 1990 estendeu-se às dinâmicas vividas no ambiente educacional, bem como ao contexto político local. As tensões entre as grandes mobilizações mundiais que resultariam, por exemplo, na realização da ECO92, no Rio de Janeiro (da qual tomamos parte com um grupo de estudantes), e os embates com gestores no tocante ás políticas públicas de ensino das esferas federal e distrital, minaram as energias necessárias ao investimento em projetos daquela natureza. Desalentada, decidi romper o vínculo com a Fundação Educacional, exonerando-me, a pedido, para buscar outro campo de atuação. E, nele, abrir outros horizontes de aprendizagens.

8. O que pode uma professorinha de artes num hospital?

Aprovada em processo de seleção público, ingressei nos quadros do Hospital do Aparelho Locomotor Sarah, instituição tida como referência no tratamento de patologias que acometem o aparelho locomotor, desde as congênitas, às infecciosas, oncológicas e quadros de acidentes, dentre quantas mais. A mim coube o cargo de professora de artes em contexto hospitalar.

Anteriormente, nos anos 1980, funcionara, ali, uma escolinha de arte, dentro do espírito do movimento das escolinhas de arte, deflagrado a partir da criação da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, sob a liderança de Augusto Rodrigues, em meados do século XX (INEPE, 1980). Ela ocupava uma área ampla num dos pisos do prédio, para onde eram levados os pacientes, crianças e adolescentes em sua maioria, em suas cadeiras de roda. Interrompidas essas atividades, a contratação de duas novas professoras de arte, envolveu ajustes no projeto: não tínhamos uma sala própria. Nós percorríamos as enfermarias, indo ao encontro dos pacientes em sua diversidade de idades, quadros e necessidades. Eu trabalhava em duas alas: uma, com crianças e adolescentes, e a outra, com pacientes adultos e idosos cujos tratamentos requeriam estudos de caso mais específicos e longos períodos de internação.

Da escolinha de arte, ficaram os trabalhos feitos por pacientes, preservados em elegantes molduras, a enfeitar os corredores do hospital. Ao observá-los, me inquietava, pois meu trabalho não conseguia resultados similares. Com ênfase na experiência própria de cada paciente em situação de internação, lidando com toda sorte de desafios decorrentes das perdas, frustrações, medos e tristezas, os resultados estavam, principalmente, num brilho novo do olhar, num relato sensível sobre o quotidiano, num quase imperceptível movimento da mão. Fazia uso dos recursos de que dispunha, incluindo os parcos conhecimentos musicais para organizar rodas de cantorias na enfermaria, além das atividades de bordado, desenhos, contações de histórias, e outras mais. A despeito de avaliar como bem sucedido o desenvolvimento das atividades, era continuamente tomada pela dúvida

quanto à natureza de meu projeto: não sendo psicoterapia, nem terapia ocupacional, tampouco arte terapia, como ter assegurada a dimensão educativa daquelas intervenções?

Nesse ínterim, aprofundei estudos sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com base em Jean Piaget (1986) e em Lev S. Vygotsky (1991). Passei a me interessar pelas relações entre a experiência corporal das crianças e adolescentes, e os modos como desenhavam pessoas, espaços, objetos. Parte dessas inquietações resultaram no artigo intitulado “Crianças portadoras de mielomeningocele e o desenho da figura humana” (MARTINS, 2003), publicado algum tempo depois.

A experiência vivida, essa que cala e marca a pele, o corpo, o estar no mundo, não tem lugar entre dados estatísticos. A cada dia, as lides com as perdas experimentadas por aquelas pessoas, no embate por sobreviver, por reconstruir suas vidas, exigiam doses extras no redimensionamento das prioridades da própria existência. Era preciso construir percursos que ajudassem a minimizar as dores. No trânsito entre as duas alas, dentre as tantas ações e atividades desenvolvidas, recolhi muitas histórias contadas pelos idosos. Algumas histórias vividas por eles. Outras, reinventadas das histórias clássicas. Eu as recontava às crianças e adolescentes que, eventualmente, produziram desenhos inspirados nas personagens e enredos. Crianças e adolescentes divertiam-se com as histórias, e os idosos se divertiam com as ilustrações.

A despeito das possibilidades de ação, além dos desafios diários trazidos pela própria natureza do trabalho, pesava a estrutura rígida e autoritária da própria instituição hospitalar. A isso, aliava-se o desejo de aprofundar estudos, o que seria dificultado pelo regime de dedicação exclusiva e intensiva que impedia o engajamento em cursos outros, fora dos oferecidos pela própria rede hospitalar. Esses fatores me levaram à decisão pela interrupção do contrato de trabalho.

Entreato 2

Tendo sido aprovada em novo concurso para a rede pública de ensino do Distrito Federal, quase não houve intervalo entre o desligamento do hospital e a retomada do cargo de professora de artes na rede pública de ensino. Em caráter excepcional e provisório, fui lotada numa Escola Parque. As escolas parques, concebidas pelo educador Anísio Teixeira, integraram o projeto educacional do plano diretor quando da criação de Brasília, e foram inspiradas no projeto desenvolvido anteriormente em Salvador, Bahia (MARTINS, 2011). De toda uma rede prevista inicialmente, foram construídas apenas cinco, que se encontram no Plano Piloto. Cada uma delas recebe as turmas de várias escolas classe, para que cumpram as aulas de artes e educação física. Em sua estrutura contam também com biblioteca. Na escola classe onde passei a trabalhar, assumi a oficina de argila, ministrando aulas a estudantes do ensino fundamental. Também assumi aulas na biblioteca, conde passamos a inventar e contar histórias em grupos.

Nesse mesmo ano, sem perder de vista a determinação para voltar a estudar, inscrevi-me no processo de seleção ao Mestrado em Educação da Universidade de Brasília, tendo sido aprovada. Depois de 12 anos exercendo a docência, retomei a condição de discente, entre muitas expectativas.

9. Professora etnógrafa numa sala de alfabetização

Os retornos são também momentos de espanto. Talvez porque, em última instância, não haja retornos. Para partir, alteramos as coordenadas de nossos trajetos. Enveredamos pelos processos de transformação que resultam das novas aprendizagens, dos embates, dos novos encontros, dos quantos laços outros que se instituem. No suposto retorno, quando ocorre, é preciso compreendermos que tudo quanto tenha sido deixado por nós também deu curso a seus caminhos. Do mesmo modo, as pessoas, os lugares, os projetos se modificaram, alguns menos, outros mais, quantos radicalmente. Por isso mesmo, nesses improváveis retornos, mais do que reencontros ocorrem novos encontros. Neles, o que se modificou em nós desconhece o que se modificou no outro, nos outros, sendo necessário se estabelecerem novos espaços de interlocução.

Quando concluí a graduação, em 1983, o país vivia ainda os estertores do governo militar. O reitor da Universidade de Brasília, portanto, era designado pelo Presidente da República, pessoa de sua confiança. Desde então, muitas coisas aconteceram, modificando a estrutura universitária. Entrara em vigência a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, e as eleições passaram a ser diretas em todas as esferas. Os reitores, ainda designados pela presidência da República, passaram a ser indicados pela comunidade universitária, em lista tríplice resultante de votação direta.

Tinha expectativas de reencontrar a participação estudantil nas diversas instâncias da vida universitária. Constatei, contudo, a desmobilização de discentes a tal ponto de, naquele ano, não ter havido eleitos para o Diretório Central de Estudantes. Mais surpreendente foi constatar que o protagonismo nas mobilizações passara a ser assumido pelo corpo docente, à frente de greves, à revelia de muitos estudantes e suas queixas pelas aulas perdidas, pelo risco de comprometimento do calendário acadêmico.

Precisei redesenhar meus registros anteriores do mapa territorial da universidade, para me situar naquele momento, e às minhas inquietações. A representação

discente junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação mostrou-se importante exercício integrado à formação. Ali, pude construir uma compreensão mais ampliada, desde o ponto de vista institucional, do sistema nacional de pós-graduação. Como representante, participei da reformulação do currículo do curso, de discussões para a elaboração de normas internas, proposta de criação do doutorado, dentre outros. Nesse processo, cabia a mim assegurar a articulação entre os pontos de vista do Programa, de professores e discentes pós-graduandos.

Contemplada com uma bolsa de estudos financiada pelo CNPq, solicitei, pela segunda vez, exoneração da rede pública de ensino do Distrito Federal, para atender à prerrogativa de não ter vínculos empregatícios. Assim, foi possível dedicar-me tão somente aos estudos e à pesquisa, a despeito da franca desvalorização das bolsas, à época. Naquele mesmo ano de 1995, participei do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a ANPEd, na pequena cidade de Caxambu, em Minas Gerais. Na conferência de abertura, a professora Heloísa Buarque de Hollanda falou sobre as relações entre literatura, formação de professores e educação. Lembro-me do encantamento de suas palavras, e da motivação ante as múltiplas vozes de quantos outros pesquisadores.

Durante o evento, participei de uma reunião com as professoras Iria Brzezinski e Maria Felisminda de Rezende e Fusari. Ali, ficou acordado que ambas assumiriam minha orientação: a professora Iria como orientadora, a professora Mariazinha como coorientadora. Ficou decidido, também, que a pesquisa abordaria o desenho reproduzido como recurso pedagógico na primeira etapa do ensino fundamental. Um assunto desimportante que me levaria a uma enormidade de aprendizagens.

A investigação apoiou-se em três linhas de ação. Na primeira, trabalhei com observação de campo, numa sala de aula com turma em período de alfabetização, na periferia de Brasília. A professora regente e a professora dinamizadora[1] faziam uso de desenho reproduzido. Durante quase um ano letivo, acompanhei as aulas,

[1] Na rede pública de Brasília, cada turma dos primeiros anos do ensino fundamental contava com dois docentes regulares. A professora ou professor regente ministrava aulas quatro dias na semana, e no quinto dia trabalhava com planejamento e preparação de materiais para aula. Nesse dia, quem assumia a turma era a professora ou o professor dinamizador, responsável por desenvolver os conteúdos de educação artística, educação física e ensino religioso. Implantado no final dos anos 1970, esse sistema foi extinto quando foram implantados os ciclos, na segunda metade dos anos 1990 (MARTINS, 1996).

buscando compreender os fundamentos que davam sustentação para essa orientação pedagógica. Na segunda linha de ação, visitei as escolas nas quais ambas as professoras tinham estudado, para conhecer os currículos dos cursos de formação, localizando ali as orientações sobre o uso de imagens nos processos de ensino. Na terceira linha, analisei referências, na história da educação, nas quais era possível observar intersecções entre formação de professores, inserção das artes, do desenho e do uso de imagens diversas na formação, e práticas pedagógicas no início da escolarização que fazem uso de desenhos reproduzidos.

Durante todo o ano em que frequentei as aulas de alfabetização, meus pequenos colegas cuidadosamente reservavam minha carteira, localizada ao fundo da sala. Eles não conseguiam compreender muito bem minha função ali: eu copiava tudo que a professora ditava, ou escrevia na lousa de giz. Mas, se eu já sabia escrever, o que poderia aprender? A certa altura, descobriram que, nos meus cadernos de campo, estava relatado o que acontecia em aula. *Eu estou aí?* E começaram a buscar pelos próprios nomes no texto. Quando encontravam, faziam festa. Ao final do ano, quiseram saber se eu passaria, como eles, para o segundo ano do ensino fundamental (MARTINS, 2000a). A imersão na sala de aula e na escola propiciou uma experiência intensa da pesquisa, num processo de investigação ao qual atribuí a denominação “pesquisa de tipo etnográfico” (MARTINS, 2000b), caracterizada pela descrição intensiva do campo, pela realização de entrevistas, análise de documentos e estudo bibliográfico. O principal diferencial da pesquisa estava na categoria da cultura como referência de interpretação dos dados.

O mestrado constituiu a passagem de uma atuação profissional ancorada no exercício docente junto à educação básica para a possibilidade de atuar com formação inicial de professores de arte, no contexto do ensino superior. Nesse processo, dei forma ao projeto de atuação também como pesquisadora. O trabalho de campo, os embates de ideias, o pensamento crítico e autocrítico, a contínua revisão de pontos de vista: a pesquisa descortinou veredas nas quais pude constatar a indissociabilidade entre a docência e a construção de conhecimento, a ação, a reflexão, a reflexão na ação, num processo contínuo de reformulação de práticas e da construção de conhecimento (PÉREZ GÓMEZ, 1992).

Banca de defesa de mestrado, com exposição dos desenhos coloridos pelas crianças, ao fundo. Da esquerda para a direita: Prof.ª Ilma Passos Veiga, Prof.ª Mariazinha Fusari, eu, Prof.ª Iria Brzezinski, Prof.ª professora Benigna Villas Boas. Foto: J. Bamberg. 1997.

10. A professorinha de artes chega ao ensino superior

Antes mesmo de terminar o mestrado, fui admitida como professora na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília. Vinculada à Fundação Brasileira de Teatro, FBT, naquele momento, a faculdade oferecia cursos de bacharelado e licenciatura em teatro e artes visuais. A FBT tinha sob sua administração, além da faculdade, o Teatro Dulcina e o Teatro Conchita. Nos anos 1980, sob a regência da própria atriz Dulcina de Moraes, o complexo configurou uma efervescência artística importante no centro de Brasília, num setor marcado por uma cultura *underground*, onde conviviam sindicatos, boates, inferninhos, restaurantes e cafés populares, salas de cinema, livrarias, entre quantas outras atividades comerciais e culturais.

No final dos anos 1990, já sem a liderança carismática de Dulcina de Moraes, a FBT e a Faculdade tinham atravessado muitas crises econômicas, o que repercutiu num enxugamento das atividades ali desenvolvidas. Os cursos oferecidos para a formação de profissionais de teatro e professores de artes organizavam-se no turno noturno. Em sua maioria, os discentes eram trabalhadores, com jornadas exaustivas, e com uma formação na educação básica quase sempre precária. Isso, que poderia ser considerado uma fragilidade, era fonte de potentes possibilidades na inserção social, de radicalidade sobre nossa capacidade para produzir intervenção e transformação efetiva, por meio da educação. E isso era motivador. Ao mesmo tempo, naquelas circunstâncias, sentia-me conclamada à necessidade de exercitar a crítica sobre meu papel de professora formadora de professores para atuar com o ensino de artes na educação básica.

Naquele mesmo ano, me submeti, pela terceira vez, a concurso para a rede pública de ensino do Distrito Federal, bem como para o cargo de professor substituto na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Aprovada em ambos os concursos, naquele verão, ofereci duas disciplinas concentradas na universidade: Didática, e Fundamentos da Arte na Educação. Tomaram parte delas estudantes oriundos de vários cursos. No início dos anos 1980, eu cursara esta segunda disciplina, como estudante de graduação, com a professora Teresinha Rosa Cruz.

Com ela, as referências conceituais eram buscadas em Jean Piaget, e no projeto desenvolvido, nos anos 1960, no Centro Integrado de Ensino Médio, na própria Universidade de Brasília (MARTINS, 2018a).

No avançado dos anos 1990, consolidara-se o ideário da proposta formulada pela professora Ana Mae Barbosa para o ensino de arte, conhecida como abordagem triangular (BARBOSA, 1975; BARBOSA, 2002), tomada como base para a elaboração dos documentos oficiais norteadores sobre o ensino de Arte. Esse foi o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, 1998), quando da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9394/96. Tal consolidação pôde ser observada, além da elaboração de documentos oficiais, em orientações educacionais em geral, e sobretudo nos currículos de formação inicial bem como nos espaços dedicados à formação continuada de professores de arte.

Vinham desde os anos 1980 os esforços institucionais, bem como de estudiosos, pesquisadores e educadores em geral, com vistas a aproximar o propugnado pela abordagem triangular aos territórios da educação formal, o chão da escola. O que nem sempre era possível. Mesmo assim, mantinha-se a organização dos planejamentos de aula em torno dos três eixos, quais sejam, a leitura da obra de arte, sua contextualização sócio-histórica, e a produção, o fazer.

É importante notar que esta abordagem teve como algumas de suas principais referências a experiência norte-americana conhecida como DBAE, Discipline Based Art Education, mas também as Escuelas de Pintura Al Aire Libre mexicanas, e os Critical Studies ingleses (BARBOSA, 2002). E o território no qual a professora Ana Mae Barbosa desenvolveu o trabalho com que sistematizou a proposta foi o Museu de Arte Contemporânea da USP, para cujas exposições elaborou o projeto de ação pedagógica, enquanto atuou como diretora (BARBOSA, 1989). Ou seja, a abordagem triangular emergiu num contexto de educação não formal, um museu de arte, que integra o sistema da arte, não o sistema educativo. Sua sistematização, ainda, deu-se dentro das fronteiras das artes visuais, em observância das especificidades desse campo da expressão artística.

Talvez esses dois fatores ajudem a explicar, ao menos parcialmente, as dificuldades com que se depararam educadores para traduzir a proposta ao quotidiano escolar, com especificidades tão distintas da instituição museal. Os

desafios enfrentados nesse quotidiano levaram educadores a inventar estratégias que, afinal, resultavam em distorções à proposta inicial. No campo das artes visuais, por exemplo, a releitura, uma das estratégias apontadas pela abordagem triangular para estabelecer conexões entre a leitura da obra de arte, sua contextualização e a produção, foi rapidamente apropriada, funcionando ao modo das antigas cópias, renomeadas.

As discussões diante das dificuldades constatadas, quase sempre, buscavam respostas apontando possíveis deficiências na formação, ou resistências dentro das instituições escolares para a incorporação “do novo”, dentre outras. Raramente se tinha em conta, com a devida profundidade, o descompasso existente entre um projeto desenvolvido num museu de arte e as especificidades do trabalho pedagógico desenvolvido em instituições escolares.

Além dessa dificuldade, havia o fato de que as artes visuais tinham características que não se replicavam no campo do teatro ou da música. Em outras palavras, pensar essas áreas artísticas a partir da abordagem triangular era desconsiderar as características próprias da música e do teatro, para se pensar seu ensino.

Todas essas questões, com que eu andava às voltas desde os anos 1980, ganharam força potencializada para mim, na condição de formadora de professores de arte. Atendendo aos currículos, aos documentos oficiais, às bibliografias recomendadas, estudávamos exaustivamente a abordagem triangular, buscando traduzi-la em projetos diversos a serem viabilizados no ensino de artes escolar. Contudo, gradativamente, aumentavam os ruídos e o descompasso entre, de um lado, os textos e as aulas por mim ministradas e, de outro lado, o trabalho efetivo nas escolas.

Entreato 3

Ainda nos anos 1980, dentre a mobilização intensa cultural da capital federal, realizou-se o I Festival Latino Americano de Arte e Cultura, o FLAAC. Dele, tomaram parte artistas, pesquisadores, educadores, agentes culturais de toda a América Latina. Participei de várias oficinas, minicursos, palestras, espetáculos de dança, teatro e música, como quem recebe no corpo o impacto das águas revitalizantes de uma cachoeira. Como parte da programação, um grupo de arte educadores reuniu-se, para fundar a Federação de Arte Educadores do Brasil, FAEB, para cuja presidência foi indicado o nome da professora Laís Aderne, artista, educadora, Secretária da Cultura à época, e responsável pela realização do FLAAC e pela iniciativa de criação da Federação.

Ato contínuo, iniciaram-se os movimentos para a criação da Associação de Arte Educadores do DF, a ASAE/DF, de âmbito local. O convite para participar de algumas reuniões acenava com promessas de respiros necessários diante da solidão muitas vezes sentida no exercício da docência em artes, em quantos contextos tão adversos. Contudo, quase sempre um número mínimo de professores comparecia. Em geral, tomavam parte pessoas que não estavam atuando na educação formal, mas em projetos de educação não-formal, ou na Secretaria da Cultura. De modo que o sentimento de solidão eventualmente se agravava, na falta de espaços efetivos para o compartilhamento das experiências e das dificuldades.

Ainda e assim, mantive-me ligada à Associação e, ao final dos anos 1990, participei do Congresso da FAEB, o ConFAEB, realizado em Brasília. Ali, pude relatar um pouco do trabalho com metodologia de ensino que vinha desenvolvendo junto ao curso de Licenciatura, na faculdade, bem como nas turmas do ensino fundamental com que eu trabalhava, na Escola Parque.

Minha aproximação à FAEB fortaleceu o vínculo com a ASAE/DF, de modo que passei a integrar sua diretoria. Nesse trabalho, lideramos uma mobilização para solicitar o registro das Escolas Parque como patrimônio cultural imaterial de Brasília nas esferas federal e distrital. O processo junto ao Ministério da Cultura, pelo

IPHAN, não prosseguiu, mas o registro foi feito pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal, pelo Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico.

Cabe esclarecer que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ampliou a noção de patrimônio cultural, reconhecendo a existência de bens imateriais além dos materiais, de modo que tanto uns quanto os outros devam ser destinatários de políticas do Estado para sua preservação. Dentre as várias ações no sentido de sistematizar o registro de bens culturais imateriais, em 2000 o IPHAN publicou o INRC Inventário Nacional de Referências Culturais (IPHAN, 2000), com as bases conceituais, e as e orientações para se deflagarem os processos de solicitação de registro formal.

Entreato 4

Início de alguma tarde, meio de semana, no ano de 1980. Decidi ir ao cinema. Comprei o ingresso e entrei, como de costume, sem verificar o filme em cartaz. Naquele dia, a projeção já se havia iniciado, de modo que também não tive acesso aos créditos. Mergulhei nas imagens em movimento e sonorizadas, sem as referências dos créditos. Mas não consegui estabelecer vínculo com o que se projetava na tela. Fui me distanciando, até não ter mais interesse em continuar ali. Retirei-me da sala antes de finalizar a sessão. Tão poucas vezes procedi desse modo! Mais tarde, soube que se tratava do filme “Que viva México!”, de Sergei Eisenstein (1979), cuja produção datava do ano anterior. Estudante de artes, tudo indica que eu cometera uma gafe quase inconfessável. Ao mesmo tempo, exatamente pela ausência de filtros prévios, tantas vezes artificiais, me relacionara com o filme de modo sincero.

Filmes ocuparam meu imaginário desde a adolescência, entretecendo suas histórias, imagens e sonoridades à vida, de maneira indissociável. Não se tratava de algum projeto intelectual ou artístico: era uma necessidade, mais que isso, uma urgência. E por isso, não havia muitas travas ou crivos de seleção, que pudessem separar o que supostamente fosse arte do que pudesse não ser, do que pudesse ser chamado de mercadoria daquilo que talvez propiciasse experiências mais elevadas. Todos abriam janelas, veredas, horizontes sobre outras vidas, sobre outros tempos, sobre o outro. Minha memória está crivada das memórias do outro, dos outros, esses que habitam as ruas, as cidades, as paisagens que também habito, bem como aqueles que habitam as luzes dançantes e sonorizadas das histórias contadas pelo cinema.

Ao lado do interesse pelo cinema, as aproximações ao teatro e à música também foram inevitáveis. Ou seja: a formação no campo das artes plásticas dialogava, de modo continuado, com a experiência como espectadora do cinema, e também com o exercício de criação no teatro, na dança-teatro e, por extensão, na música, desde a precária performance na execução do violão, ao trabalho com canto.

Nesse sentido, o modo amador de atuar foi uma escolha, desde o grupo de teatro experimental universitário aos palcos de Brasília atuando profissionalmente, como atriz, e na direção de trabalhos abertos à exploração de possibilidades várias da linguagem cênica. Amador, porquanto fosse dada prioridade ao exercício das linguagens, ao trabalho como caminho inexorável de enfrentamento às perguntas sobre a própria vida. Nesse processo, as possíveis sujeições aos protocolos do sistema da arte eram deixadas em planos posteriores, quando não tiradas de cena. Lisístrata, a greve do sexo (Direção de Delson Antunes, 1986), Marília, a louca da corte (Direção de Delson Antunes, 1987), Mandrágora (Direção de Ricardo Torres, 1988), A construção (Direção de Graça Veloso, 1990), Orgia (Direção de Graça Veloso, 1993), são alguns dos espetáculos nos quais atuei como atriz. Com o Grupo ATO TE ATO de Teatro Amador, dirigi Estórias da Carochinha (1987), 4EPISÓDIOS (1989), e Visitação (1991). Além desses trabalhos, registrem-se trabalhos experimentais com teatro de rua, grupo para realização de exposição fotográfica, e participação na encenação da Paixão de Cristo, em Planaltina. A esse tempo, adotei o nome artístico Kalissa Nawá, evocando palavra aprendida entre o povo hahãintesu.

Para atuar em cena, passei a trabalhar também com a dança e o canto. Cantar, de treinamento inevitável para esse fim, passou a condição de estar no mundo. Das aulas de canto, passei à participação em um coro sinfônico; dali integrei um grupo vocal, e outros grupos. Coro Sinfônico Comunitário da UnB (1989 a 1995), Spirituals de Porco (1990 a 1997), Los Bregas (2002 a 2005): o canto transitou por esses coletivos, resultando em concertos na Sala Vila Lobos do Teatro Nacional, de Brasília, mas também em apresentações em asilos, centros culturais, escolas de música, zoológicos e portas de supermercados. Afinal, para cantar basta a vontade de fazê-lo, não importa o lugar.

No início dos anos 2000, as relações entre o campo das artes e da inclusão voltou a ocupar minhas motivações, por meio da interlocução com instituições que trabalham com pessoas portadoras de necessidades especiais. Em parceria com a Federação Nacional das APAEs, realizamos oficinas, congressos e organizamos publicações buscando fundamentar o trabalho artístico junto às suas comunidades. No mesmo período, passei a integrar um grupo de artistas, educadores e

pesquisadores mobilizados por Albertina Brasil e André Andries, em torno ao Very Special Arts/Brasil, integrado ao Programa Arte sem Barreiras, em ações culturais dirigidas à acessibilidade. O Very Special Arts foi criado na década de 1970, nos Estados Unidos da América do Norte, com o objetivo de promover o trabalho artístico junto a pessoas portadoras de necessidades especiais. Em 1988, Albertina Brasil, então diretora executiva da Funarte, criou a sessão brasileira do VSA, articulada ao Programa Arte sem Barreiras, com vistas a criar espaços de suporte a artistas com deficiência, nos campos da música, do teatro, das artes plásticas, da literatura e da dança.

Minha participação no VSA/Brasil se deu até o falecimento de Albertina Brasil, em 2004, quando também foi desativado o Programa Arte sem Barreiras naquele formato.

Tendo ingressado no corpo docente da Universidade Federal de Goiás, em 2004, acabei me engajando em outros projetos, e me distanciando do canto, do teatro, bem como dos trabalhos junto à FENAPAE e ao VSA. Como exercício de criação, passei a trabalhar com fotografia. E, a partir de 2010, em razão dos projetos de pesquisa, conheci vários fazedores de cinema que trabalham de modo precário, sem infraestrutura nem formação para tanto, mas com inserção ativa em suas comunidades. Conheci Martins Muniz, mentor do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, em Goiânia. Além de diretor de cinema, atuou com teatro durante muitas décadas. Na interlocução com ele, me aproximei das possibilidades de realização fílmica, voltei a atuar, e também comecei a produzir. Posteriormente, conheci Hugo Caiapônia, produtor e ator que dá vida ao Imbilino, personagem popular no interior do Estado de Goiás. Com ele também fiz algumas participações como atriz.

Finalmente, de volta à sala de cinema. Agora, para ver e também mostrar filmes. Nesse exercício, consegui reunir a fotografia, o teatro, a contação de histórias, as visualidades, a sonoridade. A poética da solidariedade, na condição de trabalhar de modo colaborativo, em coletivos. Nesse modo de fazer cinema, especialmente, foi possível retomar a ideia de um fazer artesanal, independentemente dos recursos tecnológicos de que se pudesse lançar mão.

Martins Muniz, por sua vez, veio integrar o rol das pessoas portadoras de necessidades especiais capazes de ensinar e dar continuidade aos seus processos

de criação. A despeito do comprometimento progressivo provocado pela doença de Parkinson, em 2020 ele continua realizando filmes e escrevendo roteiros. Em plena pandemia, pinta quadros, enquanto se pergunta sobre quando voltará a filmar.

Nesse mesmo ano, concluímos o filme de longa metragem O Legado do Artífice, do qual assino o roteiro, direção e produção, contando com a codireção de Lara Satler e Renato Cirino. Renato assina também a edição e montagem. Nesse filme, abordamos o trabalho de Muniz e do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, numa narrativa que transita entre a fantasia ficcional e o documentário, em jogos de metalinguagem.

Sentados: Seu Maurício, Lara, Vagna, Muniz, Paulo, Renato, Lorena.
Atrás, em pé: J. Bamberg, eu, Bruno, Fábio, Alda.
Elenco e equipe técnica durante as gravações do filme “O Legado do Artífice”, na residência de Martins Muniz. Foto: Paulo Passos de Oliveira. 2018.

11. Rede pública de ensino: breve retorno

Logo depois de ter concluído o mestrado, retomei as atividades regulares de ensino na rede pública do Distrito Federal, por meio de concurso, pela terceira vez. Em vista da minha formação e experiência anterior, fui chamada para atuar na Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação, EAPE. À época, a escola estava envolvida em preparar as comunidades escolares, por meio dos cursos de formação continuada, para a organização do ensino fundamental em ciclos, saindo da estrutura de seriação.

A implementação dos ciclos previu o agrupamento do ensino fundamental em três ciclos, cada qual com três anos. Para Mainardes (2009), a escola em ciclos propôs o rompimento com a escolarização seria, excludente e seletiva. Cada estudante passou a contar com três anos para construir as aprendizagens necessárias previstas para cada ciclo, podendo passar ao ciclo seguinte ao final do período. Além disso, a escola em ciclos poderia reconhecer a diversidade cultural da comunidade escolar, entendendo que ela precisaria ser incorporada às dinâmicas de aula. Não faltam críticas ao sistema. Dentre as mais contundentes está a questão da não reprovação. Freitas (2007) observa que a mera redução nos índices de reprovação não é indicadora de aprendizagem efetiva. Desse modo, os ciclos resultariam no que chama de “eliminação adiada”, em decorrência de novas formas de exclusão em substituição às reprovações. Essas formas incluem, por exemplo, os sistemas de avaliação universais, centralizados, tais como o SAEB, nos quais o desempenho individual se dilui em estatísticas globais.

Entre os debates em curso, à época, passei a integrar, na EAPE, uma equipe que ministrava cursos de pesquisa-ação (FRANCO, 2005) para professores do ensino fundamental. Acompanhei três grupos de docentes em duas escolas localizadas em cidades satélites distantes e uma escola no Plano Piloto. O trabalho durou o ano todo, e ofereceu oportunidades de construção de debates e aprendizagens partilhadas em uma diversidade de temas emergentes àquele momento. Avançamos sobre a possibilidade de integrar pesquisa e docência, considerando

que os processos de ensinar e aprender são inseparáveis, afinal, quem ensina aprende ao ensinar, quem aprende ensina ao aprender, nas palavras do mestre Paulo Freire (1997).

Foi imbuída dessas questões que, no ano seguinte, retomei as aulas na Escola Parque, quando pude oferecer uma oficina de tecelagem para crianças e adolescentes. A sala foi organizada de modo que as e os estudantes pudessem tomar parte nas decisões, sendo corresponsáveis pelo ambiente de trabalho. Do mesmo modo, todos contribuíam, trazendo materiais diversos com que tecer: fibras, plásticos, tecidos, fitas, dentre quantos outros. As turmas estavam sempre cheias, e os teares sempre ocupados.

Nesse período, as escolas classe já tinham organizado suas salas para receber estudantes com necessidades especiais. E como a Escola Parque recebia estudantes de várias escolas classe, diariamente em nossas turmas convivíamos com crianças e adolescentes com uma ampla gama de perfis, necessidades e potencialidades. Desde pessoas com desempenhos bem acima da média, até crianças com déficit de aprendizagem, além das crianças portadoras de patologias que acometem o aparelho locomotor, o sistema nervoso central, além das surdas, e outras síndromes que afetam o comportamento em geral. As salas de aula eram, antes, espaços de aprendizagem contínua para todos, para nós, docentes, principalmente.

A oficina de tecelagem mostrava-se um espaço profícuo tanto para a diversidade, quanto para a construção dessas aprendizagens. Ela funcionou por três semestres consecutivos. Foi encerrada quando passei a me dedicar exclusivamente ao doutorado, iniciado em 2000.

Entreato 5

Das escolas onde não estudei, mas bem que poderia...

Cursei o ensino médio no Centro de Ensino Técnico de Brasília, CETEB, no final dos anos 1970. Na década anterior, funcionou na Universidade de Brasília o Centro Integrado de Ensino Médio, CIEM. Criado oficialmente em 1963, ele começou a funcionar efetivamente em 1964, sob a direção do professor José Aloísio Aragão, tendo sido fechado no início dos anos 1970. Sendo uma escola pública, de tempo integral, inicialmente funcionou em regime anual, passando, em 1966, ao regime semestral, com sistema de créditos e matrícula por disciplina, à semelhança de como estava organizada a universidade.

As bases teóricas e conceituais orientadoras das ações ali desenvolvidas apoiaram-se, sobretudo, nos referenciais escolanovistas, de um lado, e no pensamento piagetiano, de outro, conectados a outras fontes, em maior ou menor grau. Nos processos de ensinar e aprender, as artes eram protagonistas, entendidas numa relação estreita com os processos de formação educacional dos quais toma parte o sujeito que aprende, em suas dimensões socioculturais, biológicas e psíquicas.

Registrei os relatos da professora Teresinha Rosa Cruz, li seu livro (CRUZ, 2001), reunindo dados, indagações, possibilidades, para escrever o texto sobre a experiência pedagógica ali desenvolvida (MARTINS, 2018a). Não raro me flagro imaginando como teria sido inspirador estudar naquela escola. Da mesma forma, imagino que os espaços e atividades das escolas parque tivessem me motivado, se eu os tivesse frequentado, na condição de estudante.

O plano educacional original para Brasília foi inspirado no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, de Salvador (BA), também conhecido como Escola Parque da Bahia. Seu mentor, o professor Anísio Teixeira, pretendia abrir oportunidades para a capital do país “oferecer à nação um conjunto de escolas que constituísse exemplo e demonstração para o sistema educacional brasileiro” (Teixeira, 1962, p. 5). O projeto enfatizava a necessidade de se trabalhar em função de um novo

currículo escolar, um novo programa e um novo professor, para oferecer aprendizagens envolvendo atividades de estudo, trabalho, vida social, recreação e jogos, visando as múltiplas dimensões da vida, com abordagem interdisciplinar (MARTINS, 2011).

O projeto educacional foi pensado em termos de um complexo de núcleos com distintas finalidades, integrados ao projeto urbanístico. Nele, as Escolas Classe deveriam oferecer espaços e estrutura adequados para o desenvolvimento de componentes curriculares tais como matemática, português, ciências, história, etc., e as Escolas Parque deveriam contar com espaços e estrutura adequados para atividades voltadas para o “desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança e sua iniciação no trabalho, numa rede de prédios ligados entre si, dentro da mesma área” (TEIXEIRA, 1962, p.27).

As Escolas Parque tomaram parte de uma proposta educacional integral que não prescindia da qualidade na formação dos professores, nas condições de trabalho, na projeção arquitetônica dos complexos educacionais, como condição de preparar o país para o exercício efetivo da cidadania em sociedade democrática. Contudo, a criação de todas as Escolas Parque previstas originalmente foi interrompida a partir das mudanças nas políticas públicas para a educação, desde a instalação do governo militar, em 1964. Apenas cinco escolas foram construídas desde então. E tive a oportunidade de ser professora em uma delas.

As informações aqui evocadas sobre o CIEM e as Escolas Parque, em Brasília, foram sistematizadas em dois textos que integram dois livros cuja publicação se deve ao Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil, HISTEDBR, GT Brasília/DF, liderado pela professora Eva Waisros, vinculado à Faculdade de Educação de Brasília da Universidade de Brasília. Um trabalho que deve ser ressaltado, pela competência para reunir pesquisadores no esforço de registro da história da educação no DF, e para a criação do Museu da Educação do Distrito Federal.

Dona Alice Vieira Martins, minha primeira professora, ao meu lado, então com 89 anos, no lançamento do livro “Brevidades”, na Escola Parque 313/314 sul, Brasília/DF. A foto foi feita por minha irmã, Ruth dos Santos Martins, professora de matemática, parceira de sempre. 2016.

12. Doutorado em Sociologia: as aventuras de uma professorinha de artes na ficção científica

Tinha pouco contato com o campo da sociologia. Eu cumprira a disciplina **Introdução à sociologia** na graduação, e **Sociologia da educação** durante o mestrado. Fora dos territórios dessas duas disciplinas, estudara poucos autores, por motivação própria. Por isso a ideia de propor um projeto de pesquisa ao doutorado em sociologia parecia uma imprudência. A despeito disso, e atenta aos conselhos da professora Iria Brzezinsky, decidi investigar alguns aspectos sociológicos do ensino de artes, propondo discutir práticas artísticas desenvolvidas por jovens fora das escolas em contraponto ao ensino de artes promovido a partir dos currículos escolares.

A proposta foi motivada pela conversa com três meninas adolescentes integrantes de uma banda de punk rock, que também trabalhavam com pintura, *grafitti*, tatuagem, entre outras atividades. Indagadas sobre o que estudavam, na escola, nas aulas de artes, responderam que era “normal”. Para elas, a normalidade residia no fato de a escola lhes oferecer aulas de história da arte, nas quais aprendiam conteúdos que não dialogavam com suas vidas, ignorando sua atuação. Seria surpreendente, para as adolescentes, que a escola passasse a se inteirar de seus projetos. Talvez nem tivessem, mesmo, interesse nessa possibilidade (MARTINS, 2008). Essa questão ultrapassava as questões da educação escolar, e decidi abordá-la a partir das dinâmicas sociais.

Munida do projeto de pesquisa, aprovada no processo de seleção, dei início ao contato com as obras de teóricos clássicos e contemporâneos da sociologia. O fôlego ficava em vias de me faltar, tais eram os desafios e os vislumbres que se abriam a cada etapa. Quantas revoluções eram possíveis nos modos de pensar de uma professorinha de artes?

Logo no primeiro ano do curso, conduzida pelas aulas do professor Sérgio Paulo Rouanet, tive o privilégio de estudar as relações entre a psicanálise e a sociologia, a partir dos trabalhos deflagrados pelo Instituto para Pesquisa Social, conhecido

como Escola de Frankfurt. A triangulação possível entre essas linhas teóricas com o cinema mostrou-se um território altamente instigante.

Estimulada por uma observação inesperada feita pelo professor, mais uma vez, deparei-me com um corte na risca do bordado, deslocando o foco de pesquisa para o campo do cinema e da ficção científica. Na nova abordagem, busquei estabelecer relações entre teorias sociológicas que tratam da cultura, da indústria cultural, das tecnologias, das imagens técnicas, e dos universos imagéticos projetados nas telas das salas de cinema, redesenhando futuros de naturezas as mais diversas, no decurso do século XX. A mudança foi acolhida pelo meu orientador, o professor João Gabriel Lima Cruz Teixeira, o melhor anfitrião que poderia ter me recebido naquelas searas da sociologia da cultura, em diálogo com as artes, as performances e o cinema.

Ao decurso dos trabalhos, no entanto, constatei que, embora aparentemente houvesse me desviado do projeto inicial, de fato as questões relativas à educação, às artes visuais e ao ensino de artes formavam a base da imersão no universo do cinema, entendido como um campo com grande repercussão na formulação de pensamento e no fornecimento de elementos formadores dos nossos imaginários. Fazia parte daquilo que, alguns anos mais tarde, vim a discutir como campo das chamadas pedagogias culturais (MARTINS & TOURINHO, 2014).

Tal abordagem permitiu compreender que, em grande medida, as narrativas cinematográficas integram nossas memórias e referências tanto subjetivas quanto coletivas de mundo, de modo que nossas identidades dialogam com elas. A tese, defendida em 2004, tratou da ficção científica no cinema e a questão do imaginário social sobre o devir. A argumentação foi construída em torno à ideia de que as questões relativas ao futuro ganharam dimensão visual e sonora, no século XX, nos filmes de ficção científica, como resultado dos entrecruzamentos entre desenvolvimento científico e tecnológico, espírito inventivo, ilusionismo e arte. As metáforas científico-ficcionais das narrativas fílmicas constituíram uma espécie de testemunho dos contextos sociais e históricos nos quais são produzidas.

A pesquisa envolveu o mapeamento de mais de 1000 títulos de filmes realizados entre 1902 e 2002. A discussão teórica foi construída a partir de um conjunto de duas dezenas de filmes, e organizada em torno a três eixos: as cidades que habitam

os filmes de ficção científica, os sistemas de controle social assentados em bases tecno científicas, e o antagonismo entre as noções de nós e de outros. A tese foi reescrita e publicada em livro, pela Editora UnB (MARTINS, 2013a). A imersão nas histórias em que se entrecruzam ficção e ciência propiciou o reencontro com as aventuras das pesquisas nos laboratórios de física e de eletrônica, abandonadas desde a conclusão do ensino médio, e as aventuras das histórias fantásticas que se podem contar. Além disso, abriu cenários e questões que puderam ser retomadas posteriormente, em outras pesquisas.

Entreato 6

No último semestre do doutorado, tive o privilégio de conversar sobre meu assunto com o Prof. Octávio Ianni, durante um congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia. Respeitado cientista social, tinha especial interesse em debater e combater as diferenças e injustiças sociais. Nos anos 1990 e início dos anos 2000 publicou livros sobre os processos de globalização da economia, bem como no campo da sociologia da cultura. Sendo um dos autores de base referidos na tese, pedi autorização para lhe enviar parte do material. Já estava em vias de finalizar a escrita, quando fui surpreendida por seu telefonema. Mostrou-se entusiasmado com o assunto, mas muito zangado pelo fato de eu perder um tempo desnecessário dedicando-me à escrita sobre metáfora, algo infrutífero, afirmou. Que eu deveria tergiversar menos e entrar logo na crítica mais dura à hegemonia colonizadora e imperialista dos Estados Unidos da América do Norte, dizia ele, do outro lado da linha, com voz eloquente. Àquelas alturas, independentemente do resultado da banca, sentia-me já doutorada, pela advertência devidamente consubstanciada, em interlocução tão respeitavelmente especial. Ao mesmo tempo, também me senti autorizada a pesar a mão na receita do mestre: menos teoria sobre metáfora, mais análise crítica... e tomadas de posição crítica de modo mais explícito frente às relações de dominação e injustiça social.

Naquele mesmo período, retomei parte dos trabalhos na Faculdade Dulcina de Moraes, convidada a coordenar a implantação dos cursos de especialização em Arte-Educação/Artes Visuais; Arte-Educação/Teatro; História das Artes Visuais; Arte, Educação e Inclusão. Os poucos artistas e muitos arte-educadores que formaram as turmas, em sua maioria, tinham concluído seus cursos de graduação havia alguns anos, até mais de uma década. Os professores vinham se dedicando, desde então, exclusivamente à atuação em escolas da educação básica. Viam, ali, a possibilidade de formular reflexões a partir de suas próprias vivências práticas, como condição de ampliação de suas visões de mundo, e da construção de compreensão de suas inserções no mundo.

Além de coordenar os cursos, orientei um projeto de pesquisa, cuja referência, neste memorial, se justifica, pelo entrecruzamento de vários vetores importantes. Intitulado *Duas Mulheres de Fibra*, foi desenvolvido por Eudirce Silva Almeida, estudante que enveredou pelos estudos tardiamente, tendo concluído a graduação pouco antes de completar os 70 anos. Seu trabalho, na especialização, abordou o percurso de duas outras mulheres: a artesã-artista Dona Clotildes, que produz famílias de bonecas feitas com bucha e as expõe na Feira de Trocas, em Olhos D'Água, no município de Alexânia, em Goiás, e a arte-educadora Lais Aderne, responsável pela criação da Feira de Trocas, no início dos anos 1970. Nos anos 1980, como Secretária de Cultura do DF, organizou o Festival Latino Americano de Arte e Cultura FLAAC, tendo sido, também, a primeira presidente da Federação de Arte Educadores do Brasil FAEB. Além desses trabalhos desenvolvidos, ela esteve à frente de alguns projetos com eco museus, incluindo o Eco Museu do Cerrado. Sua concepção de educação não se dissociava da cultura e das questões ambientais, transpassada por uma noção de arte situada muito além dos territórios demarcados pelo sistema da arte.

Os vários encontros com Laís Aderne (anos 1980, anos 2000) motivaram reflexões importantes, as quais foram sistematizadas muitos anos depois, com alguns textos já publicados. Neles, busco articular algumas questões caras aos projetos de pesquisa, ensino e extensão em curso. Cito, por exemplo: *Rascunhos para uma poética da solidariedade como exercício crítico à concepção colonizadora da arte* (MARTINS, 2018b).

No mesmo semestre da conclusão do doutorado, e concomitante à coordenação dos cursos de especialização, assumi, como professora substituta no Departamento de Sociologia, a disciplina *Introdução à sociologia*. A disciplina era oferecida a todos os cursos da universidade, fazendo parte do núcleo comum obrigatório de muitos deles. Havia muitas turmas, com um número muito grande de estudantes. Fiquei responsável por três turmas com cerca de 100 estudantes cada. A despeito da extensão do desafio, foi prazeroso descobrir aspectos sociológicos para áreas profissionais tão distintas entre si, tais como a medicina, as engenharias, além da educação, do direito e da psicologia.

O concurso para professor efetivo na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás foi noticiado em meio a essa efervescência. Já inscrita, mas ainda indecisa entre avançar no concurso, ou investir na continuidade à carreira docente na Universidade de Brasília, fiz a escolha. Nela, pesou a possibilidade de participação na instauração do novo, o que me pareceu ser, àquele momento, mais potente na Faculdade de Artes Visuais, da UFG. Tomada a decisão, também encaminhei o último pedido de exoneração da rede pública de ensino do Distrito Federal, quase duas décadas depois do primeiro ingresso.

SEGUNDA PARTE:
DOCÊNCIA, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

13. Chegada à Universidade Federal de Goiás. A bagagem.

Na mochila de viagem, a formação acadêmica, alguma experiência, algumas motivações, muitas perguntas. E um pouco de poeira nos pés. Com esses itens, iniciei o trabalho nesta instituição à qual tenho dedicado a fatia mais importante de minha vida profissional.

1. Os cursos de graduação, mestrado e doutorado, em três campos distintos (Artes Visuais, Educação, Sociologia), cada qual com referenciais práticos e teóricos díspares, mas complementares, montando um mosaico diversificado de desafios. Em cada curso, algumas atividades somaram-se ao currículo regular, com contribuições basilares à formação para a atuação profissional:
    a. A atuação docente como eixo-base nos três níveis de formação;
    b. A pesquisa como eixo nuclear das possibilidades de ampliação de horizontes nos processos de aprender;
    c. A representação discente, em Centro Acadêmico, Diretório Central de Estudantes, e também junto aos colegiados de pós-graduação;
    d. A participação propositiva, como estudante, na vida cultural da universidade.
2. A experiência profissional em várias frentes:
    a. Professora de artes, nos ensinos fundamental e médio
    b. Professora na formação continuada de professores
    c. Professora em espaços não convencionais de aula: a rua, o circo, a aldeia, o hospital...
    d. Coordenação pedagógica, em artes, em âmbitos local, regional e distrital, na rede pública de ensino do Distrito Federal.
    e. Experimentações no campo das artes: a gravura, os desenhos, o teatro, o canto, a fotografia, o cinema, a tecelagem, as artes têxteis...
    f. As questões da inclusão: na educação, nas artes, na vida...
3. A cultura e a educação como campo de intersecção de todas essas questões
4. Umas faíscas de *memória do fogo,* inspiradas em Eduardo Galeano (2013).

5. Alguns dos educadores/pensadores referenciais: Cornelius Castoriadis, Esther Pillar Grossi, Heloísa Buarque de Hollanda, Iria Brzesinski, Lais Aderne, Mariazinha Fusari, Paulo Freire, Vilém Flusser, Walter Benjamin...
6. Algumas crenças, um punhado de dúvidas, para cada dúvida, uma coleção de perguntas... de não saberes...

---------- *** ----------

Não saberes

Não sei conversar em mandarim
Não sei calcular viagens à Lua
Não sei quantas colônias de bactérias habitam meu corpo
Nem quantas estrelas brilham no céu...

Não sei fazer sapatos, nem chapéus
Não sei tocar violoncelo
Não sei consertar redes elétricas
Nem construir pontes, nem implodir edifícios

Na lista das coisas que não sei,
Orgulho-me, especialmente, por não saber quais são todas as coisas que não sei

Esse não saber, sim, é o maior de todos...

Terra Gwayá, Primavera de 2015

Corujas buraqueiras. Campus II da UFG. Foto: Alice Fátima Martins, 2011.

14. O que pode uma professorinha de artes na universidade pública?

Aprovada em concurso público para professor efetivo da Universidade Federal de Goiás, tomei posse em 29 de julho de 2004, tendo entrado em exercício no mesmo dia. Não houve celebrações, nem fotos, nem roupas especiais para o evento. Eu portava uma camiseta branca, uma calça azul, tênis e um casaco de lã para o clima fresco. Assinei a posse com uma caneta esferográfica emprestada pela funcionária da Reitoria. Era um dia de trabalho. Para ela, mais um; para mim, o primeiro. E assim passei a integrar o corpo docente da Faculdade de Artes Visuais, no curso de Artes Visuais – Licenciatura. Pouco tempo depois, fui acolhida no grupo de docentes permanentes do Programa de Pós Graduação em Cultura Visual, então coordenado pela professora Irene Maria Fernandez Silva Tourinho. O curso estava em seu segundo ano de funcionamento, ainda com oferta de vagas apenas para mestrado. Múltiplas possibilidades de atuação abriam-se, e isso era animador.

Naquele segundo semestre de 2004, dediquei-me a algumas providências inaugurais: cadastrar projeto de pesquisa, ministrar aulas, assumir orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação, participar do processo seletivo para mestrado, participar do 13º Encontro Nacional da ANPAP, realizado em outubro, pela Universidade de Brasília.

Já sabia da necessidade de articular a docência à pesquisa e à extensão. Ao mesmo tempo, começava a enveredar por algumas questões e referenciais teóricos e conceituais que passariam a orientar as minhas discussões nessas três frentes. Uma dessas questões refere-se às discussões deflagradas pelos estudos da cultura visual, território de assentamento do programa de pós-graduação, vinculado à área de Artes, na classificação da CAPES. Nele, fui incluída no grupo de professores da linha de pesquisa C, “Culturas da imagem e processos de mediação”. Esta linha privilegiava as questões da educação. Todos esses elementos constituíram uma vereda a ser desbravada, com algumas dissonâncias, mas muitas problematizações instigantes.

Ao mesmo tempo, a docência na graduação, desde o primeiro semestre, e ainda neste 2020, redimensionou questões mais antigas relativas às relações entre as artes e a educação, deflagrando um processo de revisão dos fundamentos do ensino de artes, bem como da formação de professores para atuar nesse campo. E se fossem retiradas as artes do currículo escolar, fariam falta? Seriam, as artes, de fato necessárias no processo de escolarização? Que artes? De que modo?

Abriu-se, então, um múltiplo ambiente de atuação profissional, com várias frentes possíveis, a me conclamar. Nele, o chamado tripé da vida universitária, que envolve a docência, a pesquisa e a extensão, foi acrescido de um quarto pilar, a gestão. Em todos eles, os batismos de fogo mostraram-se inevitáveis.

15. PILAR I: O território da docência

Estratégias de ensino, recursos técnicos e tecnológicos, planejamentos, mecanismos de acompanhamento e avaliação estão imersos a uma espécie de encantamento, a um mistério inaugural das relações entretecidas em contextos de sala de aula, nos processos de ensinar e aprender. É o mistério do encontro entre pessoas em torno ao não-sabido, à possibilidade de perguntar, de construir conhecimento. Quem são essas pessoas que tomam parte desse encontro? O que as motiva? Como aprendem? Neste ponto, evoco o encantamento da professora Esther Pillar Grossi, sua paixão pelos processos de alfabetização, e a defesa inconteste da capacidade de todos para aprender. Ela propõe que, em lugar da pergunta recorrente: *por que esta criança, ou este estudante não aprende?* se pergunte: *como esta criança aprende, ou como esta pessoa aprende?* Ou seja, assume-se o pressuposto de que, embora possa não ser fácil, e quase sempre não é, todos têm potencial para aprender (TUBOITI; LAURENDON, 2020).

Pensar os processos de educação nos ensinos fundamental e médio pode oferecer parâmetros para pensar também o ensino superior. Tais parâmetros podem estar tanto em alguns princípios orientadores dos projetos educativos, quanto nos referenciais de base para a formação de educadores. Para isso, busco o sentido mais radical da sala de aula como um espaço de se aprender, compartilhando perguntas. Lugar para a práxis da dodiscência (FREIRE, 1997), onde, na condição de professora, aprendo mais que ensino, e desaprendo o que pensava saber...

No entanto, tendo também em conta as responsabilidades que me cabem no papel de formadora de professores, não posso deixar de considerar as circunstâncias da educação pública no país, e do processo gradual de precarização da carreira docente, sobretudo na educação básica. No exercício de seu ofício, o que podem professores e professoras de artes?

Docência na graduação

Ao longo dos últimos 16 anos, ministrei 23 diferentes disciplinas em curso de graduação, sendo uma no curso de Design Gráfico, e as demais no Artes

Visuais/Licenciatura, na modalidade presencial e EaD, nas categorias obrigatória e núcleo livre, conforme consta das matrizes curriculares implementadas. Nesse período, o currículo passou por algumas reformulações, de cujas discussões tomei parte. Eventualmente, ministrei algumas dessas disciplinas apenas uma vez. Em alguns casos, coube a mim atender a demanda gerada por afastamentos de professores, ou mesmo a falta de professores com formação específica para desenvolver aqueles conteúdos. Um número reduzido de algumas disciplinas obrigatórias e um núcleo livre ficaram, ou têm ficado, sob minha responsabilidade com alguma regularidade.

Segue-se a relação das disciplinas ministradas na graduação, modalidade presencial, agrupadas por campos de afinidade conceitual, com algumas observações sobre os modos de oferta e seus fundamentos.

15.1 Bases conceituais do ensino, da arte e da educação, e questões sobre a cultura

Fundamentos da arte na educação I
Fundamentos da arte na educação II
Fundamentos da arte na educação
Cultura popular e arte
Arte e cultura visual
Pedagogias de fronteira

Deste grupo de disciplinas, **Fundamentos da arte na educação** já integrava o currículo da formação de professores quando cheguei à universidade. Na transição do curso do sistema anual para o semestral, no início dos anos 2000, ela era oferecida em dois semestres consecutivos, **Fundamentos da arte na educação I** e **II**, com 32 h.a. cada. Em 2004, coube-me ministrar **Fundamentos da arte na educação II**. Mas não voltei a responder por ela, por muitos anos. Quando, em 2014, retomei a disciplina, em decorrências das revisões do currículo, ela passou a ser ofertada apenas no primeiro semestre do curso, também com carga de 32h.a., denominada, apenas, como **Fundamentos da arte na educação**, com carga foi reduzida pela metade em relação à oferta anterior.

Desde então, o trabalho com estudantes ingressantes no curso tem aberto possibilidades para se estabelecer pontes entre suas experiências com o ensino de arte na educação básica, e algumas questões de base para o ensino de arte no

contexto escolar. O ponto de partida dos trabalhos está na sistematização e no compartilhamento dessas memórias em aula. A partir daí, são definidos os temas principais para desenvolvermos as leituras. Em geral, tratam-se de textos com ênfase na educação (FREIRE, 1997, RANCIÉRE, 2002), e nas relações entre a educação, as artes e a cultura visual (MARTINS, 2009). Ao final do semestre, retomamos as memórias, para repensar a experiência à luz das leituras realizadas.

Na matriz curricular que entrou em vigência em 2020, foi mantida a oferta da disciplina no primeiro semestre, mas passou a contar com 64h.a., com vistas a proporcionar um maior aprofundamento das questões em pauta.

O início dessa nova etapa da disciplina coincidiu com a pandemia causada pelo corona vírus 19. Com o calendário acadêmico suspenso, para ser retomado em circunstâncias diferenciadas, ficou a incógnita sobre sua execução em condições menos adversas.

Nos anos mais recentes, as discussões iniciadas na disciplina **Fundamentos da arte na educação,** em seus desdobramentos, têm dialogado com **Pedagogias de fronteira**, cursada pelos estudantes no segundo período do currículo vigente até 2019. A noção de fronteira atribuída a algumas abordagens pedagógicas apoia-se no pensamento de autores tais como Walter Mignolo (2003), Spivak (2010) e Woodward (2012), com ênfase na pluralidade de pontos de vista, nos espaços de encontro com a diferença. Nesses termos, questionam-se epistemologias hegemônicas em detrimento de outros modos de pensar, e problematizam-se as relações entre identidade, alteridade e empatia. Tais temas são abordados desde as intersecções entre a educação, as artes e as visualidades.

A disciplina foi concebida dentro de algumas questões propostas pelas discussões dos estudos da cultura visual, em conexão também com a disciplina **Arte e cultura visual**. Esta, por sua vez, enfatiza o campo da arte, buscando problematizar suas circunstâncias, contradições, tensões e demarcações históricas, sociais, culturais. Dentre os autores cujo pensamento traz contribuições importantes para a disciplina, podem ser citados Mitchell (2006) e Mirzoeff (2016).

No limite, destacam-se alguns pontos de encontro entre essa disciplina e **Cultura popular e arte**, embora esta última seja organizada a partir das noções de cultura popular e das manifestações a elas relacionadas. É nesse contexto que busco

desenvolver o conceito de “poética da solidariedade”, ainda em processo de discussão e revisão epistemológica (MARTINS, 2018b), em diálogo com questões propostas por Rugiu (1998), Colombres (2005), além das questões da educação e da arte.

Neste grupo de disciplinas, encontram-se alguns eixos conceituais que se estendem aos projetos de pesquisa desenvolvidos, além do exercício docente, na formação de professores de artes visuais.

15.2 Exercícios de expressão

Desenho: observação e expressão
Ensino de arte e mídias contemporâneas

A despeito da principal atuação no campo teórico e das práticas de ensino, eventualmente tenho atuado em disciplinas práticas, envolvendo o trabalho de criação. É o caso da disciplina **Desenho: observação e expressão**, pela qual fui responsável em dois anos, na oferta para estudantes do curso de licenciatura. Disciplina eminentemente prática, configurou um rico espaço para experimentar o desenho como modo de pensamento, como linguagem, além das questões formais e técnicas. Em uma das turmas, uma estudante precisava levar o filho pequenino, por não ter com quem deixa-lo naquele horário. Tornou-se estudante dedicado às aulas, acompanhando todas as atividades, ao seu modo. Nos anos seguintes, quis assistir a outras aulas, mesmo sendo teóricas. Tornou-se amigo. Muito tempo depois, mesmo com a mãe já tendo concluído o curso, não raro ele voltava à faculdade para conversarmos sobre sua formação, sobre questões relativas ao mundo da arte e da literatura.

Os sentidos dos exercícios de criação se potencializam quando configuram espaços de encontro, abertos a possibilidades que resultem desses encontros.

Anos mais tarde, ministrei, numa única oportunidade, a disciplina **Ensino de arte e mídias contemporâneas**. Oferecida no laboratório de informática, acabou constituindo um espaço onde fermentaram inquietações várias, que vieram a dar sustentação para o projeto de pesquisa desenvolvido, com bolsa do CNPq, no período de 2017 a 2019: **Caiu na rede... é peixe, filme, arte? (apontamentos sobre arte, cinema e cultura digital)**.

15.3 Projetos de ensino e contextos de aprendizagem, na educação formal e não-formal

Metodologia do ensino de arte
Estágio supervisionado I: observação
Estágio supervisionado II: acompanhamento e análise do cotidiano escolar
Estágio supervisionado V: elaboração e desenvolvimento de projetos

As questões mais diretamente ligadas à organização do trabalho pedagógico no âmbito das artes visuais puderam ser abordadas na disciplina **Metodologia do ensino de arte**, pela qual fui responsável em um semestre, mas, sobretudo, no desenvolvimento das disciplinas de **Estágio supervisionado I, II** e **V**, em diferentes estágios de aproximação e atuação no contexto escolar, bem como em espaços de educação não formal.

Ministrei com alguma regularidade as disciplinas de Estágio acima apontadas até o início dos anos 2010. O tempo de trabalho é dividido entre o planejamento da ida às instituições escolares e outros ambientes educativos, o trabalho de campo propriamente dito, as reflexões decorrentes do trabalho de campo, e a elaboração e compartilhamento do relatório de estágio. Nesse processo, é necessário ter-se em conta não apenas as questões próprias da formação, em curso, mas também a complexidade da vida escolar, e das demais instituições. Entram em cena as questões éticas, entrelaçadas às pedagógicas.

Das várias experiências desenvolvidas nesse conjunto de disciplinas, destaco os anos de 2011 e 2012, quando **Estágio supervisionado V: elaboração e desenvolvimento de projetos** foi oferecido por mim e a professora Noeli Batista dos Santos em ação conjunta. A interlocução com ela, em sala de aula e nas escolas-campo, possibilitou uma abordagem mais aberta à diversidade, ampliando as oportunidades oferecidas aos discentes para propor e refletir sobre sua formação prática. A interlocução com a professora Noeli propiciou o aprofundamento da parceria iniciada alguns anos atrás, quando ela realizou a formação em mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, com minha orientação. Foi vetor de fortalecimento desse diálogo, também, a sua

experiência como docente na educação básica, em sintonia com o contexto do desenvolvimento da disciplina.

15.4 Teorias da percepção

Arte, percepção e aprendizagem I
Arte, percepção e aprendizagem II

Entre 2005 e 2006, respondi pela oferta das disciplinas **Arte, percepção e aprendizagem I e II**. Embora não as tenha retomado, posteriormente, nessa ocasião tive a possibilidade de aprofundar alguns temas sobre percepção, estabelecendo conexões com o campo das artes e da educação. Busquei desenvolver algumas referências com a fenomenologia, para discutir a percepção em suas dimensões corpóreas e como autopoiésis (MERLEAU-PONTY, 1994). Como contraponto, abordei questões deflagradas pela leitura de Santaella (1988), em sua abordagem semiótica da percepção.

15.5 A pesquisa na formação

Introdução ao trabalho de investigação
Pesquisa em ensino de artes

Embora a atuação na pesquisa tenha um peso grande na minha produção, em apenas uma oportunidade assumi disciplinas, na graduação, relacionadas ao trabalho de investigação: em 2004, logo que cheguei à universidade.

Ministrei a disciplina **Introdução ao trabalho de investigação** a uma turma do curso de Design Gráfico. A despeito da diferença no perfil dos estudantes, em relação à licenciatura, considero ter sido uma experiência fundante para o modo como eu viria a exercer a docência. O planejamento foi montado em torno a atividades práticas de investigação, de modo que, a cada etapa, os estudantes, em grupo, puderam discutir os conceitos e abordagens metodológicas em questão pensando uma proposta própria de investigação.

A disciplina **Pesquisa em ensino de artes** propiciou que me aproximasse mais dos processos de investigação sobre as questões da educação e, nela, das artes no contexto escolar e em outros contextos formativos.

15.6 Um tópico especial na formação de professores

Arte e educação especial

A matriz curricular vigente no curso de Artes Visuais/Licenciatura até a primeira metade dos anos 2010 contava com uma disciplina voltada para as questões da inclusão e da educação especial: **Arte e educação especial**, com 32 h.a. Todos os anos os coordenadores do curso encontravam alguma dificuldade para designar um professor, uma professora para ministra-la. Nos primeiros anos, não me envolvi com a disciplina. Se a docência é também um espaço de construção de aprendizagem, era importante que outros docentes a ministrassem, para se sensibilizarem com a questão, e se apropriarem de informações, legislações vigentes e metodologias. Além disso, eu não tinha formação específica para atuar na área. Meu conhecimento a respeito fora construído na experiência profissional, sempre nas relações de construção do quotidiano profissional. Tampouco vinha desenvolvendo qualquer pesquisa nessa direção.

No entanto, no início dos anos 2010, acabei por assumir a disciplina. Com carga horária muito reduzida, a abordagem visava sensibilizar as turmas quanto à questão, e abrir possibilidades para que, posteriormente, pudessem aprofundar naquelas questões. Durante o semestre, além de estudar textos, desenvolvíamos atividades práticas, impondo dificuldades na subtração de algum sentido ou movimento. Além disso, recebíamos convidados com necessidades especiais que nos falavam sobre sua atuação profissional, seus desafios e aprendizagens. Eventualmente, os estudantes visitavam instituições tais como APAE, Instituto Pestalozzi, Associação de Surdos de Goiás, dentre outras.

Na penúltima reformulação curricular, a disciplina foi retirada do curso, com o argumento de que o assunto deveria ser tratado transversalmente em todas as disciplinas. Observou-se, contudo, que as temáticas não foram abordadas nas demais disciplinas, e configurou-se uma lacuna na formação. A matriz cuja

implementação se inicia em 2020 voltou a incluir a disciplina, agora ministrada por professor da Faculdade de Educação.

15.7 Núcleos Livres

Os Núcleos Livres, na UFG, são disciplinas criadas pelos professores, aprovadas em Conselho Diretor, e oferecidas, a partir de sua unidade acadêmica, ao corpo discente de toda a universidade. Os currículos de cada curso preveem uma carga horária a ser cumprida em disciplinas de Núcleos Livres. Neles, se configura um espaço de interação entre estudantes oriundos de diferentes cursos, embora, muitas vezes, o interesse despertado seja maior nos cursos vinculados à própria unidade no qual seja oferecido.

Há de se considerar que as matrizes curriculares, em geral, são razoavelmente fechadas, observando-se um trânsito muito restrito dos estudantes entre diferentes unidades acadêmicas da universidade, e mesmo entre diferentes cursos dentro de uma mesma unidade. Os Núcleos Livres acabam configurando um desses espaços de trânsito, tão saudáveis à formação nas diferentes áreas, em sintonia com a ideia de universidade.

Desde 2004, quando do meu ingresso na UFG, assumi a oferta de duas disciplinas de Núcleo Livre. A primeira foi ofertada em apenas uma ocasião, a segunda vem sendo ofertada com alguma regularidade desde 2008.

Seminário de arte e ensino

No início do segundo semestre de 2004, a pedido da direção da Faculdade de Artes Visuais, ofereci a disciplina de Núcleo Livre que foi denominada **Seminário de arte e ensino**. Em razão de uma programação extraordinária de reposição de aulas, ela foi ofertada aos sábados, logo no início da manhã. Na condição de uma disciplina de escolha dos estudantes, era de se esperar que fosse baixa a procura. O que não aconteceu: com uma turma numerosa, foi possível discutir os modos como as pessoas se relacionavam com as visualidades presentes em seus quotidianos, e como relacionar essas experiências com projetos de ensino nos contextos

escolares. Também foram desenvolvidas pequenas ações de pesquisa na cidade, com entrevistas e registro de visualidades em diversos contextos, desde os centros de compras, salas de cinema, a praças, avenidas, escolas, bares e outros espaços de entretenimento.

Oficina dos fios

Em 2006, a então mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (desde 2009, integra o corpo docente da FAV), iniciou uma série de intervenções artísticas coletivas, em Goiânia, que denominou Le Mur, que ocupava um muro lateral do espaço da Aliança Francesa. Convidada por ela a integrar a terceira intervenção, já em 2007, propus uma ação à qual chamamos de Intervention III – Tramas no Muro (Le Mur). Consistiu na inserção de teares de prego ao longo de todo o muro. Durante uma semana, foram convidadas pessoas que teceram e tramaram tecidos, linhas e fibras diversas na estrutura, incorporando os elementos das intervenções anteriores que ali haviam permanecido.

Dessa ação tomaram parte, além de artistas e interessados, um grupo de estudantes dos cursos de Artes Visuais, bacharelado e licenciatura. Esta motivação apontou para a possibilidade de oferta de uma disciplina de Núcleo Livre que pudesse propiciar o trabalho com tecelagem e outras modalidades envolvendo as artes têxteis. Assim, no primeiro semestre de 2008, cadastrei a **Oficina dos Fios**, no formato de Núcleo Livre, realizando sua primeira oferta. A turma foi formada por várias estudantes que tinham participado da intervenção artística, mas também por estudantes vindos de outros cursos, tais como Letras, História, Educação, dentre outros.

Desde então, a disciplina teve sete edições, com alguns traços que a caracterizam:

a. A cada oferta, reúne estudantes de cursos diversos, alguns dos quais muito díspares da área de artes (Biologia, Medicina, Engenharias, Veterinária, Química, Direito, dentre outros), outros que dialogam com o campo (Comunicação, Letras, Educação, Ciências Sociais, História, dentre outros), além dos cursos oferecidos pela própria Faculdade de Artes Visuais

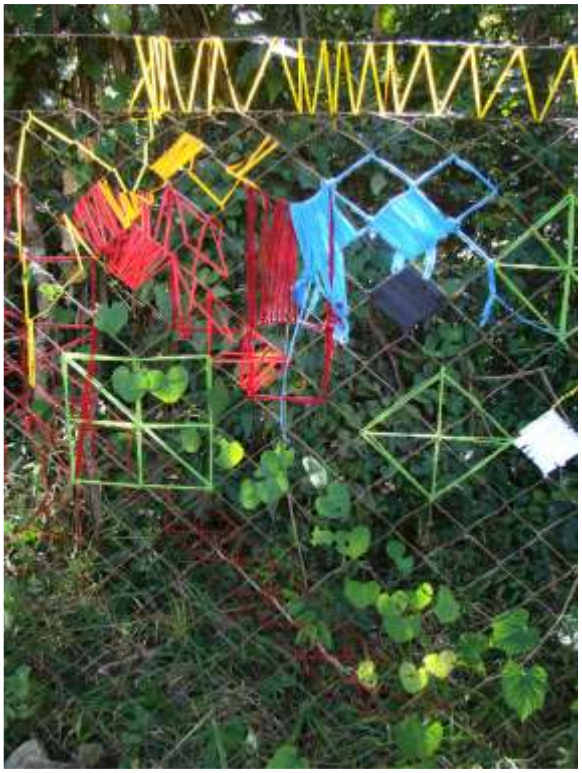
(Arquitetura, Design de Moda, Design Gráfico, Artes Visuais/bacharelado), e estudantes do curso de Artes Visuais/licenciatura, ao qual está vinculado.

b. A disciplina é organizada em quatro blocos. Em dois deles, se trabalham com técnicas definidas em conjunto com a turma, que podem ser tecelagem em tear de pregos, bordado, crochê, dentre outras possíveis. Num terceiro, organizam-se grupos que estudarão o trabalho com arte têxtil desenvolvido por artesãos, artesãs, artistas e profissionais em geral cujas produções dialoguem com o campo das artes. O quarto bloco envolve um projeto de trabalho artístico preferencialmente coletivo, ou em grupos, que pode resultar numa intervenção externa à sala de aula. Como exemplos desse bloco previsto na disciplina, podem ser citadas: a) ações de bordados sobre a tela da cerca que protege uma das matas do Campus II da UFG; b) intervenção nos jardins internos da Biblioteca Central, que contou com a participação de um grupo de pessoas da comunidade indígena Kuykuro; c)0 ação nos corredores da FAV; d) o bordado de um estandarte com dimensões de 1mx2m para integrar o cenário do espetáculo DeBanda, dirigido e permormado pelo professor e artista César Lignelli, da Universidade de Brasília.

c. O amadurecimento conquistado nas diversas ofertas da disciplina propiciou o desenvolvimento de uma metodologia organizada em torno a formas mais colaborativas de trabalho, e a experimentação, em ambientes de produção, da noção de *poética da solidariedade* (MARTINS, 2018b), ainda em processo de elaboração.

Em 2020, em oferta no primeiro semestre, a disciplina previu a inclusão de estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado) regularmente matriculados, bem como a oferta de uma ação artística na Galeria da FAV, intitulada CÁ ENTRE NÓS, cujo projeto foi aprovado nos termos do Edital público de chamada para exposições. No entanto, sua execução foi inviabilizada em razão da pandemia causada pela COVID19[2].

[2] COVID-19 é a sigla para COronaVIrus Disease 2019. Em tradução livre, Doença por COronaVÍrus 2019.



Bordados na tela da cerca que protege a mata (2011), e ação no jardim interno da Biblioteca Central, com participação da comunidade Kuykuro (2015), ambos no Campus II da UFG. Fotos: Alice Fátima Martins (2011 e 2015).

15.8 Disciplinas na modalidade EaD

Ateliê interdisciplinar de artes visuais
Ensino de arte e necessidades educacionais especiais
Pedagogias de fronteira
Cinema, arte e educação

Em 2013, a partir da experiência desenvolvida presencialmente com a disciplina de Núcleo Livre Oficina dos Fios, fui convidada a ministrar a disciplina **Ateliê interdisciplinar de artes visuais** para o curso de Artes Visuais/licenciatura, na modalidade EaD. O desafio que se apresentava ganhava um contorno extra, não apenas por se tratar de um ateliê envolvendo atividades práticas, mas também pela natureza da disciplina. Ela foi proposta em quatro etapas. Na primeira, foram feitas discussões a partir do e-book preparado para a disciplina (MARTINS, 2013b). Na segunda etapa, cada estudante identificou, em sua comunidade, artistas ou artesãs, artesãos, com quem pudesse aprender uma técnica envolvendo fios,

tecidos, costura. Foram feitos relatos dos processos e registros imagéticos das atividades desenvolvidas. Na terceira etapa, planejaram e executaram uma atividade com os estudantes da instituição escolar onde cada um, uma trabalhava como docente. Neste ponto é importante ressaltar que as turmas eram formadas por professoras e professores que já atuavam nas redes públicas de ensino em todo o Estado de Goiás. Foram compartilhados os relatos dos projetos e de sua execução, bem como também as fotografias dos trabalhos realizados. A quarta e última etapa foi realizada no encontro presencial, na sede da Faculdade de Artes Visuais, e envolveu a realização de uma instalação coletiva com fios, que ocupou a área interna de um salão de artes, estendendo-se para a área externa. Para esta instalação, a cada discente foi solicitado que trouxessem elementos têxteis para serem integrados à instalação, além do material de base fornecido pela própria coordenação do curso.

O desenvolvimento da disciplina gerou uma grande mobilização de todas as pessoas envolvidas, com repercussões em suas práticas pedagógicas.

Em 2014, ministrei, no mesmo curso, a disciplina **Ensino de arte e necessidades educacionais especiais**, cuja oferta coincidiu com a oferta da disciplina **Arte e educação especial**, no curso de modalidade presencial. A Faculdade havia, há pouco, mudado para um prédio novo que não contava com os itens previstos pela ABNT no tocante à acessibilidade. Além das questões relativas a estratégias de ensino de artes numa perspectiva de educação inclusiva, nos mobilizamos, eu e as turmas da modalidade EaD e presencial, no sentido de encaminhar à Ouvidoria da universidade reivindicações fundamentadas solicitando a construção de uma rampa de acesso ao térreo da faculdade. Essa mobilização, articulada a outros encaminhamentos institucionais, resultou na construção da rampa. Durante o encontro presencial realizado naquele semestre, os e as estudantes percorriam pela rampa com orgulho, porquanto tinham tomado parte dos processos de decisão para sua construção.

Quatro anos depois, já com outra turma em processo de formação, voltei a ministrar aulas para estudantes do curso EaD, com a professora Carla Luzia de Abreu. A disciplina **Pedagogias de fronteira** foi concebida nos mesmos termos que a

ministrada para o curso presencial, observadas as especificidades de cada modalidade. Além do e-book produzido especificamente para a disciplina (MARTINS & ABREU, 2018), trabalhamos com filmes, e outros materiais online, para motivar as discussões sobre os diversos tópicos previstos no plano de ensino.

Em 2019, assumi, junto a essas turmas, a disciplina **Cinema, arte e educação.** A oportunidade foi muito motivadora, por propiciar uma aproximação entre a disciplina e várias questões relativas aos meus projetos de pesquisa, em curso. Além disso, ela teve como base o estabelecimento de parcerias. Compartilhei a docência com o professor Marcelo Henrique da Costa, do curso de Cinema e Audiovisual, da Universidade Estadual de Goiás, UEG, que também coordena o CRIALAB, e a TV UEG. Em 2018 ele concluiu o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, que contou com minha orientação, e cujo projeto foi desenvolvido durante um semestre letivo numa escola estadual de ensino médio. O professor acabou por se aproximar das questões da educação, tendo desenvolvido, desde então, vários projetos voltados à formação de professores para o trabalho com cinema e audiovisual em seus projetos pedagógicos.

Para a oferta dessa disciplina, contamos também com a participação do professor Renato Cirino, que, sendo servidor técnico administrativo da FAV, em 2019 cursava o doutorado no mesmo PPG, também com minha orientação. Além de ter formação em Comunicação e em Artes Visuais/licenciatura, atua como realizador de cinema e audiovisual, e investiga as relações entre cinema e educação. Ele participou, na oferta da disciplina, na condição de estagiário docente, figura prevista no currículo do doutorado. Essa tem sido uma das estratégias de integração entre a pós-graduação e a graduação.

Assim, a disciplina foi concebia envolvendo a disponibilidade para experimentação, por parte das e dos estudantes, para a produção de pequenas narrativas audiovisuais, de escrita de roteiros, bem como a produção de brinquedos óticos, além das conversas sobre filmes e outras possibilidades de trabalho no contexto escolar. Cabe, aqui, destacar alguns: a atuação do professor Renato Cirino, que promoveu uma aproximação potente dos e das estudantes nos processos de escrita dos roteiros; a produção de material audiovisual pelo Centro Integrado de

Aprendizagem em Rede/CIAR, da UFG, e pelo CRIALAB, da UEG; além do e-book escrito a seis mãos (MARTINS; COSTA & CIRINO, 2019).

Uma grande parte dos e das estudantes envolveu-se com todo o processo, criando pequenos roteiros, e produzindo suas narrativas audiovisuais, além de sistematizar as reflexões a respeito. Contudo, a despeito de todos os recursos disponibilizados, um número expressivo de estudantes não concluiu a disciplina, vindo a repeti-la no semestre seguinte, em condição de nova oferta, em situação de acúmulo com outras disciplinas em primeira oferta. Este dado requer uma reflexão mais aprofundada sobre as condições de desenvolvimento de atividades práticas envolvendo aparatos tecnológicos para a produção de imagens em movimento, mesmo equipamentos simples, disponíveis ao uso quotidiano.

Docência na pós-graduação *stricto sensu*

Até o primeiro semestre de 2020, ministrei um total de dez disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, desde os primeiros anos, quando oferecia apenas mestrado, e depois de 2011, quando passou a oferecer também doutorado, com a nova denominação: Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Esse conjunto de disciplinas inclui eletivas e obrigatórias.

15.9 Disciplinas obrigatórias

Abordagens qualitativas de pesquisa
Metodologia de pesquisa em arte e cultura visual
Seminário avançado de pesquisa em arte e cultura visual
Teorias da arte e da cultura visual

Quando da criação do curso de Pós-Graduação em Cultura Visual, uma das disciplinas obrigatórias tratava de metodologias de pesquisa em abordagens qualitativas, intitulada **Abordagens qualitativas de pesquisa**. Com carga semestral de 60 horas, as discussões estavam circunscritas nos territórios das chamadas pesquisas qualitativas. Num primeiro ajuste curricular, a disciplina passou a se chamar **Metodologia de pesquisa em arte e cultura visual**, com

carga semestral de 64 horas. Embora, dada a natureza da área, sua ênfase passasse a recair mais sobre processos de construção de sentidos, e menos em dados estatísticos ou numéricos, a proposta veio a ser de não estabelecer antagonismos entre o que seja qualitativo e quantitativo, tendo em vista uma orientação epistemológica capaz de dialogar com as investigações em pauta, e as demandas da área.

Fui responsável pela oferta da disciplina em seis semestres, junto às turmas regulares do Programa, e em um semestre junto à turma do Mestrado Interinstitucional em convênio estabelecido com a Faculdade de Artes da Universidade Estadual de Montes Claros, em Minas Gerais, em 2012.

O trabalho com essa disciplina sempre me colocou em contato com todos os estudantes do Programa, propiciando uma percepção ampliada de suas dinâmicas, dificuldades e possibilidades. Ministra-la durante os períodos quando eu também respondia pela Coordenação do curso propiciou pensar as questões do Programa de modo mais estreito às percepções dos estudantes, e seus dilemas ante os processos de investigação.

Quando da ampliação do Programa para a oferta de doutorado, além do mestrado, as discussões sobre as metodologias de pesquisa também ganharam novos contornos e aprofundamentos. No entanto, em razão de se tratarem de turmas cada vez mais numerosas, muitas questões eram tratadas de modo mais superficial do que a expectativa de muitos discentes.

Nesse período, foi criada a disciplina **Seminário avançado de pesquisa em arte e cultura visual**, destinada especificamente para estudantes de doutorado. Ela teria a finalidade de propiciar o desejável aprofundamento em questões de ordem epistemológicas da investigação nas intersecções entre as artes e a cultura visual. Em duas ocasiões, em lugar de ministrar a disciplina de metodologia para mestrandos e doutorandos, ministrei essa disciplina em diálogo direto com os doutorandos. Nesses dois semestres, estabeleci parcerias com pesquisadores que estavam desenvolvendo projetos de pós-doutoramento sob minha supervisão.

A disciplina **Teorias da arte e da cultura visual**, também obrigatória, constitui o espaço de organização das bases teóricas e conceituais sobre as quais se organiza o campo, ou a arena de combate dessas intersecções entre arte e cultura visual.

Além de ministrar uma disciplina com essa abordagem no curso de graduação, em uma única ocasião, respondi por ela no Programa de Pós-Graduação.

15.10 Disciplinas eletivas

Seminário de educação e visualidades
Cultura visual e saberes escolares
Estudos orientados em arte, cultura e visualidades
Estudos dirigidos em arte, cultura e visualidades
Estudos orientados em arte e cultura visual: pensamentos e ações das imagens
Tópicos especiais: pesquisas em cultura visual, artes visuais e educação

O trabalho contínuo com disciplinas obrigatórias propicia um aprofundamento nas questões comuns a todo o Programa de Pós-Graduação, destarte, uma compreensão mais ampla do campo e de suas questões. Na contramão, subtrai do docente a possibilidade de estabelecer espaços de diálogo com grupos de discentes, aprofundando recortes mais específicos, basilares para seus projetos de investigação. Além disso, o caráter de obrigatoriedade para os estudantes regulares, nos termos normativos do Programa, não oferece vagas para a participação de alunos especiais na disciplina.

Como, recorrentemente, assumi a responsabilidade por disciplinas obrigatórias, sentia, na contrapartida, necessidade de assegurar também a oferta desse espaço de estudos junto a estudantes da linha de pesquisa à qual estou vinculada (linha C, Culturas da imagem e processos de mediação, que, em 2020 passou a ser denominada de Educação, arte e cultura visual), e mesmo aos meus orientandos (sempre tão numerosos).

Por isso, busquei alternar a oferta das disciplinas obrigatórias com eletivas, sempre que possível. A primeira delas, prevista no currículo original do curso, denominada **Seminário de educação e visualidades**, foi oferecida em 2006, e visava apontar para as interrelações do campo da educação com os estudos visuais. Essa abordagem ganhou força na oferta da segunda disciplina eletiva, ministrada por mim em dois semestres, **Cultura visual e saberes escolares**. A noção mais ampla de educação que marcava a disciplina anterior, neste caso, era substituída pelas

especificidades da educação escolar, os saberes ali articulados e suas relações com as visualidades.

Só depois da criação do doutorado pude articular uma proposta de disciplina eletiva cujo aporte se aproximava de modo mais efetivo do meu projeto de pesquisa, e de inquietações que poderiam ser compartilhadas com outros estudantes, além dos meus orientandos. A proposta encontrou abrigo na disciplina **Estudos orientados em arte, cultura e visualidades,** pensada, originalmente, para constituir um espaço colaborativo de estudos sobre a obra de Vilém Flusser, autor cuja leitura tem constituído as bases de muitas das minhas discussões. Desde sua primeira edição, a disciplina funciona como grupo de estudos, no qual os estudantes, no primeiro momento, escolhem o livro, ou os livros, que gostariam de estudar durante o semestre, sendo responsável por sua apresentação de discussão no grupo. Em 2019, a disciplina ganhou outra denominação, **Estudos dirigidos em arte, cultura e visualidades**, preservada sua abordagem.

A escolha de aprofundamento na obra de um autor, em lugar de vários autores para tratar de algumas temáticas, e a estratégia de escolha, pelos estudantes, das leituras a serem feitas, mostraram-se muito produtivas desde o primeiro momento, com excelente envolvimento dos grupos em todas as etapas dos trabalhos. Em um desses semestres, em 2013, a discussão sobre a obra de Vilém Flusser foi compartilhada com algumas obras de Walter Benjamin, dada a aproximação, em alguns aspectos, do pensamento de ambos, salvaguardadas as diferentes circunstâncias, e especificidades das temáticas abordadas, e dos modos de tratamento.

No segundo semestre de 2019, tomei parte de uma proposta de oferta de disciplina eletiva cujo desenho incorporou algumas inovações e desafios extras. A professora Lara Satler, docente da Faculdade de Ciência e Informação, e nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, e em Performances culturais, realizou seu doutoramento no nosso PPG, com minha orientação, em diálogo estreito com as minhas investigações. Posteriormente, desenvolveu projeto de pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, PACC, na UFRJ, de que também fui supervisora. A professora Ana Rita Vidica, também atuando na Faculdade de Ciência e Informação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, realizou

seu mestrado no nosso Programa, tendo cursado disciplinas comigo. Nesse ano, elas me propuseram a oferta de uma disciplina comum para nossos três Programas. Avaliando o melhor formato bem como os encaminhamentos institucionais viáveis, escolhemos oferecer uma disciplina específica para cada Programa, embora implicassem numa mesma programação a ser desenvolvida por nós três. Ao grupo de docentes, foi incorporada a professora Émile Cardoso Andrade, vinculada ao PPG em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, e que está desenvolvendo projeto de pós-doutoramento no nosso Programa, com minha supervisão. Além dessas parcerias todas, a disciplina também ganhou uma versão em Núcleo Livre, para acolher estudantes de graduação integrados a programas de iniciação à pesquisa. Vinculada ao nosso Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, ela ganhou a denominação de **Estudos orientados em arte e cultura visual: pensamentos e ações das imagens**. Aberta, também, a alunos especiais nos três programas, a turma formada resultou numa diversidade numerosa: contando com 46 estudantes, incluiu estudantes de mestrado e doutorado dos quatro programas, alguns estudantes especiais, e um grupo com cerca de seis estudantes de graduação. Embora cada aula fosse ministrada por uma das docentes, as quatro acompanharam todas as aulas, dialogando com o que estava sendo exposto, e afinando as discussões teóricas em pauta.

Ao final do semestre, foi realizado um colóquio no qual todos os estudantes apresentaram trabalhos individualmente, num painel amplo e diverso de abordagens possíveis a partir dos estudos sobre imagens, seus pensamentos e ações. A avaliação positiva da oferta motivou à reedição da disciplina em 2020, o que está em suspenso, em razão das atuais circunstâncias de saúde pública.

Essa experiência lançou as bases para a proposta de oferta de parte das disciplinas, pelo Programa, no primeiro semestre de 2020, durante a pandemia. Para tanto, foi criado o fórum intitulado **Pesquisa e produção de conhecimento em arte e cultura visual durante a pandemia**, para o qual convergiram as disciplinas cujos docentes escolheram tomar parte. Um fórum de debates comuns às 5 disciplinas oferecidas, dentre as quais, **Tópicos especiais: pesquisas em cultura visual, artes visuais e**

educação, cuja operacionalização compartilhei com a professora Émile Cardoso Andrade, em processo de pós-doutoramento.

O fórum que agrega as 5 disciplinas ocorre em encontros síncronos semanais, online, que funcionam como deflagradores de questões para serem aprofundadas na especificidade de cada disciplina, organizada em plataforma específica, com atividades síncronas e assíncronas, remotas.

15.11 Disciplina ministrada na UdelaR

Desde a primeira década do século XXI, o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual estabelece estreitos laços com o Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes IENBA, da Universidad de la República, UdelaR, em Montevidéu, Uruguai. Nesse sentido, ressaltam-se as interlocuções com os professores Fernando Miranda (atualmente diretor do IENBA), Gonzalo Vicci e, por intermédio de ambos, os trânsitos de tantos outros pesquisadores, docentes e discentes, em ações de mão dupla, sempre muito bem-vindas.

Dentre as quantas atividades desenvolvidas, em 2014, ministrei a disciplina **Taller de didáctica del diseño**, no Programa de Especialización y Maestría en Enseñanza Universitaria, da UdelaR. Sua abordagem teve por eixo orientador o trabalho pedagógico organizado a partir de projetos, no ensino superior. O curso, de Mestrado, que visava à qualificação de professores da universidade, possibilitava a seus estudantes que, caso não chegassem a defender a dissertação, pudessem obter o diploma do curso na categoria de Especialização.

Entreato 7

Devo fazer uma confissão: nunca consegui manter estudantes em fila. Isto sempre me pareceu decorrer de uma falta de habilidade, ou falta de autoridade docente.

Quando professora na Escola Parque, eu devia conduzir a última turma, ao final de cada turno, até o pátio próximo ao portão de saída. Ali, as crianças iam ao encontro de seus responsáveis, que as aguardavam. Todos os demais professores (sempre acreditei que fossem todos) organizavam suas turmas em fila, e caminhavam, disciplinadamente, ao longo de toda a extensão da escola. Iam em fila, e na fila aguardavam a sua vez de ir embora. Eu organizava as turmas, e começávamos a caminhar. Já nos primeiros metros se haviam formados pequenos grupos de conversações e risos, uns se apressavam, outros se atrasavam, outros ainda preferiam caminhar lado a lado. As crianças com 6 ou 7 anos brincavam, às vezes, de caminharem todas abraçadas. Formavam aquele corpo enorme de pequenas gentes, agarradas umas às outras, comigo ao meio. As algumas dezenas de pernas e pés se enroscavam entre si, pelo pátio afora, entre risos e eventuais queixumes desimportantes “Ai, você pisou no meu pé!”.

No ensino superior não tem sido diferente: as e os estudantes, recorrentemente, colocam em desalinho minhas aulas, subvertem planejamentos. Fizeram-me entender, afinal, que talvez essa pudesse funcionar como uma orientação metodológica. E assumo a organização das aulas incluindo suas expectativas, seus repertórios, com vistas a ampliá-los, e aos meus também. Assim, o desenvolvimento de cada disciplina está sempre aberto ao imprevisível, ao não sabido tanto para eles quanto para mim.

O mesmo acontece com as pesquisas que oriento. Em lugar de estabelecer previamente as atividades das e dos orientandos, partimos da pergunta que lhes faço: “o que você quer saber?”, vinculando as suas curiosidades e inquietações ao meu campo de investigação. E vamos aprendendo. No entanto, para aprender, também é necessário desaprender. E desaprendemos, juntos.

Cada um, cada uma, com suas questões, dificuldades, descobertas, sustos, vai construindo seu caminho. Os compartilhamentos coletivos desses processos

também não cabem em filas. Mas encontram abrigo em convescotes no meio da tarde, no gramado à frente da faculdade. Ou em abraços entusiasmados pelos corredores, ou em sessões de cinema no horário do almoço... Ou ainda em conversas online, por pequenas janelas abertas em écrans do computador e dos aparatos móveis...

Cada estudante, cada orientando, orientanda, assume parceria para a construção solidária de aprendizagens significativas, afetivas. Para o compartilhamento dos não saberes, das dúvidas. Sendo professora, aprendo mais do que ensino. Como pesquisadora, desaprendo o que acreditava saber.

Talvez eu não quisesse, nem queira, mesmo, manter pessoas em filas...

Entreato 8

Depoimentos

Caroline Lima

Fundamentos da Arte na Educação.
Artes Visuais/Licenciatura, 01/2019
Avaliação da disciplina e autoavaliação

Quando criança, minha professora exercia a infância junto comigo. E a gente bem que se dava. Pra mim, ela era tão menina quanto eu, só que mais sabida das coisas do mundo e eu de mundo estava sempre com fome.

Aprendi associando seus movimentos às suas palavras. Até porque, como eu poderia me esquecer que queijo é feito através da coagulação do leite se seu "i" escrito cabia perfeitamente entre as duas linhas paralelamente azuis do meu caderno? E se quando ela pronunciava "queijo", seu nariz franzia. Não poderia. Criança é mesmo bicho apegado.

Daí quando cresci e minha percepção cresceu junto, vi de perto e na pele, essa relação (aprendente e mediador) ficar um tanto torta, um tanto amarrada, um tanto mecânica e muito distante.

Dentro das minhas limitações, eu entendi um cadinho sobre o sistema e para além, aceitei o sistema. Terminei a escola assim, entrei na faculdade enfim, me enfiei aqui e nessa aula de quinta, surpreendentemente e sem querer, vi em mim aquela criança e, sentada na mesa, a essência daquela professora. Quis chorar e fiz isso.

A evolução não é mesmo linear. Hoje, adulta, já não tenho tanta fome de mundo e me peguei nesse período muito arteira. Sabotei alguns textos, nota 5 pra mim...

Agora me questiono sobre princípios, metodologias, fundamentos da arte aqui e acolá. De fato, não possuo nenhuma resposta, mas sei bem me questionar. Foi mesmo o que aprendi nesse semestre. Aliás, confesso, busquei mais no meu

passado do que nos livros e revisitei meus professores mais do que me idealizei sendo uma.

Foi a matéria mais difícil pra mim. As outras estavam pré-cozidas, aqui foi tudo muito cru. Nunca provei banquete como esse. Obrigada.

Alessandra Rosa

Estudos dirigidos em arte, cultura e visualidades: a obra de Vilém Flusser
PPG Arte e Cultura Visual, 01/2018
Avaliação da disciplina e autoavaliação

12 de julho às 17:38

(Para Alice Coelha, já em saudades e aguardando os futuros encontros na varanda.)

Meu bem, eu não entendi nada. ou Da teoria mal fundamentada de como Alice e o Coelho podem ser os mesmos

E foi assim que, sempre sendo uma menina que sonha como Alice, de vocação às aventuras e curiosidades com as coisas, um dia vi um coelho branco passar olhando as horas. De total caraminholas em circuitos, me veio que poderia ser normal um coelho de casaca e cartola correndo por aí, mas daí a olhar as horas, já é demais! Ele corria e dizia que era tarde. Então não tive outra alternativa a não ser segui-lo. Claro que, como sempre, de entrega aos meus desejos, como vontade de saber, me joguei no buraco atrás do coelho, que continuava a gritar: “É tarde, é tarde, é tarde!” De natural elegância, como bom personagem de contos, dito, de curvas e poderes, me seduziu. Me pegou, atraída por seus encantos alegrias, que se alternavam entre gargalhadas e sinuosos sorrisos que saíam de lado, no canto da boca. Como não poderia ser diferente, caí de cabeça para baixo, depois virei pra cima, depois para baixo de novo. Minha saia se abriu que nem um paraquedas. Me encontrei embriagada, meio que em “bodenlos”. Mas mesmo sem chão, ou direção, fiquei. Então estou, ao mesmo tempo aqui e ali, seguindo, explorando esse país em pontas e cabeças sucessivamente, acreditando na poesia, na arte, como

forma de se construir e reinventar a realidade. Sigo, em total dúvida, sem saber exatamente o que me trouxe a essa aventura ou se vou conseguir traçar esse mapa até o fim. Mas confio na vontade, no desejo de saber mais, e de, ao acaso, encontrar nos meus caminhos, outros coelhos, Alices, gatos, rainhas e chapeleiros malucos que usam dois óculos ao mesmo tempo. Espero que entrem nessa história, e cada um, ao seu modo, se encontre comigo por desvios e descaminhos que se entrelaçam em um país trançado e temperado por mistérios e surpresas. Não sem receio, vou explorando, aos tropeços esse lugar de aventuras, mas não sempre de maravilhas, pois que se faz cheio de becos sem saída, pontes quebradas, cascalhos e desertos.

Há 547 dias aqui, continuo a ouvir o coelho: “É tarde, é tarde…!” Nos últimos dias, vejo que meu flerte com o chapeleiro se transformou em romance. Claro, que, como boa paixão, essa história é cheia de abstrações, dúvidas, paradoxos e confusão. Mas não é justo esse, o tempero do jogo? Como em todo caso bem vivido, mergulhei de cabeça, adquiri brânquias, tentáculos, três corações, dois cérebros e fui até os abismos de um oceano, no qual não só as mãos, mas todo meu corpo tocam as coisas.

Sigo submersa, às vezes subo à superfície, pego ar e volto. Mesmo que às vezes com medo de engolir água, acredito que podemos reinventar a realidade, empreendendo gestos que sejam a expressão de uma liberdade e criar mundos, nos quais unicórnios, deuses, maçãs e polvos, podem ser verdes e usarem dois óculos ao mesmo tempo.

Sendo assim, meu bem, entender ou não entender nada é só um detalhe.

Muito a*gradicida* por tudo senhorita!

16. PILAR II: As searas da pesquisa

No livro *Outros fazedores de cinema* (MARTINS, 2019), faço um esforço para enfrentar o conjunto sempre movente das minhas crenças, lançando, sobre ele, alguns punhados de dúvidas. É inevitável a constatação de que, não importa a extensão de nosso esforço para a produção de conhecimento, nunca ultrapassaremos mais que uma infinitésima parte de tudo quanto não conhecemos. Ou seja, do que ignoramos. Ora, se a ignorância é uma condição da qual não se pode escapar, então por que envidar esforços para conhecer? Que argumentos podem ser usados para que se desenvolvam projetos de pesquisa?

A dúvida é o território no qual se constrói conhecimento. Contudo, é arriscado atribuir peso demasiado às dúvidas, a ponto de induzir a paralização do intelecto, já advertiu Flusser (1999). A dúvida instaurada em relação a uma crença, ou a um conjunto de crenças, oferece sempre a possibilidade de se configurar em novas crenças. As crenças e os conjuntos normativos são necessários, pois organizam os coletivos humanos em comunidades. No entanto, nem as crenças, nem os conjuntos normativos, devem ser tomados como fixos ou permanentes. É desejável que sejam revisados, reformulados, substituídos ao passo dos sentidos que possam ser atribuídos ao próprio viver.

Perguntas me movem. É preciso alguma coragem para indagar as próprias crenças, semeando dúvidas e perguntas. Assim sendo, o ofício da pesquisa requer uma disponibilidade para admitir a provisoriedade e as limitações daquilo que suponhamos saber, ou conhecer. Isso requer a abertura ao compartilhamento de aprendizagens. Contudo, deparo-me com a inevitabilidade de uma questão que insiste em não me deixar: por que escolho trabalhar na formação de professores e pesquisadores? O que me mantém nesse projeto, a despeito do cenário desafiador tanto a mim quanto aos meus interlocutores em formação, no contexto da educação, da arte e da cultura? Busco encontrar pessoas que partilhem comigo das mesmas crenças? Ou espero encontrar companhia na caminhada rumo ao horizonte inalcançável? Ou horizontes?... O que pretendo? Articular círculos de

relações formados por pessoas com quem possa compartilhar dúvidas? Quem sabe essa estratégia possa me salvar, ainda que provisoriamente, da solidão e das angústias? Mas tampouco posso me esquecer: a solidão e a angústia são também constituidoras da pessoa que sou e dos caminhos que percorro...

Enveredo pelos caminhos da docência e da pesquisa, em busca da utopia, embora ciente de que não há estação de chegada. Talvez o faça exatamente por saber que não haverá ponto final. Ora, se assim, qual a razão de iniciá-lo? O investimento de esforços para percorrê-lo apoia-se na possibilidade de caminhar com parceiros, garantindo boa prosa, debate e afetos.

Sim: de perguntas, dúvidas, inquietações e afetos têm sido tecidas as relações entre pesquisadores, educadores, artistas, gentes inquietas, em grupos e redes de pesquisa, em redes solidárias de perguntas. Do mesmo modo, os diálogos com discentes de graduação e pós-graduação, em formação para a pesquisa, constituem, antes de tudo, formas de reinventar o estar no mundo: iniciação científica, conclusão de curso de graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado...

Minhas primeiras incursões intensivas e sistematizadas na pesquisa aconteceram durante o mestrado e o doutorado. Seguem breves resumos da dissertação e tese, defendidas, respectivamente, em 1997 e 2004. Os projetos de pesquisa desenvolvidos a partir de 2004, na Universidade Federal de Goiás, estão organizados em três grupos:

1) **Os projetos cadastrados junto à universidade**, com acompanhamento pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, e pelo Comitê de Ética, a partir da Plataforma Brasil. Estes projetos são traçados a partir de uma temática e objetivos com uma abrangência maior, para acolher subprojetos em interconexão, dos quais tomam parte outros professores, discentes de graduação e pós-graduação, bem como servidores técnico-administrativos, além de parceiros de outras unidades acadêmicas e outras instituições de ensino superior. Um eixo comum de investigação contempla as demandas e especificidades advindas tanto do curso de Artes Visuais/Licenciatura, quanto do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, linha de pesquisa C.

2) **Os projetos apresentados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq**, à categoria de Bolsa de Produtividade em Pesquisa. Desde 2014 sou bolsista PQ2/CNPq. Esses projetos caracterizam-se por um recorte mais específico, com objetivos delimitados e cronograma exequível em 3 anos. Estes projetos, ou sua temática, têm sido incorporados aos projetos cadastrados na universidade. Estes projetos são incorporados aos projetos mais amplos, cadastrados pela UFG, na forma de subprojetos. Por essa razão, seus textos parecem repetidos.
3) **Os projetos desenvolvidos em estágios de pós-doutoramento**, que funcionam como planos de trabalho, recortes muito específicos da temática geral abordada pelo projeto cadastrado na universidade.

O desenvolvimento dos projetos de investigação conta com as interlocuções estabelecidas em comunidades de produção de conhecimento. Nesse sentido, os grupos e as redes de pesquisa cumprem papel vital, assegurando a pulsação das inquietações, renovando a capacidade de perguntar e de colocar em suspensão as crenças. Orientandos e orientandas, supervisionandos, parceiros pesquisadores, artistas, agentes de cultura, outros interlocutores tomam parte ativa na produção dessa polifonia, dessa diversidade de pontos de vista.

16.1 Pesquisa de mestrado

O desenho reproduzido e a formação de professores para início de escolarização.

Orientação: Profª. Drª. Iria Brzezinsky
Coorientação: Profª. Drª. Maria Felisminda de Rezende e Fusari
Programa de Pós-Graduação em Educação. UnB. Conclusão: 1997.

O desenho reproduzido nas séries iniciais do ensino fundamental constitui o núcleo da dissertação, cujo objetivo foi analisar os princípios que sustentam a orientação para o seu uso na formação do professor, contextualizando sua dimensão histórica e confrontando as concepções desse uso com a prática pedagógica observada em uma turma de primeira série. Trata-se de um estudo de tipo etnográfico, no qual foi possível mapear as influências históricas, no Brasil, da utilização da imagem impressa no ensino. Também foram registrados e analisados os modos como o desenho reproduzido e o processo de alfabetização se relacionam no contexto de sala de aula. Ficou evidenciada a necessidade de reflexão mais adensada sobre os processos de alfabetização, tendo-se em conta, no ato de ler e escrever, as dimensões sociais, culturais e estéticas das quais a criança faz parte.

16.2 Pesquisa de doutorado

Saudades do futuro: o cinema de ficção científica e o imaginário social sobre o devir

Orientação: Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira
Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UnB. Conclusão: 2004.

A metáfora *saudades do futuro* apresenta a questão central da tese: o cinema de ficção científica como expressão do imaginário social sobre o devir, formulado pelos habitantes das grandes metrópoles ocidentais contemporâneas. As preocupações relativas ao futuro, que acompanham a humanidade desde os seus primórdios,

ganharam visibilidade, no século XX, por meio da linguagem cinematográfica, nos filmes de ficção científica, como resultado dos entrecruzamentos entre desenvolvimento científico e tecnológico, espírito inventivo, ilusionismo e arte. As metáforas científico-ficcionais das narrativas fílmicas são vistas como testemunhos dos contextos sociais e históricos nos quais são produzidas, e sua análise parte dos elementos internos da narrativa, buscando estabelecer relações com os ambientes nos quais estão inscritas. O conceito de imaginário social aqui é entendido como a base na qual cada sociedade elabora a imagem de si mesma e do universo em que vive. A ideia de "passado", "presente" e "futuro" referencia a experiência da construção social humana na noção de tempo, e o futuro, ou, os futuros, projetam as inquietações que habitam o imaginário de homens e mulheres quanto às transformações do corpus social do qual fazem parte. As cidades são personagens centrais nos filmes de ficção científica, porquanto habitadas por massas humanas, devastadas por guerras, cenários de heróis, palcos de lutas e degradação do meio ambiente. A ameaça de instalação de sociedades totalitárias atravessou décadas, tomando a forma de questionamentos quanto às possibilidades de controle do comportamento social por meio da comunicação de massa, do desenvolvimento tecnológico, e do desenvolvimento da ciência biogenética. Sobre as cidades científico-ficcionais pairam sempre as ameaças trazidas pela presença do outro, seres alienígenas, de origem e natureza estranhos, estrangeiros, predadores, macacos quase humanos violentos e autoritários, máquinas inteligentes que suplantam a humanidade, viajantes no tempo. O discurso ideológico, que orienta as narrativas científico-ficcionais, apropria-se de elementos do universo do imaginário, para justificar seus projetos. No entanto, o imaginário social, situado além das manipulações ideológicas, preside a produção do "amálgama" das instituições sociais. Mais que isso, os mecanismos que dão expressão ao imaginário cumprem papel histórico na popularização de questões científicas e tecnológicas. Nas histórias de ficção científica prevalece o desejo primevo de voltar ao princípio, ao anel de *moebius* do tempo, ao elo mítico onde o passado remoto e o futuro longínquo se entrelaçam e se confundem para dar sentido à grande viagem da saga humana. Por isso: saudades do futuro...

Entreato 9

Quando concluí o doutorado, minha madrinha Castorina, que vive no campo, entre as lides pesadas da pecuária e agricultura, me parabenizou. Estava cheia de orgulho pelo feito da afilhada. Mas logo inquietou-se: *Bom, agora já chegou ao máximo, não tem mais o que estudar, não é?* Tentei explicar que ainda poderia fazer pós-doutorado; que era importante para quem atua com pesquisa; que a produção de conhecimento não conhece ponto final... mas eram todas explicações vãs, não cabiam ali.

Ainda ouço a voz da Ângela, brincando comigo, em nossas conversas de orientação, durante o mestrado: *Profa, o laguinho da ignorância não tem fundo!*

De fato, não tem! A nossa ignorância é que nos convence a acreditar na possibilidade de encontrarmos o *fundo do laguinho*... Aos poucos, nos damos conta disso, no mesmo passo em que aumenta a certeza dessa impossibilidade.

Essa conversa me leva de volta à minha madrinha e suas preocupações: *Essa gente que estuda muito pode ficar ruim da cabeça*...

Vá-se lá saber!

Mas as perguntas que me inquietam também me levaram ao encontro de pessoas com quem tenho aprendido muito; tenho aprendido histórias as mais diversas, cuja principal potência está em multiplicar os modos de percepção do mundo. E isso é o que tenho buscado...

16.3 Projetos de Pesquisa desenvolvidos a partir de 2004

Projetos de pesquisa cadastrados na UFG

Título: VISÕES DO FUTURO: PROJETANDO O DEVIR EM INTERPRETAÇÕES DE FILMES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Código do projeto: 1822

Data do cadastro: 2004. Condição: concluído

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual

Parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Governo de Goiás, Ciranda da Arte.

Resumo:

Considerando que as narrativas cientifico-ficcionais propõem questões sobre o futuro, e que os jovens enfrentam incertezas quanto a esse futuro, esta pesquisa propôs investigar como os jovens percebem, interpretam e se apropriam de metáforas sobre o devir projetadas por narrativas produzidas pela indústria cinematográfica no campo da ficção científica e as questões vividas pelos jovens no tocante a suas expectativas quanto ao futuro (pessoal e coletivo). Para isso, foi formado um grupo de estudantes do ensino médio matriculados em escolas da rede pública e da iniciativa privada, que, ao longo do ano letivo, assistiram filmes de ficção cientifica, participando de discussões sobre os mesmos. Durante a programação, foram motivados a manifestar suas percepções sobre os filmes, análises, interpretações, comparações, tomadas de posição pessoal. A delimitação conceitual da análise desse processo, referenciada na cultura visual e os processos de recepção e interpretação de imagens, buscou dialogar com questões sobre a formação do pensamento social e do imaginário social. Concomitantemente, foi formado um segundo grupo, que contou com professores do ensino médio. Assistiram aos mesmos filmes, exercitando, da mesma forma, a interpretação dos mesmos. Os professores foram estimulados a relacionar questões sugeridas pelos filmes com suas áreas de ensino. As atividades desenvolvidas junto aos dois

grupos foram certificadas como curso de extensão, pela UFG. Sua realização contou com a parceria da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, por meio do Ciranda da Arte.

Título: ARTES VISUAIS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO-FORMAL

Código do projeto: 010605

Data do cadastro: 2005. Condição: concluído

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual

Parcerias: Secretaria de Estado de Educação do Governo de Goiás, por meio do Ciranda da Arte; Secretaria de Educação do Município de Goiânia; Museu de Arte Contemporânea de Goiânia; Centro Cultural Cara Vídeo;

Resumo:

Cada vez mais, os ambientes de educação não-formal configuram espaços abertos a propostas que abrigam o ensino das artes visuais, em suas quantas manifestações, bem como que asseguram espaços de diálogos com o ensino de artes visuais promovido nos ambientes de educação formal, ampliando seus campos de ação e de aprendizagens. Tendo isso em conta, este projeto teve como proposta investigar o potencial educativo de alguns espaços de educação não-formal, no ensino de artes visuais, e buscar estabelecer diálogos efetivos entre esses espaços com escolas regulares das redes públicas de ensino de Goiânia. Assim, o projeto deflagrou, como ponto de partida, duas ações para investigação. Uma, voltada para uma instituição que veicula imagens tradicionais de artes visuais, a Galeria da FAV. A outra, voltada para uma instituição em que prevalecem imagens técnicas em movimento, a linguagem cinematográfica, no Centro Cultural Cara Vídeo. Junto à Galeria, foi feito um mapeamento do acervo, um estudo sobre os artistas goianos com obras no acervo. As obras foram digitalizadas, e apresentadas numa página na internet. O trabalho foi realizado em parceria com uma estudante da graduação, com bolsa de Iniciação Científica. Junto ao Centro Cultural Cara Vídeo, organizou-se um cineclube para crianças, envolvendo

estudantes de escolas públicas, e seus professores. A partir dessa ação, iniciou-se a discussão sobre o trabalho com cinema na educação formal.

Título: VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Código do projeto: 037712

Data do cadastro: 2012. Condição: concluído

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

Parcerias: Secretaria de Estado de Educação do Governo de Goiás; Secretaria de Educação do Município de Goiânia; Museu de Arte Contemporânea de Goiânia; Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema; Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ; Faculdade de Informação e Comunicação (UFG); PUC/Goiás; Universidade Estadual de Goiás/UEG; Universidade de Aveiro (Portugal); Universidad de la República (Uruguai); Red de Estudios Visuales Latino-Americana (REVLAT).

Financiamento: Edital Universal – FAPEG; Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq.

Resumo:

Neste projeto de pesquisa foram trazidas à pauta algumas questões relativas às imagens que são produzidas e circulam nos múltiplos cenários da cultura contemporânea. Sua ênfase esteve, sobretudo, nos circuitos mais populares, entre práticas artesanais em interação com imagens técnicas, nos fluxos de imagens entre os diversos públicos, nos ambientes escolares, salas de projeção, mídias em geral, e nos processos educativos, em ambientes diversos, que atuam na formação dos sujeitos contemporâneos para interagir e se apropriar das dinâmicas dessas visualidades, ou refutá-las.

Para tanto, o projeto envolveu três subprojetos, articulados entre si, integrados a redes de discussão e investigação: *1) Visualidades contemporâneas em contextos de educação formal e não-formal, 2) Outros fazedores de cinema, 3) Oficina dos fios: práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas.*

Subprojeto 1: **Visualidades contemporâneas em contextos de educação formal e não-formal**. Entre os anos 2005 e 2012, desenvolvi o projeto de pesquisa intitulado *Artes Visuais em contextos de educação formal e não-formal*. Nesse período, tive a oportunidade de visitar várias escolas de rede pública e da iniciativa privada, conversar com professores, estudantes, membros da comunidade, orientar estudantes de graduação e pós-graduação em projetos de conclusão de curso, iniciação científica, e mestrado; foi possível, também, manter contatos sistemáticos com iniciativas do circuito artístico-cultural, tais como centros culturais, museus, associações, onde são desenvolvidas atividades de formação junto à comunidade; finalmente, algumas incursões foram realizadas em ambientes da rede mundial de computadores, no tocante aos seus potenciais tanto para a educação formal, quanto para ações de educação não-formal, e na formação e suporte a educadores. Os trabalhos desenvolvidos a partir desse projeto levaram a uma ampliação de alguns conceitos, e à problematização de outros. Nesta etapa, os ambientes dos campos de investigação foram mantidos, com ajustes nos focos de observação, bem como nas bases referenciais de análise, tendo em vista a atualização da discussão. Tal atualização incluiu questões sobre as relações entre tecnologias da imagem, arte contemporânea, sujeitos e processos de educação, visualidades.

Subprojeto 2. Outros fazedores de cinema. Em 2009 e 2010, desenvolvi o projeto de pesquisa intitulado *Catadores de sucata da indústria cultural*, no Programa de Pós-Doutorado em Estudos Culturais, do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ. O recorte proposto envolvia o estudo da produção filmográfica de três cineastas que atuavam fora das redes comerciais e também dos circuitos dos festivais e mostras, oficiais ou alternativos. Um exibidor de filmes, na periferia de São Paulo, fechou o grupo pesquisado, e também motivou o título da pesquisa, por se tratar de um catador de sucata que, no exercício de seu trabalho, realizou o sonho de construir uma sala de cinema, e projetar filmes para a comunidade pobre de sua região, sem acesso às salas de cinema comerciais. A partir desse primeiro momento, o universo da pesquisa foi estendido para fazedores de cinema com perfil semelhante, localizados no Estado de Goiás. Em 2011,

mapeei a produção de Martins Muniz, radicado em Goiânia, e de Hugo Caiapônia, de Caiapônia. Nesse mesmo ano, pude acompanhar a produção de filmes, fazendo os registros dos trabalhos no set de filmagem, bem como observar alguns aspectos das relações com o público, tendo participado na organização de três mostras: Mostra de Cinema Martins Muniz (Cine Ouro/Goiânia/GO), Mostra de Cinema Hugo Caiapônia (Cine Ouro/Goiânia/GO), Mostra Outros Fazedores de Cinema (Cine UFG/Goiânia/GO). Nessas três ocasiões, o público foi convidado a se manifestar a respeito dos filmes, por meio de questionários e de entrevistas. Nesses termos, o subprojeto de pesquisa *Outros fazedores de cinema* teve como foco o trabalho de realizadores de cinema que atuavam com autonomia em relação aos circuitos comerciais, à crítica especializada, e aos festivais. Para tanto, faziam uso de baixos orçamentos, estabelecendo relações de diálogo com segmentos muito específicos de público.

Subprojeto 3: Práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas. Nas escolas, nos centros culturais e de arte, são desenvolvidas atividades quase sempre categorizadas, no contexto da arte e da cultura, como de valor imanente, de caráter universal e atemporal. Ou seja, tais categorias têm validade em todas as comunidades humanas, em todos os tempos. Por cultura, entende-se não só os conjuntos de práticas sociais, os elementos constituidores dos imaginários coletivos, os referenciais materiais e imateriais de organização dos grupos humanos em dados contextos sócio-históricos e geográficos, mas também dentro dessas comunidades, as diferentes redes de pertencimento que se constituem, muitas sobrepostas, quantas contínuas, outras tantas conflitantes entre si. Uma dessas categorias da cultura, pretendida universal, sem sê-lo, é a noção de arte, corrente entre artistas, educadores, profissionais vários ligados ao sistema e ao mercado da arte, e o público em geral. Embora não haja consenso quanto à sua definição, prevalece um sentido difuso de que a certas produções em determinadas circunstâncias, legitimadas por certos procedimentos e rituais, veiculadas em certos lugares ou meios, sobretudo quando realizadas e assinadas por certas pessoas, pode ser atribuída a alcunha de arte. No entanto, essa compreensão, originada na Europa do Renascimento, expandiu-se com os processos de colonização. Desse

modo, essa concepção exerceu influências fundantes em contextos socioculturais cada vez mais numerosos, o que não significa, contudo, que tenha ganhado, de fato e de direito, dimensão absoluta, ou universal. Constituindo outros campos expressivos, encontram-se práticas identificadas como pertencentes às culturas populares, às quais se atribui valor menor, do ponto de vista estético. Além das manifestações populares, outras produções aumentaram as listas dos itens que integram essa que se passou a considerar baixa cultura, em oposição à alta cultura, seus requintes e pretendida erudição. Entre elas, a fotografia, o cinema, e outras categorias ligadas à indústria cultural. No entanto, nas últimas décadas, muitos artistas contemporâneos têm incorporado aos seus recursos expressivos advindos dessas práticas, dentre os quais, referenciais da tecelagem, colagens de rendas, roupas de família, crochê, tricô, macramê, bordado. Tendo essas questões como base, este subprojeto foi proposto, abrindo-se para a pesquisa poética e suas relações potenciais com educação. Apoiou-se, para tanto, em algumas frentes de ação: a) uma disciplina prática, na qual estudantes desenvolvem projetos baseados em relações entre práticas artesanais e arte contemporânea; b) um projeto de extensão, do qual tomam parte estudantes da disciplina, educadores, artistas e demais interessados da comunidade, e que envolve uma ação artística de projeto coletivo, articulando práticas artesanais e arte contemporânea; c) a articulação de um grupo de ações e intervenções artísticas.

Título: EDUCAÇÃO, FRONTEIRAS, ARTE E SEUS TRANSBORDAMENTOS

Código do projeto: PI04277-2019

Data do cadastro: 2019. Condição: em andamento

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

Parcerias: Secretaria de Estado de Educação do Governo de Goiás; Secretaria de Educação do Município de Goiânia; Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema; Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ; Faculdade de Informação e Comunicação (UFG); PUC/Goiás; Universidade Estadual de Goiás/UEG; Universidad de la República (Uruguai); Red de Estudios Visuales Latino-Americana (REVLAT); Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte

e Humanidades REdArtH; AUGM; Curso de Cinema e Audiovisual UEG; CACE/UNIRIO; UFRGS; UFSM; ISBA PY; Universidade de Aveiro PT;

Financiamento: Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq.

Resumo:

Neste projeto de pesquisa, em andamento, são discutidas algumas questões relativas às imagens que são produzidas, e circulam nos múltiplos cenários da cultura contemporânea. Sua ênfase está, sobretudo, nos circuitos mais populares, entre práticas artesanais e articulações com imagens técnicas, nos fluxos de imagens entre os diversos públicos, nos ambientes escolares, salas de projeção, mídias em geral, e nos processos educativos, em ambientes diversos, que atuam na formação dos sujeitos contemporâneos para interagir e se apropriar das dinâmicas dessas visualidades ou refutá-las. Para tanto, o projeto envolve quatro subprojetos, intercomplementares, abertos às conversas em redes de pesquisa. São eles:

Subprojeto 1: Caiu na rede... é peixe? é filme? é arte? mídias, narrativas, aprendizagens. No contexto da cultura digital, multiplicam-se as experimentações no campo do cinema, bem como a potencialidade de acesso do público em geral às narrativas audiovisuais. Além disso, os diálogos entre filmes e projetos artísticos têm aberto espaços de relação, sobretudo por meio das mídias interativas, que permitem aos usuários assumir simultaneamente o papel de realizadores e consumidores dessas narrativas. Este subprojeto de pesquisa tem como objetivo estudar alguns aspectos da passagem do suporte analógico para o digital na produção de narrativas fílmicas e audiovisuais. A esse, reúne-se o objetivo de verificar como os ambientes e tecnologias digitais da imagem têm reverberado em projetos de arte contemporânea, e nos processos de ensinar e aprender, dentro e fora das instituições de educação formal. O campo de investigação é formado por pesquisadores, grupos de pesquisa, artistas e grupos de arte articulados em rede, por meio de plataformas digitais de compartilhamento, com vistas a problematizar algumas relações entre cinema, arte e cultura digital, em diálogo com os processos de ensinar e aprender. Do ponto de vista metodológico, sua orientação se apoia em

princípios da fenomenologia, e envolve ações organizadas nos seguintes eixos: a) acompanhamento e análise de filmes e vídeos-arte realizados, originalmente, para serem veiculados em plataformas digitais online; c) organização de um site para compartilhamento de vídeos experimentais no exercício de encontro entre princípios de cinema e da arte contemporânea; d) discussão sobre as relações de projetos educativos com as questões apontadas na pesquisa. O desenvolvimento do projeto envolve a interlocução com um grupo de pesquisadores de caráter interinstitucional, articulados em rede de pesquisa, a Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades/REdArtH, e envolve, além de orientações acadêmicas, organização e participação em eventos.

Subprojeto 2: Cineastas latino-americanas: realização, formação, narrativas. Nos últimos anos, tem-se observado a ampliação e a diversidade na produção cinematográfica latino-americana. Não raro, tratam-se de trabalhos capazes de conquistar públicos internacionais. Do mesmo modo, é notória a mobilização de mulheres que passam a integrar equipes de produção, assumindo funções técnicas diversas. Muitas diretoras começam a despontar, apesar de em percentual ainda reduzido, e com uma concentração maior em filmes documentários. Tendo em conta esse cenário, a proposta, neste subprojeto de pesquisa, é fazer um levantamento e analisar a produção fílmica de um conjunto de cineastas latino americanas cujos trabalhos estejam voltados para narrativas ficcionais realizadas no século XXI. Pretende-se, assim, montar um painel a partir dos seguintes vetores: a) aspectos formais e narrativos de filmes realizados pelas diretoras pautadas; b) contextos e condições de produção e veiculação dos trabalhos realizados; c) formação das diretoras e percurso de atuação no campo do cinema. O projeto de pesquisa partirá de um estudo exploratório, para o levantamento de informações sobre as diretoras, bem como o estabelecimento dos contatos prévios. A partir da delimitação do grupo de pessoas colaboradoras, as etapas seguintes envolvem entrevistas, análise de filmes, análise documental, análise de periódicos e noticiários, além de bibliografia referencial. As análises e estudos estão orientadas pelas noções de ficção no cinema, cinema latino americano, formação, narrativa, veiculação, mulheres cineastas. O projeto situa-se, teórica e conceitualmente, no

contexto dos estudos de cinema, dos estudos culturais, da cultura visual e audiovisual, do cinema e experiência estética. Seu desenvolvimento conta com o suporte de duas redes de pesquisa e articulação entre instituições: 1) a REdArtH, Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades, com sede na UFG, contando com pesquisadores no Brasil, México, Uruguai, Paraguai, além de outros países no contexto europeu; 2) a AUGM Asociación de Universidades Grupo Montevideo, que articula uma rede de universidades em países latino americanos, da qual a Universidade Federal de Goiás faz parte, tendo sediado, em junho de 2019, a reunião anual da Comisión Permanente de Producción Artística y Cultural. Como resultado da pesquisa, além de publicações de trabalhos científicos em eventos, periódicos, livros, e além de orientações acadêmicas com temáticas a ele relacionadas, pretende-se, também, organizar uma mostra itinerante de filmes ficcionais dirigidos por mulheres latino-americanas, e um seminário internacional sobre a temática, do qual possam participar as universidades envolvidas com o projeto, e demais interessados.

Subprojeto 3: Artes, artesanias e experiências poéticas contemporâneas entre fronteiras: lugares de encontrar, aprender, experimentar, produzir. Os conceitos de arte e de estética estão atrelados a uma tradição específica da cultura europeia, tomando parte de sua narrativa cosmogônica. Enquanto tal, integraram as estratégias de colonização e de dominação tanto cultural quanto política e econômica nos processos de expansão vividos a partir do início das grandes navegações, marcadamente a partir do século XVI, da Europa renascentista. As discussões relativas às dinâmicas de colonização e suas consequências tanto nas economias quanto no âmbito dos imaginários ganharam fôlego nas últimas décadas do século XX, ampliando-se mais recentemente. Este subprojeto insere-se nesse contexto, tendo a América Latina como recorte principal. Por meio dele, propõe-se discutir e analisar práticas culturais sensíveis, voltadas para experiências simbólicas partilhadas, às quais é possível atribuir ou não atribuir a categorização arte. O esforço, então, está em compreender tais práticas de modo insubmisso ou desobediente aos protocolos do sistema da arte. Destarte, as discussões conceituais relativas às epistemologias e pedagogias de fronteira, bem como às

práticas culturais e experiências poéticas nessa direção transitam entre espaços compartilhados em comunidade, lugares de construção de aprendizagens, de encontros, de criação, bem como os mecanismos e estratégias de veiculação de informações e produções. Assim sendo, as atividades deflagradas por este subprojeto de pesquisa envolvem ações em coletivos, em contextos escolares e outras instituições culturais, bem como a discussão teórica e conceitual em torno à categoria poética da solidariedade e seus desdobramentos. Este projeto desdobra-se, também, em projetos de extensão, projetos de ensino, além de alcançar os conteúdos e debates desenvolvidos em disciplinas que integram os cursos de Licenciatura em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na UFG.

Subprojeto 4: Games: narrativas, métodos e aprendizagens. Este subprojeto considera os seguintes pontos de partida: a) os jogos são práticas sociais e culturais envolvendo várias dimensões, desde os processos de socialização, passando pela construção de aprendizagens, até a possibilidade de problematização dos processos de negociação, tomadas de decisão coletivas e mediações de conflitos; b) no atual contexto intensificam-se os trânsitos e intercâmbios culturais mediados por jogos analógicos e digitais, que se fazem cada vez mais presentes em nossa sociedade com a popularização da cultura gamer e dos processos de gamificação. Isso posto, pretende-se discutir aspectos relativos aos jogos, dentre os quais, estratégias de articulação de jogos e jogadores, em diversas modalidades, a partir das metodologias possíveis, das narrativas que produzem, das aprendizagens construídas, entre outros. Ou seja, o jogo será estudado dentro de um espectro que envolve: a) o jogo como uma ferramenta metodológica que contribui com uma pesquisa sobre outro objeto, b) o jogo como mediador de conhecimentos, c) o jogo como campo de pesquisa, incluindo seus sujeitos, protagonistas, os fazedores de jogos. Numa perspectiva transdisciplinar, interessam temais tais como pedagogias culturais, questões de gênero, da cultura e das visualidades.

Projetos com Bolsa de Produtividade em Pesquisa/CNPq

Triênio 2014/2016

Título: OUTROS FAZEDORES DE CINEMA

Resumo:

As questões em pauta neste projeto buscaram discutir a respeito dos modos de atuação de realizadores de filmes cujos percursos encontram-se fora dos circuitos dominantes de produção e reflexão sobre cinema, bem como cujas produções são portadoras de uma natureza que problematiza, de modo mais ou menos explícito, mais ou menos intencional, os cânones da linguagem cinematográfica (quando estes não se lhes escapam). O território de investigação demarcado ficou circunscrito ao Estado de Goiás. Um levantamento prévio apontou o perfil do trabalho desenvolvido por três agentes culturais, que passaram a integrar o corpus da pesquisa. São eles: Martins Muniz, mentor do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, que atua na capital do Estado, Goiânia; Hugo Caiapônia, criador da personagem Imbilino, de Caiapônia, que, além de sua cidade, atua num circuito extenso de pequenos municípios do interior do Estado; e seu Osorinho, agente cultural na cidade de Serranópolis. Cada um desses colaboradores produz material audiovisual regularmente desde o final do século XX. No entanto, não chegaram a integrar os circuitos comerciais de projeção, tampouco as programações regulares de festivais e mostras de cinema e audiovisual voltadas para produções denominadas não comerciais. Além disso, os três, em suas estratégias de trabalho, demonstram razoável independência quanto às políticas públicas de financiamentos governamentais. Eventualmente, podem recorrer a alguma forma de apoio, mas esses realizadores não condicionam suas produções aos patrocínios disputados em editais públicos. Soma-se a essas características uma inserção significativa em suas comunidades, bem como o fato de a construção do conhecimento necessário a tais realizações resultar de processos predominantemente empíricos, calcados nas relações entre erros e acertos.

Triênio 2017/2019

Título: CAIU NA REDE... É PEIXE, FILME, ARTE? (APONTAMENTOS SOBRE ARTE, CINEMA E CULTURA DIGITAL)

Resumo:

Nas duas primeiras décadas do século XXI, multiplicaram-se as experimentações no campo do cinema, bem como a potencialidade de acesso do público em geral às narrativas audiovisuais. Além disso, os diálogos entre filmes e projetos artísticos abriram espaços de relação, sobretudo por meio das mídias interativas, que permitem aos usuários assumir simultaneamente o papel de realizadores e consumidores dessas narrativas. *O projeto Caiu na rede... é peixe, filme, arte? (apontamentos sobre arte, cinema e cultura digital)* teve como objetivo analisar alguns aspectos da passagem do suporte analógico para o digital na produção de narrativas fílmicas e audiovisuais. O marco inicial para a discussão esteve em alguns trabalhos fílmicos que integraram o projeto de pesquisa *Outros fazedores de cinema*. A partir desse recorte inicial, o campo foi estendido para o ambiente digital, com vistas a problematizar algumas relações entre cinema, arte e cultura digital. Do ponto de vista metodológico, sua orientação apoiou-se em princípios da fenomenologia, e envolveu ações organizadas em quatro eixos: a) análise de filmes que, tendo sido produzidos originalmente em suporte analógico (película ou VHS), com vistas à projeção em salas diversas, migraram para serem veiculados na rede mundial de computadores; b) análise de filmes e vídeos-arte realizados, originalmente, para serem veiculados em plataformas digitais online; c) organização de um site para compartilhamento de vídeos experimentais no exercício de encontro entre princípios de cinema e da arte contemporânea; d) discussão sobre as relações de projetos educativos com as questões apontadas na pesquisa. O desenvolvimento do projeto foi viabilizado a partir da interlocução com um grupo de pesquisadores de caráter interinstitucional. Dele, resultou orientações acadêmicas, participação em eventos nacionais e internacionais para divulgação da pesquisa, a realização de eventos internacionais, a criação de uma rede de pesquisa, e diversas publicações acadêmicas.

Triênio 2020/2022 (em andamento)

Título: CINEASTAS LATINO-AMERICANAS: FICÇÕES CARTOGRAFADAS

Resumo:

Nos últimos anos, tem-se observado a ampliação e a diversidade na produção cinematográfica latino-americana. Não raro, tratam-se de trabalhos capazes de conquistar públicos internacionais. Do mesmo modo, é notória a mobilização de mulheres que passam a integrar equipes de produção, assumindo funções técnicas diversas. Muitas diretoras começam a despontar, apesar de em percentual ainda reduzido, e com uma concentração maior em filmes documentários. Tendo em conta esse cenário, a proposta, neste projeto de pesquisa, é fazer um levantamento e analisar a produção fílmica de um conjunto de cineastas latino americanas cujos trabalhos estejam voltados para narrativas ficcionais realizadas no século XXI. Pretende-se, assim, montar um painel a partir dos seguintes vetores: a) aspectos formais e narrativos de filmes realizados pelas diretoras pautadas; b) contextos e condições de produção e veiculação dos trabalhos realizados; c) formação das diretoras e percurso de atuação no campo do cinema. O projeto de pesquisa partirá de um estudo exploratório, para o levantamento de informações sobre as diretoras, bem como o estabelecimento dos contatos prévios. A partir da delimitação do grupo de pessoas que integrará a pesquisa, se passará às etapas seguintes, que envolverão entrevistas, análise de filmes, análise documental, análise de periódicos e noticiários, além de bibliografia referencial. As análises e estudos se orientarão pelas noções de ficção no cinema, cinema latino americano, formação, narrativa, veiculação, mulheres cineastas. O projeto situa-se, teórica e conceitualmente, no contexto dos estudos de cinema, dos estudos culturais, da cultura visual e audiovisual, do cinema e experiência estética. Seu desenvolvimento contará com o suporte de duas redes de pesquisa e articulação entre instituições: 1) a REdArtH, Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades, com sede na UFG, contando com pesquisadores no Brasil, México, Uruguai, Paraguai, além de outros países no contexto europeu; 2) a AUGM Asociación de Universidades Grupo Montevideo, que articula uma rede de universidades em países latino americanos, da qual a Universidade Federal de Goiás faz parte, tendo sediado, em junho de

2019, a reunião anual da Comisión Permanente de Producción Artística y Cultural. Como resultado da pesquisa, além de publicações de trabalhos científicos em eventos, periódicos, livros, e além de orientações acadêmicas com temáticas a ele relacionadas, pretende-se, também, organizar uma mostra itinerante de filmes ficcionais dirigidos por mulheres latino-americanas, e um seminário internacional sobre a temática, do qual possam participar as universidades envolvidas com o projeto, e demais interessados.

Projetos de pesquisa desenvolvidos em estágios de pós-doutoramento

Título: CATADORES DE SUCATA DA INDÚSTRIA CULTURAL

Período: 2009/2010

Instituição: Pós-Doutorado em Estudos Culturais, Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ)

Supervisão: Prof. Dr. Denilson Lopes

Financiamento: Licença de 12 meses para pós-doutorado UFG; Bolsa de pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro FAPERJ.

O projeto de pesquisa foi desenvolvido no campo dos estudos culturais, no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ) em 2009. Teve por objetivo organizar algumas reflexões sobre a produção em excesso da indústria cultural no campo do simbólico, à maneira do que ocorre nas outras indústrias mais pesadas, que produzem mercadorias tangíveis, objetos, coisas. O foco da discussão proposta circunscreveu-se ao cinema, em especial ao exercício empreendido na realização de narrativas audiovisuais e na relação ativa com a diversidade de produções cinematográficas por pessoas que se localizam fora dos circuitos do mercado propriamente dito, em comunidades que não contam com, ou têm acesso restrito aos chamados aparelhos culturais: cinemas, bibliotecas, galerias, museus. Nesse aspecto, se a segunda parte do título do projeto evocava o campo mais amplo da indústria cultural, vale ressaltar que o cinema foi o elemento referencial em pauta. O trabalho de campo envolveu a interlocução com a produção

fílmica de pessoas tais como Afonso Brazza (DF), Manoel Loreno, o Seu Manoelzinho, (ES), Seu Simião Martiniano (PE) e Sr. José Zagati (SP), responsável pelo Mini Cine Tupi, em Taboão da Serra. A partir desse percurso, foram propostas algumas reflexões sobre as tensões da cultura contemporânea, seus cenários, personagens, excessos e algumas implicações nas noções de identidade(s) e pertencimentos, no panorama do complexo mercado das narrativas audiovisuais, entre as quais, as narrativas cinematográficas.

Concluído o pós-doutoramento, fui integrada ao grupo de pesquisadores do PACC, tomando parte das pesquisas, discussões e produções diversas, bem como assumindo supervisão de projetos de pós-doutorado. Desde então, o PACC passou a configurar uma instância de parceria inestimável nas pesquisas e interlocuções diversas. Ressalto, ainda, a alegria de, no PACC, desde meados dos anos 1990, ter reencontrado a professora Heloísa Buarque de Hollanda, sua mentora e, à época, coordenadora.

Título: O CINEMA DE MARIA

Período: 2017

Instituição: Departamento de Comunicação e Arte DeCA, Universidade de Aveiro.

Supervisão: Prof. Dr. António Valente

Financiamento: Licença de 12 meses para pós-doutorado UFG; Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq.

A presença feminina com diretoras e filmes permanece muito baixa, cumpridas duas décadas do século XX. Muitas publicações e pesquisas têm sido desenvolvidas, analisando essa questão, e tendo em conta as dinâmicas de funcionamento dos grandes estúdios, o que resulta na quase ausência de mulheres em posições de peso em suas produções. Contudo, em produções de baixos custos, como as investigadas nos projetos *Catadores de sucata da indústria cultural*, e *Outros fazedores de cinema*, também são muito poucas as mulheres liderando esse tipo de trabalho com filmes. Mesmo no caso dos filmes domésticos, familiares, a maioria são feitos por homens. Neste cenário, Dona Maria José Silva é uma exceção à regra: mãe de família, proprietária de uma queijaria no Porto, em

Portugal, tornou-se uma realizadora de cinema com espaço na mídia, reconhecida por artistas de cinema, cultuada. O projeto de pesquisa em questão propôs identificar aspectos de sua formação e atuação, bem como analisar seus filmes. A análise teve como objetivo compreender os modos como ela produziu seus filmes, as estratégias adotadas, bem como as relações que estabeleceu com sua comunidade para a viabilização de seus projetos.

Dona Maria José, o professor António Valente, e tantas pessoas queridas, os quantos realizadores, os festivais e demais atividades no cinema, na arte e outros fazeres, em Portugal, me foram apresentados pelo professor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro, a quem serei sempre grata.

Entreato 10

Com a expansão das atividades de pesquisa, com a participação em grupos e redes de investigação, bem como em eventos de abrangência nacional e internacional, a rotina das viagens se intensificou, ao longo do tempo. Durante o período de pós-doutorado de 2017, os deslocamentos chegaram ao ponto de eu não permanecer mais que duas semanas em um mesmo lugar. A experiência, intensa, envolve também alguma exaustão, e algumas inquietações. Afinal, o que buscamos, entre embarques e desembarques, bagagens sempre prontas, estadias provisórias, esse "estar de passagem"?

Em 2017, durante o curso de verão Fora de Campo, que integra a programação do então Festival Filmes do Homem[3], em Melgaço, Portugal, editei o vídeo que intitulei "Por que viajo?". A narrativa, construída a partir de fotografias pessoais de viagens, teve, como fio condutor, o poema:

Por que viajo?
É o que me pergunto

Minha casa de infância estava voltada para o leste
Onde passava uma estrada de terra
Depois da estrada, havia um cata-vento
Que puxava água para o gado beber
E depois, muito depois, o sol se punha
Lá, onde era o Paraguai.

Uns poucos caminhões e ônibus,
Muito menos carros, seguiam pela estrada.
Uns iam, rumo ao sul, outros rumo ao norte
Ao passar, levantavam poeira.

E eu ficava pensando
Como seriam os lugares de onde vinham?
O que iriam fazer nos lugares para onde seguiam?
Que paisagens o sol iluminava depois de se pôr?

[3] A partir de 2019, o Festival passou a se chamar Melgaço International Documentary Film Festival, o Festival Internacional de Documentário de Melgaço MDOC, realizado pela AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual.

Chegou então o tempo quando eu mesma segui pela estrada
Até a cidadela mais próxima
E dali para outra mais distante e maior
E de lá, para outra, e outras mais.

Sigo a encontrar pessoas que vão e vêm
De onde? Não sei
Para onde? Tampouco saberei...
Se calhar, sigo, porque já não é possível retornar à casa de infância.

Melgaço, Portugal, 2017.

Das janelas de ônibus, trens e aviões, olho paisagens. Talvez ainda busque, nalguma miragem, o vulto da menina que indagava a estrada, perguntando-se sobre o que a aguardava, no futuro.

Vista aérea do Rio D'Ouro. Porto e Gaia, Portugal. Foto: Alice Fátima Martins. 2017.

16.4 Grupos e Redes de Pesquisa

Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura Visual – UFG (cadastrado no DGP/CNPq)

Categoria de participação: pesquisadora
Ingresso: 2004
Saída: 2018

Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Cultura – UFSM (cadastrado no DGP/CNPq)

Categoria de participação: pesquisadora
Ingresso: 2005
Saída: 2018

Grupo de Pesquisa do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – UFRJ (cadastrado no DGP/CNPq)

Categoria de participação: pesquisadora
Ingresso: 2009

Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" no DF, HISTEDBR/DF; HISTEDBR/UnB (cadastrado no DGP/CNPq)

Categoria de participação: pesquisadora
Ingresso: 2016

REdArtH Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades – UFG (cadastrado no DGP/CNPq)

Criação do Grupo: 2017.
Categoria de participação: líder, pesquisadora

ReVLaT Red de Estudios Visuales Latino Americana (ainda sem cadastro no DGP/CNPq)

Criação da Rede: 2012.
Categoria de participação: pesquisadora, membro de comissão consultiva.
Ingresso: 2015
Saída: 2020

Gostaria de ressaltar, aqui, a importância da participação nesses grupos e redes de investigação, cujos vínculos interpessoais permanecem, a despeito da continuidade ou não da vinculação institucional. É o caso, por exemplo, da relação com o Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Cultura. Coordenado pela professora Marilda Oliveira e Oliveira, pela UFSM, propiciou encontros especiais e profícuos, para o desenvolvimento de diversos trabalhos na articulação entre arte, educação e cultura. A ela agradeço, sobretudo, pela parceria no decurso do tempo.

16.5 Participação de entidades artísticas e centros de pesquisa

AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual
Associação de Investigadores da Imagem em Movimento AIM
Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas ANPAP
Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC
Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual SOCINE
Sociedade Brasileira de Sociologia SBS
Red de Estudios Visuales Latino-Americanos ReVLaT
Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades REdArtH

16.6 Missão no exterior

1. Estância docente pela Asociación de Universidades Grupo Montevideo. Instituto Escuela de Bellas Artes, UdelaR, Montevidéu. Outubro/2019.

2. Curso de Verão. Festival Filmes do Homem. Melgaço, Portugal. Agosto/2018.

16.7 Formação para a Pesquisa: orientações, coorientações, supervisões e outros

Graduação: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Iniciação à Pesquisa e à Inovação tecnológica (PIBIC, PIBIC-AF, PROLICEN, PIBITI)

Trabalho de conclusão de curso: orientações em andamento

1. Matheus Martins da Silva. (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás.

2. Barbara Stela Oliveira. (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás.

Trabalho de conclusão de curso – concluídos

1. Gabriel Cunha Vilela e Lucas Xavier de Oliveira. Projeto experimental: Entreposto. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – UFG.

2. Iana Francisca Quirino do Nascimento. Manifesto Zine: engrenagem de ensino. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

3. Thiago Batista Dornelas dos Santos. Tatuagem e docência: considerações e implicações para o professorado de Artes Visuais. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

4. Tiago Alves de Oliveira Fonseca; Karla Oliveira Souza; Luiza Fernanda Viana da Silva. ... A escola era arvore, e nós estávamos xícaras. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

5. Rebeca Tayanne Souza Cardoso de Morais. Ações educativas no Centro Cultural UFG: caminhos percorridos. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

8. Ana Priscilla Furtado de Azevedo; Fernanda Isabel Melo Amorim. Cinema: desencadeando memórias. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

9. Paul Cezanne S. C. de Moraes; Heloísio da Silva. Aproximações entre arte e vida. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura). UFG.

10. Hernany Rabelo Dias; Silvestre Barbosa Ferreira. HQs e Cosplayers: O que a cultura juvenil escolar pode dizer às aulas de artes visuais. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

11. Monique de Jesus Vieira Coelho dos Santos; Priscila de Macedo Pereira e Souza. Arte contemporânea e fotografia: uma reflexão acerca do cotidiano dos surdos. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

12. Adriana Rodrigues Teles; Valdson Ramos Pereira. Cinema & educação/tecnologia de bolso. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

13. Carla Luzia de Abreu; Claudia Regina Babinski; Ester de Souza Aguiar Costa. Tecnologias e experiência estética: possibilidades do uso do computador no ensino de Arte. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

14. Adriane Camilo Costa. Possibilidades do filme infantil na educação escolar. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

15. Rogéria Eler Silva; Herlaine Reis Mariano; Marla Cardoso. As Visualidades do Contexto Urbano numa Perspectiva Futurista. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

16. Angélica Aparecida de Oliveira; Graciele Silva Ribeiro. Representação gráfica da criança e formação continuada de professores. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

17. Eleny Macedo de Oliveira; Márcia dos Santos Xavier. A imagem da obra de arte e o processo criativo da linguagem grafo-plástica. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

18. Mariana Pedrosa Marcassa. Utilizando as idéias de Celestin Freinet e Madalena Freire para o aprendizado em artes visuais. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Artes Visuais/licenciatura) – UFG.

Iniciação à Pesquisa: orientações em andamento

1. Matheus Martins da Silva. Narrativas contemporâneas: plataformas de streaming e jogos digitais. Início: 2019. Iniciação científica (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

2. Barbara Stela Oliveira. Garotas na comunidade gamer, visualidades, narrativas digitais e educação. Início: 2019. (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PROLICEN.

3. Gabriel Cunha Vilela. Narrativas audiovisuais de mobilizações sociais produzidas em coletivo e difundidas na internet. Início: 2019. (Comunicação Social - Publicidade) - Universidade Federal de Goiás. PIBIC.

4. Maria Angélica Soares Toledo. Redes de informação em arte: o uso de aplicativos móveis para o compartilhamento de conhecimento artístico e cultural da cidade de Goiânia. Início: 2019. (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBITI.

5. Gabriela Chaves. Arquivos de memórias: construção de narrativas a partir das ocupações de escolas do ensino médio em Goiás. Início: 2019. (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás. PIBIC.

6. Lucas Liandro Pereira. Estudo para a proposição de cineclubes escolares. Início: 2019. (Artes Visuais/licenciatura) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC-AF.

Iniciação à Pesquisa: orientações concluídas

1. Maria Angélica Soares Toledo. Cultura digital e o ensino de arte: a autonomia do sujeito que aprende por meio de mídias ativas. 2019. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBITI.

Nota: em 2020, este relatório foi indicado pela UFG para concorrer ao Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica/CNPq.

2. Bárbara Stela Oliveira. Cultura digital e ensino de artes visuais. 2019. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PROLICEN.

3. Lucas Liandro Pereira. Práticas cineclubistas: uma ponte entre o cinema, as artes visuais e a educação. 2019. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC-AF

4. Matheus Martins da Silva. Relações entre práticas cineclubistas e o campo das artes visuais. 2019. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

5. Marilia Silva Martins Gidrão. Escolarte: Ensino de arte com vídeo-aula. 2017. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PROLICEN.

6. Kesia dos Santos Ramos. Galeria da ausência e do vazio. 2016. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

7. Marilia Silva Martins Gidrão. Educomunicação, ensino de arte e cultura.. 2016. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PROLICEN.

8. Bruno Eduardo Morais de Araújo. Ficção científica e cultura contemporânea: um estudo sobre as influências do cyberpunk. 2015. (Graduando em Design Gráfico) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

9. Bruno Eduardo Morais de Araújo. Ficção científica e sociedade: um estudo de três casos. 2014. (Graduando em Design Gráfico) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

10. Silvestre Barbosa Ferreira. Cosplayers e mangas grupos sociais na escola. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

11. Hernany Rabelo Dias. As histórias em quadrinhos podem representar um recurso pedagógico nas aulas de artes?. 2012. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

12. Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes. Intervenções visuais: por que essas manifestações são tão frequentes nas escolas? 2012. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

13. Angélica Rodrigues Lima. A fotografia em arte educação: um acervo para a escola. 2012. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PROLICEN.

14. Lia Ribeiro Bello. O cinema na contextualização das relações sociais. 2009. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

15. Kárita Garcia Soares. Figurino no cinema: concepções e processos de criação. 2008. (Graduando em Design de Moda) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

16. Carla Luzia de Abreu. Exercício curatorial no espaço virtual: uma reflexão sobre o acervo da Galeria da FAV. 2007. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PIBIC.

Nota: Este trabalho foi contemplado pelo edital de financiamento de projetos culturais da PETROBRAS, por meio do qual foi realizada a publicação, em livro impresso, do acervo de arte da Galeria, com textos de críticos de arte, curadores e educadores.

17. Claudia Babinski. O Ensino de Artes Visuais e as páginas eletrônicas de museus, galerias e outras instituições culturais: uma proposta metodológica de ação educativa. (Graduando em Artes Visuais/licenciatura) – UFG. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PROLICEN.

Tutoria de estudante em intercâmbio internacional

1. Maura Natacha Guarié. 2020. Instituição de origem: Universidad Nacional del Nordeste, Argentina. Bolsa AUGM.

Mestrado e Doutorado acadêmicos – orientação e coorientação

Mestrado: orientações e coorientações em andamento

1. Iana Francisca Quirino do Nascimento. Título em construção. Início: 2019. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

2. Alzira Martins Prado. Título em construção. Início: 2019. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

Mestrado: orientações e coorientações concluídas

1. Alda Alexandre. Percorrendo Tangerine: rotas de confluência. 2019. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

2. Itandehuy Castañeda Demesa. Abordagens das práticas comunitárias em espaços públicos através de esculturas têxtil. 2019. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

3. Bruno Eduardo Morais de Araújo. O cinema de ficção científica na escola. 2018. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

4. Antônia Camila Alves Moreira. O museu na escuta: a experiência na formação de educadores. 2016. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

5. Dânia Soldera. Fotografia: conversa com imagens, entre a luz e as trevas. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

6. Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes. Intervenções Clandestinas. 2014. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

7. Julia Mariano Ferreira. Tia, me ensina a tirar foto? Saberes partilhados, visões plurais de um assentamento rural. 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Arte e Cultura Visual) - - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

8. Renato Cirino Machado Alves Pereira. BRINCA_COMIGO: os sujeitos imagéticos e suas sensibilidades projetadas. 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

9. Virginia Perini Peralta Cunha. Cotidiano, imagem e experiência: uma narrativa escolar contemporânea. 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

10. Juan Sebastián Álvarez Ospina. Pixeles que identifican. Etnografía digital sobre las identidades digitales de género y sexualidad en las interfaces del grupo GAY COLOMBIA. 2013. Dissertação (Mestrado em Maestría en Diseño y Creación Interactiva) - Universidad de Caldas.

Nota: o mestrando realizou estágio de um semestre no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, com bolsa da Universidad de Caldas.

11. Dilma Marques Silveira Klem. Experiências estéticas e cognitivas mediadas por imagens digitais. 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nota: a mestranda integrou o Programa MINTER desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Montes Claros.

12. Allex Rodrigo Medrado Araújo. Entre artistas, cineastas e sujeitos desviantes, a questão do olhar educado. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

13. Marla Cardoso Oliveira Cunha. "Vou te contar uma história!" - estudo a partir do filme Simeão, o Boêmio, de João Bennio.. 2011. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás.

14. Noeli Batista dos Santos. Imagens técnicas e o ensino de artes: um jogo antropofágico. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

15. Leandro Bezerra Cunha. Cinema de índio: aspectos da produção audiovisual Kuikuro. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

16. Rogéria Eler. Imagens de Narcisos nas Prateleiras do Orkut. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

17. Adriane Camilo Costa. O cinema como mediador na educação para a cultura visual. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

18. Leonardo Eloi Soares de Carvalho. Dualidades: sobre permanências e impertinências - um estudo sobre a percepção do ciberespaço. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Coorientação.

19. Luciana de Maya Ricardo. Tessituras de identidades: o poder em suas mãos. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

20. Henrique Lima Assis. Outros Modos de Ver: imagens cinematográficas no ensino de artes visuais. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

21. Daniela de Oliveira. Visualidades em foco: conexões entre a cultura visual e o Vale do Amanhecer. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

22. Ângela Batista Rosa Mendes. Visualidades produzidas por adolescentes a partir de filmes de ficção científica. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

23. Lilian Ücker. Espaços reais e imaginados: um estudo de desenhos de alunos em escolas públicas de Goiânia. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Coorientação.

24. Valeria Fabiane Braga Ferreira. Imagem e arte na educação de adultos: ver, fazer, falar e refletir num processo de alfabetização. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Coorientação.

25. Ana Lúcia Siqueira de Oliveira Nunes. Festas e Celebrações: estudo sobre as visualidades escolares. 2005. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Coorientação.

Doutorado: orientações e coorientações em andamento

1. Marcia Inez da Silva. Fios e artefios interculturais: as performances culturais e o ensino da arte do cotidiano. Início: 2020. Tese (Doutorado em PERFORMANCES CULTURAIS) - Universidade Federal de Goiás. Coorientação.

2. Jossier Boleão. Título em construção. Início: 2019. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

3. Julia Mariano Ferreira. Título em construção. Início: 2019. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

4. Carolina Brandão Piva. (As outras fazedoras de sentidos) Dicionário de imaginaturas e letripulias com a linguagem. Início: 2017. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

5. Renato Cirino Machado Alves Pereira. A Odisseia do Guerrilheiro: conhecimentos articulados para resistência no Cinema Imperfeito de Martins Muniz. Início: 2017. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

Doutorado: orientações e coorientações concluídas

1. Paulo Passos de Oliveira. Josafá Duarte e o Cinecordel: o cineasta cabra da peste contra o Dragão De Roliúdi. 2019. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nota1: Doutorado Sanduíche de 6 meses na Universidade de Aveiro, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nota2: Tese indicada para representar o PPGACV no certame do Prêmio CAPES Teses 2020, na área de Artes.

2. Adriane Camilo Costa. O Protagonismo das Imagens em Propostas Pedagógicas na Escola de Tempo Integral de Goiânia. 2019. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás.

3. Marcelo Henrique da Costa. Olhares móveis: narrativas audiovisuais, dispositivos móveis e experiências cartográficas. 2018. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás.

4. Juan Sebastián Álvarez Ospina. Conversações hipervisuais: vamos falar sobre olhares masculinizados? 2018. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, categoria PEC/PG.

5. Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes. Visões da caixa de Pandora: fricções entre artista, instituição e público. 2018. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nota: ingresso por meio de acesso direto ao doutorado, com conclusão do mestrado em 13 meses.

6. Vandimar Marques Damas. Vermelho e negro: beleza, sentimentos e proteção entre os Tapirapé. 2016. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás,

Nota: Doutorado Sanduíche de 12 meses na UNAM, México, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

7. Lara Lima Satler. Tramas formativas em audiovisual: a minha ação docente à luz de experiências audiovisuais coletivas. 2016. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás.

8. Aline Nunes da Rosa. Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais. 2015. Tese (Doutorado em Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nota: Doutorado Sanduíche de 12 meses na Universidad de Barcelona, Espanha, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

10. Carla Luzia de Abreu. Géneros y sexualidades no heteronormativas en las redes sociales digitales. 2014. Tese (Doutorado em Programa de Doutorado "Arts i Educació") - Universitat de Barcelona. Acordo de tutela para dupla titulação internacional.

11. Mariane Blotta Abakerli Baptista. Relaciones entre la cultura visual y la perspectiva educativa de los proyectos de trabajo en un trayecto de formación. 2014. Tese (Doutorado em Programa de Doutorado "Arts i Educació") - Universitat de Barcelona. Acordo de tutela para dupla titulação internacional.

Doutorado sanduíche: tutoria concluída.

1. Paula Grazielle Viana dos Reis. Antropologia compartilhada entre os Apyãwa (Tapirapé): cinema e etnografia.

Estudante de Doutorado em Antropologia pela UFMG, cumpriu Doutorado Sanduíche em território nacional, por um período de 6 meses, no Doutorado em Arte e Cultura Visual, UFG. Contou com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Assumi sua tutoria e coorientação. 2017/2018.

Pós-Doutorado

Pós-doutorado: supervisões em andamento

1. Erizaldo Cavalcanti Borges Pimentel. Início: 2020. Universidade Federal de Goiás.

2. Émile Cardoso Andrade. Início: 2019. Universidade Federal de Goiás.

Pós-doutorado: supervisões concluídas

1. Maurineide Alves da Silva. 2019. Faculdade de Artes Visuais/UFG.

2. Lara Lima Satler. 2018. PACC/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3. Rafael de Almeida Tavares Borges. 2016. Faculdade de Artes Visuais/UFG.

4. César Lignelli. 2015. PACC/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5. Luis Carlos de Morais Junior. 2015. PACC/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

6. Lilian do Amaral Nunes. 2014. Faculdade de Artes Visuais/UFG. Bolista PNPD, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

7. Jorge das Graças Veloso. 2014. Faculdade de Artes Visuais/UFG.

Acordo de cooperação técnica entre universidades

1. Helena Maria de Castro. 2019. Instituição de origem: Universidade Federal do Maranhão UFMA.

Em 2019, a professora Drª Helena Maria de Castro, do quadro docente efetivo da UFMA, no curso de Turismo, foi cedida para atuar comigo em pesquisa, por meio de um acordo de cooperação estabelecido entre a UFG e a UFMA, publicado no DOU. Ela atuou durante 12 meses, colaborando em trabalhos de campo, transcrição de entrevistas, dentre outras providências.

Entreato 11

A escrita do memorial motivou, inicialmente, certo sentimento de desamparo. Por onde começar? O que priorizar? Como estabelecer os eixos e a estrutura? Não tinha uma orientadora, um orientador a quem pedir socorro, com quem dividir as inquietações e responsabilidades por escolhas... Esse sentimento logo dissipou-se, quando pude buscar na memória, e ainda à minha volta, os gestos fraternos das pessoas que já assumiram esse papel em etapas anteriores. Continuam comigo. Estarão sempre. No mestrado, as professoras Iria Brzezinski e Maria Felisminda de Rezende e Fusari. No doutorado, o professor João Gabriel Lima Cruz Teixeira. No primeiro pós-doutorado, o professor Denilson Lopes; no segundo pós-doutorado, o professor António Manuel Dias Costa Valente.

Agrego, ainda, as preciosas interlocuções com a professora Heloísa Buarque de Hollanda e o professor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro. No suporte imprescindível da leitura crítica, não posso deixara de citar a professora e membro da Academia de Letras do Brasil Sessão DF, Ruth dos Santos Martins, e o parceiro de caminhada, o professor J. Bamberg. Finalmente, o acompanhamento sempre sensível e atento, em todas as etapas, do professor Bráulio Vinícius Ferreira, à frente dos trabalhos, do ponto de vista institucional.

Não, eu não estou só. E tenho muita sorte, mesmo!

17. PILAR III: Dos projetos de extensão, e sua indissociabilidade em relação à pesquisa e à docência

A indissociabilidade entre a docência, a pesquisa e a extensão é um dos princípios da universidade pública, e consta do Regimento da Universidade Federal de Goiás, nas suas disposições iniciais. O objetivo da extensão é promover a interação dos saberes entre a universidade e a sociedade. A socialização do conhecimento acadêmico envolve projetos educativos, culturais e científicos. Ao mesmo tempo, os processos de produção de conhecimento no contexto universitário podem e devem ser enriquecidos na interlocução com os conhecimentos extra-acadêmicos. Nesses termos, todos os pontos e elos de comunicação entre o que acontece no âmbito da docência e da pesquisa universitária com os circuitos extrauniversitários constituem o campo da extensão, caracterizado por um painel múltiplo, fragmentário e heterogêneo de programas, projetos, eventos e outras ações.

Assim, desde o primeiro projeto de pesquisa cadastrado na UFG, a articulação com a extensão e a docência foi assegurada. O projeto **Visões do futuro: projetando o devir em interpretações de filmes de ficção científica** foi desenvolvido em parceria com o Ciranda da Arte, projeto da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, e envolveu a ação com estudantes e professores, pensando, dentre outros aspectos, as questões relativas à docência, nas relações entre cinema e contextos educativos. Esta orientação estende-se aos projetos de pesquisa orientados no mestrado e doutorado, em sua quase totalidade. Foi o caso, por exemplo, do projeto **Museu na Escuta**, que previu uma ação no Centro Cultural UFG, com a formação de um grupo de estudos sobre os processos de mediação em exposições. Esta ação funcionou como base para o desenvolvimento do projeto de pesquisa de mestrado da orientanda Antônia Camila Alves Moreira. Do mesmo modo, no desenvolvimento do seu projeto de doutorado, Marcelo Henrique da Costa assumiu, durante um semestre letivo, a docência de uma disciplina eletiva num colégio de ensino médio da rede pública estadual. Dessa forma, integrou-se à vida escolar,

podendo, além da pesquisa propriamente dita, contribuir com a escola de modo efetivo. Sua ação foi cadastrada como projeto de extensão tanto na UFG, onde cursou o doutorado, quanto na UEG, instituição de cujo corpo docente faz parte, intitulado **Olhares móveis**. Mesmo concluído o doutorado, o projeto teve desdobramentos outros, posteriormente, voltados à formação de professores para o trabalho com cinema e audiovisual na educação, bem como no desenvolvimento de novos projetos de pesquisa, orientação, dentre outros.

Além de estabelecer vínculo entre as ações de extensão com os projetos de pesquisa, tenho buscado assegurar também, na docência, a aproximação de disciplinas com projetos diversos, nos quais as relações com a comunidade ganham protagonismo. O planejamento de aulas em geral prevê atividades a serem desenvolvidas junto a feiras, centros de cultura, escolas e outras instituições. Além disso, na disciplina de Núcleo Livre Oficina dos Fios, esse espaço tem sido melhor sistematizado, em ações que variam em sua natureza: artistas, artesãos e outros agentes de cultura participam das aulas, se realizam intervenções em espaços da universidade e da cidade, com a participação não só dos estudantes, mas também de outras pessoas interessadas, dentre outras ações desenvolvidas.

A mais, a participação em e a realização de eventos e ações de natureza científica, cultural e artística visa ao compartilhamento das atividades em curso, bem como a construção de aprendizagens em parceria com outras instituições e outros setores da sociedade. É nessa direção que se realizou, por exemplo, o projeto **Mulherio das Letras/Goiás**, coordenado pela professora Carla Luzia de Abreu, de cuja organização tomei parte, ao lado das mestrandas Itandehuy Castañeda Demesa e Alda Alexandre, e da doutoranda Carolina Brandão Piva. O evento, realizado no espaço do Centro Cultural UFG, articulou-se ao movimento nacional com a mesma nominação, e reuniu artistas, escritoras, editoras, educadoras, performers, e quantas outras pessoas interessadas, durante um dia de programações intensas.

O projeto **O Legado do Artífice**, voltado para a realização e veiculação do filme de mesmo nome, dirigido por mim, ainda está em andamento. Ele também reuniu técnicos, docentes e discentes da UFG ao Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, articulados a outras instituições de arte e cultura. Sua realização contou com a codireção de Lara Satler, professora na Faculdade de Informação e

Comunicação FIC/UFG, egressa do Doutorado em Arte e Cultura Visual, e de Renato Cirino, servidor da área técnica e administrativa da Faculdade de Artes Visuais FAV/UFG, e doutorando em Arte e Cultura Visual. Renato responde, ainda, pela edição, tratamento de cor e som, dentre outras funções técnicas. O filme, finalizado no início de 2020, está em fase de projeção em festivais de cinema brasileiros e internacionais. No passo seguinte, está prevista seu compartilhamento para ser projetado em escolas da rede pública de ensino, entre professores de arte, numa aproximação entre cinema, arte e educação.

Estes são apenas alguns dentre os vários projetos desenvolvidos e em desenvolvimento na UFG. Há aqueles nos quais sou participante. Há os cuja coordenação é assinada por mim. Na relação, abaixo, estes estão marcados em negrito. Também são consideradas atividades de extensão a participação em eventos de diversas naturezas, promovidos por outras instituições. Estes não foram listadas, dada a extensão numérica.

FAV-77 Visões do Futuro: Análise Crítica de Filmes de Ficção Científica

FAV-49 Galeria de Artes

FAV-82 Arte da gente

FAV-92 Cinema-Integração na FAV

FAV-97 II Seminário de Artes Visuais da FAV/UFG: Políticas de Formação e o Perfil do Profissional

FAV-99 Galeria de Artes de FAV

FAV-104 Cine Clube Roberto Pires

FAV-107 Estereótipos educacionais no filme A espada era a lei

FAV-108 Seminário de Artes Visuais da FAV/UFG: Políticas de formação e o perfil do profissional

FAV-112 IV Encontro: Políticas para o ensino de artes em Goiás

FAV-121 I Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual

FCS-19 Mostra de cinema Sexo e poder

FAV-204 Tramas à beira dos caminhos

FAV-205 Experiências fotográficas

FAV-211 FAV.NOVA Inacabada

FAV-213 Manipulação de equipamentos de foto e vídeo

FAV-221 V Seminário Nacional de Arte e Cultura Visual

FAV-222 Cine Artes

FAV-204 Tramas à beira dos caminhos

CEGRAF-12 Coleção Expressão Acadêmica

FAV-260 VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual

FAV-266 Universidade das Quebradas em Rede

FAV-286 VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual

FAV-299 Museu na Escuta

ICB-155 XXIII Curso de Editoração Científica – Luz sobre os paradigmas da publicação científica

FAV-317 Revista Visualidades

FAV-318 Olhares móveis

FAV-319 NarrATIVIDADES

FIC-68 Imagens, Olhares, Narrativas

FAV-342 Cultura e Tecnologia

EV561-2019 residência artística canteiro

PJ914-2018 O legado do artífice

CR085-2018 Cartografias da cidade: poéticas do olhar sobre territórios afetivos

PJ340-2020 Lives #CulturaNaUFG

EV605-2019 II Seminário do Grupo de Pesquisa INDUMENTA: dress and textiles studies in Brazil

CR023-2019 Pensar o ver: enfoques estéticos e educacionais nas imagens da arte.

EV491-2019 JOIA FAV – Jornada de Integração Acadêmica da Faculdade de Artes Visuais

PJ161-2018 Sessão corujinha: infância e audiovisual

EV022-2018 II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual

PJ541-2018 Aspas - Produtora Colaborativa

CR052-2018 Pensar o Ver: enfoques estéticos e educacionais nas imagens da arte

EV259-2018 FestFlix – Festival de Cinema e Vídeo Online

EV370-2017 Mulherio das letras – edição Goiás

Em 2020, a quarentena interrompeu um projeto de extensão que articularia os projetos de pesquisa de dois discentes de mestrado e dois discentes de doutorado, além de duas disciplinas oferecidas à graduação no primeiro semestre. Trata-se do

projeto de ocupação da Galeria da FAV, **Cá Entre Nós**. A proposta, aprovada em edital público da galeria, previa um cronograma com várias ações, incluindo, na programação, pessoas integrantes de movimentos sociais, coletivos de slam, cooperativa de bordadeiras, além de atividades de aula no espaço. Além da suspensão de todas as atividades universitárias, a proposta implicava na interação entre os diversos grupos, de várias faixas etárias, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos. Por sua natureza, o projeto seria inviável em tempos de pandemia.

Já em vigência da quarentena, fui convidada por uma professora da UNIRIO a tomar parte de uma rede de profissionais e estudantes de várias universidades brasileiras, com vistas a experimentar modos de produção artística e de outras narrativas em coletivos, fazendo uso das plataformas digitais disponíveis. A rede, que foi denominada **RIA40tena**, está em fase de cadastro como projeto de extensão interconectado.

18. PILAR IV: A gestão acadêmica

O trabalho universitário está assentado nos princípios da docência, pesquisa e extensão, acrescidos da gestão, que funciona como quarto princípio. A gestão se apresenta, muitas vezes, como um desafio extra, porquanto não necessariamente faça parte da formação dos docentes, ou não integre o rol de atividades de sua atuação profissional anterior. A mais, a gestão de instituições públicas envolve metas e valores que diferem, em sua natureza, de instituições da iniciativa privada, o que requer o conhecimento da especificidade dos conjuntos normativos relativos às políticas públicas e sua execução.

Dessa forma, o ingresso na carreira docente universitária, numa instituição federal de ensino superior, inclui expectativas relativas a funções de gestão, em diversos níveis de abrangência e complexidade. As aprendizagens necessárias ao exercício das funções são construídas em processo. Ou seja, aprende-se a fazer fazendo.

Ao final de 2004, pouco mais de quatro meses depois de entrar em exercício como docente na UFG, tive meu nome indicado e aprovado para a subcoordenação do então Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, ao lado da professora Dulcimira Capisani na função de coordenadora. No mês de outubro de 2004, durante a reunião da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas ANPAP, em Brasília, ela também assumira a presidência daquela associação, programando a realização do encontro no ano seguinte, em 2005, na FAV/UFG.

Iniciei o segundo semestre na Universidade Federal de Goiás como docente permanente no Programa de Pós-Graduação, e também como subcoordenadora. Os mesmos cortes nas riscas de bordado que desviaram percursos em outros momentos da minha trajetória pessoal e profissional, ali precipitaram circunstâncias, por caminhos trágicos envolvendo perda. Com poucos meses como coordenadora, a professora Dulcimira faleceu, e assumi não só a coordenação do Programa, bem como a realização do 14º Encontro Nacional da ANPAP, sem ainda ser, à época, parte do grupo de associados.

O Programa, a seu turno, apresentava um conjunto de desafios a serem superados, em sua etapa inicial de funcionamento. Criado em 2003, estava fechando o primeiro ciclo de defesa de mestrandos no primeiro semestre de 2005. Com nota 3 no ponto de partida, tinha a expectativa de alcançar nota 4 na sua primeira avaliação trienal, junto à CAPES. Para tanto, havia muitos ajustes a serem feitos, dentre os quais, consolidar o corpo docente, implementar a produção intelectual e artística de professores e estudantes, dentre outras providências. A avaliação do triênio 2004/2006 resultou na nota desejada, o que abriu a possibilidade de se iniciarem os trabalhos com vistas à proposição do doutorado, bem como ao estabelecimento do convênio para a criação de uma turma de Mestrado Interinstitucional, MINTER, junto á Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES.

Como parte da atuação na coordenação, passei a integrar o Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura, CEPEC, representando a área de Artes pela Câmara de Pós-Graduação, da UFG, e também o Conselho Consultivo e Curatorial da Galeria da FAV.

Ao decurso dos quatro primeiros anos de funcionamento do Programa, foram realizados seminários de pesquisa, inicialmente internos, quando professores e estudantes compartilhavam relatos de suas pesquisas. Em 2007, o seminário ganhou abrangência regional, recebendo trabalhos de pesquisadores e estudantes de pós-graduação de instituições localizadas no Centro Oeste. em 2008, realizou-se o I Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, mobilizando estudantes e pesquisadores de todo o território nacional. É importante, também, notar, que nesses quatro anos, contei com o suporte do professor José César Teatini de Souza Clímaco na vice coordenação.

Em 2008, finalizando o segundo biênio de gestão à frente do PPG em Cultura Visual, tive projeto aprovado para pós-doutoramento, junto ao Programa Avançado de Cultura Contemporânea, PACC, na UFRJ. A licença para pós-doutorado entrou em vigência em março de 2009, estendendo-se até o início de 2010. No final daquele mesmo ano, a proposta de criação de doutorado, encaminhada pela professora Irene Tourinho, então coordenadora do Programa. Em 2011, o Programa de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, conforme passou a se chamar, iniciou suas atividades com turmas de mestrado e doutorado.

No final do primeiro semestre de 2012, fui novamente conduzida à função de coordenadora do Programa, com a missão de colaborar na consolidação daquela nova etapa, da qual o doutorado passou a tomar parte. Com a expansão das atividades, e a maior visibilidade, o Programa passou também a receber pesquisadores de pós-doutorado. Passou a contar, também, com uma bolsa regular pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD). Nesse período, do mesmo modo, o Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual se consolidou.

No tocante ao terceiro período em que atuei na coordenação do Programa, foi encerrado em julho de 2014. No mesmo mês, assumi a editoria da Revista Visualidades. A revista, criada em 2003, contou com o trabalho da professora Rosana Horio Monteiro durante muitos anos em sua liderança. Na última avaliação, alcançara o extrato A2, de acordo com o sistema Qualis CAPES. No período quando atuei na sua editoria, concluímos a migração de todas as etapas de trabalho na plataforma digital SEER. Nesse ínterim, a revista passou a integrar o do Programa de Apoio às Publicações Periódicas Científicas PROAPUPEC, da UFG, por meio do qual pôde contar com revisão e acompanhamento técnico ao longo de todo o fluxo de trabalhos, bem como os serviços gráficos para a versão impressa. Nesse mesmo período, a revista foi contemplada pelo edital da FUNARTE destinado a apoiar publicações regulares na área de artes.

Em 2016 obtive aprovação, pela Universidade de Aveiro, para o desenvolvimento de projeto de pós-doutorado. A vigência da licença estendeu-se de março de 2017 a fevereiro de 2018. Encerrei, assim, a atuação à frente da revista. Em 2019, retomei os trabalhos, ao lado da professora Carla Luzia de Abreu e da designer Cátia Ana Balduíno, num exercício partilhado de editoria. Nesse período, a publicação migrou para a plataforma OJS, tendo passado a ser totalmente digital, sem a versão impressa. Trabalhamos nos ajustes necessários a essa migração. No entanto, o excesso de trabalho e a diversidade de demandas me obrigaram, no início de 2020, a me desligar da função.

Em 2017, como parte dos esforços com vistas à internacionalização do Programa de Pós-Graduação, o Seminário de Pesquisa em Arte e Cultura Visual ganhou versão internacional, passando a contar com a parceria com o Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes, IENBA, da UdelaR, Montevidéu. Sua realização passou

a ser alternada, entre um e outro país: 2017 e 2019, em Montevidéu, 2018 em Goiânia. O evento previsto para 2020, a se realizar em Goiânia, foi adiado, em razão da pandemia. Integrei as comissões de organização e científica de todas as usas edições.

Nesses anos, a ênfase da minha atuação em atividades de natureza administrativa esteve na Pós-Graduação. No entanto, ações junto ao curso de Licenciatura em Artes Visuais também figuraram como prioridades. Em 2018, passei a integrar o Núcleo Docente Estruturante desse curso. Dei início à mobilização para a organização de um fórum permanente de educação e arte, envolvendo todos os cursos de licenciatura na área de artes, no Estado de Goiás, na Universidade Federal de Goiás e nos Institutos Federais Goiano e de Goiás. As três reuniões realizadas no segundo semestre de 2018 foram interrompidas pelas mudanças das políticas públicas no ensino superior, bem como pela prioridade dada à reforma curricular do curso, que urgia ser aprovada ainda em 2019, para o ingresso da nova turma em 2020. Ainda em 2018 a professora Lilian Ücker assumiu a liderança do NDE, coordenando seus trabalhos.

O ano de 2020 trouxe, dentre os quantos desafios, o trabalho realizado remotamente, fazendo-se uso das plataformas digitais. Nesse contexto, passei a integrar a Comissão de Vagas da FAV/UFG, que discute os critérios e parâmetros para a alocação de vagas para concurso para professores efetivos. Desse trabalho, resultou a criação da Comissão de Planejamento da FAV/UFG, com trabalho de longo prazo, para balizar os eixos e as prioridades dos planos de ação da gestão institucional para a unidade acadêmica.

Síntese das principais atividades no campo da gestão institucional

1. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual: 2005/2006, 2007/2008
2. Coordenação do 14º Encontro Nacional da ANPAP: 2005
3. Membro do CEPEC/UFG. 2005/2008.
4. Membro do Conselho Consultivo e Curatorial da Galeria da FAV. 2005/2008.
5. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual: 2012/2014
6. Editoria da Revista Visualidades: agosto/2014 a dezembro/2016: março a dezembro/2019
7. Membro do NDE/Licenciatura em Artes Visuais: 2018 a 2020.
8. Comissão de Vagas/Comissão de Planejamento (FAV/UFG): 2020.

Capa da Revista Visualidades, V. 14, nº 1, janeiro/junho de 2016.

Ainda sobre gestão, preciosas parcerias

Os relatos sobre a vida universitária, no mais das vezes, ressalta a atuação dos servidores da carreira docente. Segundo um tal viés, os servidores das carreiras técnicas e administrativas formariam tão somente o pano de fundo, as bases para a atuação de professores. O que é um equívoco, quando não um erro. Daí a necessidade de dar destaque a algumas atuações, sem as quais muito do relatado aqui não teria sido viabilizado.

Todo o processo de consolidação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual teria sofrido muitas mais turbulências, não fosse a atuação contínua e competente de uma servidora da área técnica e administrativa. Alzira Prado Martins se dedica ao Programa desde 2004, antecipando-se, em alguns meses, à minha chegada. Em 2019, concedeu-me a alegria de se inscrever no processo de seleção ao mestrado. Aprovada, veio integrar-se ao meu grupo de orientandos. Contudo, antes mesmo de eu iniciar o percurso na UFG, Alzira foi estudante de graduação do curso de Design de Moda, na FAV, quando chegou a ser premiada pela execução de um vestuário.

Já nos anos 2010, Arlete Maria de Castro, reuniu-se à equipe do Programa, depois de ter atuado, dentre outros espaços, na secretaria do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Trouxe sua discrição e disciplina exemplares. Mais recentemente, o grupo recebeu Juliana Beatriz de Sousa Leite, da área técnica educacional, com interesses que transitam entre a educação, a biologia, o meio ambiente e as visualidades. Em 2020, fazendo formação com a equipe do professor José Pacheco, iniciou os trabalhos para a formação de uma comunidade de aprendizagens, da qual passei a fazer parte. Ali, podemos compartilhar, sobretudo, esperanças e utopias.

Também ressalto o papel fundamental, junto à Revista Visualidades, cumprido pela servidora da área técnica e administrativa Cátia Ana Balduíno. Designer e artista, dedicada às narrativas das histórias em quadrinho, Cátia Ana não poupou esforços, durante muitos anos, para assegurar o fluxo de todas as etapas do trabalho, bem como a qualidade e consistência da publicação. Em 2020, foi conduzida ao cargo

de coordenadora do Núcleo Editorial da FAV. Meu encontro com ela também data de minha chegada à UFG: em 2004, ministrei a disciplina **Introdução ao trabalho de investigação** para uma turma do curso de Design Gráfico, da qual ela tomava parte, então estudante de graduação.

A convite da Juliana, Cátia também faz parte da comunidade de aprendizagens.

Mesmo sem ter participado de equipe da qual eu tenha sido gestora, a atuação profissional de Renato Cirino se entrelaça à minha de diversas formas. Técnico audiovisual, com formação em comunicação, foi meu orientando no mestrado, quando se aproximou das questões das artes, da cultura visual e da educação. Desde então, passamos a atuar juntos em projetos, ações e estudos sobre cinema, arte e educação. Terminou por cursar uma segunda graduação, Licenciatura em Artes Visuais. Em seguida, ingressou no doutorado, também como meu orientando. Assina a codireção do filme “O Legado do Artífice”, comigo, além de ter respondido pela edição, tratamento de som e de imagem, dentre outras urgências à sua finalização. No primeiro semestre de 2020, ante a suspensão das atividades regulares na universidade, passou a responder pela área de comunicação da FAV, ao lado da Cátia, produzindo e veiculando material audiovisual nas páginas institucionais nas diversas plataformas digitais.

Alzira, Renato e Juliana fazem parte, como pesquisadores, do projeto de pesquisa **Educação, fronteiras, arte e seus transbordamentos**, que eu coordeno, o que possibilitou a Juliana e Renato assumirem orientação e coorientação de iniciação científica. Reitero, assim, a convicção de que as carreiras técnica e docente, na universidade, são indissociáveis. É necessário que se estimulem e promovam ações conjuntas tanto no tocante à gestão, quanto nos trabalhos voltados à pesquisa, à orientação, à produção e sistematização de conhecimento.

Devo reportar, ainda, Alcione Oliveira de Melo, já aposentada, que deixou marcas indeléveis de seu trabalho na FAV e, merecidamente, recebeu o título de Servidora Emérita em 2018. Bem como a sempre presente Márcia Veiga Bretones Garibaldi, à frente da Secretaria Administrativa da FAV. Não posso esquecer o modo afetuoso e competente com que fui recebida por ela, em 2004, quando cheguei para me submeter às provas do concurso. Essa seria sua marca, sempre.

Por intermédio da Alzira, da Arlete, da Juliana, da Cátia, do Renato, da Alcione e da Márcia, agradeço a cada uma, cada um dos trabalhadores da área administrativa da FAV, cujo empenho e maturidade têm assegurado a consolidação institucional e a qualidade das relações interpessoais no trabalho quotidiano.

Agradeço também à professora Leda Maria de Barros Guimaraes com quem pude contar, em alguns momentos, para propor ações com potencial de ampliar horizontes. Em 2010, ela coordenou a realização do Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Para a abertura do evento, ela aceitou a sugestão de trazermos o Sr. José Luiz Zagati, que integrara o projeto de pesquisa no pós-doutorado então recém concluído. Assim, a conferência nobre da programação, no auditório da Biblioteca Central da UFG, foi proferia por um catador de sucatas cujas paixões eram o cinema, a educação e a preservação do meio ambiente. Em 2020, em plena vigência da pandemia, mais uma vez a professora Leda acolheu a proposta de criação de um fórum coletivo, em plataformas digitais múltiplas, para a discussão sobre o desenvolvimento das pesquisas de discentes e docentes. Tendo ela implantado o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância na UFG, ousou um pouco mais, transformando a ideia do fórum na própria oferta das disciplinas de pós-graduação de modo coletivo e colaborativo. Essa experiência tem propiciado encontros profícuos entre professores e estudantes, e amadurecido as discussões em processo.

Tendo em conta não ser possível alcançar qualquer objetivo de modo isolado, gostaria, ainda, de ressaltar a atuação dos gestores que assumiram papéis considerados chave na Faculdade de Artes Visuais, com cuja competência e solidariedade pude contar nessa caminhada. Em seus nomes, estendo minha gratidão a todo o corpo docente da unidade acadêmica.

Professor Raimundo Martins da Silva Filho, diretor da Faculdade de Artes Visuais em três gestões, e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Seu trabalho é marca indelével na FAV.

Professor José César Teatini de S. Clímaco, vice-diretor da Faculdade de Artes Visuais, com o professor Raimundo Martins da Silva Filho, e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, comigo.

Professor Luis Edegar de Oliveira Costa, diretor da Faculdade de Artes Visuais, em dobradinha com a professora Miriam da Costa Manso Moreira de Mendonça na vice-direção.

Professora Irene Maria Fernandez Silva Tourinho, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual em três gestões.

Professora Rosana Horio Monteiro, editora da Revista Visualidades por longo período, e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.

Professoras Rita Morais de Andrade, Carla Luzia de Abreu e Glauco Ferreira, à frente da editoria da Revista Visualidades.

Professor Bráulio Vinicius Ferreira, atual diretor da Faculdade de Artes Visuais.

Professora Eliane Maria Chaud, vice-diretora da Faculdade de Artes Visuais, com o professor Bráulio Vinicius Ferreira.

Professora Leda Maria de Barros Guimaraes, atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.

A cada um, cada uma, minha gratidão.

19. PRODUÇÃO

19.1 Livros autorais

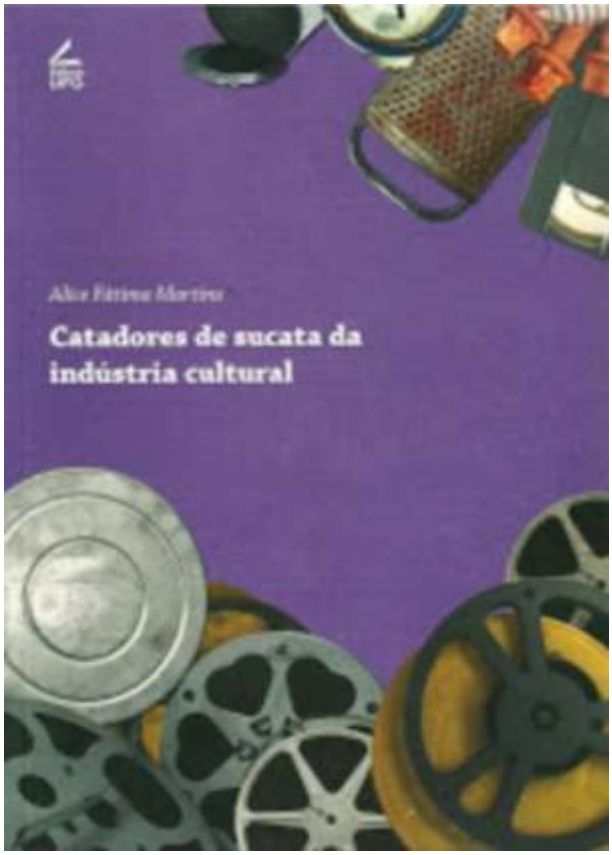
Muitas são as discussões correntes a respeito da burocratização na produção de conhecimento, dos interesses econômicos que presidem a pressão por publicações. É preciso, sim, manter reservas, e um certo sentido crítico sobre o assunto. Por outro lado, não há como se recusar à produção, ao compartilhamento de pesquisas, de inquietações. Ao contrário. Residem nessas ações as estratégias mais propícias para a socialização dos trabalhos desenvolvidos.

Por isso, e considerando minha responsabilidade, para assegurar algum retorno social à formação acadêmica a mim propiciada, não poupei esforços para publicar a tese de doutorado, numa demorada revisão do texto buscando uma escrita mais leve. O projeto foi aprovado pela Editora da UnB, e o livro, intitulado **Saudades do futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir**, foi lançado em 2013, quase 10 anos depois da defesa.

Nesse mesmo ano, o livro **Catadores de sucata da indústria cultural**, que resultou da pesquisa de pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ, foi lançado, depois de ter sido contemplado em edital da FUNAPE/UFG, em parceria com a Editora UFG. No primeiro livro, o fio condutor estava em filmes com produções mais complexas, abordando temas científico ficcionais. No segundo, o recorte recaia no trabalho desenvolvido por pessoas apaixonadas pelo cinema, que, a despeito das precariedades nas condições de que dispunham, produziam suas narrativas, contavam suas histórias em filmes compartilhados em suas comunidades.

Já contando com financiamento da FAPEG e com a bolsa de produtividade em pesquisa, pelo CNPq, em 2019 lancei o livro **Outros fazedores de cinema: narrativas para uma poética da solidariedade**, publicado pela Editora Zouk. Nele, busquei articular um amplo conjunto de reflexões e aprendizagens construídas a partir das interlocuções com três fazedores de cinema goianos, cujos perfis têm em

comum o trabalho com baixos orçamentos, poucas condições de produção, e atuação fora dos circuitos comerciais e dos festivais de cinema.



Catadores de sucata da indústria cultural. Goiânia: Editora da UFG, 2013.

Na pesquisa de campo, e na escrita do livro **Catadores de sucata da indústria cultural**, tive o privilégio de conhecer alguns agentes de cultura que acolheram minha presença em seus nichos de trabalho, além de conhecer o trabalho de que já não estava entre nós. Assim, estive em Mantenópolis, no Espírito Santo, convivendo com Seu Manoel Loreno, e em Recife, conversando com o Seu Simeão Martiniano. Pude mergulhar nos filmes de Afonso Brazza, que agitou a cena cinematográfica de Brasília nos anos 1990 até o início dos anos 2000. Mas confesso ter ficado especialmente sensibilizada pelo encontro com o senhor José Luis Zagati, o catador de sucatas que construiu o Mini Cine Tupi na periferia de Taboão da Serra, em São Paulo. Sua capacidade crítica, sua sensibilidade, sua utopia colocaram na berlinda muitas das minhas convicções, bem como muitos dos discursos acadêmicos. A ele dediquei o trecho final do livro, que transcrevo aqui:

Declaração da pós-modernidade anacrônica

1. Declaro a morte do autor formal. Ao final, assino o texto, publico e cobro o pagamento dos direitos autorais;

2. Declaro a morte do artista autoral. E inscrevo meu último trabalho no próximo salão de artes, exijo que meu nome conste do catálogo, e registro essa referência em meu portfólio cada vez mais numeroso em itens e títulos;

3. Declaro a dissolução do binômio erudito/popular (mas não a extinção da separação entre ricos e pobres...). E absorvo em minha obra elementos da produção de atores inominados da cultura, e apresento os resultados entre meus pares, ganhando reconhecimento pela ousadia e pelo sentido de ruptura de que o meu trabalho esteja impregnado;

4. Declaro a quebra das estruturas hierárquicas que cristalizam as relações de poder. Depois, tranco a chaves a porta da sala de cristal onde me abrigo à sombra do poder, evocando para mim o papel de porta-voz da revolução possível;

5. Declaro o desfazimento das fronteiras. E, da janela do avião, olho a paisagem sem qualquer envolvimento. E, nos percursos entre aeroportos e hotéis, não arrisco ultrapassar as outras fronteiras que preservam meu conforto em condições privilegiadas de instalação;

6. Declaro instaurada a pós-modernidade desterritorializada, portadora de múltiplas identidades, marcada pelos fluxos em escala planetária de pessoas, imagens, informações, capitais, desejos. Depois de redirecionar meus saldos bancários para melhores investimentos ao momento, recolho-me aos jardins de inverno do meu palácio, onde posso brindar com meus convivas, enquanto a corveia anônima prepara o lauto banquete do qual não tomará parte ativa alguma.

Mas, por outra, ... *et pur si muove!*... Ponto.

MARTINS, Alice Fátima. *Catadores de sucata da indústria cultural*. Goiânia: Editora da UFG, 2013.

Os desdobramentos da pesquisa propiciaram uma imersão progressiva em perguntas, de tal modo que a dúvida passou a ser categoria a orientar a escrita do livro **Outros fazedores de cinema: narrativas para uma poética da solidariedade**. Nesse percurso, delimitei o campo de pesquisa no Estado de Goiás, onde conheci alguns realizadores muito especiais. Sou-lhes grata por me acolherem, abrindo as portas de seus projetos e de suas casas para que eu pudesse aprender com cada um: Seu Osório Rodrigues de Moraes, o Seu Osorinho, em Serranópolis, e Neila Carvalho de Lima, então Secretária de Cultura

do município e parceira de projetos; Hugo Caiapônia, em Caiapônia, e seu parceiro de trabalho, Aroldo de Andrade Filho; Martins Muniz, em Goiânia, e sua parceira de vida, Vagna Luíza Muniz.

Percorrer essas estradas me levou a perguntar sobre os meus papéis como educadora, pesquisadora, cidadã. Alinhada ao pensamento de Vilém Flusser, para quem a dúvida é condição de produção de conhecimento, preparei um rol de crenças para, a partir delas, fazer o exercício de autocrítica, indo ao encontro de vozes que, nem sempre consonantes à minha, são capazes de produzir narrativas para reinventar o mundo. Assim, organizei uma **declaração de fé**, para ser problematizada, na construção das bases sobre as quais estabeleceram-se os diálogos com os trabalhos dos fazedores de cinema.

Declaração de fé

Eu creio

1. no direito de sonhar com uma sociedade pautada por menos desigualdades, com estruturas hierárquicas institucionais mais flexíveis, onde as pessoas possam olhar entre si desde patamares em que a horizontalidade prevaleça à verticalidade;

2. na importância do papel social de educadores, agentes culturais e pesquisadores, mesmo sabendo que sejam intermináveis os embates contra suas próprias impotências, contra a desqualificação pública de seu ofício, contra a recorrente desvalorização monetária de sua profissão;

3. na educação formal pública de qualidade, laica, financiada pelo Estado e com gratuidade na oferta;

4. na escola como espaço de excelência para o estímulo à curiosidade, onde se privilegie aprender como aprender, em lugar do aprender conteúdos previa e arbitrariamente estabelecidos. Mas também em espaços de educação não-formal, nos quais os encontros entre mestres e aprendizes sejam pautados pela fraterna e profícua possibilidade de aprendizagens mútuas;

5. na necessidade de se produzir conhecimento, buscar conhecer, em escalas sempre crescentes de diversificação e aprofundamento, ampliando, assim, as fronteiras do que se saiba sobre si e sobre o mundo onde se está inserido (reconhecendo, ao mesmo tempo, que essas fronteiras são sempre muito mais estreitas do que, em geral, estamos dispostos a admitir...);

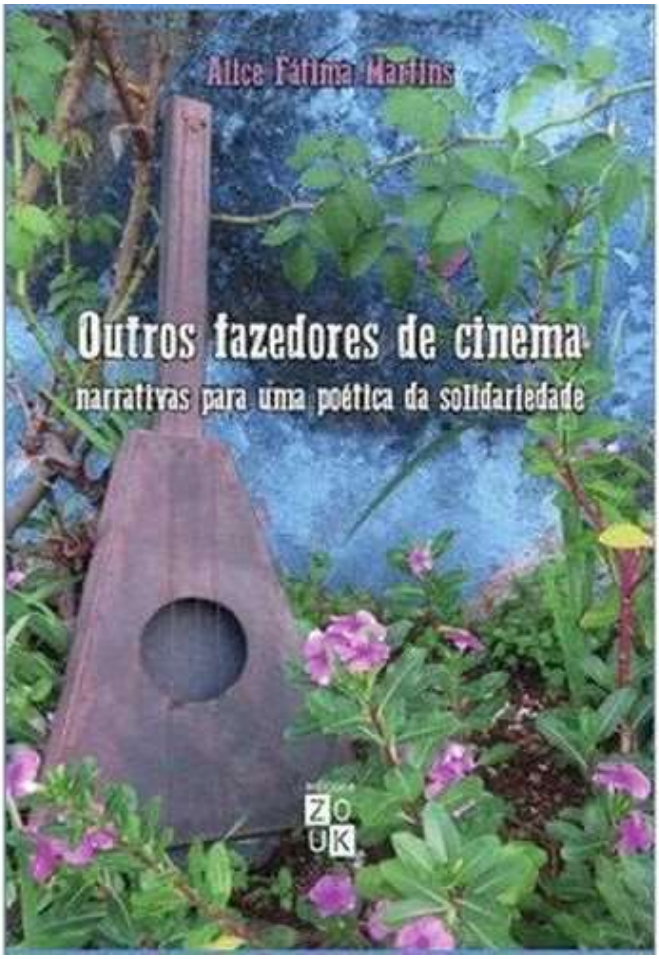
6. no projeto por meio do qual eu possa contribuir para formar pessoas mais abertas à diversidade de pontos de vista, à ética e à poética da solidariedade, em âmbitos cada vez mais profundos e radicais (no sentido etimológico da palavra, daquilo que busca a raiz);

7. na curiosidade que move a perguntar e no desejo de desvelar os mistérios sobre si e sobre o mundo, experimentados por estudantes, professores, pesquisadores, artistas, cientistas, artesãos, fazedores de filmes, contadores de história, viventes de toda sorte... e na possibilidade de se reinventar, aprender e reaprender tudo de novo, como parte do próprio ato de respirar;

8. na humanidade (sem perder de vista os constantes riscos de ser vencida pelos argumentos em contrário) e na ignorância como condição inexorável da própria existência, conquanto o não-saber se imponha sempre a qualquer possibilidade de saber;

9. nos fazeres das artes, em exercícios poéticos em seu sentido mais amplo, complexo e diverso, como atividade que potencializa a revisão autocrítica do estar no mundo;

10. na possibilidade de contar histórias para reinventar os sentidos de existir e viver em sociedade; e nas imagens em movimento, sonorizadas, como território profícuo para se produzirem narrativas de si, do outro, forjando imaginários, trazendo à luz fragmentos da multiplicidade de visões de mundo.

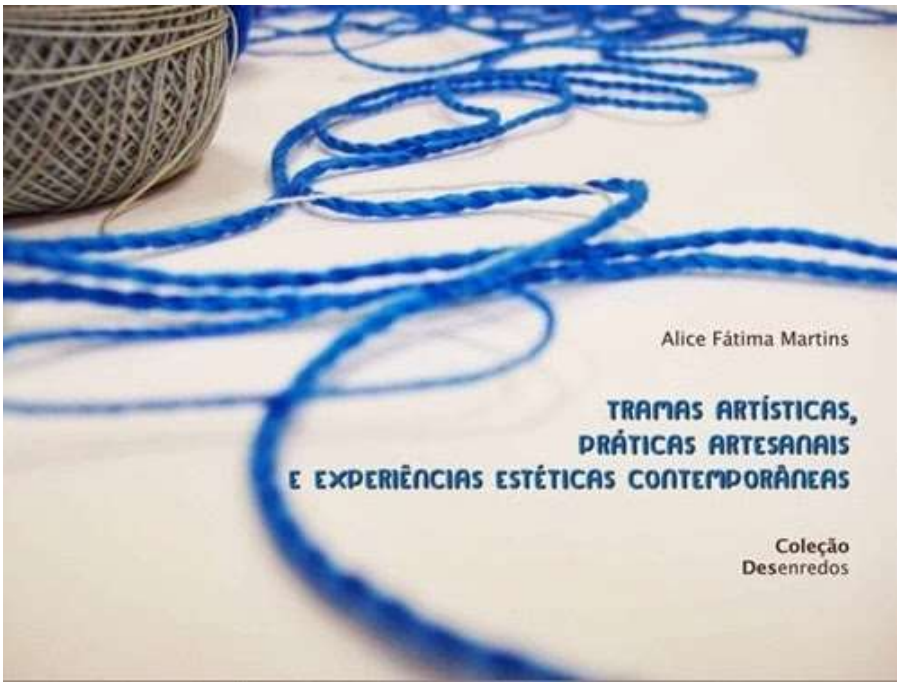


MARTINS, Alice Fátima. *Outros fazedores de cinema: narrativas para uma poética da solidariedade*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

Embora, à primeira vista, esses dois livros configurem uma alteração no percurso instaurado pelo livro que resultou do doutoramento, eles de fato dialogam entre si, em vários aspectos. Dentre esses, estão as noções de alteridade e empatia, implícitas na questão sobre “o outro”, ou “os outros”, em relação às produções fílmicas, seja nas histórias contadas, seja entre quem conta as histórias. No tocante à sua natureza, permanece como interesse de investigação comum nos três livros a busca por narrativas ficcionais, considerando que sua não pretensão de registro de realidade constitui testemunhos dos contextos nos quais são concebidas e realizadas. Outra questão importante, que ganhou relevância para a pesquisa, refere-se à presença, ou ausência, feminina na direção de produções fílmicas. Esse dado foi constatado durante a pesquisa de doutorado, no contexto da ficção científica, e vem sendo reiterado nos demais contextos de investigação. Por essa razão, passou a configurar como tema nuclear da atual pesquisa desenvolvida junto ao CNPq. Finalmente, as análises feitas referenciadas nas questões da cultura também formam a base das pesquisas realizadas, no contexto da sociologia da cultura, além das noções de imaginário social e de futuro.

Saudades do futuro: ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir. Brasília: Ed. UnB, 2013.

A oferta da disciplina **Ateliê interdisciplinar de artes visuais**, para o curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade EaD, motivou-me a sistematizar toda a minha experiência com tecelagem, bordados e outras atividades com fios, desde a atuação nas oficinas de ensino fundamental, na Escola Parque, em Brasília, passando pela Oficina dos Fios, na FAV, e as várias ações artísticas deflagradas nesse ínterim. Desse esforço, resultou o livro intitulado **Tramas artísticas, práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas**, que foi disponibilizado às turmas, para orientar nossos trabalhos naquele semestre. Em formato de e-book, integra a Coleção Desenredos, do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.



Tramas artísticas, práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas [livro eletrônico]. Goiânia: FAV/UFG, FUNAPE, 2013.

O projeto do livro **Brevidades** recebeu o prêmio Cassiano Nunes, pelo Fundo de Apoio à Cultura, do Governo do Distrito Federal, tendo sido lançado em 2016. Trata-se de um exercício poético envolvendo texto e fotografia. Nele, as palavras e as imagens dialogam entre si. Seu conteúdo está dividido em três partes. A primeira, intitulada *Das brevidades*, reúne um conjunto de pequenos textos referentes ao quotidiano da minha mãe. São brevidades por tratarem de momentos fugazes, contudo, marcantes. A ideia de brevidade também evoca o sabor adocicado do pequeno biscoito feito com polvilho ou maisena. A segunda parte reúne um conjunto de pequenos poemas que reportam aprendizagens ou questões. Por isso

foi denominada *Algumas lições de casa*. Em *Outros exercícios*, a terceira parte, encontram-se diversos poemas, ligados entre si pela natureza experimental.

Brevidades. Brasília: Instituto Kaapykongo, 2016.

Além de um lançamento formal, em livraria, *Brevidades* foi lançado numa Escola Parque, em Brasília, para crianças que também brincaram de escrever poemas. No ano seguinte, realizamos uma oficina aberta à comunidade, no Centro Cultural UFG, que se encerrou com um sarau literário. Dessa atividade, participaram professores das redes públicas de ensino, e também estudantes, além de artistas e outras pessoas interessadas.

O design do livro é assinado pela professora Carla Luzia de Abreu, bem como a coordenação da oficina e do sarau, no Centro Cultural UFG. Desde a condição de estudante de graduação nas turmas do curso de Licenciatura em Artes Visuais à de professora efetiva na FAV, são muitos os trabalhos, os afetos e as alegrias partilhadas com ela.

Entreato 12

data: 12 de jul de 2019
assunto: Texto de admiração

Oi, Alice.

Depois de muito buscar o seu e-mail, finalmente o encontrei. Não sei nem se você ainda o utiliza.

Sou muito fã do seu trabalho. Encontrei seu livro no início do ano e desde então tenho lido aos pouquinhos. Faço Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará e recentemente decidi que iria investir na pesquisa sobre antropologia e cinema (especialmente o de ficção científica). Um dia estava pesquisando bibliografia pra construir meus textos e descobri seu trabalho, que veio como uma benção na minha direção.

Queria agradecer pela forma fácil como você escreve tantos conceitos que de outra forma seriam complicados, visto que em certos momentos você fala sobre como a realidade é construída nos filmes de ficção científica. E são temas que me fascinam desde que me entendo por gente, e ver que é possível escrever sobre eles, escrever bem, é como me encontrar no mundo.

Se tudo der certo, vou enviar um trabalho para o I Colóquio de Cinema e Antropologia da Amazônia com o auxílio do seu texto. Sua escrita realmente tem me guiado, me direcionado nessa pesquisa.

Sério, seu texto está me ajudando muito. Muito obrigada por ter escrito esse livro. Não vejo a hora de ler mais coisas suas!

Ana Luiza

19.2 Organização de livros

A publicação em livros que reúnem coletâneas de trabalhos diversos resultam dos estabelecimentos de parcerias para o desenvolvimento de pesquisas, bem como para o compartilhamento dos resultados. Essas parcerias iniciam-se na própria unidade acadêmica de atuação, a Faculdade de Artes Visuais, nos grupos de estudantes e professores, na linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação, estendendo-se às relações interinstitucionais, e mesmo no diálogo a partir das associações e outras entidades civis que reúnem pesquisadores e estudiosos. Segue-se a relação dos livros de cuja organização tomei parte, desde 2004. Devo destacar a interlocução preciosa com o professor Raimundo Martins, na gestão, pesquisa e nas articulações de grupos e projetos colaborativos. As publicações em coautoria são um importante indicador nessa direção.

1. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. S. (Org.). *Encontros de fotografia, cinema, artes digitais*. ISBN 9788549501554. Goiânia: Gráfica UFG/UEG, 2017. v. 1. 259 p.

2. MARTINS, Alice Fátima; SATLER, L. (Org.). *Imagens, olhares, narrativas*. Curitiba: Editora CRV, 2016. v. 1. 156p .

3. MARTINS, R.; MARTINS, Alice Fátima (Org.). *Cultura visual e ensino de arte*: concepções e práticas em diálogo. Pelotas: Editora UFPel, 2014. 120p.

4. MARTINS, Alice Fátima; MARTINS, R. (Org.). *Trânsitos e fronteiras em educação da cultura visual*. Goiânia: Ed. UFG, 2014. v. 1. 184p.

5. MARTINS, R.; MARTINS, Alice Fátima (Org.). *Interações com visualidades em contextos de ensinar e aprender*. Goiânia: Cegraf, 2012. v. 1. 230p.

6. TEIXEIRA, J. G. L. C.; MARTINS, Alice Fátima; (et al) (Org.) *As Artes Populares no Brasil Central*: Performance e Patrimônio. Brasília: Idade da Pedra, 2012. 400p.

7. MARTINS, Alice Fátima; COSTA, L. E.; MONTEIRO, R. H. (Org.). *Cultura visual e desafios da pesquisa em artes*. Goiânia: FAV/UFG, 2005. 1200p.

8. MARTINS, Alice Fátima; ALCANTARA, M. H.; CARNEIRO, M. A.; CARNEIRO, M. S. S. U. (Org.). *Metodologias aplicadas na educação profissional de pessoas com deficiência mental e múltipla*. Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2005. 239p.

19.3 Capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos completos em anais e outras lides

No segundo semestre de 2004, fiz uma comunicação, com publicação nos anais, no 13º Encontro Nacional da ANPAP, realizado em Brasília. Foi o primeiro de que participei na condição de professora da UFG. Desde então, somam-se muitos eventos dos quais tomei parte, apresentando trabalhos, fazendo palestras e atuando em diversas comissões, das científicas às de organização. Além deles, somam-se outras tantas publicações as mais diversas. Como reverberam essas publicações junto ao público leitor? Quais as memórias mais marcantes das participações nesses eventos? Talvez os encontros entre pessoas, a partilha de afinidades, os projetos que emergem desses momentos sejam os registros mais eloquentes. Por isso, desde esse momento inaugural na UFG, não poupei esforços na busca por interlocução e compartilhamento de inquietações. Resultou, então, a publicação de 39 artigos completos em periódicos passíveis de avaliação, 51 capítulos de livros, 59 Trabalhos completos publicados em anais de congressos, além de textos em catálogos, textos de opinião, dentre outros. Nesse ínterim, participei de 121 eventos, de abrangências regional, nacional e internacional, seja como ouvinte, apresentando trabalho, ou como palestrante convidada. A participação, em várias ocasiões, foi na condição de ministrante de minicursos, oficinas, ateliers, em curadorias e funções correlatas.

Tendo coordenado a realização do Encontro Nacional da ANPAP, em 2005, desde então, integrei as equipes de organização de 27 eventos, seja na coordenação, seja assumindo outras funções. Dentre os eventos realizados, destaco o Encontros Fotografia, Cinema e Artes Digitais, em 2017, quando se reuniram, em Pirenópolis, em parceria com o Pirenópolis.doc Festival de Documentário Brasileiro, pesquisadores brasileiros, do Uruguai, México e Portugal. Na ocasião, em parceria com o professor José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro, foi firmada a carta com as bases da REdArtH. A realização do evento foi viabilizada pela ação conjunta de um grupo que assumiu sua produção: Adriane Camilo Costa (PUC/GO), Marcelo Henrique Costa (UEG), Fabiana Assis (Pirenópolis Doc), além de todos os demais que deram suporte técnico, administrativo e científico.

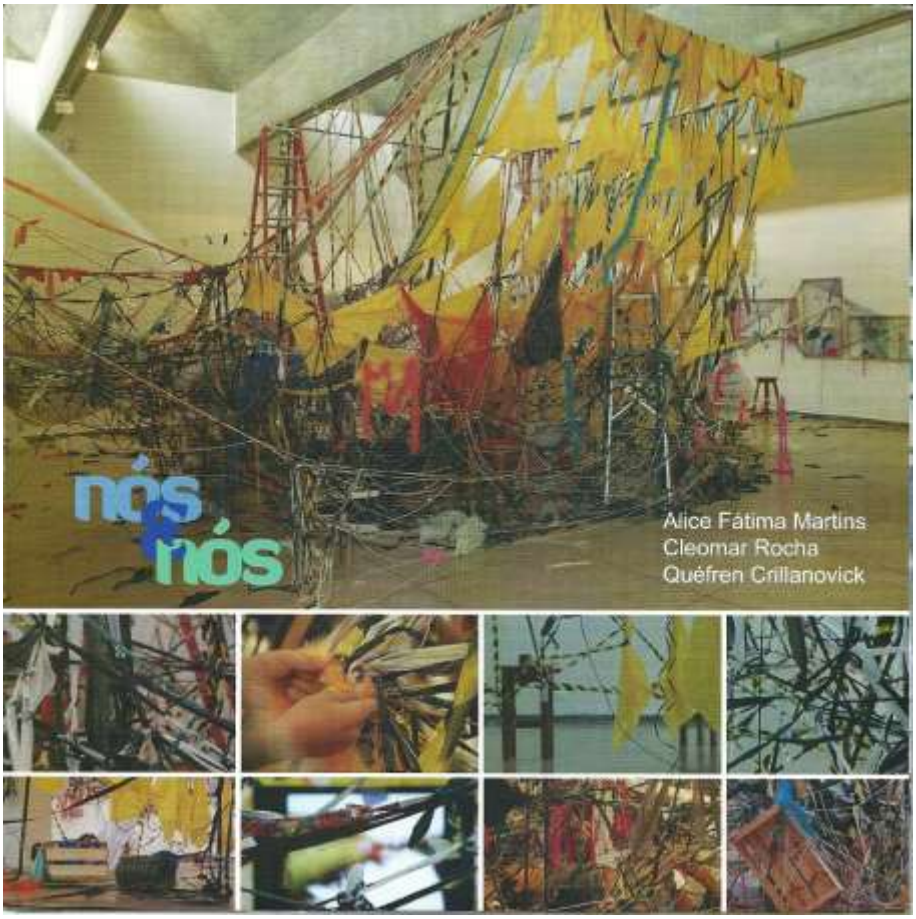
Essas atividades no campo da produção, publicação e organização de eventos para o compartilhamento de pesquisas e outras realizações passaram a integrar a rotina regular dos planos de ação institucional. Em alguns períodos, mostraram-se mais intensas, em outros um pouco menos. Mas não houve, mais, descontinuidade no envolvimento desse tipo de produção. Em 2020, com o quadro de pandemia instalado, alguns eventos previstos para os dois semestres foram suspensos ou adiados. Muitos perceberam, nesse momento, a oportunidade de modificar o formato, migrando para as plataformas digitais disponíveis. Como resultado, além dos eventos que já aconteciam regularmente, multiplicaram-se outros, novos, que passaram a ocupar os quotidianos. Acumula-se, já, um extenso número de *lives* realizadas, conferências, entrevistas, palestras online. A exemplo de participações dessa natureza, aponto duas:

1. Masterclass Outros Fazedores de Cinema, proferida na programação dos Encontros de Cinema de Viana do Castelo, em Viana do Castelo, Portugal, 2017. Vídeo disponível em <http://lugardoreal.com/video/masterclass-com-alice-fatima-martins-outros-fazedores-de-cinema>
2. Participação no Programa Lives Cultura na UFG, com a temática “Poética da solidariedade - para pensar outras artes possíveis”. Promoção do Centro Cultural UFG e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG. 2017. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1J0W1MCMrNg>

19.4 Outros modos de fazer, sentir, saber...

Os projetos de pesquisa não resultaram apenas em publicações de textos científicos, ou no estabelecimento de redes de pesquisa. Mais que isso, propiciaram que os estudos fossem articulados a processos de realização, buscando não dissociar o fazer, o sentir e o saber. De modo que os conceitos discutidos nos estudos da cultura visual, das artes visuais, do cinema e da educação possam transitar entre a palavra escrita e a experimentação no âmbito da criação propriamente dita. Dos projetos de criação, destaco dois: a instalação **Nós & Nós**, e o filme de longa metragem **O Legado do Artífice**.

A exposição **Nós & Nós** consistiu numa instalação relacional, realizada na Galeria da Faculdade de Artes Visuais da UFG no período de 19 de fevereiro a 5 de março de 2013, com projeto assinado por mim e pelos professores Cleomar Rocha e Quéfren Crillanovick, todos da FAV. Pensada a partir das experiências anteriores nos ateliers de tecelagem, bem como as intervenções decorrentes da Oficina dos Fios. As bases da proposta assentaram-se em referenciais da estética relacional, segundo a qual a experiência sensível encontra-se não a partir de um objeto artístico, ou da relação do público com um trabalho previamente concebido e realizado, mas exatamente na relação entre as pessoas, na interação e na transformação dos espaços.



Nós & Nós. Folder da exposição. Galeria da FAV, UFG. 2013.

Assim, foi montada uma grande estrutura na Galeria, com fios, tecidos e materiais diversos, com os quais o público pode interagir de modo radical, transformando profundamente seus usos, funções e forma.

A partir desse projeto, outras intervenções foram realizadas, e outros contextos: Praça do Chafariz, na cidade de Goiás; no Centro de Ciências Humanas,

Graduação, Licenciatura, da UNIMONTES; no MediaLab, da UFG. Em 2014, a professora Lara Satler coordenou a realização do vídeo **Nós Somos Todos** (2014), disponível online, para abordar essas experiências.

Já a esse tempo, eu vinha desenvolvendo o trabalho de campo junto aos *outros fazedores de cinema*. Nesse processo, acabei me acercando dos trabalhos de produção, e mesmo de atuação em alguns filmes. As conversas, as histórias contadas, os conceitos que se foram conformando no percurso motivaram pensar na possibilidade de escrever um roteiro cujo argumento, mais do que contar uma história ficcional, desse conta dos princípios orientadores do trabalho prático do cineasta Martins Muniz junto ao Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. Assim, foi esboçado o filme **O Legado do Artífice**, finalizado em 2020.

Escrito o roteiro, passamos à etapa da pré-produção e gravação, buscando manter, nos trabalhos práticos, a nos aspectos formais da linguagem, as orientações éticas, poéticas e narrativas do próprio Muniz, bem como das nossas discussões sobre arte, cinema e outros fazeres. Pautada pela ideia da poética da solidariedade, parti para essa empreitada buscando me desvencilhar de certezas e formatos prévios, aberta à ação coletiva e colaborativa. Para isso, contei com a parceria inestimável de Renato Cirino, Lara Satler, Adriane Camilo, Lorena Cintra, Fábio Rocha, Bruno Eduardo Araújo, Sêmio Carlos, Alda Alexandre, Eurípedes de Oliveira, Paulo Passos, Adalto Bento Leal, Noé Luiz da Mota, Maneco Maracá, Cátia Ana Balduíno, além de um número enorme de outros participantes, e do suporte com que contamos por parte do Martins Muniz e da Vagna Luíza Muniz, acolhendo as gravações em sua residência, durante vários finais de semana.

A experiência está relatada no texto intitulado **Um filme para pensar um modo de fazer filmes** (MARTINS; SATLER & CIRINO, 2019). Tivemos em conta, sobretudo, o fato de nós três termos projetos de pesquisa nos quais o trabalho de Martins Muniz e o Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema integrar o campo de investigação, e estarmos, os três, envolvidos na realização do longa-metragem.

Em 2020, o filme foi inscrito em vários festivais. Pretendemos assegurar modos de exibição em escolas e outros centros culturais populares, também.

Cartaz de divulgação do filme *O Legado do Artífice* (2020). Arte: Cátia Ana Balduíno.

Tanto a exposição Nós & Nós quando a realização do filme O Legado do Artífice integram o rol de produções por meio das quais tenho experimentado outras formas de fazer, sentir e pensar, de operar no contexto do sensível, tendo em vista os

processos de criação e também as dinâmicas de educação. Dentre as principais atividades, vinculadas aos projetos de pesquisa, podem ser listadas:

1. Participação na “Exposição Pátria que o Pariu!” com curadoria da professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, a convite do Museu de Arte de Goiânia. 2008.
2. Membro do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, desde 2011, atuando como atriz, fotógrafa, e integrando a equipe de produção.
3. Organização da “Mostra de cinema Martins Muniz”. Cine Ouro. 2011.
4. Atriz no filme “O Capitão do Mato”. Roteiro e Direção: Martins Muniz. Realização: Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. 2013. <https://www.youtube.com/watch?v=Bl7cBRnGc-Y>
5. Fotografia do cartaz do filme “O Capitão do Mato”. Roteiro e Direção: Martins Muniz. 2013.
6. Atriz no filme “Imbilino 6: Uma linda assombração”. Direção: Aroldo Filho. Realização: Gigante Produções. 2015. <https://www.youtube.com/watch?v=-xiJpIJ7U0k>
7. Atriz no filme “Parkinson... e agora?”. Direção: Martins Muniz. Realização: Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. 2015. <https://www.youtube.com/watch?v=nl3hLAjmWlk>
8. Atriz, no elenco do filme “Egotismo ou sentimento exagerado da própria personalidade”. Direção: Martins Muniz. Realização: Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=8mYF6Apnu9o>
9. Exposição fotográfica sobre o filme “Egotismo ou sentimento exagerado da própria personalidade”. Local: Catedral das Artes. 2016.
10. Curadoria, em parceria com Renato Cirino, da Mostra de Cinema Dadá, dentro da programação do Dadá Spring, em comemoração aos 100 no manifesto Dadá. 2016.
11. Realização, em parceria com Renato Cirino, da OfiCine Dadá. Oficina para a realização do filme coletivo intitulado “Caracol cramunhão questiona o tempo mínimo de orgia informal na lagoa como objeto de socialização”,

dentro da programação do Dadá Spring, em comemoração aos 100 no manifesto Dadá. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=7NcFEdRNNXA>

12. Comissão de organização do Mulherio das Letras/Goiás. Centro Cultural UFG. 2017.
13. Atriz no filme “Imbilino e o baú de ouro”. Direção: Aroldo Filho. Realização: Gigante Produções. 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=f15xyRaNQlg>
14. Atriz no filme “Agonia”. Roteiro e Direção: Martins Muniz. Realização: Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=o7MHf0wJIjU>
15. Atriz no filme “Anos de Delírio”. Roteiro e Direção: Martins Muniz. Realização: Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=JKbUwBeAQSA>
16. Participação na programação *Dia da Poesia*. Projeto da TV UFG, para celebrar o Dia da Poesia. É aberto o convite à comunidade para gravarem poemas, de sua autoria ou não. Os vídeos são veiculados pelo canal aberto da TV, e também no canal online da TV UFG na plataforma Youtube. 2019, 2018 e 2011. <https://www.youtube.com/watch?v=VGbMB5tmVtg> <https://www.youtube.com/watch?v=h_CrzU8bXRM&list=PLowgBEHZ82KhF5hXPaaEfGIoLPXzEB_Zs&index=105&app=desktop> <https://www.youtube.com/watch?v=lGNDhrRkNeE>
17. Roteiro, Direção e Coordenação geral de Produção do filme “O legado do artífice”. 2020.

Retomando, ainda, as memórias caras dos exercícios em nome da leveza e da poesia, lembro de algumas tardes de sexta feira, no mês de agosto de 2010, 2011 e 2012, quando brincávamos soltando pipas no gramado ao lado da Faculdade de Artes Visuais, na UFG. Chamamos de *Agosto das Pipas*. Eu e o professor Cleomar Rocha demos início ao movimento, ao qual veio se somar, posteriormente, a professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. Fazíamos a chamada à

comunidade. Em em algumas tardes o gramado chegou a acolher dezenas de pessoas de diversas idades, que atenderam ao convite para brincar. Houve, também, momentos quando éramos apenas duas ou três pessoas, o que em nada diminuiu o encantamento daqueles momentos.

MUITAS PIPAS NO AR

FACULDADE DE ARTES VISUAIS DA UFG PROMOVE AMANHÃ MAIS UMA ETAPA DO AGOSTO DAS PIPAS

Quem tiver pipa ou rabia, como também é chamado o brinquedinho que volta a conquistar crianças e adultos, pode levar para uma tarde de brincadeiras ao vento no gramado que fica entre a Faculdade de Artes Visuais da UFG e o Centro de Convivência, no Câmpus 2, amanhã, a partir das 16 horas. Trata-se do Agosto das Pipas, projeto que é uma empreitada comandada pelos professores Cleomar Rocha, Alice Martins e Manoela Afonso, da FAV/UFG.

A iniciativa movimentou durante as sextas-feiras deste mês o espaço com a presença de crianças e adultos, entre estudantes e professores da UFG, familiares e outras pessoas da comunidade. Segundo Alice Martins, a iniciativa surgiu de forma despretenciosa. "Queríamos era reservar um tempo para brincar mesmo, mas as pessoas foram chegando com suas pipas e o projeto tomou forma", diverte-se.

Manoela Afonso, que imprimiu suas ilogravuras nos papéis de algumas pipas, revelou que de uma experimentação inicial – amanhã será a última sexta-feira da fase inicial do projeto –, mas que já deve dar frutos. "A gente agora quer criar um hábito, mesmo que a brincadeira for feita com pipas compradas ou elaboradas de forma rápida. Também temos a intenção de montar oficinas para fazer as pipas previamente", explica.

Cleomar Rocha, professor da área de arte e tecnologia, adianta que o projeto deve ter continuidade. "Nosso grupo de pesquisa quer dar seguimento ao projeto de pipas virtuais, com imagens e simulações feitas no computador que depois poderão ser exibidas em espaços públicos, como o Planetário", revela.

Projeto: Agosto das Pipas
Data: Hoje, a partir das 16 horas
Local: Gramado entre a Faculdade de Artes Visuais e o Centro de Convivência – Câmpus 2 da UFG
Entrada Franca

A brincadeira de soltar pipa, iniciativa de professores da Faculdade de Artes da UFG, movimenta as tardes de quinta-feira no Câmpus 2

Chamada para o *Agosto das Pipas*, veiculada no jornal O Popular, em 2011.

Em 2020, o projeto CÁ ENTRE NÓS, para ocupação da Galeria da FAV, ficou em suspenso em razão da pandemia. Dele participam, além de mim, Iana Francisca Quirino do Nascimento, Alzira Martins Prado, Renato Cirino, Jossier Boleão e Julia

Mariano Ferreira. Prevê trânsitos entre as disciplinas **Oficina dos fios** e **Fundamentos da arte na educação**, bem como a articulação com grupos da comunidade, tais como bordadeiras, movimento de mulheres camponesas, grupos de *slam*, grupos de idosos, dentre outros. Em vista da suspensão das atividades presenciais, por iniciativa da coordenação da Galeria, se estão buscando formas de redimensionar o projeto, para veiculá-lo em plataformas digitais. Também está adiado outro projeto de realização fílmica, sobre o trabalho de Hugo Caiapônia.

Ainda em regime de quarenta, quando a esfera do que é público tem invadido territórios do privado, demos início à realização do filme de curta-metragem intitulado **Que dia é hoje?...** Roteiro e realização em parceria entre eu e o professor J. Bamberg, na busca de dar forma narrativa às inquietações de que somos tomados. A intenção, com o filme, é compor um painel de fragmentos do dia a dia em reclusão, trabalhando em diferentes graus as tensões, o medo, as incertezas. Sobretudo, abordar os modos como a percepção do tempo tem sido afetada no decurso dos dias.

19.5 Bancas, pareceres e outras comissões de avaliação

A atuação num programa de pós-graduação implica, também, na participação em bancas de várias naturezas, desde as bancas nos processos de seleção para aluno regular de pós-graduação, às de qualificação e defesa de mestrado e doutorado. Na graduação, estão os trabalhos de conclusão de curso. São, todos, ritos de passagem importantes para graduandos, mestrandos e doutorandos, e configuram espaços de encontro e aprendizagem também para os membros das bancas. Esse exercício estabelece, como desafio mais fundo e, provavelmente, mais fecundo, a necessidade de se realizar a leitura não a partir de nossos próprios padrões e expectativas, mas a partir de uma compreensão a ser construída dos pontos de partida e das ferramentas escolhidas pelo autor, pela autora da monografia de graduação, da dissertação ou tese. Sem boas doses de empatia, o intendo pode fracassar. Por outro lado, a empatia não implica no afrouxamento do rigor na leitura. As dificuldades da avaliação se ampliam, pois se dão em duas instâncias. Na primeira, é necessário compreender o ponto de partida e o território percorrido pelo

autor, pela autora (que não necessariamente faz as escolhas que as e os avaliadores fariam); na segunda, é feita a análise para perceber em que medida o proposto foi alcançado, ou cumprido. Assim, o desafio enfrentado pela e pelo discente não é menor para quem lê o trabalho finalizado. Assim tem sido para mim, nas 51 bancas de defesa mestrado de tomei parte, bem como das 24 bancas de defesa de doutorado e as 31 bancas de defesa de trabalho de conclusão de curso de graduação.

Considero o momento de qualificação ainda mais delicado e profícuo, em razão de ser um momento de reflexão sobre um trabalho em processo. A responsabilidade dos membros da banca é ainda maior, pois suas considerações podem mudar o curso das escolhas e tomadas de decisão. Esse sentido de construção prevalece a leitura e a avaliação dos trabalhos submetidos ás bancas de qualificação das quais tenho tomado parte, sendo 17 de doutorado e 32 de mestrado.

Em razão do quadro de orientandos e orientandas de graduação, mestrado e doutorado, bem como de supervisão de pós-doutorado, na Faculdade de Artes Visuais nunca foi viável eu integrar bancas de concurso. E como tal participação, em geral, implica em um período mais longo de participação *in loco*, em poucas oportunidades foi possível participar em outras instituições públicas de ensino superior. Segue o rol das bancas de concurso para professores de que tomei parte:

1. Membro da Comissão de Concurso para Professor Titular de *Taller paralelo de libre orientación estético y pedagógica*. Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes / Universidad de la República. 2017.
2. Concurso público de provas e títulos para provimento de cargos da carreira de professor de educação superior do quadro de pessoal da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Prova didática e de títulos. Universidade Estadual de Montes Claros. 2015.
3. Concurso público de provas e títulos para provimento de cargos da carreira de professor de educação superior do quadro de pessoal da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Prova de conhecimento. Universidade Estadual de Montes Claros. 2014.
4. Concurso público de provas e títulos para provimento de cargos da carreira de professor de educação superior do quadro de pessoal do Instituto Federal

de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Professor Área Artes/Artes Visuais. Unidade Uruaçu. 2013.

A atuação como pesquisadora também tem aberto frentes de atuação como parecerista *ad hoc* de vários periódicos e publicações de editoras diversas, sobretudo as universitárias, bem como para avaliação de projetos e outras solicitações feitas em atendimentos a editais diversos de agências financiadoras, desde as de âmbito nacional tais como CNPq, CAPES, às regionais e estaduais, a exemplo da FAPEMA, FAPEG, FAPEMIG, dentre outras, a própria UFG em seus editais de pesquisa e iniciação à pesquisa, e eventualmente agências de outros países, como a CSIC, Comisión Sectorial de Investigación Científica, da UdelaR, Uruguai.

Ainda no tocante a comissões de avaliação e participação em júris, aponto a participação na comissão julgadora de alguns certames nacionais e internacionais:

1. Membro do júri para outorga do Prémio Eng. Fernando Gonçalves Lavrador, na Internacional Conference Cinema – Art, technology, communication. Cine Clube de Avanca. 2017 e 2018.
2. Membro do júri na Mostra Competitiva Primeiro Olhar, nos XVII Encontros de Cinema. AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual. 2017.
3. Membro do Júri do II PirenópolisDoc Festival de Documentário Brasileiro. Pirenópolis.doc. 2016.
4. Membro da Comissão de Seleção de projetos para o Fundo de Arte e Cultura de Goiás/Artes Visuais. Secretaria de Estado da Cultura de Goiás. 2014.
5. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Ficção Científica do Brasil, contos. Ficção Científica do Brasil. 2011.
6. Membro do Júri da Mostra Competitiva do Festival Latino-americano de Cinema Universitário Perro Loco. Universidade Federal de Goiás. 2010.
7. Membro da Comissão de Avaliação de teses e dissertações submetidas ao edital de publicação Expressão Acadêmica, da Editora da UFG. Universidade Federal de Goiás. 2009.

19.6 Premiações

Em 2010 e em 2011, fui Paraninfa dos formandos no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais, UFG. Em 2012, fui a professora homenageada, com meu nome atribuído à turma. Mais que prêmios, são momentos de retorno e avaliação do trabalho realizado no ensino superior.

Em 2019, em comemoração ao Dia Internacional do Cinema, integrei um grupo com mais de 50 pessoas ligadas ao cinema no Estado de Goiás, indicadas pela realizadora Carmelita Gomes, para receber a o **Certificado de Honra ao Mérito**, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás ALEGO. O certificado foi entregue em sessão especial extraordinária convocada pela Deputada Estadual Adriana Accorsi. Nesse mesmo ano de 2019, fui indicada, pelo Conselho Diretor da FAV, juntamente a outros professores, servidores e estudantes, para receber o **Certificado de Reconhecimento Consuni UFG 2019**. Este certificado é concedido a pessoas da comunidade universitária (docentes, técnicos administrativos e discentes) que tenham se destacado em atividades relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão, cultura, esporte e inovação tecnológica, além de boas práticas de gestão administrativa. Meu nome figurou, dentre as indicações da Faculdade de Artes Visuais, ao lado do nome do professor Raimundo Martins da Silva Filho, que foi laureado com o título de Professor *Ad Honorem* da Universidad de la República, no Uruguai, dentre outros professores, estudantes e servidores da nossa unidade acadêmica.

Entreato 13

XIV

Para a noite de gala, preparou o vestido azul marinho e o par de sapatos pretos com salto baixinho. Queixou-se do corte mal feito da beca preta, e não deixou de notar a costura desleixada na renda que enfeitava os punhos e a gola. Mas sentiu-se orgulhosa por vesti-la. Penteou com cuidado os cabelos grisalhos devidamente aparados desde a semana anterior. Desenhou os lábios com batom claro. Mirando-se no espelho, exclamou, sorrindo: Não é que estou me sentindo bonita?! Ela, que não concluíra os estudos do ensino primário, devotara-se a traduzir seu quotidiano em estrofes com versos rimados. Pouco antes de completar 86 anos, seria conduzida a integrar um grupo ativo de escritores, porque assim passara a ser reconhecida e respeitada (MARTINS, 2016).

Foto: Alice Fátima Martins. 2013.

Entreato 14

Entre estradas, saguões de embarques de aeroportos, no encontro com outras pessoas, dos rascunhos de poesia aos sets de filmagem, nas inquietações de toda sorte, em utopias por um mundo mais justo, e na mesa posta para o café da manhã, eu não poderia ter melhor companhia, J. Bamberg, parceiro na vida.

Olho d'água

para J. Bamberg

no recôndito de minh'alma
há um poço
donde brota a água mais cristalina
já produzida pelo meu ser
donde brota, também
o meu amor por você
e essa dor do mundo
que de repente me inunda...

Terra Brasília, 2002

TERCEIRA PARTE:
AINDA, DEVIRES

1. Linhas de fuga

Linhas de fuga partem do ponto em que o observador, ou a observadora se encontra, e vão em direção ao infinito. Dirigem-se a algum ponto onde o olhar e o horizonte se cruzam. No mais das vezes não são retilíneas. Quase sempre, como as riscas de bordado, quebram-se, em descontinuidades.

Estradas constituem linhas de fuga. Gestos também. Desejos. Projetos. Devires...

Mais de três décadas depois de ter concluído a graduação, lanço-me à ventura de voltar à condição de discente, para cursar o bacharelado em filosofia. O que uma professorinha de artes pode aprender num curso de filosofia? Ante a perplexidade destes tempos, o curso de filosofia pode abrir flancos para o aprofundamento em perguntas que, bem sei, não terão respostas. Mas fornecerão matéria prima para levar a cabo outro projeto, que provisoriamente denomino de **Tratado para-filosófico ficcional sobre a espécie humana**. A ênfase desse pensar pretende estar na crítica à perspectiva antropocêntrica que preside as produções nos diversos âmbitos da cultura: religião, arte, ciência.

Embora ciente quanto à impossibilidade de perceber e construir interpretações sobre o mundo fora da condição humana, da qual não me é possível desvencilhar, me disponho a experimentar a formulação de um pensamento segundo o qual a espécie humana não ocupe centralidades na produção de linguagem, cultura, conhecimento, ou seja lá o que mais. Compreender a condição humana numa relação de paridade às demais substâncias vivas, conhecidas e desconhecidas por nós, pode traçar outras perspectivas e possibilidades para repensar as próprias questões relativas aos modos de fazer, sentir e saber e, portanto, à educação, às artes, à cultura, e tanto mais.

No entanto, esse projeto/escrita também não se pretende tomar muito a sério, num esforço por reivindicar menos poder à própria narrativa humana de si sobre o mundo. E apresenta-se em camadas, desde relações mais próximas, dentro dos circuitos de atuação profissional, estendendo-se, em pequenos saltos, a circuitos cada vez mais abrangentes, com os olhos buscando luzes e buracos negros nas galáxias, as visíveis, as não visíveis... particularmente as não sabidas...

Ora, esse projeto encontra-se circundado, antes, de outros projetos que reclamam prioridade. Dentre os quais, está a sistematização de escritas sobre o trabalho das professoras Maria Felisminda de Rezende e Fusari, a querida Mariazinha Fusari, e de Lais Fontoura Aderne, a nossa Lais Aderne, que, de distintas maneiras, marcaram minha formação.

Mariazinha Fusari foi pioneira no desenvolvimento de pesquisas estabelecendo relações entre mídia e infância, desde as questões da educação, da comunicação e da arte. Quando a obra de Vilém Flusser era ainda ignorada nessa área de estudos, ela me orientou a abordar as questões das imagens técnicas no trabalho final do mestrado. Embora, no campo do ensino de artes, ainda tenha sua produção muito pouco explorada, é respeitada entre pesquisadores que trabalham com a noção de educomunicação, tendo sido cofundadora do Núcleo de Comunicação e Educação NCE, da Universidade de São Paulo (USP).

Da mesma forma, o trabalho de Lais Aderne reclama sistematização, para ganhar visibilidade. Seu nome se faz presente, hoje, sobretudo entre os projetos dos eco-museus aos quais deu início, e que continuam em funcionamento. No entanto, sua atuação foi bem além dessas frentes, tendo articulado de modo singular as relações entre meio ambiente, sustentabilidade, educação, arte e cultura, num sentido comunitário e colaborativo. Uma colecionadora de pessoas, como teria referido o filho, Pierre Aderne, por ocasião de seu falecimento.

Entendo o importante papel que Mariazinha Fusari cumpriu, na minha formação, quanto à aproximação entre as questões da arte, da educação e das mídias. Do mesmo modo, o quanto as interlocuções com Lais Aderne me motivaram a pensar as relações entre educação, arte e cultura desde outros pontos de vista. Seu trabalho tem sido uma das fontes inspiradoras para avançar sobre o rascunho disso que tenho chamado de *poética da solidariedade*, talvez *poiesis* da solidariedade, nas relações com a cultura, a educação, as artes e o cinema.

----- *** -----

Como é possível notar, as linhas de fuga não se desenham em paisagens vazias de relações, tampouco têm origens em territórios desabitados. Chegaram até este ponto por vias compartilhadas, por redes de relações, e só assim é possível que prossigam, instaurando o vir-a-ser. Nada do relatado neste memorial teria sido

possível não fossem as parcerias de caminhada. Por isso, escolho fazer referência a todos com quem eu tenha caminhado, no ofício da orientação e da supervisão, bem como a docentes e profissionais das áreas técnicas na UFG. Como não conseguiria citar todos os nomes, o farei por meio de alguns, que adensam essas relações, pelos vínculos plurais.

Por primeiro, lembro de **todos os meus orientandos e todas as minhas orientandas**, principais motivações da caminhada nestes últimos 16 anos, citando duas interlocuções que se estabeleceram nos três âmbitos: graduação, mestrado e doutorado. Tratam-se da professora Adriane Camilo Costa, hoje professora na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e na PUC/GO, e Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes, artista hoje radicado em São Paulo, com um percurso instigante e promissor. Acrescento uma terceira referência, o professor Juan Sebastián Ospina Álvarez, de quem fui orientadora no mestrado, pela Universidad de Caldas, na Colômbia, e no doutorado, na própria UFG. Em nome dele, reporto a importância de todas as interlocuções com quantos pesquisadores e realizadores de outros países, neste percurso. Suas atuações desenham linhas de fuga outras que se lançam a mapas tantos, multiplicando possibilidades.

Reporto gratidão a **meus e minhas colegas de trabalho**, tanto na **docência** quanto nas **áreas técnicas**, citando algumas interlocuções que também estabeleceram o trânsito desde as relações de orientação e supervisão, chegando à parceria profissional, e vice-e-versa. A professora Carla Luzia de Abreu era estudante de graduação quando cheguei à FAV. Desde então, cumprimos alguns trajetos lado a lado, como orientadora e orientanda, e hoje é parceira na docência e em quantos outros projetos. A professora Noeli Batista dos Santos me propiciou aventuras sensíveis “além do espelho de Alice”, quando fui sua orientadora, no mestrado. Ouso incluir os nomes das professoras Valéria Fabiane Braga Ferreira e Lilian Ücker, de cujos percursos, no mestrado, eu pude me aproximar, em alguma medida, na condição de coorientadora. Hoje posso partilhar com essas quatro mulheres, por quem cultivo profundo respeito, as alegrias e as tensões de sermos docentes nesta Faculdade de Artes Visuais. E com quem posso compartilhar projetos, linhas de fuga, outras fatias de utopia! A professora Lara Lima Satler, de quem fui orientadora no doutorado, deu continuidade à nossa interlocução no pós-

doutorado, quando respondi pela supervisão. Embora esteja vinculada a outra unidade na UFG, a Faculdade de Informação e Comunicação, mantemos os laços muito estreitos em projetos vários, em importantes trânsitos interdisciplinares. O servidor Renato Cirino que, sendo técnico na área de audiovisual da FAV, manteve diálogo comigo como orientando no mestrado e doutorado. Tendo formação também como professor de Artes, é parceiro em quantos projetos de pesquisa, extensão e ensino. A servidora Julia Mariano Ferreira, que, sendo fotógrafa e funcionária da UFG, é também professora na UEG. Orientanda de mestrado e doutorado, tem sido companheira em bordados, poesias e outras tramas de afetos e saberes. Finalmente, reporto Alzira Martins Prado, secretária no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Tendo caminhado lado a lado comigo nos anos que cumpri como coordenadora do Programa, agora assume também a posição de discente, para cumprir a formação no mestrado, com minha orientação.

Entreato 15

Tenho me ocupado, cada vez mais, com coisas desimportantes...

Num texto intitulado “Antropologia de uma imagem sem importância”, o professor Etienne Samain (2003) se debruça sobre o espanto que lhe causa uma fotografia realizada por seu filho, então com 9 anos de idade, e todas as perguntas por ela disparadas em sua direção. O autor discorre sobre o quão inquietante é a capacidade dessa imagem em subverter as palavras, configurando espaços múltiplos do imaginário humano, individual e coletivo. Em suas palavras, aquela imagem ousa “reivindicar e roer (...) um pedaço da realidade” (p. 47).

Não é só com imagens visuais que tenho me ocupado. Com elas também. Inclusive as fotográficas e as do cinema. Mas é com desimportâncias de toda sorte que tenho aprendido fazeres, experimentado sentires, construído saberes... movida pelas perguntas que elas me disparam, e pelos pedaços de realidade que roem... Para melhor me explicar, peço ajuda ao poeta Manoel de Barros (2018, p. 25).

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor os meus silêncios.

Para o contexto das artes e da cultura visual, a questão da desimportância, esse “atraso de nascença”, é abordada com muita propriedade pelo pensador argentino Colombres (2005): “El problema del arte es el problema de todo que se coloca fuera de él, en la anodina esfera del no-arte, ese reino de la insignificancia que se ha convertido en un poderoso mecanismo de dominación” (p. 277). Esse reino da insignificância e suas bordas indefinidas, que o mundo das coisas importantes da arte (e da política, e do mercado...) teima em colonizar, me interessa por sua pluralidade, pela multiplicidade de formas, cores, movimentos, conhecimentos. Sobretudo, pela capacidade de resiliência e pelas estratégias de resistência. É em seus territórios que proponho cultivar, coletivamente, sementes de poética da solidariedade...

2. Revisando a bagagem, para prosseguir

Itens de uso pessoal que não podem faltar

Um punhado de dúvidas, outras tantas perguntas

Uma fatia de utopia

Uma dose extra de capacidade de indignação

Vontade de aprender, para uso contínuo

Afetos, para cultivo diário

Itens de uso emergencial

Gotas de alento

Brilho para os olhos

Café com cardamomo, broa de milho e boa prosa

Itens para uso futuro

Talvez uma bengala, para o equilíbrio e também autodefesa

Os cabelos encanecidos que nunca receberam tinta

Algumas cicatrizes e outras marcas que contam histórias

Itens que foram descartados pelo caminho

A vontade de fazer formação em psicanálise

A vontade de fazer formação em antropologia

A vontade de praticar boxe

Diário de viagem

Memórias, para saber quem sou, ou quem acredito ser... ou para inventar modos de ser...

Entreato 16

Inverno do ano de 2020. Em consequência da pandemia em curso, as viagens aéreas, rodoviárias, dentre outras, estão drasticamente reduzidas. Sobretudo, as viagens de turismo. Ou deveriam estar... As atividades acadêmicas migraram para os ambientes digitais. Ainda é crítica a ideia de retorno às aulas presenciais. Comunicamo-nos, preferencialmente, por meio dos aparatos tecnológicos, as chamadas TICs: Tecnologias de Informação e Comunicação. O que, antes, era escolha e possibilidade, conjugado em modos indicativo e subjuntivo, hoje se coloca no modo imperativo.

É nessa condição que integro a Conferência Internacional sobre Cinema, Arte, Tecnologia e Comunicação em Avanca 2020, Portugal. Apresento trabalho, modero uma sessão de apresentações, e tomo parte do Comitê Científico e do júri para o Prémio Eng. Fernando Gonçalves Lavrador. O filme “O Legado do Artífice foi selecionado para a programação competitiva do Festival de Cinema Avanca 2020. Contudo, a despeito de toda essa imersão no evento, prevalece o pressuposto instaurado desde meados de março de 2020: não há travessias entre continentes, a bordo de voos internacionais, nem afastamentos da minha mesa de trabalho, em casa, no Brasil.

Diferentemente dos viajantes que já fomos, aprendizes, dentre outros, dos navegantes renascentistas, por hora navegamos sem sair do lugar, ancorados nos movimentados portos de nossa vertiginosa imobilidade. Nossas bagagens são medidas em bytes. A velocidade e a acuidade de nossa voz e de nossa imagem têm a medida da conexão possível.

Configuram-se outros mapas e horizontes. Nesses, apesar do tráfego intenso, as vias não têm poeira. Para onde nos levarão?

Ventana sobre la utopia

Ella está en el horizonte — dice Fernando Birri —. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.

Eduardo Galeano. Las palabras andantes (2001, p. 230).

Gravura: J. Borges (GALEANO, 2001).

Bibliografia

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*: a modernidade sem peias. Lisboa: Teorema. 2004.

ARAÚJO, G. C. de: DA SILVA, C. Educação do Campo e os desafios para a educação brasileira e editoração científica. *Revista Brasileira De Educação Do Campo*, 4, 1-2. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um museu de arte. *Revista USP*, n. 2, 1989. p. 125-132.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. São Paulo: Max Limonad, 2002.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

BORGES, Jorge L. *Cinco visões pessoais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases LDB 5.692*. Brasília: DOU, Diário Oficial da União – Seção 1, 12 ago. 1971, p. 6377. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 24 nov. 2019.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte. Séries iniciais do ensino fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. *Séries finais do ensino fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLOMBRES, Adolfo. *Teoría transcultural del arte*: hacia um pensamiento visual independiente. Buenos Aires: Del Sol, 2005.

COUTO, João Gilberto Parenti. *A realização das profecias de Dom Bosco*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

CRUZ, Teresinha Rosa. *Uma experiência de educação interrompida*. Brasília: Editora Plano, 2001.

DANTAS, Marta. *Arthur Bispo do Rosário:* a poética do delírio. São Paulo: Editora Unesp. 2009.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS; Luiz Carlos de. Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. *Educação & Sociedade*, vol. 28, núm. 100, out. 2007.

GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. Buenos Aires: Catálogos. 2001.

GALEANO, Eduardo. *Memória do fogo*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GUYAU, Jean-Marie. *A gênese da ideia de tempo e outros escritos*. São Paulo: Martins Fontes, 2010

INEPE Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Escolinha de Arte do Brasil*. Brasília: MEC, 1980

IPHAN. *Inventário Nacional de Referências Culturais*: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

JACOTOT, Joseph. *Enseñanza universal*. Buenos Aires: Cactus, 2008.

MAINARDES; Jefferson. *Escola em ciclos*: fundamentos e debates. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, Alice Fátima; O professor dinamizador nas escolas da Fundação Educacional do Distrito Federal: função e formação (operacionalização dos conteúdos da Educação Artística, da Educação Física e do Ensino Religioso junto às séries iniciais). In: *Série Documentos do VIII ENDIPE*. Florianópolis: Núcleo de Publicações/CED/UFSC, v. 1. 1996.

MARTINS, Alice Fátima. *O desenho reproduzido e a formação de professores de início de escolarização*. Brasília: FEd/UnB, 1997. Dissertação de mestrado.

MARTINS, Alice Fátima. O desenho reproduzido e a formação do professor de início de escolarização. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 81, n. 198, p. 284-298, maio/ago. 2000a.

MARTINS, Alice Fátima. O desenho reproduzido e a formação do professor de séries iniciais do ensino fundamental. *Linhas Críticas*, 6(11), 33-50. 2000b.

MARTINS, Alice Fátima; Crianças portadoras de mielomeningocele e o desenho da figura humana. *Educação, Arte, Inclusão – Caderno de textos*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 37-55, 2003.

MARTINS, Alice Fátima. Conflitos e acordos de cooperação nos trânsitos das visualidades na educação escolar. In MARTINS, Raimundo. *Visualidade e educação*. Goiânia: FUNAPE, 2008.

MARTINS, Alice Fátima. Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). *Educação da cultura visual*: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

MARTINS, Alice Fátima. O ensino de artes nas Escolas Parque. In: PEREIRA, Eva Waisros; COUTINHO, Laura Maria et al. (Org.). *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2011.

MARTINS, Alice Fátima. *Saudades do futuro*: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir. Brasília: Editora UnB, 2013a.

MARTINS, Alice Fátima. *Tramas artísticas, práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas [livro eletrônico]*. Goiânia: FAV (UFG)/FUNAPE, 2013b.

MARTINS, Alice Fátima. *Brevidades*. Brasília: Instituto Kaapykongo, 2016.

MARTINS, Alice Fátima. Um projeto de educação integrada para o ensino médio: o CIEM na Universidade de Brasília. In: Eva Waisros Pereira; Maria Alexandra Militão Rodrigues; Laura Maria Coutinho. (Org.). *Anísio Teixeira e seus legados à educação do Distrito Federal: História e memória.* Brasília: Editora UnB, 2018a.

MARTINS, Alice Fátima. Rascunhos para uma poética da solidariedade como exercício crítico à concepção colonizadora da arte. *Exterioridade dos Saberes: NECC 10 ANOS*. v. 2 n. 20, 2018b.

MARTINS, Alice Fátima & ABREU, Carla Luzia. Pedagogias de fronteira. In GUIMARÃES, Leda Maria de Barros & PEROTTO, Lilian Ucker. *Licenciatura em artes visuais: percurso 2 [Ebook]*. Coleção Licenciatura em Artes Visuais. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018.

MARTINS, Alice Fátima; COSTA, Marcelo Henrique & CIRINO, Renato. Cinema, arte e educação. In GUIMARÃES, Leda Maria de Barros & PEROTTO, Lilian Ucker. *Licenciatura em artes visuais: percurso 5 [Ebook]*. Coleção Licenciatura em Artes Visuais. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018.

MARTINS, Alice Fátima. *Outros fazedores de cinema*: narrativas para uma poética da solidariedade. Porto Alegre: Ed. Zouk. 2019.

MARTINS, Alice Fátima; SATLER, L.; CIRINO, Renato. Um filme para pensar um modo de fazer filmes. In: ÉVERLY PEGORARO. (Org.). *Cultura visual*: memória, discursos e socialidades. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. *Pedagogias culturais*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2014.

MEIRELES, Cecília. *Os melhores poemas*. São Paulo: Global, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2003.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, 18(4), 2016. Disponível em <https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646472> Acesso em 22 mai. 2020.

MITCHELL, W.J.T. Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. *Interin Revista on-line*. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, n. 1, 2006.

NÓS SOMOS TODOS. Vídeo-arte. Coordenação geral: Lara Satler. Duração: 4min 50s. colorido. Digital. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PIPaHavyxAY>. Acesso em 20 jun. 2020.

O LEGADO DO ARTÍFICE. Roteiro e Direção: Alice Fátima Martins. Codireção: Renato Cirino e Lara Satler. Tecnologia digital. Colorido. 71 min. Brasil, 2020.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. *Teorias de aprendizagem*. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIAGET, Jean. *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

QUE VIVA MÉXICO! (Da zdravstvuyet Meksika!) Direção: Sergei Eisenstein. Roteiro: Sergei Eisenstein e Grigory Alexandrov. Película, p&b, 90 min. México e Rússia. 1979.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

ROA BASTOS, A.et. al. *O livro da Guerra Grande*: quatro escritores latino-americanos e a Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RUGIU, Antonio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados. 1998.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem sem importância. *Ilha*. Florianópolis, v.5, n.1, julho de 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *A percepção*. São Paulo: Ed. Experimento, 1988.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SOARES, Magda. *Metamória, memórias*: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

TEIXEIRA, Anísio. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.38, n.87, jul./set. 1962.

TUBOITI, Nair Cristina da Silva; LAURENDON, Candy Estelle Marques. Todos podem aprender, mas não é fácil Entrevista com Esther Pillar Grossi. Cadernos de Pesquisa. Vol 04, N. 03 - Jul./Set., 2018. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv> Acesso em 17 mai. 2020.

VALENTE, Rubens. *Os fuzis e as flechas*: história de sangue e resistência indígena na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: TADEU DA SILVA, T (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. 12. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 7-72.

QUARTA PARTE: ANEXOS

ALEGO
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS
A CASA É SUA

DO MÉRITO CERTIFICADO LEGISLATIVO

A Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, em comemoração ao Dia Mundial do Cinema, concede a

ALICE FÁTIMA MARTINS

o presente certificado, pelos relevantes serviços culturais prestados ao Estado de Goiás.

Goiânia, 05 de novembro de 2019

Deputado LISSAUER VIEIRA
Presidente

Deputado CLÁUDIO MEIRELLES
1º Secretário

Deputado JÚLIO PINA
2º Secretário

Universidade Federal de Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

CERTIFICADO
Homenagem Consuni 2019

Conferimos o presente certificado a **Alice Fátima Martins** em reconhecimento ao Certificado do Mérito Legislativo, em comemoração ao Dia Mundial do Cinema, concedido pela Assembléia Legislativa do Estado de Goiás.

Goiânia, 13 de dezembro de 2019.

Prof. Edward Madureira Brasil
Reitor da UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA – FCC
PROGRAMA AVANÇADO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA – PACC

Certificamos, com base no Regimento do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, aprovado a 22/07/1994, pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa da UFRJ, que o

Profª. Drª Alice Fátima Martins

concluiu o Programa de **Pós-Doutorado em Estudos Culturais**, desta Universidade,

onde desenvolveu o projeto de pesquisa

"CATADORES DE SUCATA DA INDÚSTRIA CULTURAL",

sob a supervisão do Prof. Dr. Denilson Lopes,

durante o período de março de 2009 a junho de 2010

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2010

Profª. Beatriz Resende
Coordenadora do FCC

Profª Heloisa Buarque de Hollanda
Coordenadora do PACC

universidade de aveiro deca departamento de comunicação e arte

campus universitário de santiago
3810-193 aveiro · portugal
tel. +351 234 370 389
fax +351 234 370 868

Declaração

Declara-se, para os devidos efeitos, que foi dado como concluído o estágio pós-doutoral na Universidade de Aveiro da Profª Doutora Alice Fátima Martins da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. O trabalho realizado cumpriu o plano estabelecido e acordado com o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Aveiro, 14 de fevereiro de 2018

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTE UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Prof. Doutor Rui Manuel de Assunção Raposo
Diretor do Departamento de Comunicação e Arte

O CINEMA DE MARIA

Alice Fátima Martins

Relatório de atividades desenvolvidas durante o estágio de pós-doutoramento na Universidade de Aveiro, Portugal, sob a supervisão do Prof. Dr. António Costa Valente.

Goiânia, fevereiro/2018

Sumário

Breve relato das atividades desenvolvidas 3
Artigos completos publicados 4
Livros organizados ou publicados 5
Capítulos de livros 5
Conferência 6
Textos publicados 6
Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia 6
Outras produções artísticas/culturais 7
Participações em Júri 7
Participação em Eventos 8
Organização de eventos, congressos, exposições e feiras 9

Breve relato das atividades desenvolvidas

Conforme as metas estabelecidas no projeto de pesquisa intitulado O cinema de Maria, encaminhado ao Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro, apresento o relatório das atividades desenvolvidas no período de março/2017 a fevereiro/2018.

De acordo com o cronograma estabelecido, o trabalho de campo foi desenvolvido na cidade do Porto, entre maio e agosto de 2017, quando foram feitas entrevistas, recolhidos documentos, e levanta a filmografia de Dona Maria José.

Nesse período, participei de quatro eventos, três dois quais voltados exclusivamente para o cinema, seja na forma de festival, de conferência ou de curso de verão. Nessas ocasiões, pude também discutir questões relativas ao projeto, bem como a temáticas a ele relacionadas.

Ainda no mês de agosto, coordenei a realização da primeira edição dos Encontros Internacionais de Fotografia, Cinema e Artes Digitais, em Pirenópolis, em parceria com o Festival de Documentário de Pirenópolis. A programação contou com pesquisadores brasileiros, de várias unidades federativas, e também pesquisadores do Uruguai, México e Portugal. Os anais do evento foram publicados na forma de e-book, disponível online com acesso aberto. Em 2018, será publicado um livro com expansão dos textos e novo processo de avaliação.

A segunda edição dos Encontros Internacionais de Fotografia, Cinema e Artes Digitais está prevista para 2019, devendo serem realizados bianualmente.

A discussão e apresentação de trabalhos sobre a temática específica do projeto teve início em setembro, quando apresentei, no 26º Encontro Nacional da ANPAP, o trabalho A EDUCAÇÃO, AS ARTES, E A PRESENÇA FEMININA NA PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA. O texto integral será publicado nos anais do evento, ainda em processo de editoração.

Em outubro, na programação do I Encuentro Internacional de Investigación em Arte y Cultura Visual, realizado em Montevidéu, Uruguai, apresentei o trabalho intitulado CONFLUÊNCIAS ENTRE REALIZAÇÃO CINEMATOGRÁFICA, EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO: OS CASOS DA AO NORTE E AVANCA, EM PORTUGAL, em coautoria com António Costa Valente, Carlos Eduardo Viana e José Da Silva Ribeiro.

Durante os eventos em Portugal e no Brasil, iniciaram-se os trabalhos para a instituição da Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades, REdArtH, da qual tomarão parte pesquisadores brasileiros e realizadores ligados a várias instituições, bem como de Portugal, do México, do Uruguai e de outros países. Essa iniciativa tem desdobramentos já para o ano de 2018.

Em 2018, alguns artigos encaminhados para avaliação, bem como outros trabalhos serão publicados e apresentados em eventos. Do mesmo modo, será escrito o livro Cinemas de Marias, numa expansão da temática, a partir do trabalho desenvolvido por Dona Maria José Silva para outras mulheres cineastas.

No decurso do ano de 2017, além dos trabalhos referidos, outros trabalhos foram realizados, bem como textos publicados, conforme consta da relação que se segue:

Artigos completos publicados

1. MARTINS, Alice Fátima; BAMBERG, J. . O cinema-sonho de José Luiz Zagati. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, v. 2, p. 240-249, 2017.

2. MARTINS, Alice Fátima. Sobre aprender com o cinema. Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais ? UFSM/RS, v. 10, p. 006, 2017.

3. SATLER, L. ; MARTINS, Alice Fátima . NARRATIVAS AUDIOVISUAIS ENTRE COLETIVOS ARTÍSTICOS. REVISTA Z CULTURAL (UFRJ), v. 2, p. 86-102, 2017.

Livros organizados ou publicados

1. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. S. (Org.) . ENCONTROS DE FOTOGRAFIA, CINEMA, ARTES DIGITAIS - ANAIS. 1. ed. Goiânia: Gráfica UFG/UEG, 2017. v. 1. 259p

Capítulos de livros

1. MARTINS, Alice Fátima. V COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD INVESTIGACIONES PEDAGÓGICAS EN CONTEXTOS HIPER-VISUALES: SÍNTESIS Y COMENTARIOS. In: Fernando Miranda; Gonzalo Vicci; Melissa Ardanche. (Org.). V COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD INVESTIGACIONES PEDAGÓGICAS EN CONTEXTOS HIPER-VISUALES. 1ed.Montevidéu: UdelaR, 2017, v. 1, p. 11-12.

2. MARTINS, Alice Fátima. UM CINEMA ENTRE AS RUÍNAS E O FUTURO. In: Fernando Miranda; Gonzalo Vicci; Melissa Ardanche. (Org.). V COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD INVESTIGACIONES PEDAGÓGICAS EN CONTEXTOS HIPER-VISUALES. 1ed.Montevidéu: UdelaR, 2017, v. 1, p. 83-86.

3. MARTINS, Alice Fátima. Apuntes sobre fronteras y mercado: posible lectura de 7 Cajas. In: Adilson Cabral; César Bolaño; Denize Araujo; Fernando Andacht; Fernando Paulino. (Org.). New Concepts and Territories in Latin America / Nuevos Conceptos y Territorios en América Latina. 1ed.Cartagena: ALAIC/ULEPICC, 2017, v. 1, p. 31-46.

4. MARTINS, Alice Fátima. Um artífice-narrador e uma narrativa entre o teatro e cinema: exercícios de resistência. In: NARCISO TELLES. (Org.). Múltiplos olhares sobre processos descoloniais nas artes cênicas. 1ed.Jundiaí: Editorial Paco, 2017, v. 1, p. 20-34.

Conferência

1. MARTINS, Alice Fátima. Outros fazedores de cinema. 2017. Master Class durante os Encontros de Cinema de Viana do Castelo.

Textos publicados

1. RIBEIRO, J. M. G. S. ; MARTINS, Alice Fátima . Cinema e Memória || Cinema and Memory. Viana do Castelo: Ao Norte, 2017 (Catálogo de Festival Internacional de Cinema).

2. MARTINS, Alice Fátima. Entre a ficção e o documento, trânsitos para lá de amazônicos. Pirenópolis: Pirenópolis Doc - Festival de Documentário Brasileiro, 2017 (Catálogo de Festival de Cinema).

3. MARTINS, Alice Fátima. APONTAMENTOS SOBRE O FILME QUE LEO PYRATA NÃO FEZ. Goiânia: III Fronteira International Documentary & Experimental Film Festival, 2017 (Coletânea de textos de crítica de cinema).

Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia

1. MARTINS, Alice Fátima. Com produções como 3%, Black mirror e Westworld distopia está em alta. 2017. (Programa de rádio ou TV/Entrevista).

2. MARTINS, Alice Fátima. Entre a ameaça do fim e a esperança do recomeço. 2017. (Programa de rádio ou TV/Entrevista).

3. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. M. G. S. . Lugar do Real: Conversa com Alice Fátima Martins. 2017. (Programa de rádio ou TV/Entrevista).

4. MARTINS, Alice Fátima. Masterclass com Alice Fátima Martins - Outros Fazedores de Cinema. 2017.

5. COSTA, M. H. ; COSTA, ADRIANE CAMILO ; RIBEIRO, J. M. G. S. ; MARTINS, Alice Fátima ; ASSIS, F. . Encontros Fotografia Cinema Artes Digitais. 2017. (Programa de rádio ou TV/Comentário).

6. RIBEIRO, J. M. G. S. ; MARTINS, Alice Fátima . Fora de Campo: Cinema, narrativas, lugares de memória. 2017. (Curso de curta duração ministrado/Extensão). Melgaço

Outras produções artísticas/culturais

1. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. M. G. S. ; VALENTE, A. C. . Noutras Falas. 2017 – Mostra de cinema.

Participações em Júri

1. MARTINS, Alice Fátima; HENRIQUES, C. A.; COELHO, C. C.. Júri na mostra competitiva Primeiro Olhar, nos XVII Encontros de Cinema. 2017. AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual.

2. MARTINS, Alice Fátima. Júri 8th Internacional Conference Cinema - Art, technology, communication. 2017. CineClube Avanca.

Participação em Eventos

1. 26º Encontro da ANPAP. COMITÊ DE EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS. 2017. (Congresso).

2. 26º Encontro da ANPAP. A EDUCAÇÃO, AS ARTES, E A PRESENÇA FEMININA NA PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA. 2017. (apresentação de trabalho completo em Congresso).

3. 26º Encontro da ANPAP.SIMPÓSIO VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS EM REDE. 2017. (Coordenação de Simpósio).

4. 6.a Conferência Internacional de Cinema de Viana. O que temos aprendido com o cinema?. 2017. (Apresentação de trabalho em Congresso).

5. 6.a Conferência Internacional de Cinema de Viana. Cinema, Arte, Ciência e Cultura. 2017. (Apresentação de trabalho em Congresso).

6. 8th Internacional Conference Cinema - Art, Technology, Communication. When comes to the net... notes on cinema and digital culture. 2017. (Apresentação de trabalho em Congresso).

7. I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual. QUESTÕES SOBRE ESTÉTICA E POLÍTICA NA PRODUÇÃO DE TRÊS REALIZADORES NO CINEMA. 2017. (Apresentação de trabalho em Congresso).

9. I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual. CONFLUÊNCIAS ENTRE REALIZAÇÃO CINEMATOGRÁFICA, EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO: OS CASOS DA AO NORTE E AVANCA, EM PORTUGAL. 2017. (Apresentação de trabalho em Congresso).

10. Quality in Action-Research: Ethics, Participation and Democratisation of Knowledge.A/R/Togtaphy. 2017. (Seminário).

11. XVII ENCONTROS de CINEMA de VIANA do CASTELO. Outros Fazedores de Cinema. 2017. (Master Class em Congresso).

Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

1. PIVA, C. B. ; ALEXANDRE, A. ; MARTINS, Alice Fátima ; ABREU, C. . Mulherio das Letras - Edição Goiás. 2017. (Outro).

2. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. M. G. S. ; ASSIS, F. ; CAMILO, A. ; COSTA, M. H. ; VALENTE, A. C. . Encontros Internacionais Fotografia, Cinema e Artes Digitais / Edição 2017. 2017. (Coordenação geral de Congresso).

3. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. M. G. S. ; VALENTE, A. C. . Mostra de Filmes Outras Falas. 2017. (Festival).

4. MARTINS, Alice Fátima. I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual. 2017. (Congresso).

Conselho Nacional de Desenvolvimento (CNPq)

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Artes Visuais

Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

CAIU NA REDE... É PEIXE, FILME, ARTE?
(apontamentos sobre arte, cinema e cultura digital)

Alice Fátima Martins

Relatório de pesquisa para prestação de contas de Bolsa de Produtividade em Pesquisa/PQ-2, Edital CNPq/2016, executado no período de março/2017 a fevereiro/2020.

Goiânia

2020

Sumário

RESUMO 2
APRESENTAÇÃO 3
OBJETIVOS, RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS 6
RESULTADOS ALCANÇADOS 8
Colaborações e parcerias estabelecidas 8
Orientações 10
1. **Orientações e supervisões concluídas** 10
2. **Orientações e supervisões em andamento** 13
Publicações (2017 – 2019) 15
1. **Artigos em periódicos** 15
2. **Livros publicados/organizados ou edições** 16
3. **Capítulos de livros** 16
4. **Trabalhos completos em anais** 18
Produção artística 19
Produção técnica 20
Participação em eventos 22
Capacitação de recursos humanos e difusão dos resultados 23
PROJEÇÕES PARA O PRÓXIMO TRIÊNIO 25
DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS 26

RESUMO

Este relatório de pesquisa refere-se aos resultados do projeto “CAIU NA REDE... É PEIXE, FILME, ARTE? (apontamentos sobre arte, cinema e cultura digital)”, desenvolvido entre março de 2017 e fevereiro de 2020, financiado parcialmente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento (CNPq), na forma de Bolsa de Produtividade. Além dos vários artigos e capítulos de livros publicados como resultado desta pesquisa, foram realizadas palestras, debates, mostras de cinema, eventos científicos e culturais, bem como direção e produção de filme, além de participações na produção e elenco de outros filmes realizados nesse período. A mais, projetos de iniciação científica, conclusão de curso de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado foram orientados e supervisionados, em diálogo com a abordagem desta pesquisa, conforme detalhamento no relatório, e documentos comprobatórios. Finalmente, ressalta-se que os desdobramentos do projeto continuam a partir de 2020, na forma de estabelecimento de parcerias de investigação, e na possibilidade de novas publicações.

Palavras-chave: REdArtH; cultura digital; cinema; arte; educação.

APRESENTAÇÃO

O projeto de pesquisa “CAIU NA REDE... É PEIXE, FILME, ARTE? (apontamentos sobre arte, cinema e cultura digital)” (mar.2017/fev.2020), objeto deste relatório de prestação de contas, deu continuidade a algumas questões deflagradas durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado “Outros fazedores de cinema”, desenvolvido entre 2013 e 2016, que contou com financiamento da FAPEG/GO (Edital Universal) e CNPq (Bolsa de Produtividade). Tendo em conta as experimentações nas relações entre o campo das artes no cenário contemporâneo e o cinema, bem como nas frentes de produção e veiculação de filmes com perfil específico para a rede mundial de computadores, o trabalho de investigação orientou-se pelo questionamento a respeito das repercussões nas noções de filme, cinema e arte em fronteiras localizadas além das demarcações construídas pela película e suas estruturas narrativas dominantes.

Seu desenvolvimento se deu a partir de março de 2017, mesma data de início do projeto de pós-doutoramento junto à Universidade de Aveiro, em Portugal, pelo período de 12 meses. Nesse ínterim, além da pesquisa de campo e das atividades junto à universidade (palestras, aulas, etc.), foram desenvolvidas atividades junto a eventos científicos, festivais de cinema, cineclubes, outras universidades tanto em Portugal quanto no Brasil, estabelecendo relações de parceria. Sobretudo, realizaram-se vários encontros e eventos no sentido de estabelecer as bases para a organização da Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades, a REdArtH.

Assim, em 2017, primeiro ano do triênio, participei da Conferência Internacional de Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação, realizada dentro da programação do Avanca Festival de Cinema, do qual a Universidade de Aveiro tomou parte como parceira. Minha participação foi tanto na apresentação de trabalho, moderação de sessão, bem como integrando o Júri do Prémio Eng. Fernando Gonçalves Lavrador, atribuído ao melhor trabalho apresentado durante a conferência.

Nesse mesmo ano, integrei as atividades do Festival Filmes do Homem, em Melgaço, no extremo norte de Portugal. E ainda estabeleci contatos para o desenvolvimento de atividades futuras com os Espaços MIRA, no Porto. Trata-se de um complexo de salas de exposição, projeção, performances, eventos diversos e residência artística, onde se celebram encontros entre as artes contemporâneas em articulação com a fotografia, o vídeo, a literatura, a cultura digital.

Numa ponte entre as atividades desenvolvidas em Portugal e projetos brasileiros, integrei o grupo de curadores da Mostra Outros Olhares que integrou o Festival de Cinema Documentário de Pirenópolis, PiriDoc. Participaram dessa

organização a Universidade de Aveiro, a AO NORTE, e a Universidade Federal de Goiás. Na ocasião, foram mostrados filmes portugueses e africanos. Também integrado ao Festival, foi realizado a Encontro Fotografia, Cinema e Artes Digitais, do qual tomaram parte pesquisadores de Portugal, do Uruguai, México, além de brasileiros de várias regiões do país. Durante sua programação, foi assinada a carta de criação da Rede Internacional de Pesquisadores em Educação, Arte e Humanidades, a REdArtH.

Ainda em 2017, pesquisadores ligados à REdArtH participação do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, realizado pelo Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes, da Universidad de la República, em Montevidéu, em parceria com a Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás. Nessa ocasião, foi apresentado trabalho que resultou da interlocução entre a pesquisa desenvolvida na Universidade de Aveiro, na AO NORTE: Associação de Produção e Animação Audiovisual (Portugal) e na Universidade Federal de Goiás.

Nesse mesmo ano, foi estabelecido um espaço experimental durante o Encontro Nacional da Associação de Artes Plásticas, configurado num seminário temático voltado para o estabelecimento de redes de construção de aprendizagens, no âmbito das visualidades contemporâneas. Além dos anais do evento, a experiência foi publicada num e-book específico sobre os seminários temáticos realizados.

Ato contínuo, foi encaminha a configuração da REdArtH como grupo constituído no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, devidamente certificado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação da UFG.

O ano de 2018 priorizou a expansão da REdArtH junto a pesquisadores brasileiros, e também à América Latina, ampliando pontos de interlocução no México, no Uruguai e no Paraguai. Além disso, foram iniciadas as gravações do filme “O legado do artífice”, um exercício de sistematização da pesquisa sobre cinema, fazendo uso da tecnologia digital, de modo experimental. O trabalho de edição do filme foi feito entre 2019, com conclusão em 2020, para ser projetado e compartilhado junto à comunidade a partir de 2020, tanto em festivais quanto em plataformas digitais.

Em 2019, foi realizado um encontro da rede em Goiânia, em articulação com o evento Redes em Rede, realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG e a AUGM, Associación de Universidades Grupo de Montevidéo. A reunião, setorial, divulgada entre os demais membros, repetiu-se no Uruguai, durante a realização do III Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, integrando, já, pesquisadores da Argentina e do Chile também.

Ainda em 2019, foi oferecida uma disciplina no curso de Artes Visuais/Licenciatura, modalidade EaD, da Faculdade de Artes Visuais, da UFG, sobre Cinema, Artes e Educação. A disciplina foi concebida em parceria com a Universidade Estadual de Goiás, mais especificamente o curso de Cinema e

Audiovisual, e ofereceu um espaço compartilhado para a construção de aprendizagens, buscando discutir essas questões em conexão com a educação.

Ressalta-se, assim, que a organização da REdArtH configurou o principal fio condutor para o desenvolvimento do projeto de pesquisa proposto. Nesse processo, foram desenvolvidas atividades de investigação que resultaram na apresentação e publicação de trabalhos diversos sobre questões relativas ao cinema, das artes no contexto contemporâneo, da cultura digital e da educação.

Isso posto, neste relatório são registradas e detalhadas as produções acima referidas, referentes ao triênio em pauta. O documento está organizado nos seguintes blocos: objetivos, impactos e resultados esperados, conforme consta do projeto inicial; os resultados alcançados, seja em termos das produções bibliográficas, orientações e supervisões realizadas e ainda em andamento, bem como as atuações técnicas e as ações deflagradas para a criação e consolidação da rede de pesquisa REdArtH; documentos comprobatórios.

OBJETIVOS, RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS

O objetivo geral da pesquisa foi analisar alguns aspectos, na passagem do suporte analógico para o digital, da produção de narrativas fílmicas e audiovisuais, tomando, como ponto de partida, trabalhos fílmicos que integraram o corpus do projeto de pesquisa "Outros fazedores de cinema" (CNPq 2014/2016, FAPEG), estendendo para os contextos da videoarte, filmes e outros trabalhos de cinema expandido veiculados no ambiente digital. Este objetivo desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a inserção, na rede mundial de computadores, de filmes produzidos, inicialmente, para serem exibidos em salas, em redes de televisão, ou mesmo como registros privados, de natureza doméstica, ou amadores.

2. Analisar alguns filmes concebidos para serem veiculados na rede mundial de computadores, com estilo e modos próprios de produção, realização e disponibilização ao público.

3. Indagar sobre a presença feminina num e noutro tipo de produção, buscando integrar também trabalhos realizados por mulheres para os processos de análise.

4. Desenvolver trabalho alojado em plataforma digital, em que princípios da arte contemporânea (coletivo, cartografia, estética relacional, pós-produção, performance, mídias interativas, dentre outros) dialoguem com a realização fílmica em condições contemporâneas, tais como: aparatos móveis, edição experimental, interação, cinema expandido, baixo orçamento, dentre outros;

5. Discutir os trânsitos possíveis e desejáveis de se estabelecerem entre as instituições educativas e os espaços ocupados por tais produções, e as dinâmicas de aprendizagens a serem deflagradas, tendo em vista a população jovem, usuária da rede mundial de computadores, produtora e consumidora de suas narrativas.

Como resultados e impactos esperados, visou a contribuir com as discussões atuais no tocante à expansão do campo do cinema e suas interfaces com o campo das artes no contexto contemporâneo, particularmente no tocante às tecnologias digitais. Além disso, teve em vista trazer contribuições para o campo da educação, no tocante às relações entre cinema, arte e cultura digital.

Foi prevista, também, a formação de um grupo de pesquisadores, envolvendo duas universidades públicas (Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Goiás), articulando as unidades acadêmicas Faculdade de Artes Visuais (UFG), Faculdade da Informação e Comunicação (UFG) e Unidade

Laranjeiras (UEG). A integração entre essas comunidades acadêmicas poderia propiciar a ampliação da abrangência nas discussões e estudos desenvolvidos.

Finalmente, foram previstos os seguintes resultados, igualmente vinculados ao projeto de pesquisa:

1. Orientações de IC e IT

2. Orientações de trabalhos de conclusão de curso de graduação

3. Orientações de mestrado

4. Orientações de doutorado

5. Supervisão de pós-doutorado

6. Artigos a serem publicados em periódicos científicos, capítulos de livros, anais de eventos nacionais e internacionais

7. Publicação de livro sistematizando todos os achados da pesquisa “Caiu na rede... é peixe, filme, arte? (apontamentos sobre arte, cinema e cultura digital)”

8. Colóquio interinstitucional para apresentação pública dos resultados da pesquisa.

Em vista dos demarcadores como pontos de partida para a pesquisa em pauta, bem como os produtos e resultados esperados, passam a ser apresentados os relatos referentes às atividades desenvolvidas e aos produtos tanto já realizados quanto os que ainda estejam em curso, em fase de realização.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Colaborações e parcerias estabelecidas

No período de 2017 a 2019 foram feitos os contatos e desenvolvidas ações para a criação e conformação da Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades, REdArtH, cadastrada como grupo de pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (documento 1). No entanto, vale ressaltar, a REdArtH reúne, além de pesquisadores universitários, também realizadores artísticos e agentes de cultura que, por não terem cadastrado currículo na Plataforma Lattes, não têm registro no DGP/CNPq, embora suas ações possam estar articuladas à rede.

Dentre as instituições universitárias envolvidas, em 2019 podem ser apontadas as seguintes:

Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Estadual Vale do Acaraú
Universidade Estadual de Goiás
Pontifícia Universidade Católica PUC/Goiás – Escola de Formação de Professores e Humanidades
Universidad de la Republica Uruguay – Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes
Universidad de Guanajuato – México
Universidade do Algarve – Portugal
Universidad Francisco de Vitoria – Espanha

Assim, a meta proposta inicialmente que visava à formação de um grupo de pesquisadores ligados a duas universidades públicas (Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Goiás), articulando algumas de suas unidades acadêmicas, expandiu-se, integrando mais uma universidade local (PUC/GO), outras universidades nacionais, e universidades situadas em outros países.

Da mesma maneira, a previsão de realização de um colóquio interinstitucional foi traduzida na realização do Encontros Fotografia, Cinema e Artes Digitais (2017, documento 2), cujos anais, na íntegra, podem ser acessados no link: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Anais_dos_Encontros_de_fotografia_agosto_2017_-_FINAL.pdf

Dando seguimento aos eventos, foram realizados, ainda, encontros, de planejamento de ações, com membros da REdArtH no Brasil (UFG, 2019, documento 3) e no Uruguai (UdelaR, 2019). Durante a realização da SEMANA DE ARTE E CULTURA DA UFG: REDES EM REDE, na UFG, foi iniciada interlocução com membros da AUGM, Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), que resultou numa estância de 15 dias em Montevideo, no mês de outubro de 2019, com várias atividades em parceria interinstitucional. Na ocasião, foi realizada reunião da REdArtH, e estabelecidas parcerias para o desenvolvimento do projeto de pesquisa para o período 2020-2022 (documentos 4 e 5)

O livro que resultou do projeto de pesquisa “Outros fazedores de cinema” foi lançado em 2019, publicado pela Editora Zouk, com distribuição nacional e internacional (documento 6). Nele, foram incorporadas algumas discussões relativas ao projeto de pesquisa tema deste relatório. Ele também ofereceu as bases conceituais para a elaboração do roteiro e a realização do filme de longa metragem “O legado do artífice”, cujo roteiro, direção e produção têm a minha assinatura (documento 7). As gravações aconteceram ao longo de 2018, e foi editado ao longo de 2019. Realizado sem financiamento e patrocínio, trata-se de um filme experimental de baixíssimo orçamento, de natureza documentário fantástico, assentado na obra de Martins Muniz, num exercício de metalinguagem. Seu lançamento e distribuição se dará em 2020, em festivais, na rede internacional de computadores, com especial atenção à distribuição para instituições escolares da educação básica.

Isso posto, segue-se o relato detalhado das produções bibliográficas, artísticas e técnicas, bem como informações sobre orientações e trabalho docente correspondente ao período 2017/2019.

Orientações

Durante o período de vigência do projeto de pesquisa, foram orientados e concluídos os seguintes quantitativos de projetos de pesquisa com afinidade em relação à temática:

Trabalho de conclusão de curso (graduação): 1
Iniciação científica (graduação): 4
Mestrado: 3
Doutorado: 5
Supervisão de pós-doutorado: 3

Orientações de mesma natureza em andamento em 2019:
Iniciação científica: 6
Mestrado: 2
Doutorado: 4
Supervisão de pós-doutorado: 1

1. Orientações e supervisões concluídas

Mestrado

1. Alda Alexandre

Percorrendo Tangerine: rotas de confluência

Dissertação defendida em 2019. Mestrado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

2. Itandehuy Castañeda Demesa

Abordagens das práticas comunitárias em espaços públicos por meio da poesia têxtil

Dissertação defendida em 2019. Mestrado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

3. Bruno Eduardo Morais de Araújo.

O cinema de ficção científica na escola.

Dissertação defendida em 2018. Mestrado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Doutorado

1. Paulo Passos de Oliveira.

Josafá Duarte e o cinecordel: o cineasta cabra da peste contra o Dragão de Roliúdi.

Tese defendida em 2019. Doutorado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

2. Adriane Camilo Costa.

O protagonismo das imagens em propostas pedagógicas na escola de tempo integral de Goiânia

Tese defendida em 2019. Doutorado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás. Sem bolsa.

3. Paula Grazielle Viana dos Reis.

Antropologia compartilhada entre os Apyãwa (Tapirapé): cinema e etnografia.

Tese defendida em 2019. Doutorado em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado Sanduíche Nacional, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Coorientação.

4. Marcelo Henrique da Costa.

Olhares móveis: narrativas audiovisuais, dispositivos móveis e experiências cartográficas.

Tese defendida em 2018. Doutorado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás.

5. Juan Sebastián Álvarez Ospina.

Conversações hipervisuais: vamos falar sobre olhares masculinizados.

Tese defendida em 2018. Doutorado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás. Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, categoria PEC-PG.

6. Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes.

Visões da caixa de Pandora: fricções entre artista, instituição e público.

Tese defendida em 2018. Doutorado em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás. Bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Supervisão de pós-doutorado

1. Maurineide Alves da Silva. 2019. Universidade Federal de Goiás.

2. LARA LIMA SATLER. 2018. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trabalho de conclusão de curso de graduação

1. GABRIEL CUNHA VILELA e LUCAS XAVIER DE OLIVEIRA.

PROJETO EXPERIMENTAL: ENTREPOSTO.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2019. Texto sobre o processo de realização do filme de curta metragem Entreposto. Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal de Goiás.

Iniciação à pesquisa (documento 9)

1. BARBARA STELA OLIVEIRA
PROLICEN-PIBIC (IC) 26/07/2018 a 31/07/2019.

2. LUCAS LIANDRO PEREIRA
PIBIC-AF (IC) 26/07/2018 a 31/07/2019.

3. MATHEUS MARTINS DA SILVA
PIBIC (IC) 26/07/2018 a 31/07/2019

4. MARIA ANGELICA SOARES TOLEDO
PIBITI (IT) 26/07/2018 a 31/07/2019.

2. Orientações e supervisões em andamento

Mestrado (documento 8)

1. Alzira Martins Prado (início em agosto/2019)

2. Iana Francisca Quirino do Nascimento (início em agosto/2019)

Doutorado (documento 8)

1. CAROLINA BRANDAO PIVA
Previsão de conclusão: 2021

2. RENATO CIRINO MACHADO ALVES PEREIRA
Previsão de conclusão: 2021

3. JOSSIER SALES BOLEAO
Previsão de conclusão: 2023

4. JULIA MARIANO FERREIRA COSTA
Previsão de conclusão: 2023

Pós-doutorado

1. Emile Cardoso Andrade. 2019-2021. Universidade Federal de Goiás.

Iniciação à pesquisa (documento 9)

1. BARBARA STELA OLIVEIRA
PROLICEN-PIBIC (IC). Bolsista. Agosto/2019-julho/2020.

2. LUCAS LIANDRO PEREIRA
PIBIC-AF (IC). Bolsista. Agosto/2019-julho/2020.

3. MARIA ANGELICA SOARES TOLEDO
PIBITI (IT). Bolsista. Agosto/2019-julho/2020.

4. MATHEUS MARTINS DA SILVA
PIBIC (IC). Bolsista. Agosto/2019-julho/2020.

5. GABRIELA CHAVES DE OLIVEIRA
Iniciação Cientifica (IC). Voluntário. Agosto/2019-julho/2020.

6. GABRIEL CUNHA VILELA
Iniciação Cientifica (IC). Voluntário. Agosto/2019-julho/2020.

Publicações (2017 – 2019)
(documento 10)

1. **Artigos em periódicos**

1. MARTINS, Alice Fátima; BAMBERG, J. . O cinema-sonho de José Luiz Zagati. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 2, 2017.

2. MARTINS, Alice Fátima. Sobre aprender com o cinema. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*. UFSM/RS, v. 10, 2017.

3. MARTINS, Alice Fátima. Exercícios para uma poética da solidariedade. *Revista Apotheke*, v. 4, 2018.

4. MARTINS, Alice Fátima. Rascunhos para uma poética da solidariedade como exercício crítico à concepção colonizadora da arte. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, 2018.

5. MARTINS, Alice Fátima. Narrativas audiovisuais digitais: fluxos de vida, memória e ruína. *Revista Imagofagia*, v. 17, 2018.

6. MARTINS, Alice Fátima; Fazedoras de cinema: sobre protagonismos femininos e narrativas que insistem em esquecê-las. *Revista Filme Cultura*, 1º semestre/2018.

7. MARTINS, Alice Fátima. Em Cinema & Humanidades, exercícios de aproximação entre o cinema e outros campos do conhecimento. *ANIKI: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, v. 6, 2019.

8. MARTINS, Alice Fátima. Poética de la solidaridad en espacios compartidos para enseñar y aprender. *Cuadernos Territorio y Desarrollo Local*, v. 1, 2019.

2. Livros publicados/organizados ou edições

1. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. S. (Org.). *Encontros de Fotografia, Cinema, Artes Digitais*. ISBN 9788549501554. Goiânia: Gráfica UFG/UEG, 2017. 259p.

2. MARTINS, Alice Fátima. *Outros fazedores de cinema*: narrativas para uma poética da solidariedade. ISBN 9788580490855. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2019. 298p.

3. Capítulos de livros

1. MARTINS, Alice Fátima; ROSA, Aline N. da; SATLER, L. VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS EM REDE. In: Luisa Angélica Paraguai Donati; Milton Terumitsu Sogabe. (Org.). *Memórias e InventAÇÕES*. Campinas: ANPAP, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017.

2. MARTINS, Alice Fátima. Apuntes sobre fronteras y mercado: posible lectura de 7 Cajas ISBN 9788594580177. In: Adilson Cabral; César Bolaño; Denize Araujo; Fernando Andacht; Fernando Paulino. (Org.). *New Concepts and Territories in Latin America / Nuevos Conceptos y Territorios en América Latina*. Cartagena: ALAIC/ULEPICC, 2017.

3. MARTINS, Alice Fátima; SATLER, L.; CIRINO, Renato. Um filme para pensar um modo de fazer filmes ISBN 9788546213474. In: Everly Pedgoraro (org.). (Org.). *Cultura visual: memória, discurso e socialidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

4. MARTINS, Alice Fátima; COSTA, M. H.; CIRINO, Renato. Cinema, Arte e Educação. In: Leda Maria de Barros Guimarães; Lilian Ucker Perotto. (Org.). *Licenciatura em artes visuais: percurso 5*. [ebook]. Goiânia: Gráfica UFG, 2019.

5. MARTINS, Alice Fátima; MATEO, R. C.; ELER, Rogéria. PROPUESTAS SUBVERSIVAS DEL LENGUAJE AUDIOVISUAL: DEL VIDEOARTE A LA CONTEMPORANEIDAD EN EL CONTEXTO DIGITAL ISBN 9788413243689. In: Ana Sedeño Valdellós. (Org.). *ARTE, ACTIVISMO Y COMUNICACIÓN EN EL ÁMBITO ACADÉMICO*. Madrid: Dykinson, 2019.

6. MARTINS, Alice Fátima; SILVA, M. M.; PEREIRA, L. L. Narrativas Digitais Contemporâneas, Arte e Engajamento Social ISBN 978-989-8971-08-1. In: Alan Angeluci, Vicente Gosciola; Natalia Martin Viola; Regilene Sarzi. (Org.). *Arte e narrativas emergentes*. Aveiro: Ria, 2019.

7. MARTINS, Alice Fátima; SOARES, M. A. Redes de Informação em Arte: o Uso de Aplicativos Móveis para o Compartilhamento de Conhecimento Artístico e Cultural da Cidade de Goiânia. ISBN 978-989-8971-13-5. In: Andrea Versuti, Camila Escudero, Catalina Mier, Cláudia M. A Assis, Jamile Santinello, Liliane de Lucena Ito & Raquel Longhi (Orgs.). *Meios e Transformação Social*. Aveiro: Ria Editoral, 2019.

8. MARTINS, Alice Fátima; OLIVEIRA, B. S.; SOARES, M. A. Ensino de Arte: Redes de Aprendizagem entre as Salas de Aula e as Plataformas Digitais. ISBN 9789898971050. In: Andrea Versuti; Jamile Santinello. (Org.). *Paradigmas da educação*. Aveiro: Ria Editorial, 2019.

4. Trabalhos completos em anais

1. Alice Fátima Martins. Um cinema entre as ruínas e o futuro. In *V Colóquio Internacional Educación y Visualidad: investigaciones pedagógicas en contextos hiper visuales*. Montevidéu: UdelaR, 2017.

2. MARTINS, Alice Fátima. A educação, as artes, e a presença feminina na produção cinematográfica ISBN/ISSN 21758212. In: 26º Encontro da ANPAP, 2017, Campinas. *MEMÓRIAS E INVENTAÇÕES*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017.

3. MARTINS, Alice Fátima; CIRINO, Renato; OLIVEIRA, P. P. Questões sobre estética e política na produção de três realizadores no cinema. ISBN 9789974015463. In: *ACTAS DEL I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL DISPOSITIVOS Y ARTEFACTOS / NARRATIVAS Y MEDIACIONES*. Montevidéu: UdelaR, 2018.

4. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, J. S. ; VALENTE, A. C. ; VIANA, C. E. . Confluências entre realização cinematográfica, educação e investigação: os casos da AO NORTE e Avanca, em Portugal. ISBN 9789974015463. In: *ACTAS DEL I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL DISPOSITIVOS Y ARTEFACTOS / NARRATIVAS Y MEDIACIONES*. Montevidéu: UdelaR, 2018.

5. MARTINS, Alice Fátima; SATLER, L. Documentário em rede e coletivismo artístico. o dispositivo correspondência como estratégia de narração audiovisual. ISBN 9789974015463. In: *ACTAS DEL I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL DISPOSITIVOS Y ARTEFACTOS / NARRATIVAS Y MEDIACIONES*. Montevidéu: UdelaR, 2018.

6. MARTINS, Alice Fátima; PAIXAO JUNIOR, M. M. NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO. In: 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2019, Goiás. *Anais do XXVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Goiânia: ANPAP, 2019.

Produção artística

Atriz

1. **Imbilino e o baú de ouro** (2018)

Produção Executiva: Hugo Caiapônia
Direção: Aroldo de Andrade Filho
Gigante Filmes Produções
Link para trailer: https://www.youtube.com/watch?v=f15xyRaNQlg

2. **Agonia** (2019)

Direção: Martins Muniz
Direção de fotografia: Fábio Rocha
Montagem: Renato Cirino
Link de acesso ao filme completo: https://www.youtube.com/watch?v=o7MHf0wJIjU

3. **Anos de delírio** (2019)

Direção: Martins Muniz
Direção de fotografia: Fábio Rocha
Montagem: Renato Cirino
Link de acesso ao filme completo: https://www.youtube.com/watch?v=JKbUwBeAQSA

Roteiro, direção e produção (roteiro e gravação: 2018/2019)

1. **O legado do artífice**

Direção de fotografia: Renato Cirino e Lara Satler
Montagem: Renato Cirino
Previsão de lançamento: 2020.
(documento 7: cartaz)

Produção técnica

1. MARTINS, Alice Fátima; RIBEIRO, José. *Curadoria da Mostra de Cinema Noutras Falas*. III Festival de Documentário Brasileiro Pirenópolis Doc. Pirenópolis, Brasil. 2017.

2. MARTINS, Alice Fátima. *Membro do júri oficial do Prêmio Primeiro Olhar 2017*, XVII Encontros de Cinema de Viana do Castelo. Viana do Castelo, Portugal. 2017.

3. MARTINS, Alice Fátima. *Membro do comitê científico do II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. FAV/UFG. Goiânia, Brasil. 2018.

4. MARTINS, Alice Fátima. *Membro da comissão organizadora do II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. FAV/UFG. Goiânia, Brasil. 2018.

5. MARTINS, Alice Fátima. *Consultora ad hoc no processo de avaliação do Programa de Iniciação à Pesquisa Científica, Tecnológica e em Inovação da Universidade Federal de Goiás*. UFG, Goiânia, Brasil. 2019.

6. MARTINS, Alice Fátima. *Estância docente* de 15 dias na Universidade de la República, Uruguai, com financiamento da AUGM. Montevidéu, Uruguai, 2019.

7. MARTINS, Alice Fátima. *Membro da comissão organizadora do III Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual / Cartografías en acción: cruzando visualidades*. UdelaR. Montevidéu, Uruguai, 2019.

8. MARTINS, Alice Fátima. *Membro do comité científico do III Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual / Cartografías en acción: cruzando visualidades*. UdelaR. Montevidéu, Uruguai, 2019.

9. MARTINS, Alice Fátima. *Membro de banca de dissertação no Programa de Especialización y Maestria en Enseñanza Universitaria.* UdelaR. Montevidéu, Uruguai, 2019.

10. MARTINS, Alice Fátima. *Coordenação de reunião de membros da Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades REdArtH*. UdelaR. Montevidéu, Uruguai, 2019.

11. MARTINS, Alice Fátima. Sessão de coorientação ao mestrando Julio Eduardo Pereyra Silva. *Programa de Especialización y Maestria en Enseñanza Universitaria.* UdelaR. Montevidéu, Uruguai, 2019.

12. MARTINS, Alice Fátima. *Membro do comitê científico do AVANCA | CINEMA 10th International Conference Cinema - Art, Technology, Communication*. Avanca, Portugal, 2019.

13. MARTINS, Alice Fátima. *Membro do júri do Prize Engr. Fernando Gonçalves Lavrador in the AVANCA | CINEMA 9th International Conference Cinema - Art, Technology, Communication*. Avanca, Portugal, 2018.

14. MARTINS, Alice Fátima Martins. *Editora da Revista Visualidades*. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. FAV/UFG. Goiânia, Brasil. Período: 2019-2020.

Participação em eventos

1. 6ª Conferência Internacional de Cinema de Viana. XVII Encontros de Cinema de Viana do Castelo. 2017.
2. AVANCA | CINEMA 9th International Conference Cinema - Art, Technology, Communication. Avanca, Portugal, 2017, 2018.
3. Curso de Verão Fora de Campo. Festival Filmes do Homem. Melgaço, Portugal. 2017.
4. Organização do Encontros: Fotografia, Cinema, Artes Digitais. Pirenópolis, Goiás, Brasil. 2017.
5. Festival de Cinema Curta Canedo. Debate “O cinema pelo m da violência a mulher”. 2018.
6. XXII Encontro SOCINE. SOCINE, UFG. Goiânia, Goiás, Brasil. 2018.
7. 28º Encontro Nacional da ANPAP. Cidade de Goiás, Goiás, Brasil, 2019.
8. V Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais – “Democracia de Direitos Humanos: crises e conquistas”. UFG. Goiânia, Goiás, Brasil, 2019.
9. III Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual / Cartografías en acción: cruzando visualidades. UdelaR, Montevidéu, Uruguai.
10. 2o Congresso internacional media ecology and image studies. GENEM/UTPL/MEISTUDIES. Brasil/Portugal. 2019.
11. Ciclo de Debates Pensar o Ver. Faculdade de Educação. UFG, Goiânia, Goiás, Brasil, 2019.
12. SEMANA DE ARTE E CULTURA DA UFG: REDES EM REDE. AUGM/UFG. Goiânia, Goiás, Brasil, 2019.

Capacitação de recursos humanos e difusão dos resultados

No triênio em pauta, foram envidados esforços no sentido de assegurar uma verticalização dos trabalhos de formação para a pesquisa, em termos de orientação. Esses esforços foram traduzidos na sistematização contínua de orientação e supervisão de projetos em todos os níveis: graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Nesse sentido, foi assegurado, também o intercâmbio entre estudantes de graduação, pós-graduandos e pesquisadores em torno às temáticas investigadas. Além dos espaços de interlocução, doutorandos e pós-doutorandos foram indicados para assumir coorientação de orientandos de iniciação à pesquisa, dentro do previsto pelos conjuntos normativos estabelecidos pela Universidade Federal de Goiás. Nessa direção, é propiciada a iniciação á atuação como orientadores à pesquisa.

Ao mesmo tempo, buscou-se estabelecer conexões entre os projetos de pesquisa, a docência e a extensão, de modo a estender e compartilhar os resultados, bem como o debate sobre os temas investigados. Assim, a realização do filme de longa metragem, que resulta do projeto de pesquisa, também configura um projeto de extensão, na medida em que estabelece diálogos, em diversos níveis, com a comunidade exterior à universidade, seja nas dinâmicas de produção, seja para sua veiculação. Do mesmo modo, os eventos científicos, culturais e artísticos constituem, além de momentos de partilha e debate com pesquisadores do mesmo campo de conhecimento, abertura para a divulgação para outras instâncias da sociedade, e o estabelecimento de outras instâncias de interlocução.

Nessa direção, a articulação da Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades tem em vista o estabelecimento de parcerias entre pesquisadores, mas também a inclusão, nessa interlocução, de realizadores, artistas e outros agentes culturais, numa relação direta com as comunidades além fronteiras das instituições superiores de ensino. Ou mesmo tratando de incluir e dar suporte a instituições superiores de ensino cujos corpos docentes estejam investindo no amadurecimento para a pesquisa e a extensão. Esse é o caso, por exemplo, da interlocução estabelecida com os docentes do Instituto Superior de Bellas Artes, de Assunção, Paraguai.

No tocante à articulação com a docência, no semestre 02/2020, foi oferecida a disciplina Cinema, Arte e Educação, pelo curso de Artes Visuais/Licenciatura, modalidade EaD, na Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFG. Para essa oferta, estabeleceu-se uma parceria entre a FAV/UFG e o curso de Cinema e Audiovisual UEG. A disciplina foi ministrada por mim e pelo professor Marcelo Costa, da UEG, membro da REdArtH, que também pesquisa sobre as relações entre cinema, educação, redes digitais e formação de professores.

Assim, a oferta da disciplina, para estudantes de várias regiões do Estado de Goiás, representou uma possibilidade de aprofundamento de questões importantes previstas no projeto de pesquisa, mas também a difusão dessas questões, nos processos deflagrados para a construção de aprendizagens nas relações entre cinema, cultura digital, arte e educação.

Finalmente, ressaltam-se as publicações, particularmente as disponibilizadas em plataformas online, às quais a comunidade em geral pode ter acesso aberto. Dentre essas, estão os anais de eventos, artigos em periódicos e vários capítulos de livros.

PROJEÇÕES PARA O PRÓXIMO TRIÊNIO

Para o triênio março/2020 – fevereiro/2023, será desenvolvido o projeto de pesquisa Cineastas latino-americanas: cartografias ficcionais, aprovado pelo Edital CNPq/2019, Bolsa de Produtividade em Pesquisa/PQ-2. Além das orientações nos diversos níveis de pesquisa, da formação de recursos humanos, da publicação dos resultados na forma de artigos, livros, comunicações em eventos científicos, o projeto prevê a consolidação da REdArtH ampliando as parcerias na América Latina.

Na perspectiva da abordagem de filmes dirigidos por mulheres, o filme O Legado do Artífice, cujos roteiro e direção são assinados por mim, será lançado, em contextos nacional e internacional, com atenção à possibilidade de distribuição junto a escolas de redes públicas. Assim, será feito o acompanhamento dos processos de relação dos diversos públicos com o trabalho. Ao mesmo tempo, terão início os trabalhos para a realização do segundo filme de longa-metragem, roteiro e direção assinados por mim, de caráter intermídia.

Considerando que o tempo da investigação, sistematização dos resultados, organização de obras, e publicação de livros não corresponde aos tempos administrativos, o livro que resultará de estudos desenvolvidos por pesquisadores presentes ao Encontros Fotografia, Cinema e Artes Digitais está em fase final de organização, e deverá ser encaminhado para publicação em 2020, devendo chegar ao público em 2021. Nesse ínterim, também será preparado o livro relativo ao projeto de pesquisa que entra em vigência em 2020.

Também será realizado um encontro científico com os pesquisadores que integram a REdArtH, a ser realizado em plataforma digital, totalmente online.

Finalmente, ao final do primeiro semestre de 2020 serão abertos os procedimentos para a submissão de memorial à banca para acesso ao cargo de professor titular da Universidade Federal de Goiás.

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS

Documento 1: Certificado REdArtH no DGP/CNPq

Grupo de pesquisa

REdArtH Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8h10125r9f2b3963

Identificação

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2017

Data da Situação: 13/12/2018 14:10

Data do último envio: 30/04/2020 13:66

Líder(es) do grupo: Alice Fátima Martins

Lara Lima Satler

Área predominante: Linguística, Letras e Artes: Artes

Instituição do grupo: Universidade Federal de Goiás - UFG

Unidade: Instituto de Artes

Endereço / Contato

Endereço

Logradouro: Universidade Federal de Goiás - UFG - Campus II

Documento 2: Encontros Fotografia Cinema Artes Digitais

ENCONTROS DE FOTOGRAFIA, CINEMA, ARTES DIGITAIS

Universidade Federal de Goiás
Universidade Estadual de Goiás
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Festival Brasileiro de Cinema Documental de Pirenópolis
Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Artes e Humanidades/REdArtH

Coordenação
Alice Fátima Martins (UFG, CNPq)
José da Silva Ribeiro (UFG, UAb)
Marcelo Henrique da Costa (UEG)
Adriane Camilo Costa (PUC/GO)
Fabiane Assis (PirenópolisDoc)

Equipe de organização
Paulo Passos
Renato Cirino
Rafael de Almeida
Lara Lima Satler
Juan Sebastián Ospina Álvarez

Design de material impresso e digital
Juan Sebastián Ospina Álvarez

Design e diagramação dos anais
Juan Sebastián Ospina Álvarez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

CDU: 27-700

FOTOGRAFIA
CINEMA
ARTES DIGITAIS

Documento 3: REdArtH na SEMANA DE ARTE E CULTURA DA UFG: REDES EM REDE (3 páginas)

SEMANA DE ARTE E CULTURA DAUFG: REDES EM REDE

Goiânia, 02 a 08 de junho de 2019

DIA 02/06/19 (DOMINGO)

20h - Engrove e UFG convidam/ Ana Cutis
Coordenação: Priscilla Loyola
Ingressos: R$ 50,00 (inteira)/R$ 25,00 (meia)
Local: Centro Cultural UFG - Campus Colemar Natal e Silva - Praça Universitária

18h30 - Cena Curta
Local: LACENA - Campus Samambaia

19h - Arte e Cultura: pontes com a comunidade
Provocadores: Sebastião Rios (PPG Performances Culturais/FCS-UFG) e Alexandre Nunes (PPG Artes da Cena/EMAC-UFG)
Local: LACENA - Campus Samambaia

DIA 04/06/19 (TERÇA FEIRA)

9h - REdArtH - Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades
Coordenação: Alice Fátima Martins (FAV-UFG/Cnpq) e Gonzalo Vicci (UDELAR)
Local: Auditório da Faculdade de Artes Visuais - Campus Samambaia

8h50 - Recital Aluno em Performance - 10 anos de Curso de Percussão EMAC
Coordenação: Fábio Ferreira (EMAC)
Local: Teatro Belkiss Spenciére Mendonça - EMAC - Campus Samambaia

12h - Mostra de Cinema Italiano
Il profumo del tempo delle favole (2016)
Direção: Mario Caputo
Documentário 77
Local: CINE UFG - Campus Samambaia

Documento 4: Relatório de viagem – estância docente em Montevidéu, AUGM, 2019 (páginas iniciais).

PROAD UFG

RELATÓRIO DE VIAGEM

IDENTIFICAÇÃO DO PROPOSTO

NOME: ALICE FÁTIMA MARTINS

PARA SERVIDORES PÚBLICOS:

CARGO: PROFESSORA MATRÍCULA SIAPE: 1247518

UNIDADE/ÓRGÃO DE EXERCÍCIO: FACULDADE DE ARTES VISUAIS/UFG

IDENTIFICAÇÃO DO AFASTAMENTO

PERCURSO: GOIÂNIA – MONTEVIDÉU - GOIÂNIA

SAÍDA: 06/10/2019 CHEGADA 19/10/2019

MOTIVO DA VIAGEM

( ) CONDUÇÃO DE VEÍCULO OFICIAL

(X) PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS/SEMINÁRIOS/TREINAMENTOS

(X) PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE CONCURSO E DE DEFESA DE DISSERTAÇÕES E TESES

(X) TRABALHO DE CAMPO

( ) VIAGENS ADMINISTRATIVAS

(X) OUTROS (Especificar): REUNIÃO PARA A FORMAÇÃO DA REDE INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, ARTE E HUMANIDADES, REDARTH, COM PESQUISADORES DO BRASIL, URUGUAI, PARAGUAI, ARGENTINA E CHILE.

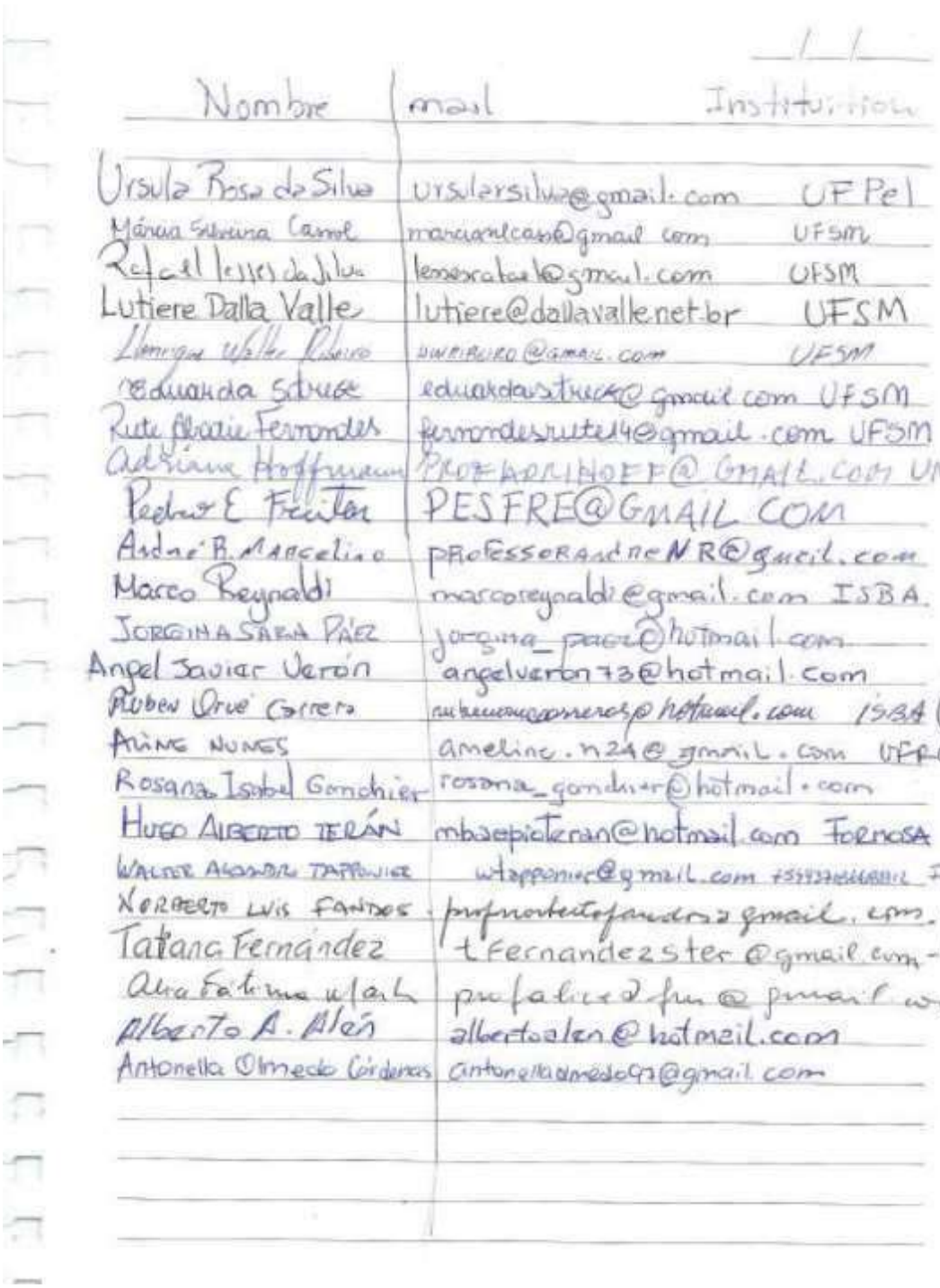
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE DESENVOLVIDA

1. ATIVIDADES DA PRIMEIRA SEMANA DE TRABALHO
   A. FORAM FEITOS CONTATOS COM PESQUISADORES NO URUGUAI, PARA SUBSIDIAR PROJETO DE PESQUISA SOBRE PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA NA AMÉRICA LATINA. AS ATIVIDADES TERÃO CONTINUIDADE POR EMAIL.
   B. FORAM DESENVOLVIDAS ATIVIDADES DE SUPORTE À ORGANIZAÇÃO DO III SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL.
   C. FOI FEITA A LEITURA DE DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE ESPECIALIZACIÓN Y MAESTRIA EN ENSEÑANZA UNIVERSITÁRIA, DE CUJA BANCA DE DEFESA TOMEI PARTE, E REDIGIDO O PARECER.
   D. FOI FEITA A LEITURA DO RELATÓRIO PARCIAL DE DISSERTAÇÃO EM PROCESSO, DO ORIENTANDO JULIO EDUARDO PEREYRA SILVA, DE QUEM SOU COORIENTADORA, PREPARANDO A REUNIÃO REALIZADA NO DIA 18 DE OUTUBRO. FOI REDIGIDO O RELATÓRIO COM APONTAMENTOS.

2. ATIVIDADES DA SEGUNDA SEMANA DE TRABALHO
   A. FOI REALIZADA A BANCA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE ANA INÊS VIDAL DAUBER, "INTITULADA PRÁCTICAS DE ENSEÑANZA PROYECTUAL: ESTUDIO DE CASO DE LA ESCUELA UNIVERSITARIA CENTRO DE DISEÑO".
   B. PARTICIPEI DE TODAS AS ATIVIDADES DO III SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL, DE 16 A 18 DE OUTUBRO, DO QUAL COORDENEI UMA SESSÃO, APRESENTEI TRABALHO, E COORDENEI AS ATIVIDADES DE ENCERRAMENTO.
   C. PLANEJEI E COORDENEI, AINDA, A REUNIÃO PARA A AMPLIAÇÃO DA REDE INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, ARTE E HUMANIDADES, REDARTH, COM PESQUISADORES DO BRASIL, URUGUAI, PARAGUAI, ARGENTINA E CHILE, REALIZADA NO DIA 16 DE OUTUBRO.
   D. FOI FEITA REUNIÃO DE ORIENTAÇÃO JULIO EDUARDO PEREYRA SILVA, EM PARCERIA COM O ORIENTADOR PROFESSOR FERNANDO MIRANDA SOMMA.
   E. TAMBÉM FOI ESTABELECIDA OUTRA PARCERIA DE COORIENTAÇÃO, DA TESE DE DOUTORADO INTITULADA "PARADIGMAS PEDAGÓGICOS EN LAS ARTES ESCÉNICAS: LA HISTORIA DE LA EMAD Y SU INFLUENCIA EN LA ENSEÑANZA TEATRAL CONFRONTADA A LOS MODELOS PEDAGÓGICOS UNIVERSITARIOS", DA DOUTORANDA MARIANA PERCOVICH.

DATA: 26/10/2019 Assinatura do Proposto: _____

Documento 5: lista de presença com contatos – Reunião REdArtH – Montevidéu, outubro/2019.



Nombre	mail	Institution
Ursula Rosa da Silva	ursulersilva@gmail.com	UFPel
Mónica Sabrina Camel	marianelcam@gmail.com	UFSM
Rafael Lessa da Silva	lessarafael@gmail.com	UFSM
Lutiere Dalla Valle	lutiere@dallavalle.net.br	UFSM
Henrique Walter Ribeiro	hwribeiro@gmail.com	UFSM
Eduarda Strieder	eduardastrieder@gmail.com	UFSM
Ruth Maria Fernandes	fernandesruth14@gmail.com	UFSM
Adriana Hoffmann	PROFADRINHOFF@GMAIL.COM	UNIRIO
Pedro E Freitas	PESFRE@GMAIL.COM	
André B. Marcelino	professorandreNR@gmail.com	
Marco Reynaldi	marcoreynaldi@gmail.com	ISBA
Jorgina Sara Páez	jorgina_paez@hotmail.com	
Angel Javier Verón	angelveron73@hotmail.com	
Ruben Oruè Garrera	rubenorueoneros@hotmail.com	ISBA (Py)
Ariane Nunes	ameline.n24@gmail.com	UFRGS
Rosana Isabel Gonchier	rosana_gonchier@hotmail.com	
Hugo Alberto Terán	mbaepiateran@hotmail.com	Formosa
Walter Alonso Tappeiner	wtappeiner@gmail.com	Formosa
Roberto Luis Fantos	profroberto[illegible]@gmail.com	Formosa
Tatiana Fernández	tfernandezster@gmail.com	UnB
Alva Fátima Klak	profalice2fm@gmail.com	
Alberto A. Alén	albertoalen@hotmail.com	
Antonella Olmedo Cárdenas	antonellaolmedo93@gmail.com	

Documento 6: livro *Outros fazedores de cinema*, na página da Editora Zouk

15/03/2020 Outros fazedores de cinema - Editora Zouk

editora ZOUK

Minha conta Meu carrinho

Olá, visitante Entrar

Arte
Literatura
Humanidades
Educação
Comunicação
Coleções
Zouk
Asterisco
Blog

Início › Todos os produtos › Zouk

Outros fazedores de cinema

R$ 47,00

Comprar Calcular o frete

Título completo: Outros fazedores de cinema - narrativas para uma poética da solidariedade

Autora: Alice Fátima Martins

Sinopse: Os fazedores de filme contam histórias, inventando, desinventando, tecendo e destecendo sentidos para esse viver... Indagar sobre as relações entre um modo dominante de pensar o cinema e outros modos ainda rascunhados, esboçados provisoriamente, mas impregnados pelo desejo de ampliar os elementos que tornam parte desses jogos: este é território em que as dúvidas prevalecem a qualquer certezas. É por ele que este trabalho se embrenha. Nessa empreitada, a autora cultiva a expectativa de reunir um feixe de boas histórias em conversações empreendidas com os outros fazedores de cinema, cujas produções orientam esta narrativa aberta rumo ao horizonte habitado por utopias.

Sobre a autora: Alice Fátima Martins é professora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e na Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais, na Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação, Doutora em Sociologia, ambos pela Universidade de Brasília, desenvolveu projetos de pós-doutorado em Estudos Culturais, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e em Cinema, na Universidade de Aveiro. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Sendo professora, aprende mais que ensina. Sendo pesquisadora, desaprende o que pensava saber.

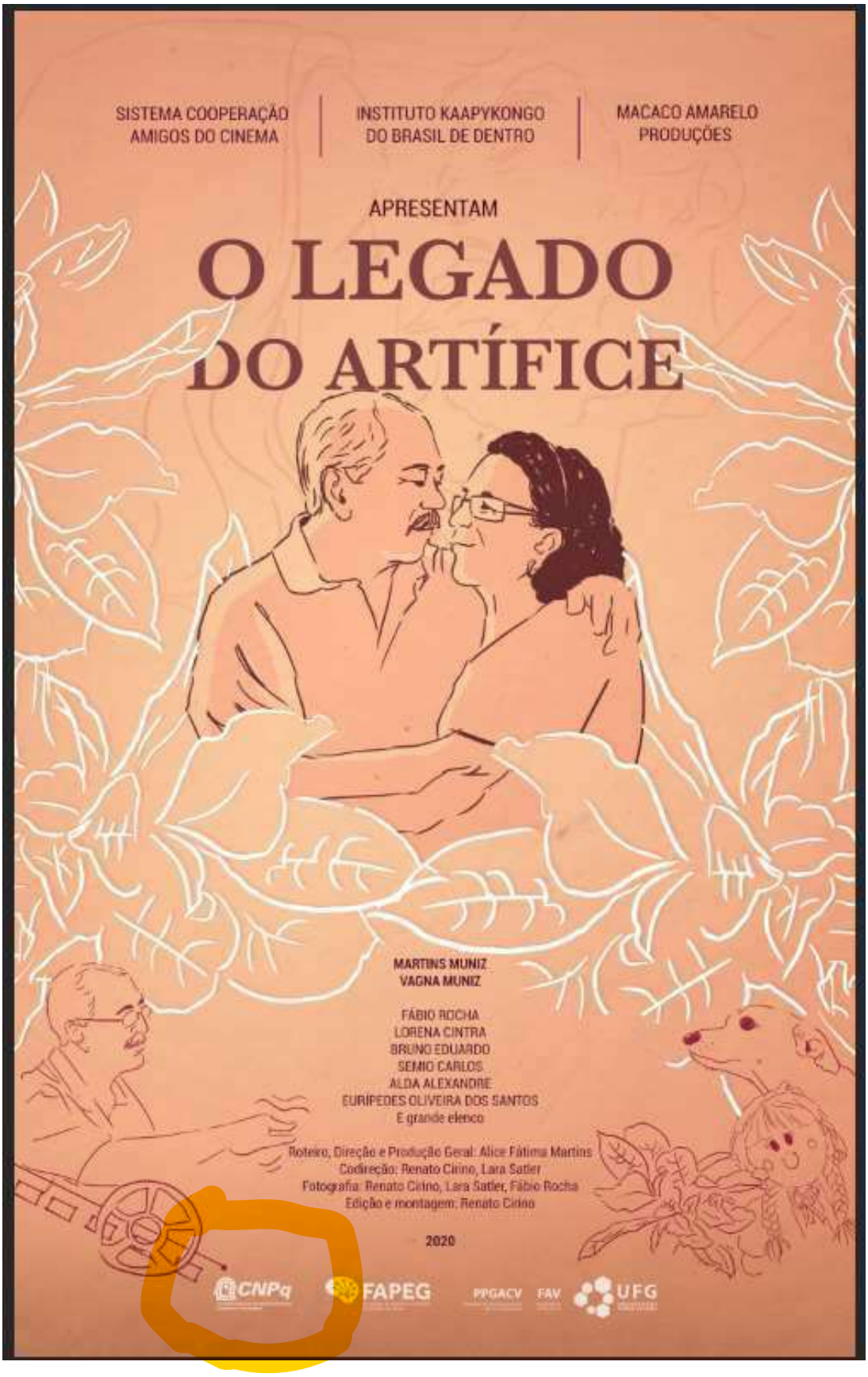
Leia aqui a introdução do livro.

218 páginas - 16x23 - ISBN 9788580490855

Veja também

www.editorazouk.com.br/pd-facebD-outros-fazedores-de-cinema.html 1/2

Documento 7: Cartaz de divulgação do filme *O Legado do Artífice* (2020)



Documento 8: Relação dos orientandos de pós-graduação em andamento.

01/04/2020

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

ALICE FATIMA MARTINS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS (11.12)

Semestre atual: 2020.1

Portal do Docente > Orientações de Pós-Graduação

Detalhes do Discente | Visualizar Histórico | Visualizar Orientações Dadas | Solicitar Banca

Lista de Orientandos

Discente
MESTRADO
2019101605 - ALZIRA MARTINS PRADO
2019101617 - JANA FRANCISCA QUIRINO DO NASCIMENTO
DOUTORADO
2017100697 - CAROLINA BRANDAO FIVA
2019101796 - JOSSIEN GALES BOLERO
2019101608 - JULIA MARIANO FERREIRA COSTA
2017100706 - RENATO CIRINO MACHADO AGUES PEREIRA

Lista de Co-Orientandos

Discente
DOUTORADO
2019100910 - MARCIA INEZ DA SILVA
15003104 - PAULA GRAZIELLE VIANA DOS REIS (ESPECIAL)

Portal do Docente

SIGAA | CERCOMP - CENTRO DE RECURSOS COMPUTACIONAIS - (62) 3521-1079 / (62) 3521-1090 | © 2006-2020 - UFG - srv-app1.ufg.br:srv1inst1

Documento 9: Relação dos orientandos de iniciação à pesquisa em andamento e concluídas.

01/04/2020

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UFG
Portal do Docente

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

Emitido em 01/04/2020 14:36

CERCOMP

DECLARAÇÃO

Declaramos que o professor(a) ALICE FATIMA MARTINS, mat. 1247618, lotado no FACULDADE DE ARTES VISUAIS, orienta(ou) alunos de Iniciação Cientifica, conforme quadro abaixo:

Bolsista	Modalidade	Periodo
BARBARA STELA OLIVEIRA	PROLICEN-PIBIC (IC)	26/07/2018 a 31/07/2019.
BARBARA STELA OLIVEIRA	PROLICEN-PIBIC (IC)	01/08/2019 até a presente data.
GABRIELA CHAVES DE OLIVEIRA	Iniciação Cientifica (IC)	19/07/2019 até a presente data.
GABRIEL CUNHA VILELA	Iniciação Cientifica (IC)	19/07/2019 até a presente data.
LUCAS LIANDRO PEREIRA	PIBIC-AF (IC)	26/07/2018 a 31/07/2019.
LUCAS LIANDRO PEREIRA	PIBIC-AF (IC)	05/08/2019 até a presente data.
MARIA ANGELICA SOARES TOLEDO	PIBITI (IT)	26/07/2018 a 31/07/2019.
MARIA ANGELICA SOARES TOLEDO	PIBITI (IT)	01/08/2019 até a presente data.
MATHEUS MARTINS DA SILVA	PIBIC (IC)	06/02/2020 até a presente data.
MATHEUS MARTINS DA SILVA	PIBIC (IC)	01/08/2019 a 06/02/2020.
MATHEUS MARTINS DA SILVA	PIBIC (IC)	26/07/2018 a 31/07/2019.

Goiânia, 1 de Abril de 2020.

SIGAA | CERCOMP - CENTRO DE RECURSOS COMPUTACIONAIS - (62) 3521-1079 / (62) 3521-1090 | Copyright © 2006-2020 - UFG - srv-app1.ufg.br:srv1inst1

Documento 10: Todas as demais produções (2017 – 2019)

contadas pelo filme aos conteúdos ensinados nas aulas, restringindo e sujeitando natureza do cinema a demandas específicas da instituição escolar.

Nesses termos, ressalta-se a possibilidade de se sistematizarem espaços, dentro e fora da instituição escolar de educação formal, nos quais crianças e adultos possam, além de verem filmes, compartilhar seus relatos sobre tal experiência, sem direcionamentos específicos prévios. Assim seria possível abrir essa experiência a aprendizagens diversificadas, ampliando repertórios, interpretações possíveis, críticas e sensíveis, numa rede de compartilhamentos da qual tomam parte as compreensões sobre os encontros entre si e o outro, sobre o estar no mundo e sobre como seja o mundo de que se toma parte.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CATELLI, Rosana Elisa. *Dos "Naturais" ao documentário*: o cinema educativo e a educação do cinema, entre os anos de 1920 e 1930. Programa de Pós-Graduação em Multimeios. Campinas: UNICAMP. Tese de doutorado, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998

EDWARD Scissorhands. Edward Mãos de Tesoura. Filme. Diretor: Tim Burton. Duração: 105min. EUA, 1990.

FUGUET, Alberto. *Os filmes de minha vida*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

PINHEIRO, Maria Adalgisa Pereira. *Cinema e educação*: modelos internacionais, impressos e intelectuais no Brasil no início do século XX. Programa de Pós-Graduação em Educação. Vitória: UFES, 2015. Tese de doutorado.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas: Editora Papirus, 2003.

TOULET, Emmanuelle. *O cinema, invenção do século*. São Paulo: Objetiva, 1988.

VIDAL, Diana G.; ARAUJO, José Carlos S.; MIGUEL, Maria Elisabeth B. (eds.). *Reformas educacionais*: as manifestações da Escola Nova no Brasil, 1920 a 1946. Uberlândia: EDUFU, 2011.

---

[i] Professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq. Pesquisadora associada do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ). Autora dos livros *Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir* (Editora UnB, 2013), e *Catadores de sucata da indústria cultural* (Editora UFG, 2013)

Enviado em: 29 de junho de 2017.

Aprovado em: 13 de julho de 2017.

O CINEMA-SONHO DE JOSÉ LUIZ ZAGATI

ENTREVISTA CONCEDIDA POR JOSÉ LUIZ ZAGATI, CRIADOR DO MINI CINE TUPY, EM TABOÃO DA SERRA, A ALICE FÁTIMA MARTINS[1] E J. BAMBERG[2]

Encontramos seu José Luiz Zagati no Mini Cine Tupy, pela primeira vez, na véspera do Dia das Crianças, em 11 de outubro de 2009. Naquele dia, ele estava preparando a programação especial para a data: projeção de filmes, distribuição de lanche e brindes, brincadeiras na rua. Durante a tarde, compartilhou conosco suas histórias com rara capacidade narrativa. No ano seguinte, ele participou da abertura do III Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Em 2013, deparou-se com circunstâncias que o levaram a encerrar as atividades no cineminha. Em 2016, seu Zagati nos deixou. Foi projetar filmes e contar histórias em outros céus. A publicação desta entrevista é uma homenagem a ele. É também a oportunidade de compartilhar o seu próprio relato sobre esse trabalho tão potente, sobre sua experiência singular de viver a cidade e a condição de cidadania, a despeito das adversidades, em favor do cinema e da educação. Ao deguste!

J. Bamberg (JB): Seu Zagati, como foi a história da construção do Mini Cine Tupy?

ZAGATI: Em 1990, eu fiquei desempregado e comecei a catar papel para sobreviver.

Alice Fátima Martins (AFM): Antes disso o senhor trabalhava com o quê?

ZAGATI: Eu trabalhei com um pouco de tudo nessa vida. Fui servente de pedreiro, ajudante de trabalho em indústria, borracheiro, montador de acumulador de energia elétrica, baterias. Mas, em 1990, eu fiquei desempregado. Então, eu comecei a trabalhar catando papel. Foi aí que eu realizei meu sonho, o sonho que eu tinha desde quando eu fui ao cinema pela primeira vez, com cinco anos de idade, lá na cidade onde eu nasci, a cidade de Guaíba, perto de Ribeirão Preto. Eu nasci em 1950, no campo. Lembro que, num domingo, a minha irmã me levou ao cinema, no Cine São Mateus. Foi naquele momento que o cinema me fascinou... Era um filme de caubóis: o Billy the Kid. Lembro como se fosse agora! Era bom de briga, o Billy the Kid! (risos).

Bom, aí meu pai veio embora para São Paulo, ganhar um dinheiro para voltar e comprar um terreno lá. Mas meu pai acabou ficando por aqui. Ele comprou um terreno aqui mesmo e aqui fez uma casa. Minha mãe se empregou, e nunca mais voltamos. Aqui, no centro de Taboão, eu conheci o Cine Tupy. Na época, aqui tinha chácaras. No centro de Taboão da Serra todo mundo se reunia. Ali tinha o cinema, a igreja, o cartório... Então, tudo se resolvia por ali. Eu era pequeno, e estava sempre com meu pai. Meu pai ficava na padaria, tomando umas cachaças, e o cinema ali do lado. Eu ficava em

1 Professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, no curso de Artes Visuais/Licenciatura, e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

2 Pesquisador visitante do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Instituto Kaapikongo do Brasil de Dentro.

Cadastro Acesso

Cadernos de Estudos Culturais UFMS

Atual Arquivos Notícias Sobre

Buscar

RASCUNHOS PARA UMA POÉTICA DA SOLIDARIEDADE COMO EXERCÍCIO CRÍTICO à concepção colonizadora da arte

Alice Fátima Martins
UFG

Resumo

Neste texto, busca-se problematizar os critérios de classificação e valoração entre os campos da arte e da não-arte, tomando como base a noção de arte de matriz europeia, expandida para territórios além-Europa a partir dos processos de colonização, com a instauração da chamada Era Moderna. Como desdobramento da discussão proposta, são esboçados alguns parâmetros para uma poética da solidariedade, fundada na natureza das relações entre as pessoas, no estabelecimento de vínculos comunitários, no exercício da sensibilidade, nos processos de criação e compartilhamento.

Biografia do Autor

Alice Fátima Martins, UFG
Alice Fátima Martins é professora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais, UFG. Bolsista de Produtividade no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq.

Referências

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IMAGOFAGIA
Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual
ISSN 1852 - 9550

SOBRE EL AUTOR

Alice Fátima Martins
Universidade Federal de Goiás; CNPq
Brasil

Docente efetiva no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais/FAV, da Universidade Federal de Goiás/UFG. Bolsista de Produtividade em Pesquisa-PQ2, pelo CNPq. Doutora em Sociologia, Mestre em Educação, desenvolveu projeto de estágio pós-doutoral pelo PACC/UFRJ (2009/2010) e pelo Departamento de Comunicação e Arte/DeCA, da Universidade de Aveiro, Portugal. É autora dos livros, dentre outros, *Saudades do futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir* (Ed. UnB, 2013), e *Catadores de sucata da indústria cultural* (Ed. UFG, 2013). Também é artista visual e realizadora de cinema. E-mail: profalice2fm@gmail.c

Narrativas audiovisuais digitais: fluxos de vida, memória e ruína

Alice Fátima Martins

Resumen

Com base no trabalho desenvolvido por Seu Osorinho, em Serranópolis, no sudoeste goiano, Brasil, neste texto são discutidas algumas questões relativas à memória, sua preservação e duração ao decurso do tempo, bem como a acessibilidade às suas informações, no contexto da cultura digital. Além disso, são trazidas à pauta as dimensões subjetivas e objetivas, particulares e coletivas das narrativas audiovisuais, e suas relações com os fluxos da própria vida.

Palavras-chave: Seu Osorinho, narrativas audiovisuais, memória, cultura digital, obsolescência.

Resumen: Con base en el trabajo desarrollado por el señor Osorinho, en Serranópolis, en el suroeste goiano, Brasil, en este texto se discuten algunas cuestiones relativas a la memoria, su preservación y duración a lo largo del tiempo, así como la accesibilidad a su información, en el contexto de la comunicación cultura digital. Además, se traen a la pauta las dimensiones subjetivas y objetivas, particulares y colectivas de las narrativas audiovisuales, y sus relaciones con los flujos de la propia vida.

Palabras clave: Señor Osorinho, narrativas audiovisuales, memoria, cultura digital, obsolescencia.

Abstract: Based on Seu Osorinho's work in Serranópolis, southwestern Goiano, Brazil, this paper discusses issues related to memory, its preservation and duration over time, as well as accessibility to this information in the context of digital culture. In addition, the discussion incorporates the subjective and objective dimensions of audiovisual narratives, as well as their relations with the flows of life itself.

Keywords: Mr. Osorinho, audiovisual narratives, memory, digital culture, obsolescence.

Texto completo:

PDF
Resumen - 269 PDF - 167

Enlaces de Referencia

- Por el momento, no existen enlaces de referencia

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

desta pesquisa, como em quantos segmentos das atividades humanas, resulta de dinâmicas sociais e culturais demarcatórias de permissões e proibições, por meio de atos de fala e de rituais reguladores dos corpos, no mais das vezes sutis e dissimulados, outras tantas explicitamente violentos.

Texto selecionado no Edital Filme Cultura Edição 63

***ALICE FÁTIMA MARTINS** *é professora na Faculdade de Artes Visuais, FAV/UFG, no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Pesquisadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, PACC/UFRJ. Bolsista de Produtividade PQ/CNPq. Autora dos livros* Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir *(Ed. UnB, 2013),* Catadores de sucata da indústria cultural *(Ed. UFG, 2013), e* Brevidades *(Instituto Kaapykongo Brasil de Dentro, 2016). Projeto de pesquisa* Outros fazedores de cinema, *com financiamento da FAPEG e CNPq. Estágio pós-doutoral na Universidade de Aveiro, com o projeto de pesquisa* O cinema de Maria.

REFERÊNCIAS

1. MARTINS, Alice Fátima. *Saudades do futuro*: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir. Brasília: Editora da UnB, 2013a.

2. *Idem*. *Catadores de sucata da indústria cultural*. Goiânia: Editora da UFG, 2013b.

3. ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil*: um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

4. PEREIRA, Catarina Pereira. *A mulher-cineasta*: da arte pela arte a uma estética da diferenciação. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2016.

5. *Ibidem*.

6. *O despertar de Lilith* (2016). Título original: *Lilith's Awakening*. Terror. Direção e Roteiro: Monica Demes. Produção: Ganesha Filmes. Duração: 80 min. Digital, P&B / Cor. Brasil/EUA.

7. DEMES, Monica. Entrevista. *Ficção Terror*. Disponível em: <http://ficcaoterror.blogspot.com.br/2017/05/entrevista-com-diretora-de-o-despertar.html> Acesso em: 08 jun. 2017.

8. *O ciclista*. (1987). Título original: *Bicycleran*. Drama. Direção Mohsen Majmalbaf. Makhmalbaf Produções. Duração 95 min. Película, colorido. Irã.

9. *A maçã*. (1997/1998). Título original: *Sib*. Drama. Direção: Samira Makhmalbaf. Produção: Makhmalbaf Produções. Duração: 86 min. Digital, colorido. Irã/França.

10. *O quadro negro* (2000). Título original: *Takhté siah*. Drama. Direção: Samira Makhmalbaf. Produção: Marco Muller. Duração: 85 min. Digital, colorido. Irã/Itália/Japão.

11. PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *Delta*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 19, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502007000100001&lng=en&nrm=iso>.

Registo Acesso

aniki
Revista Portuguesa da Imagem em Movimento
Portuguese Journal of the Moving Image
ISSN 2183-1750

Actual Arquivos Notícias Sobre

Pesquisar

Em Cinema & Humanidades, exercícios de aproximação entre o cinema e outros campos do conhecimento

Alice Fátima Martins
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, 74690-900; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil.

DOI: https://doi.org/10.14591/aniki.v6n2.535

Resumo

-

Biografia Autor

Alice Fátima Martins, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, 74690-900; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil.
Doutora em Sociologia, Mestre em Educação, Arte-educadora. Professora no Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG. Editora da Revista Visualidades. Pesquisadora com Bolsa de Produtividade em Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia (UnB, 2004), com pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (2009) e na Universidade de Aveiro, Portugal (2017). Professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais, na Universidade Federal de Goiás, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ pelo CNPq. Desenvolve investigações no campo das relações entre educação, sociologia da cultura, poéticas da solidariedade em práticas artísticas diversas, incluindo coletivos comunitários, grupos colaborativos de cinema, e outras atividades no ambiente digital. É autora dos livros Saudades do futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir (Ed. UnB, 2013), Catadores de sucata da indústria cultural (Ed. UFG, 2013), e Brevidades (Instituto Kaapykongo, 2016). Correo: profalice2fm@gmail.com

Marilda Oliveira de Oliveira

Professora Titular do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutora em História da Arte pela Universidad de Barcelona, Espanha. Investiga as práticas educativas e o ensino da arte a partir da perspectiva das filosofias da diferença.
Correo: marildaoliveira27@gmail.com

Vanessa Freitag

Doctora en Ciencias Sociales por CIESAS-Occidente (Guadalajara, México), Maestra en Educación, Especialista en Poéticas Visuales y Licenciada en Artes Plásticas (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil). Desde 2012 se desempeña como profesora-investigadora del Departamento de Estudios Culturales de la Universidad de Guanajuato-Campus León, México. Es integrante del Cuerpo Académico Cultura y Arte. También trabaja como artista visual. Líneas de investigación: artesanías, artes populares, arte textil contemporáneo y arte educación. Correo: freitag.vane@gmail.com

Tarik Torres-Mojica

Doctor en Letras Modernas por la Universidad Iberoamericana Ciudad de México; profesor-investigador de tiempo completo del Departamento de Estudios Culturales de la División de Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad de Guanajuato, Campus León. Es integrante del Cuerpo Académico Cultura y Arte y miembro fundador de la Cátedra José Revueltas de la Universidad de Guanajuato. Sus líneas de investigación abordan manifestaciones culturales, artísticas y de la narrativa hispanoamericana reciente. Correo: torres.tarik@gmail.com

Guadalupe de la Cruz Aguilar-Salmerón

Doctora en Cultura y Arte por la Universidad de Guanajuato, Campus León; profesora-investigadora de tiempo completo del Departamento de Estudios Culturales de la División de Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad de Guanajuato, Campus León. Es integrante del Cuerpo Académico Cultura y Arte. Sus líneas de investigación tratan sobre los procesos creativos en el arte, procesos de formación de la identidad, aproximaciones a los estudios del arte y la cultura, así como la práctica de artes plásticas. Correo: gugui65@gmail.com

ENCONTROS DE FOTOGRAFIA, CINEMA, ARTES DIGITAIS

Universidade Federal de Goiás
Universidade Estadual de Goiás
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Festival Brasileiro de Cinema Documental de Pirenópolis
Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Artes e Humanidades/REdArtH

Coordenação
Alice Fátima Martins (UFG, CNPq)
José da Silva Ribeiro (UFG, UAb)
Marcelo Henrique da Costa (UEG)
Adriane Camilo Costa (PUC/GO)
Fabiane Assis (PirenópolisDoc)

Equipe de organização
Paulo Passos
Renato Cirino
Rafael de Almeida
Lara Lima Satler
Juan Sebastián Ospina Álvarez

Design de material impresso e digital
Juan Sebastián Ospina Álvarez

Design e diagramação dos anais
Juan Sebastián Ospina Álvarez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

E56

Encontros de Fotografia, Cinema, Artes Digitais (1. : 2017 : Goiânia, GO).
Anais do I Encontros de Fotografia, Cinema, Artes Digitais. / Organização, Alice Fátima Martins, e José da Silva Ribeiro. – Dados eletrônicos. – Goiânia: Gráfica UFG/UEG, 2017.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web: <https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/Anais_dos_Encontros_de_fotografia_agosto_2017.pdf>
ISBN: 978-85-495-0155-4

1. Fotografia. 2. Cinema. 3. Artes. I. Universidade Federal de Goiás. II. Universidade Estadual de Goiás.

CDU: 77+791

ENCONTROS FOTOGRAFIA CINEMA ARTES DIGITAIS

copyright © 2019 editora zouk

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk
Revisão: Tatiana Tanaka
Imagem da capa: Alice Fátima Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

M384o Martins, Alice Fátima

Outros fazedores de cinema / Alice Fátima Martins. – Porto Alegre, RS : Zouk, 2019.
218 p. : il. ; 16cm x 23cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-85-8049-085-5

1. Cinema. I. Título.

CDD 791.43
2019-981 CDU 791.43

Índice para catálogo sistemático:
1. Cinema 791.43
2. Cinema 791.43

direitos reservados à
Editora Zouk
r. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203
90560-004 - Floresta - Porto Alegre - RS - Brasil
f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

Apresentação

Alice Fátima Martins

Este estudo resulta do projeto de pesquisa intitulado "Outros fazedores de cinema", desenvolvido entre 2012 e 2016, que contou com o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás (Fapeg), pelo Edital Universal 2013, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento (CNPq), pelo Edital de Bolsa de Produtividade, no período de 2014/2016.

A discussão aqui proposta está aportada no contexto dos estudos culturais, com ênfase nos estudos visuais e do cinema, em estreita relação com questões caras às artes visuais e à cultura visual. Integra este projeto, também, a intenção de lançar elementos para a ampliação dos percursos de investigação, em direção à noção de *poética da solidariedade*. O trabalho de campo realizado durante quatro anos, e as análises resultantes, com base no vasto material levantado, é um desdobramento da pesquisa anterior, publicada no livro *Catadores de Sucata da Indústria Cultural*, lançado em 2013, numa edição em parceria entre a Funape e a Editora UFG. Nele, o ponto de partida foi a premissa de que a economia e a cultura de massa, pautadas pela lógica do capitalismo, produzem excedentes em escalas cada vez mais exponenciais, gerando também fluxos de descartes de mercadorias tanto materiais quanto simbólicas, igualmente em progressão geométrica. A pesquisa, então, buscou mapear alguns realizadores de cinema que atuam a partir de uma espécie de reciclagem das narrativas produzidas em larga escala pela indústria cinematográfica, para serem rapidamente consumidas e descartadas, dando lugar às demandas das novas narrativas a serem disponibilizadas ao grande público consumidor.

Na ocasião, conheci os trabalhos e contextos de atuação de Manoel Loreno, o seu Manoelzinho, em Mantenópolis, no extremo oeste do Espírito Santo; seu Simião Martiniano, o Cameló do Cinema, de Jaboatão dos Guararapes e Recife, no Estado de Pernambuco; Afonso Brazza, o bombeiro cineasta, em Brasília e no Gama, no Distrito Federal. As questões-eixo relativas à produção de excedentes, aos descartes de mercadorias, materiais e imateriais, e aos processos de reciclagem na apropriação e recriação de narrativas autorais ganharam âncora no trabalho desenvolvido por José Luiz Zagati. Esse catador de sucatas em Taboão da Serra, São Paulo, foi responsável pela criação e manutenção do Mini Cine Tupi, no qual assegurou, durante alguns anos, projeções de filmes a um segmento da população que não tem acesso às salas regulares de cinema.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. p. 428.

JOGO DE CENA. Direção: Eduardo Coutinho. Gênero: Documentário. Película. Cores. Duração: 104 min. Brasil, 2007.

LARROSA, Jorge. A OPERAÇÃO ENSAIO: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: **Revista Educação e Realidade**, jan-jun-2004.

LYRA, Gabriel; ARAKAKI, Cristiane; GARROSSINI, Daniela Favaro. Memória-constelação: a multiplicidade de fluxos de (re)interpretações. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton. (Orgs.). **Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Campinas: ANPAP/ PUC-Campinas, 2017.

MEMÓRIA. Direção, fotografia e edição: Cao Guimarães. Vídeo-arte. HDV. Cores. Duração: 5 min. Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Paulo; CIRINO, Renato. Josafá Duarte e Martins Muniz: biografias e constituição de memórias. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton. (Orgs.). **Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Campinas: ANPAP/ PUC-Campinas, 2017.

OSPINA, Juan. Gisberta, Dandara e outras histórias silenciadas, desconectadas. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton. (Orgs.). **Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Campinas: ANPAP/ PUC-Campinas, 2017.

PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina**: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012. 200p.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN E. (Org.) **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SASSO, Leísa; FERNÁNDEZ. Desfile em performance: narrativa de ação política. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton. (Orgs.). **Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Campinas: ANPAP/ PUC-Campinas, 2017.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 295p.

SOSNOWSKI, Katyuscia; BIASUZ, Maria Cristina V. Invenções caseiras: aprendizagem em rede e processos de criação compartilhados. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton. (Orgs.). **Anais do 26º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Campinas: ANPAP/ PUC-Campinas, 2017.

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia (UnB), mestre em Educação (UnB), arte-educadora, desenvolveu projeto de pós-doutoramento no PACC/UFRJ (2009) e no DECA/Universidade de Aveiro (2017). Professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG). Bolsista PQ2 do CNPq. E-mail: profalice2fm@gmail.com

New Concepts and Territories in Latin America
Nuevos Conceptos y Territorios en América Latina

Eds
Adilson Cabral, **César Bolaño**, **Denize Araujo**, **Fernando Andacht** y / and **Fernando Paulino**

Cover Image/Imagem de Tapa
"100 palabras" hlobo (Hamilton Lobo)

Editorial Council / Consejo Editorial
Amparo Cadavid – Pontifícia Univ. Javeriana, Colombia
Chiara Saenz-Baeza – Univ. Catolica de Chile, Chile
David William Foster – Arizona State Univ. – USA
Eduardo Morettin – Univ. de São Paulo – USP, Brazil
Gabriel Kaplún – Univ. de la República, Uruguay
Isaac Nahon-Serfaty – Univ. of Ottawa, Canada
José Ramon Vidal Valdéz – Univ. de la Habana, Cuba
Josep Maria Català Domènech – Univ. Autonoma de Barcelona, Spain
Marguerite Waller – Univ. of California, Riverside, USA
Mariana Rodriguez – Univ. Nacional Del Centro – UNICEN, Argentina
Martin Becerra – Univ. Nacional de Quilmes/Univ. de Buenos Aires, Argentina
William Brown – Roehampton Univ. – London, GB

ISBN: 978-85-9458-017-7
Área CNPq: Comunicação: 6.09.00.00-8
Communication/Communicación; Media/Medios; Latin America/América Latina; Internet; Citizenship/Ciudadanía

PAGINA 42

Página 42 - July 2017
Margarida Pianaro Moro, 552 - Cruzeiro - São José dos Pinhais, PR - Brazil
contato@pagina42.com.br

AIMÉE VEGA MONTIEL

Researcher at the National Autonomous University of Mexico, Center of Interdisciplinary Research in Sciences and Humanities. She earned her Ph.D. in Journalism and Communication Studies from the Autonomous University of Barcelona. She is currently Vice-President of the International Association for Media and Communication Research (IAMCR). She has been President of the Mexican Association of Communication Researchers (AMIC) and Director of the Mexican Association of the Right to Information (AMEDI).

E-mail: aimeevegamx@yahoo.com.mx

ALEXEI PADILLA HERRERA

Univ Federal de Minas Gerais, Brasil. Comunicador Social e investigador cubano. Máster en Comunicación Social por la Univ. Federal de Minas Gerais (2016); Licenciado en Comunicación Social por la Univ de La Habana (2009); egresado del Diplomado Nacional de Periodismo Digital, del Instituto Internacional de Periodismo José Martí, de La Habana (2011). Actualmente participa del proyecto de investigación "Política de la imagen, subjetivación y escenas de disenso: operaciones de visibilidad en el fotoperiodismo".

E-mail: alex6ph@gmail.com

ALICE FÁTIMA MARTINS.

Docente del Programa de Posgrado en Arte y Cultura Visual, en la Facultad de Artes Visuales – FAV/UFG, Brasil. Investigadora de alta productividad CNPq. Realizó posdoctorado en el área de Estudios Culturales (UFRJ/Rio de Janeiro/RJ). Doctora en Sociología (UnB/Brasília/DF). Autora de los libros *Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir* (Ed. UnB, 2013) y *Catadores de sucata da indústria cultural* (Ed. UFG, 2013).

E-mail: profalice2fm@gmail.com

AMANDA RUEDA

Docente Universidad Toulouse 2 Jean-Jaurès – Laboratorio de investigación LERASS. Egresada de la Escuela de Comunicación social de la Universidad del Valle, en Colombia, es Doctora en Ciencias de la información y de la comunicación por la Universidad Toulouse Jean Jaurès. Actualmente es profesora titular del Departamento de Artes y Comunicación de esta Universidad. Es miembro del comité de redacción de la revista *Cinémas d'Amérique latine.*

E-mail: amanda.rueda@univ-tlse2.fr

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna
Prof. Dr. Carlos Bauer
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista
Prof. Dr. Fábio Régio Bento
Prof. Ms. Gustavo H. Cepolini Ferreira
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa
Profa. Dra. Ligia Vercelli
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Romualdo Dias
Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Profa. Dra. Thelma Lessa
Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2018 Everly Pegoraro

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

C9683

Cultura Visual: Memória, discursos e socialidades (Série Estudos Reunidos, Volume 55) / organização Everly Pegoraro. – Jundiaí: Paco Editorial, 2018.
268 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-462-1347-4

1. Comunicação e Cultura Visual. 2. História. I. Pegoraro, Everly. II. Título. III. Série.

CDD 302.2

PACO EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9
Everly Pegoraro

Parte 1

IMAGEM, MEMÓRIA E DISCURSO

1. RESISTÊNCIA E EFEITOS DE MEMÓRIA NO DISCURSO IMAGÉTICO: REFLEXÕES SOBRE O CARNAVAL BRASILEIRO DE 2018 17
Anísio Batista Pereira

2. BRANCOS, NEGROS E ÍNDIOS: A IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DE IMAGENS 35
Iara Andrade Senna

3. O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: DAS COBERTURAS NÃO INDÍGENAS À AUTOREPRESENTAÇÃO 53
Rodrigo Mesquita
Adriane Melo de Castro Menezes

4. DISCURSO E IDEOLOGIA NO GÊNERO DISCURSIVO PANFLETO: ABORDAGEM DE SUA MATERIALIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA 73
Valmir Nunes Costa

5. REALIDADE E FICÇÃO NO CINEMA EM QUADRINHOS: LINGUAGENS EM JUSTAPOSIÇÃO 87
Fernanda Pacheco de Moraes

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano: porquê? **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 126-137, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Organizadora

Éverly Pegoraro: Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestra em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Autora dos livros *Dizeres em Confronto: a Revolta dos Posseiros de 1957 na Imprensa Paranaense* (2008) e *No compasso do tempo SteamPunk: o retrofuturismo no contexto brasileiro* (2015). Professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Líder do grupo de pesquisa Comunicação e Interfaces Socioculturais, com estudos na relação comunicação, cultura visual e memória.

Autores

Adriane Melo de Castro Menezes: Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos. Professora na Universidade Federal de Roraima e pesquisadora associada ao Núcleo Histórico Socioambiental. Coordena grupos e projetos de pesquisa na área da educação inclusiva e educação, línguas e cultura indígena do CNPq. Seus estudos e publicações têm como temas principais: educação escolar indígena, educação bilíngue e inclusão educacional.

Alice Fátima Martins: Professora no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual e no curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de produtividade em pesquisa PQ2 do Cnpq. E-mail: profalice2fm@gmail.com

Ana Paula Gonzatto: Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro – 2015-2017). Possui graduação em Pedagogia pela Unicentro – 2008-2011), com especialização em Educação Especial (2012), Tecnologias e Educação a Distância (2013), Neuropsicologia Educacional (2014). Pedagoga efetiva da Rede municipal publica do Município de Laranjeiras do Sul/PR. Participa do Laboratório de Comunicação, Educação e Tecnologia-LECET/Unicentro, vinculado ao grupo de pesquisa Getec – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologia, Educação e Cultura, da Unicentro.

Licenciatura em Artes visuais

Percurso 5

Eixo 4

Cinema, Arte e Educação

Autora

Alice Fátima Martins Doutora em Sociologia, Mestre em Educação, Licenciada em Educação Artística, habilitação em Artes Plástica pela Universidade de Brasília (UnB). Desenvolveu estágio de pós-doutorado nas áreas dos Estudos Culturais e do Cinema na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade de Aveiro. Professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais, e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista de Produtividade pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Marcelo Henrique da Costa Doutor em Arte e Cultura Visual, Mestre em Cultura Visual, ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Publicitário. Professor efetivo no bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Coordenador de Radioteledifusão da UEG TV e da Rádio UEG Educativa. Coordenador do Cria Lab, Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual da UEG. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq – Centro de Realização e Investigação Audiovisual.
Renato Cirino Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG) onde também obteve o título de Mestre. Bacharel em Jornalismo, pela UFG, e Licenciado em Artes Visuais pela Rede de Educação Claretiano. Autor da instalação artístico-interativa Brinca_Comigo, com registro de software no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), pelo potencial para Educação. Técnico Audiovisual da Faculdade de Artes Visuais na UFG.
Saiba mais

Apresentação

Gostaríamos de desejar boas-vindas a este módulo, e fazer o convite para iniciarmos uma viagem em várias dimensões, atravessando alguns portais propiciados pela linguagem cinematográfica, pelo audiovisual! Esta viagem incluirá a própria história do cinema e seus recursos, as histórias que podem ser contadas pelo e no cinema, e as aprendizagens que podemos construir a partir das relações com as narrativas fílmicas, seja quando produzimos essas histórias, seja quando as assimilamos, vendo filmes realizados por outras pessoas.

É importante que nos apresentemos. Participaram, na elaboração deste material, três pessoas ligadas ao campo das artes, do cinema, do audiovisual e da educação, cada qual de uma forma distinta, mas experimentando, em comum, o encantamento pelo cinema, pelas narrativas fílmicas, pelo audiovisual. Alice tem desenvolvido projetos de pesquisa junto a pessoas que, mesmo com baixa escolarização, sem formação na área do cinema, e contando com precárias condições de realização, contam histórias por meio de filmes, e compartilham suas produções com a comunidade da qual fazem parte. Atualmente, tem buscado conhecer os trabalhos realizados por mulheres que tenham esse perfil. Marcelo trabalha com cinema e audiovisual, e tem trabalhado com a possibilidade de produção de narrativas a partir do uso de aparatos móveis. É por esse caminho que ele busca as aproximações com os projetos educativos, e com a formação de professores. Renato tem desenvolvido projetos de arte e educação, envolvendo a possibilidade de realização de filmes por parte de estudantes e professores. E também tem pensado nos processos de produção de narrativas de modo colaborativo, solidário.

É a partir dessas referências, que queremos compartilhar os caminhos por nós percorridos, para construirmos juntos, aprendizagens ao longo das leituras aqui propostas, bem como dos exercícios e também dos filmes que serão disponibilizados para todos nós.

Contem com nosso entusiasmo e paixão pela temática e suas possibilidades.

Boas aventuras!

Unidade 1: O que temos aprendido com o cinema?

Proposta de atividade deflagradora

Comecemos esta unidade com um breve exercício, compartilhando com o grupo algumas memórias das nossas relações com o cinema e com filmes:

1. Você frequenta salas de cinema?

a. Se frequenta, você se lembra da primeira vez que viu um filme numa sala?

b. Se não vai a salas de cinema, onde você costuma ver filmes? Você se lembra do primeiro filme que viu? Poderia falar sobre ele?

2. Você tem alguma lembrança marcante em sua relação com filmes (seja em salas de cinema, ou em outros meios e lugares)? Poderia contar?

3. Você poderia perguntar a uma pessoa conhecida sua sobre suas lembranças em relação ao cinema? Poderia relatar?

Quando ouvimos a palavra cinema, o que nos ocorre ao pensamento? A palavra pode ser dotada de diferentes sentidos a depender das experiências proporcionadas. Muitas vezes, as pessoas pensam naquela sala escura para onde vão quando querem sonhar, ou se aventurar em outros universos, escapando, assim, das rotinas que tomam o dia a dia. Mas há também aqueles que logo se lembram dos “artistas realizadores”, muitas

Arte e narrativas emergentes. Alan Angeluci, Vicente Gosciola, Natalia Martin Viola e Regilene Sarzi (Orgs.). - 1a Edição - Aveiro: Ria Editoral, 2019.
454p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online
Modo de acesso: www.riaeditorial.com
ISBN 978-989-8971-08-1

1. Arte. 2. Novas Narrativas. 3. Ecologia dos Meios. I. Angeluci, Alan. II. Gosciola, Vicente. III. Viola, Natalia Martin. IV. Sarzi, Regilene. V. Título.

Copyright das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design de Capa: Denis Renó
Paginação: Luciana Renó

© Alan Angeluci, Vicente Gosciola, Natalia Martin Viola, Regilene Sarzi (Orgs.)

© Alan César Belo Angeluci, Alice Fátima Martins, André Luiz Sens, Anelisa Maradei, Carolina Brandão Piva, Cristina S. Pacheco, Denis Porto Renó, Edna de Mello Silva, Elisa Noelí Molinari , Franklin Cornejo, Guilherme Guimarães Martins, Laís Miguel Lacerda, Larissa Soares Pessoa, Leandro Key Higuchi Yanaze, Leandro Vieira Maciel, Lorenzo Vilches, Luana Chávez Bandeira de Brito, Lucas Liandro Pereira, Maíra Valencise Gregolin, Matheus Martins da Silva, Natalia Revello Mouriz, Regilene A. Sarzi Ribeiro, Renata Freitas , Roberta Gerling Moro, Silvana Comunian Soares, Vicente Gosciola, Yenny Paola Bejarano Bejarano

© Ria Editorial
Aveiro, Portugal
riaeditora@gmail.com
http://www.riaeditorial.com

Licença:

>: Atribuição-Não Comercial-Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional
>: Você é livre para:
- copiar, distribuir, exibir, e executar a obra
Baixo as seguintes condições:
- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.
- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.
- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt

Narrativas Digitais Contemporâneas, Arte e Engajamento Social

Alice Fátima Martins[1]
Matheus Martins da Silva[2]
Lucas Liandro Pereira[3]

Nos Princípios, o Cinema, a Arte e Engajamentos

O cinema começou como invenção científica. Primeiramente, foi mostrado em feiras, como invento que despertava a curiosidade dos visitantes. Demorou para ser reconhecido como entretenimento. Figuras como Alice Guy-Blaché (Guy-Blaché, 1996) e George Meliès (Martins, 2003) perceberam, na engenhoca capaz de produzir e projetar imagens em movimento, o potencial para contar histórias ficcionais, um pouco além dos registros documentais. Mas havia ainda algum percurso a ser cumprido para que o cinema viesse a ter a chancela do mundo das artes,

1. Doutora em Sociologia.
Professora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e no curso de Artes Visuais/Licenciatura – FAV/UFG.
Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
E-mail: profalice2fm@gmail.com
2. Estudante no curso de Artes Visuais – Licenciatura FAV/UFG.
Bolsista de Iniciação Científica PIBIC.
E-mail: e-matheus@outlook.com
3. Estudante no curso de Artes Visuais – Licenciatura FAV/UFG. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-AF. E-mail: lliandrolucas3@gmail.com

Meios e Transformação Social. Andrea Versuti, Camila Escudero, Catalina Mier, Cláudia M. A Assis, Jamile Santinello, Liliane de Lucena Ito & Raquel Longhi (Orgs.). - 1a Edição - Aveiro: Ria Editoral, 2019.
477 p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online
Modo de acesso: www.riaeditorial.com
ISBN 978-989-8971-13-5

1. Meios. 2. Transformação Social. 3. Media Ecology. 4. Comunicação. I. Versuti, Andrea. II. Escudero, Camila. III. Mier, Catalina. IV. Assis, Cláudia M. A. V. Santinello, Jamile. VI. Ito, Liliane de Lucena. VI. Longhi, Raquel. VII. Título.

Copyright das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design de Capa: Denis Renó

Diagramação: Luciana Renó

© Andrea Versuti, Camila Escudero, Catalina Mier, Cláudia M. A. Assis, Jamile Santinello, Liliane de Lucena Ito, Raquel Longhi (Orgs.)

© Abel Suing, Alberto Dafonte-Gómez , Alice Fátima Martins, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Ana Letícia Oliveira do Amaral, Berenice Santos Gonçalves, Bruno David Amoretti Aliaga, Camila Geracelly Xavier Rodrigues dos Santos, Carolina Brandão Piva, Érica Reis Jeffery Ferreira, Esteban Sumano Sánchez, Frank Denys Capuñay Laynes, Gisele Gabriel, Ingrid Gomes Bassi, Jefferson Parreira de Lima, Juan-Manuel Corbacho-Valencia, Kruzkaya Ordónez, Lilia Carpio-Jiménez, Lucia Bonetto Cornatosky, Maria Angélica Soares, María Cecilia Aguilar, María Cristina Miño, Maurício de Oliveira Miranda , Max Davi Dantas Matos, Nazly López Díaz, Otniel López Altamirano, Romina Noelia Fernández Di Santi, Sergio Ricardo Quiroga, Thiago da Silva Rabelo, Wendy Montes Ponce, Xabier Martínez-Rolán, Yago Modesto Alves

© Ria Editorial
Aveiro, Portugal
riaeditora@gmail.com
http://www.riaeditorial.com

Licença:
>: Atribuição - Não Comercial - Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional
>: Você é livre para:
- copiar, distribuir, exibir, e executar a obra
Baixo as seguintes condições:
- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.
- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.
- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt

Redes de Informação em Arte: o Uso de Aplicativos Móveis para o Compartilhamento de Conhecimento Artístico e Cultural da Cidade de Goiânia

Alice Fátima Martins[1]
Maria Angélica Soares[2]

As aprendizagens propiciadas por meio dos aparatos móveis apresentam possibilidades múltiplas à educação. De acordo com a UNESCO (2014), os aparelhos móveis integram o complexo de TICs mais bem-sucedido da história da humanidade. Eles existem em grandes quantidades, em lugares onde livros e escolas muitas vezes são escassos. Os recursos tecnológicos móveis como smartphones, tablets e notebooks podem ser utilizados como potencializadores de uma educação interativa, colaborativa, contextual e situada, onde o acesso à informação independe dos muros de uma instituição, construindo uma ponte de comunicação entre

1. Doutora em Sociologia.
Professora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e no curso de Artes Visuais/Licenciatura – FAV/UFG.
Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
E-mail: profalice2fm@gmail.com
2. Estudante do curso de Artes Visuais/Licenciatura – FAV/UFG.
Bolsista PIBITI.
E-mail: mariaangelica.artesv@gmailcom

Paradigmas da educação. Andrea Versuti e Jamile Santinello (Orgs.). - 1a Edição - Aveiro: Ria Editoral, 2019.
451p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online
Modo de acesso: www.riaeditorial.com
ISBN 978-989-8971-05-0

1. Educação. 2. Ecossistema Midiático. 3. Ecologia dos Meios. I Versuti, Andrea. II. Santinello, Jamile. III. Título.

Copyright das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design de Capa: Denis Renó
Paginação: Luciana Renó

© Andrea Versuti e Jamile Santinello (Orgs.)

© Adalberto Ortiz Clemente, Alan César Belo Angeluci, Alexandre Luiz Alonso, Alice Fátima Martins, Aline Cristina Camargo, Alvaro Benevenuto Jr., Ana Belén Jara, Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini, Andrea Cristina Versuti, Andrieli Dal Pizzol, Bárbara Stela Oliveira, Cláudia Maria Arantes de Assis Saar, Daniella de Jesus Lima, Dorival Campos Rossi, Elaine Regiane Damaceno Ribeiro, Eliane de Oliveira Silva, Eliane Marin, Hernando Gomez Salinas, Jamile Santinello, João Fernando Marar, Luciana Batista Galhardo Simon, Luciane de Fátima Giroto Rosa, Lyana Thédiga de Miranda, Magda Pischetola, Marcello Zanluchi Surano Simon, Marco Antônio Nogueira, Maria Angélica Soares, Maria da Graça Mello Magnoni, María Natalia Díaz, Michelle Alves do Nascimento , Rafael Vergili, Renato Cirino , Ricardo Osorno-Fallas, Sabrina Marcandali, Shanna Laskmi Taco-Loaiza, Thiago Seti Patricio, Vilma Santos

© Ria Editorial
Aveiro, Portugal
riaeditora@gmail.com
http://www.riaeditorial.com

Licença:

>: Atribuição-Não Comercial-Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional
>: Você é livre para:
- copiar, distribuir, exibir, e executar a obra
Baixo as seguintes condições:
- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.
- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.
- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt

Ensino de Arte: Redes de Aprendizagem entre as Salas de Aula e as Plataformas Digitais

Alice Fátima Martins[1]
Bárbara Stela Oliveira[2]
Maria Angélica Soares[3]

1 Para Iniciar a Conversa

Na primeira década do século XX, um grupo de punk rock formado por três garotas andou fazendo barulho em vários palcos em Brasília. Estudantes do ensino médio, além da música, também faziam grafites, produziam camisetas e organizavam encontros com meninas nas escolas públicas, para conversarem sobre assédio, sobre desigualdade de gênero, dentre outros assuntos. Perguntadas sobre como eram as aulas de arte na escola onde estudavam, foram unânimes em responder: "Ah, é normal". Para elas, a normalidade estava no fato de a escola "oferecer aulas de História da Arte" (Martins, 2008), organizadas em torno a conteúdos

1. Doutora em Sociologia.
Professora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e no curso de Artes Visuais/Licenciatura – FAV/UFG.
Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
E-mail: profalice2fm@gmail.com
2. Estudante do curso de Artes Visuais/Licenciatura – FAV/UFG.
Bolsista PIBIC/PROLICEN. E-mail: barbara.s.oliv@gmail.com
3. Estudante do curso de Artes Visuais/Licenciatura – FAV/UFG.
Bolsista PIBITI. E-mail: maryangel.vid@gmail.com

PEREIRA, Jorge; MIRANDA, João. Entrevista a Samira Makhmalbaf: um rosto da resistência iraniana. *c7nema*. Disponível em <http://www.c7nema.net/entrevista/item/31160entrevistaasamiramakhmalbafumrostodaresistenciairaniana.Html> Acesso em 8 jun. 2017.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *Delta*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502007000100001&lng=en&nrm=iso>.

QUADRO negro, O. Takhté siah. Direção: Samira Makhmalbaf. Drama. Duração: 85 minutos. Irã. 2000.

Alice Fátima Martins
Professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Pesquisadora no Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ. Pós-doutorado no PACC/UFRJ (2010) e na Universidade de Aveiro (2017). Doutorado em Sociologia (UnB, 2004), Mestrado em Educação (UnB, 2007), Artes Visuais/Licenciatura (UnB, 1983). Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq.

CONFLUÊNCIAS ENTRE REALIZAÇÃO CINEMATOGRÁFICA, EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO: OS CASOS DA AO NORTE E AVANCA, EM PORTUGAL

Alice Fátima Martins
UFG/CNPq, Brasil
profalice2fm@gmail.com

António Costa Valente
UA, UTAD, ESAP, Filmógrafo, Portugal
avalente@ua.pt

Carlos Eduardo Viana
AO NORTE, Portugal
carlosviana53@gmail.com

José da Silva Ribeiro
UFG, Universidade Aberta, Brasil/Portugal
jsribeiro.49@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns traços do trabalho desenvolvido pela associação Ao Norte e pelo Cine-Clube de Avanca, ambos sediados em Portugal, como referências de projetos que articulam uma diversificação de atividades voltadas para o cinema, desde a realização, a organização de festivais, a promoção de encontros entre investigadores, incluindo as relações com formação para o cinema e audiovisual, e diálogos com a educação formal, de modo denso e consistente. A longevidade de ambos, a abrangência que seus projetos alcançam, a diversidade e a riqueza de resultados, oferecem pistas sobre modos de estabelecer trânsitos entre a diversidade de interesses relativos ao cinema, bem como apontar resultados no sentido de uma celebração e uma reinvenção contínua do cinema.

Palavras-chave: Ao Norte; Cine-Clube Avanca; cinema/cinemas.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre cinema, de um modo geral, caracterizam-se por uma segmentação em temáticas com recortes que respondem a interesses mais ou menos específicos. Há aqueles talhados às questões dos realizadores e seus dilemas, e há os outros, endereçados à motivação dos teóricos do cinema, que se dedicam a interpretar e explicar um universo mais ou menos específico de trabalhos fílmicos. Um pouco mais periféricos estão os estudos que se ocupam das relações entre as produções fílmicas e seus públicos, por muitos chamados de estudos de recepção, numa acepção que tende a atribuir certa passividade à audiência. Outras abordagens reconhecem, por parte desses públicos, uma atuação mais efetiva, a partir do que se pode pensar em espectatorialidade, ou na apropriação de narrativas de modo ativo (Gomes, 2005, Stam, 2003; Stam & Shohat, 2005; Bamba, 2013). Tais discussões progressivamente se distanciam de questões consideradas mais nucleares ou caras ao cinema (teoria, produção e análise de filmes), ao mesmo tempo que se aproximam das discussões relativas aos diálogos possíveis e desejáveis entre cinema e educação, em um amplo gradiente de abordagens possíveis.

Nas décadas mais recentes, um vetor tem atravessado todos esses segmentos, a demandar revisões em tais discussões: as tecnologias digitais e suas reverberações no tocante à produção, veiculação e compartilhamento de narrativas audiovisuais. O cenário se redesenha, alterando não apenas as dinâmicas de acesso à informação, ao compartilhamento das produções, ou aos recursos tecnológicos para a realização dos trabalhos fílmicos, mas reclamando reposicionamentos epistemológicos a respeito das narrativas produzidas, bem como políticos no sentido da apropriação dessas ferramentas por uma diversidade cada vez maior de comunidades, para produzir suas próprias narrativas. Para contar suas próprias histórias sobre si, e sobre o mundo a partir de seu lugar nele.

No contexto dos estudos culturais, tem sido possível buscar referenciais mais abertos a abordagens transdisciplinares, fronteiriças, com vistas ao estabelecimento de relações dialogais entre os diferentes interesses e marcos territoriais. Ao mesmo tempo, tais abordagens, recorrentemente, são observadas com desconfiança, em razão dos modos pouco ortodoxos que dão tratos às categorias conceituais, bem como aos dados de campo, muitas vezes, antes, colocando em questão alguns protocolos tidos como consolidados na produção de conhecimento sistematizado, e noutras questionando as relações de poder instauradas nessas próprias dinâmicas.

Ou seja, não são poucos os desafios demandados para se pensarem os trânsitos entre os complexos processos que envolvem: a) realizar cinema, e fazer com que as produções cheguem até o público; b) formar realizadores, formar pessoas que pensem o cinema; c) estabelecer relações profícuas com projetos em educação refratários à instrumentalização do cinema; d) abrir espaços para a sistematização e compartilhamento de pesquisas sobre cinema.

5. PARA CONCLUIR, MAS NÃO ENCERRAR O ASSUNTO

As programações desenvolvidas pela AO NORTE e pelo Cine-Clube de Avanca apontam para uma dinâmica bem-sucedida de articulação entre produção audiovisual, veiculação junto ao público, divulgação de pesquisa científica sobre cinema e audiovisual, e educação, em diálogo contínuo com as comunidades nas quais estão inseridas, sem perder de vista a expansão de seu alcance em âmbito internacional.

Em termos das relações entre realizadores e seus públicos, e do cinema e audiovisual com a educação, os resultados surpreendem na mesma medida em que essas relações são reinventadas a cada nova edição.

Salvaguardadas as especificidades de cada um e seus respectivos contextos, suas dinâmicas podem inspirar projetos capazes de articular essas várias frentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBA, M. (2013). A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos. Salvador: EDUFBA.
- FLYVBJERG, B. (1993). Sócrates não gostava do método de Estudo de Casos: por que você gostaria? Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, nº 177.
- GOMES, R. (2005). Teorias da recepção, história e interpretação de filmes: um breve panorama. In Livro de Actas do 4º Congresso da SOPCOM. SOPCOM: Aveiro. Recuperado de http://www.bocc.uff.br/pag/gomes-regina-teorias-recepcao-historia-interpretacao-filmes.pdf. [Acesso: 10/julho/2017].
- PASSEK J. L. (1965). O homem e os seus duplos In Études Cinématographiques, n.º 45.
- STAM, R. (2003). Introdução à teoria do cinema. Campinas: Papirus.
- STAM, R.; SHOHAT, E. (2005). Teoria do cinema e espectatorialidade na era dos "pós". In RAMOS, F. P. (2005). Teoria contemporânea do cinema, v. 1: Pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: Editora Senac.
- VALENTE, A. C.; CAPUCHO, R. (2016). Nos vinte anos do Festival Internacional de Cinema de Avanca. In Revista Terras de Antuã. Câmara Municipal de Estarreja. N. 10, ano 10.

PÁGINAS NA WEB

- AO NORTE Estatutos: http://www.ao-norte.com/aonorte_docs/ESTATUTOS_AO_NORTE.pdf
- AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual: http://www.ao-norte.com
- FESTIVAL DE AVANCA: http://www.avanca.com/
- FILMES DO HOMEM Festival Internacional de Documentário de Melgaço: http://www.filmesdohomem.pt/
- LUGAR DO REAL: http://lugardoreal.com/
- MUSEU DE CINEMA DE MELGAÇO Jean-Loup Passek: http://www.cm-melgaco.pt/visitar/o-que-fazer/pontos-de-interesse/museu-do-cinema-de-melgaco-jean-loup-passek/

CURRÍCULO

Alice Fátima Martins
Professora na Faculdade de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

António Costa Valente
Professor na Universidade de Aveiro, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Diretor de curso na Escola Superior Artística do Porto. Realizador pela produtora Filmógrafo. Coordenador geral do Festival de Avanca.

Carlos Eduardo Viana
Professor do 2.º Ciclo do Ensino Básico (Língua Portuguesa, História, Geografia). Presidente da Ao Norte. Realizador cinematográfico. Coordenador dos Encontros de Cinema de Viana do Castelo e do Filmes do Homem Festival de Documentário de Melgaço.

José da Silva Ribeiro
Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás (Brasil). Pesquisador da Universidade Aberta/UAB (Portugal).

QUESTÕES SOBRE ESTÉTICA E POLÍTICA NA PRODUÇÃO DE TRÊS REALIZADORES NO CINEMA

Alice Fátima Martins
Universidade Federal de Goiás/CNPq, Brasil
profalice2fm@gmail.com

Paulo Passos de Oliveira
Universidade Federal de Goiás, Brasil
paulopassosdeoliveira@gmail.com

Renato Cirino
Universidade Federal de Goiás, Brasil
renatocirino@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a narrativa de vida e o trabalho desenvolvido por três fazedores de cinema fora do eixo comercial e institucionalizado: Dona Maria José, do Porto, em Portugal, e os brasileiros Josafá Duarte, morador do município de Forquilha, no estado do Ceará, e Martins Muniz, realizador de Goiânia, em Goiás. À margem dos vetores oficiais, os três apresentam em sua filmografia elementos culturais específicos de suas realidades. O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre estética e política como catalisadores em um eixo comum de realização. Suas formas de realização podem ser compreendidas no âmbito do que pode ser definido no campo das Pedagogias Culturais.

Palavras-chave: cinema, pedagogias culturais, política, estética.

1. APRESENTAÇÃO

Sertão do Ceará.

Um militante de movimentos sociais, no sertão nordestino, vislumbra, na produção fílmica, a possibilidade de viabilizar seu projeto político pedagógico, ao articular histórias que tratem de questões relevantes do ponto de vista do exercício da cidadania, em seus vários aspectos. E o faz de modo humorado, exercitando uma linguagem eficiente do ponto de vista da comunicação, junto a pessoas que não têm o hábito de frequentar salas de cinema – até mesmo porque na sua região não há salas de cinema. Assim, os aspectos formais da linguagem, as narrativas, os modos como são contadas e como são veiculadas junto ao seu público constituem estratégias políticas tanto do ponto de vista do exercício de realização fílmica, quanto das tomadas de posição cidadã. Ao mesmo tempo, definem uma estética própria, que não se submete a modelos hegemônicos.

"Inda cheguei a fazer uma maquinazinha pequena – eu me lembro – de papelão, *né*? E consegui algumas fitas, né, que cortava lá no Cine, e eu e passava em casa. Né?! Eu botava uma luz – essas luzes incandescentes – e passava na parede projetando o filme. Aí eu gostava muito, eu gostei muito de cinema". Josafá Duarte (2017)

No centro de Goiás.

Um artífice das artes de contar histórias, montar cenários, fazer animação, reúne uma trupe de amigos dispostos a colaborativamente realizar cinema. E, ao fazê-lo, pretendem aprender. O coletivo – que está longe de se assemelhar aos coletivos que operam no âmbito da arte contemporânea – é flutuante, instável, mas capaz de agregar curiosos, especialistas, gentes apaixonadas pelo cinema, que embarcam nas aventuras de contar histórias sob a batuta do artífice. Fazem uma espécie de cinema de guerrilha: sem recursos, sem infraestrutura, como quem se agarra ao pouco que resta para reafirmar seu lugar no mundo, e resistir. Nada é mais político e subversivo do que a amizade, num contexto crescentemente competitivo, pautado pelo capital. Emerge, desse cenário, uma estética que responde à resistência que se assenta na precariedade, ao grito de guerra que não se submete à falta, ao projeto de um cinema-escola em devir.

"Fazemos um cinema de brincadeira, experimental, um cinema artesanal. Não tem nada de seriedade no nosso trabalho. Fazemos o nosso cinema sem compromisso com ninguém. Nós fazemos por fazer". Martins Muniz (2017)

Em Portugal.

Uma mulher, mãe de família, cuida de casa, cuida dos filhos. Já trabalhou como doméstica cuidando da casa de outrem. Com a vida mais estabilizada, cuida de uma venda de queijos, no centro da cidade, e viaja pelo interior, para adquirir os produtos que disponibiliza aos fregueses. Depois de concluídas todas as jornadas diárias, nas noites, escreve histórias-roteiros, que transforma em filmes, cujas gravações acontecem entre uma pausa e outra de suas quantas jornadas. Os filhos, já adultos, a ajudam nas gravações, e na edição. Como é difícil para uma mulher rasgar espaços, entre as demandas a ela atribuídas, para

- Muniz, M. (2016, outubro 5). Entrevista: quando tudo começou [Manuscrita].
- Muniz, M. (2017, julho 4). Entrevista: Martins Muniz e o Sistema CooperAção Amigos do Cinema - tecnologias e história [Vídeo digital].
- Pessoa, F. (2006). *O Guardador de Rebanhos e Outros Poemas - Coleção Novos Caminhos*. São Paulo: Landy.
- Roger, R. (2013, abril). FORQUILHA CINECORDEL. Recuperado 16 de junho de 2017, de http://cinecordel.blogspot.com.br/
- Satler, L. L. (2016, março 7). *Tramas formativas em audiovisual: a minha ação docente à luz de experiências audiovisuais coletivas* (Tese). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Recuperado de http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5578
- Simon, J. (2009). *Alice Guy Blache: cinema pioneer*. New Haven: Yale University Press. Recuperado de https://www.bertrand.pt/ficha/alice-guy-blache?id=2068533
- Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema. (2011). Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema [Streaming de Vídeos]. Recuperado 3 de maio de 2017, de http://www.youtube.com/playlist?list=PLDAA9A4D8B1B6C333
- Wyler, W. (1958). *Da Terra Nascem os Homens*.

CURRÍCULO

Alice Fátima Martins
Professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Faculdade de Artes Visuais/FAV/UFG. Bolsista de produtividade em pesquisa – PQ/CNPq.

Paulo Passos de Oliveira
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ). Tecnólogo em Cinema e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo.

Renato Cirino
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás.

DOCUMENTÁRIO EM REDE E COLETIVISMO ARTÍSTICO. O DISPOSITIVO CORRESPONDÊNCIA COMO ESTRATÉGIA DE NARRAÇÃO AUDIOVISUAL

Lara Lima Satler
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Universidade Federal de Goiás, Brasil
satlerlara@gmail.com

Alice Fátima Martins
CNPq. Universidade Federal de Goiás, Brasil
profalice2fm@gmail.com

RESUMEN

En este texto, discutimos el dispositivo Correspondencia, creado por Garapa en 2013, teniendo como punto de partida un proyecto artístico con el mismo nombre. Esta investigación se vincula a los estudios del documental contemporáneo y a los del arte y cultura visual. Además, comprende el dispositivo como estrategias concebidas para desencadenar narrativas audiovisuales, revisando la tradición documental al preconizar que las imágenes de lo real pueden ser fruto de invención artística. Las narrativas documentales referidas en este proyecto fueron construidas en el contexto de colectivos artísticos, lo que implicó la observación de principios colectivistas en el arte. De esta manera, nos interesa preguntar cómo las narrativas audiovisuales originarias del dispositivo presentan chispas de la organización colectiva de sus participantes. Los instrumentos metodológicos abarcan entrevistas y análisis fílmico de las narrativas documentales. Como resultados, discutimos sobre innovaciones en la producción documental independiente, en Brasil, considerando su estrecho diálogo con el arte contemporáneo.

Palabras clave: dispositivo; colectivismo; documental; arte; contemporáneo.

1. COLETIVISMO NAS ARTES, DOCUMENTÁRIO E REDES SOCIAIS

Crusco (2013, p. 94) ao fazer uma retrospectiva sobre o debate público brasileiro em 2013 argumenta que os coletivos, "grupos de pessoas que se unem em prol de um objetivo comum, seja ele político, artístico ou puramente profissional", se destacam. Apresenta ainda que conceitos como horizontalidade das relações, trabalho coletivo, ambiente compartilhado, autogestão, descentralização das decisões, flexibilidade, mobilidade, nomadismo são utilizados com alguma recorrência por grupos que se autodenominam coletivos.

Em termos históricos, Stimson e Sholette (2007, p. 3) alertam para o fato de que a coletivização na arte não é uma novidade, mas "é apenas o renascimento intenso, o ressurgimento dos fantasmas do passado, uma retomada de oportunidades e velhas batalhas". Os organizadores do livro *Collectivism after Modernism – The Art of Social Imagination After 1945* (2007), contudo, propõem uma periodização histórica que serviria para analisar os coletivos atuais de acordo com suas diferentes ambições em relação ao coletivismo anterior à Segunda Guerra Mundial. Se nesta época as formas de voz coletivas falavam em nome de uma nação ou classe ou ainda da humanidade, os coletivos posteriores a ela renascem sob um diferente fetiche: a virada cultural.

Os autores argumentam que a virada cultural é originária de um período de guerra não declarada oficialmente entre capitalismo e socialismo, ou seja, entre o fim da Segunda Guerra Mundial, 1945, e a queda do Muro de Berlim, representando o fim da Guerra Fria, 1989. Apresentam que desde este período a cultura gradualmente adquire um peso político e reciprocamente a política assume um tom cultural.

> Da luta dos direitos civis graficamente representados na revista *Life* aos *slogans* de Maio de 1968 inspirados nos Surrealistas, da emergência da Nova Esquerda ela mesma renascendo da contracultura a uma variedade de transformações e contradições compõem-se a virada cultural, que reorganiza a vida diária e as lutas das classes subalternas. (STIMSON; SHOLETTE, 2007, p. 9)

Stimson e Sholette (2007) argumentam que sob a égide de uma virada cultural, o coletivismo artístico após a Segunda Guerra Mundial raramente interessa-se por uma unidade como a singularidade de vanguarda, pois sua aspiração é, ao invés de lutar contra a inevitável heterogeneidade, abarcá-la. Argumentam ainda que o coletivismo depois do modernismo está organizado em redes de grupos artísticos informais, que com independência política e ativista se volta para o mercado do espetáculo, tentando usar sua rede de significação e distribuição para intervir no mundo da cultura de massa.

O campo investigado neste texto foi o projeto Correspondências, cuja coordenação se deu pela Garapa, um grupo com quatro membros fixos, mas argumentamos que em cada capital onde as oficinas foram realizadas (Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Rio Branco e São Paulo) um coletivo distinto se estruturou. Segundo Hollanda (2013, p. 2), "os coletivos são formados apenas em função da produção de um ou mais projetos", pois "estruturam-se para aquele fim específico e em seguida se recompõem com novos participantes em função de outro projeto. Isso quer dizer que a composição de um coletivo não é fixa. É móvel".

As três camadas estiveram a todo tempo de duração do projeto presentes. Observamos, contudo, que em planos distintos de visualização e ênfase durante o processo. A camada do aprendizado se deu por meio de trocas e interações poliformes, assistemáticas e multivocais. Foi uma camada percebida indiretamente e submetida às duas outras. Por isso, observamos na própria discussão aqui proposta poucos elementos desta aprendizagem. Já as duas outras camadas estiveram em primeiro plano, pois ao percebermos as oficinas como espaços do encontro para a realização audiovisual, tanto essa realização quanto seu o dispositivo ressaltam, tornam-se o centro das atenções.

Foi assim que o jogo cartográfico sobrepôs o gênero documentário durante o processo, processo este que determinou os resultados. Uma vez que o dispositivo era aberto às interferências dos participantes das oficinas de cada capital, tornou-se inviável a edição de um documentário único. Por isso, argumentamos que o processo de experimentação do dispositivo foi o determinante para a noção de narrativas fragmentárias, isto é, foi a observação ao processo que possibilitou um documentário se transformar em vinte microdocumentários sem uma relação narrativa linear entre eles.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, 374 p.
- CRUSCO, Sérgio. A vida em um coletivo. **Maire Claire**, São Paulo, n. 273, p. 94-104, dez.2013.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard.** São Paulo: Cosac Naify, 2004, 323 p.
- FEHLAUER, Paulo. **Entrevista concedida a Lara Lima Satler.** São Paulo. 11.dez.2013a.
- FEHLAUER, Paulo. **Correspondências: Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Rio Branco, São Paulo.** Mar. 2013b Disponível em: http://garapa.org/lab/wp-content/uploads/2013/01/correspondencias_programa.pdf. Acesso em: 22.out.2013b.
- FEHLAUER, Paulo. **Correspondência e deriva.** Mar. 2013c. Disponível em: http://www.garapa.org/correspondencias/#correspondencia-e-deriva. Acesso em: 22.nov.2013c.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Coletivos.** (Artigo publicado em 10.set.2013). Disponível em: http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/coletivos/. Acesso em: 06.jan.2014.
- JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. **Arquitextos**, São Paulo, ano 03, n. 035.05, Vitruvius, abr. 2003. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696. Acesso em: 02.mar.2014.
- MARIANO, L. S. **Entrevista concedida a Lara Lima Satler.** Goiânia. 12.nov.2013.
- MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. **Revista Acadêmica de Cinema Digitagrama**, Rio de Janeiro, n. 3, jan-jun 2005. Disponível em: http://www.estacio.br/graduacao/cinema/digitagrama/numero3/cmigliorin.asp. Acesso em: 04.jan.2014.
- STIMSON, Blake; SHOLETTE, Gregory (Orgs.). **Collectism After Modernism: The Art of Social Imagination After 1945.** Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2007, 312 p.

CURRÍCULO

Lara Lima Satler
Doutorado em Arte e Cultura Visual (PPGACV/FAV /UFG), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), 2016. Professora-pesquisadora na Universidade Federal de Goiás (UFG). Organizadora do livro Imagens, Olhares, Narrativas (2016) e autora de Diários de aula como deflagrador de uma pesquisa com experimentações audiovisuais (2016), O método cooperação dos Amigos do Cinema (2016).

Alice Fátima Martins
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Pós-Doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ (2010), com o projeto de pesquisa Catadores de Sucata da Indústria Cultural. O resultado da pesquisa foi publicado, em 2013: Catadores de Sucata da Indústria Cultural, pela FUNAPE/Editora da UFG. É professora na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Atua no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.

Referências

BAIESTORF, Petter; SOUZA, César. **Manifesto canibal**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2004.

CAQUINHA Superstar a Go-Go. Direção e produção: Petter Baiestorf. Duração: 70 min. Brasil. 1996.

GOFILMES. **Cinema e tv em Goiás**: catálogo da produção audiovisual em Goiás 2017. Goiânia: GOFILMES/SEDUCE, 2017. Disponível em <http://www.gofilmes.org.br/wp-content/themes/gofilmes/Catalogo.pdf> Acesso em 20 mai. 2019.

MARTINS, Alice Fátima. **Catadores de sucata da indústria cultural**. Goiânia: Ed. UFG, 2013.

PAIXÃO JR, Márcio Mário. MMarte Ataca!. In LEITE, Sávio. **Maldita animação brasileira**. Belo Horizonte: Ed. Favela é Isso Aí, 2015.

O MONSTRO Legume do Espaço. Direção e produção: Petter Baiestorf. Duração: 77 min. Brasil. 1995.

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia (UnB), Mestre em Educação (UnB), desenvolveu projetos de pós-doutorado no PACC/UFRJ (2010), e na Universidade de Aveiro (2017). Professora na Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), atua no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, no curso de Licenciatura em Artes Visuais (presencial e EaD), e integra a equipe editorial da Revista Visualidades. É bolsista de produtividade do CNPq. Contato: profalice2fm@ufg.br.

Márcio Mário da Paixão Júnior

Produtor Cultural, Mestre em Comunicação (UnB) e doutorando em Arte e Cultura Visual (UFG). Sócio-fundador da Monstro Discos, MMarte Produções e Escola Goiana de Desenho Animado. Criador da CRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico. Desde 2007 realiza o Dia Internacional da Animação Goiânia. Codirigiu *O Ogro* e *O Evangelho Segundo Tauba e Primal*. Autor do livro *COMICZZZT!* (2015). Roteirista da *graphic novel Cidade de Sangue* (2018). Contato: marciomechanics@hotmail.com.

MARTINS, Alice Fátima; PAIXÃO JÚNIOR, Márcio Mário da. Na trilha da trash: questões sobre identidade no cinema e a mostra internacional de cinema fantástico, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 632-645.

Montevideo, 24 de octubre de 2019

A quien corresponda,

En nombre de la comisión organizadora del **III Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual** / ***Cartografías en acción: cruzando visualidades***, que se llevó a cabo en la ciudad de Montevideo (Uruguay) entre el 16 y el 18 de octubre del corriente año, expido esta nota dejando constancia de que la Prof. Alice Fátima Martins participó de las siguientes actividades en dicho Seminario. En la instancia preliminar participó de la Comisión de Organización interna del encuentro, a la vez que integró el Comité Científico evaluador. Durante el encuentro fue responsable de moderar una mesa de sesión paralela; presentó presencialmente su trabajo "POÉTICA DA SOLIDARIEDADE EM ESPAÇOS COMPARTILHADOS DE ENSINAR E APRENDER"; y participó en la mesa de la Sesión de Cierre del evento.

Sin otro particular, le saluda atentamente,

Prof. Gonzalo Vicci

IENBA – UdelaR

Por Comisión Organizadora del III Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual

Conselho Nacional de Desenvolvimento (CNPq)

RELATÓRIO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

OUTROS FAZEDORES DE CINEMA

Alice Fátima Martins

Relatório de pesquisa para prestação de contas de Bolsa de Produtividade, PQ-2, período março/2014 a fevereiro/2017.

Março/2017

Sumário

Apresentação 2

Perguntas orientadoras da pesquisa 5

Resultados esperados 5

Resultados alcançados 6

Serviços (análises, ensaios técnicos, levantamentos, estudos, assessorias, e as perspectivas de atuação neste segmento) 9

Publicações Técnico-científicas relacionadas ao Projeto 10

Capacitação de Recursos Humanos 14

Difusão 15

Documentação comprobatória 16

- **Capa, contracapa e sumário do livro *Outros fazedores de cinema*, no prelo** 17
- **ANPAP 2016** 20
- **Red de Estudios Visuales Latinoamericanos** 22
- **SOCINE 2016** 23
- **AIM 2016** 24
- **Mesa de debate durante programação do DadáSpring 2016** 27
- **IV Congreso Mexicano de Antropología Social y Etnología 2016** 28
- **E-book Visualidades e cotidiano no ensino de arte** 30
- **Pirenópolis Doc 2016 – júri** 32
- **V Coloquio Internacional Educación y Visualidad: Investigaciones pedagógicas en contextos hiper-visuales** 33
- **Arena aberta de combates, também alcunhada de Cultura Visual... Capítulo de livro** 34

Apresentação

Este relatório de pesquisa refere-se aos resultados do projeto *Outros fazedores de cinema*, desenvolvido entre 2012 e 2016, financiado parcialmente pela Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás (FAPEG), pelo Edital Universal 2013, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento (CNPq), na forma de Bolsa de Produtividade, no período de março/2014 a fevereiro/2017. Além dos vários artigos e capítulos de livros publicados como resultado desta pesquisa, foram realizadas palestras, debates, mostras de cinema, curadoria de exposição, exposições fotográficas, bem como participações na produção e elenco de alguns filmes produzidos nesse período. A mais, projetos de iniciação científica, conclusão de curso de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado foram orientados e supervisionados, em diálogo com a abordagem desta pesquisa.

A discussão proposta está aportada no contexto dos estudos das artes visuais e do cinema. Integra este projeto, também, a intenção de lançar elementos para a ampliação dos percursos de investigação, em direção à abordagem de uma possível abordagem da produção audiovisual tendo a cultura como categoria de análise e discussão. O trabalho de campo realizado durante quatro anos, e as análises resultantes, com base no vasto material levantado, é um desdobramento da pesquisa anterior, publicada no livro *Catadores de Sucata da Indústria cultural*, lançado em 2013, numa edição em parceria entre a FUNAPE e a Editora UFG. Nele, o ponto de partida foi a premissa de que a economia e a cultura de massa, pautadas pela lógica do capitalismo, produzem excedentes em escalas cada vez mais exponenciais, gerando também fluxos de descartes de mercadorias tanto materiais quanto simbólicas, igualmente em progressão geométrica. A pesquisa, então, buscou mapear alguns realizadores de cinema que atuam a partir de uma espécie de reciclagem das narrativas produzidas em larga escala pela indústria cinematográfica, para serem rapidamente consumidas e descartadas, dando lugar às demandas das novas narrativas a serem disponibilizadas ao grande público.

Na ocasião, conheci os trabalhos e contextos de atuação de Manoel Loreno, o seu Manoelzinho, em Mantenópolis, no extremo Oeste do Espírito Santo; seu Simião Martiniano, o Camelô do Cinema, de Jaboatão dos Guararapes e Recife, no Estado de Pernambuco; Afonso Brazza, o bombeiro cineasta, em Brasília e no Gama, no Distrito Federal. As questões-eixo relativas à produção de excedentes, aos descartes de mercadorias, materiais e imateriais, e aos processos de reciclagem na apropriação e recriação de narrativas autorais ganharam âncora no trabalho desenvolvido por José Luiz Zagati, catador de sucatas em Taboão da Serra, responsável pela criação e manutenção do Mini Cine Tupi, no qual assegurou, durante alguns anos, projeções de filmes a um segmento da população que não tem acesso às salas regulares de cinema.

As questões então levantadas suscitaram a necessidade de se avançar além dessa discussão, buscando pistas a respeito dos modos de atuação de realizadores cujos percursos encontram-se fora dos circuitos dominantes de produção e reflexão sobre cinema, bem como cujas produções são portadoras de uma natureza que problematiza, de modo mais ou menos explícito, mais ou menos intencional, os cânones da linguagem cinematográfica (quando estes não se lhes escapam).

O território de investigação demarcado ficou circunscrito ao Estado de Goiás. Um levantamento prévio apontou o perfil do trabalho desenvolvido por três agentes culturais, que passaram a integrar o *corpus* da pesquisa. São eles: Martins Muniz, mentor do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, que atua na capital do Estado, Goiânia; Hugo Caiapônia, criador da personagem Imbilino, de Caiapônia, que, além de sua cidade, atua num circuito extenso de pequenos municípios do interior do Estado; e seu Osorinho, de Serranópolis.

Cada um desses agentes culturais tem produzido regularmente há pelo menos uma década e meia. No entanto, não integram os circuitos comerciais de projeção, tampouco as programações regulares de festivais e mostras de cinema e audiovisual voltadas para produções denominadas não-comerciais. Além disso, os três, em suas estratégias de trabalho, demonstram razoável independência em relação às políticas públicas de financiamentos

governamentais. Eventualmente, pode recorrer a alguma forma de apoio, mas esses realizadores não condicionam suas produções aos patrocínios disputados em editais públicos. Soma-se a essas características uma inserção significativa em suas comunidades, bem como o fato de a construção do conhecimento necessário a tais realizações resultar de processos predominantemente empíricos, calcados nas relações entre erros e acertos.

Em que pesem as aproximações e afinidades entre as produções referidas, cada qual aponta para questões singulares, com perfis particulares e narrativas próprias. As dimensões estéticas e as experiências artísticas deflagradas por eles formam os eixos de discussão que integram o livro “Outros fazedores de cinema: narrativas de si e do outro”, no prelo, a ser publicado pela Editora CRV, de Curitiba, em 2017.

O trabalho de campo e a produção resultante contaram com a interlocução de muitos parceiros no decurso do caminho. Sem a rede solidária que foi se constituindo, esta pesquisa não teria sido viabilizada. Agradeço a cada um por intermédio de três pessoas, a quem endereço minha gratidão mais funda: Seu Osorinho, Martins Muniz e Hugo Caiapônia, e às quantas pessoas a eles ligadas, por terem aberto seus espaços de atuação, aos seus lugares de pertencimento, para me acolher e às minhas questões, para conversar a respeito de seus trabalhos, e para travar embates produtivos e criativos com os meus próprios espaços e modos de atuação. Na condição de pesquisadora e aprendiz, não poderia ter encontrado mestres mais inquietos e instigantes.

Perguntas orientadoras da pesquisa

1. De que modo esses trabalhos vêm sendo desenvolvidos?

2. Como suas narrativas são estruturadas, do ponto de vista da forma e do conteúdo?

3. Como se relacionam com as comunidades nas quais são desenvolvidos?

4. Quais os meios de veiculação desses trabalhos?

Resultados esperados

1. Relatório de pesquisa sobre as produções cinematográficas de Hugo Caiapônia, Seu Osorinho e Martins Muniz, bem como sobre os públicos aos quais são destinadas essas produções. O relatório de pesquisa deverá ser encaminhado para publicação no formato de comunicação científica, artigos e/ou livro.

2. Organização de acervo de títulos de filmes e outras produções relativas, com vistas à divulgação e disponibilização a artistas, pesquisadores e interessados;

3. Organização de documentação relativa à temática (textos, fotografias, audiovisuais, e outros).

4. Orientação de outros projetos de pesquisa com afinidade em relação à temática, no âmbito de cursos de graduação e pós-graduação, com vistas a ampliar o campo pesquisado.

5. Realização de um documentário a partir da pesquisa de campo.

6. Candidatura de orientação aos programas PIBIC, PIBICAF, PIVIC e PROLICEN, com planos de trabalho relacionados a este projeto, além de orientação de trabalhos de conclusão em curso de graduação, e de tese e dissertação de pós-graduação

7. Publicações em eventos científicos da área, periódicos, livros e capítulos de livros.

Resultados alcançados

Até o final de 2016, foram publicados 5 textos completos em anais de eventos, textos online e impressos, e capítulo de livro. Também foram apresentados trabalhos em congressos nacionais e internacionais, apresentando e debatendo os resultados da pesquisa. Reunindo todas as questões, o livro “Outros fazedores de cinema: narrativas de si e do outro” está em fase de produção, para ser publicado pela Editora CRV, em 2017.

Dada a especificidade do trabalho de cada sujeito pesquisado (que só foi possível identificar depois do trabalho de campo), foi necessário dar encaminhamentos distintos à produção de cada um, conforme se segue:

Os filmes realizados por Martins Muniz, à frente do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema foram disponibilizados num canal na plataforma youtube.com, com acesso livre, como forma de veiculação da produção e de estabelecimento de contato com o público usuário das plataformas de compartilhamento online. Alguns desses filmes, mais populares, já alcançaram mais de 50.000 visualizações desde então.

Os filmes realizados por Hugo Caiapônia, em razão de serem comercializados pelo produtor e, portanto, serem de acesso mais regulado, não foram disponibilizados online (embora alguns deles tenham sido disponibilizados por outrem, sem autorização). Mas uma coleção completa dos DVDs veiculados foi disponibilizada na Sala de Leitura da Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFG.

A natureza dos filmes realizados por Seu Osorinho não se adequa à disponibilização online integral. Por isso, têm sido exibidos em mostras universitárias experimentais, exposições de arte, dentre outros espaços mais adequados ao tipo de produção.

O documentário dirigido por Samuel Peregrino sobre o trabalho de Hugo Caiapônia está participando de vários festivais nacionais, e será exibido pela TV Futura em 2017.

Foi organizada ampla documentação relativa à temática, o que inclui banco de fotografias com still de filmagens e outras incursões a campo, fotografias que integram os acervos dos fazedores de filmes, ampla filmografia, roteiros originais, transcrição de entrevistas, capas de DVDs, cartazes e materiais de divulgação, entre outros itens. A análise de todo o material ainda não foi esgotada, devendo resultar em mais desdobramentos na forma de produção bibliográfica e outros projetos por algum tempo, ainda.

Durante o período de vigência do projeto de pesquisa, foram orientados/concluídos os seguintes quantitativos de projetos de pesquisa com afinidade em relação à temática:

Trabalho de conclusão de curso (graduação): 1

Iniciação científica (graduação): 1

Mestrado: 1

Doutorado: 1

Supervisão de pós-doutorado: 1

Orientações de mesma natureza em andamento no início de 2017:

Iniciação científica: 1

Mestrado: 2

Doutorado: 4

Supervisão de pós-doutorado: 1

A produção de um documentário abordando o trabalho dos três sujeitos pesquisados foi substituída pela participação na produção de dois documentários assinados por outros diretores, conforme se segue:

Filme: Parkinson... e agora? (2014)

Direção: Martins Muniz

Participação: como atriz, e pesquisadora

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nl3hLAjmWlk>

Filme: Imbilino vai ao cinema (2016/2017)

Direção: Samuel Peregrino

Participação: como consultora e entrevistada

Conforme informado, vários projetos de pesquisa já foram orientados, nesse período, desde projetos com estudantes da graduação, à pós-graduação e supervisão de pós-doutorado. Contudo, observa-se que a repercussão do trabalho começa a ser notada de modo mais contundente a partir de 2016/17,

quando um leque mais amplo de textos divulgando o resultado já está publicado, e, portanto, um número maior de candidatos mostra-se interessado no desenvolvimento de projetos de pesquisa que dialogam com este.

Foram publicados vários textos completos em anais de eventos, blogs, revistas, e capítulos de livro, bem como foram apresentados trabalhos em congressos nacionais e internacionais. Além desses, o livro “Outros fazedores de cinema” está em faze de produção, para ser publicado no ano de 2017.

O projeto de pesquisa intitulado “Caiu na rede... é peixe, é cinema, é arte?” foi aprovado pelo Edital Bolsa de Produtividade/CNPq, para o período março/2017 a fevereiro/2020, abordando questões abertas a partir do desenvolvimento deste projeto, dentre as quais as relações entre estes produtores e o ambiente digital das plataformas de compartilhamento, bem como as tecnologias digitais de produção e difusão de imagem e informações.

Como parte integrante já do novo projeto, em 2017 será cumprido estágio pós-doutoral no Departamento de Comunicação e Arte (DECA), na Universidade de Aveiro. Integra a proposta do estágio pós-doutoral o estabelecimento de uma rede de investigação com grupos de estudiosos de cinema e artes no contexto digital, vinculados a instituições portuguesas e brasileiras. As atividades nessa direção já foram iniciadas.

Serviços (análises, ensaios técnicos, levantamentos, estudos, assessorias, e as perspectivas de atuação neste segmento)

1. Membro de júri no PiriDoc, festival de cinema documental em Pirenópolis, em 2016.

2. OfiCine – oferecimento de oficina de cinema durante o DadáSpring, evento realizado em Goiânia, como parte das comemorações dos 100 do manifesto Dadá.

3. Pareceres a periódicos, projetos de pesquisa de agências de fomento, dentre outros, com projetos relativos à temática.

Publicações Técnico-científicas relacionadas ao Projeto

(artigos publicados em periódicos, comunicações em congressos, teses concluídas informando título, orientador, orientado, banca examinadora, data da defesa, capítulos em livros, manuais, etc.):

Artigos, capítulos de livro, comunicações em congressos:

1. Visualidades contemporâneas. Red de Estudios Visuales Latinoamericanos/México. Novembro/2015.

2. Um anjo benjaminiano sobre bicicleta e cartografias afetivas. SOCINE/Brasil/2016.

3. Da produção fílmica ao exercício cartográfico, uma CooperAção entre amigos. AIM/Portugal/2016

4. Práticas artesanais num curso de licenciatura, na modalidade a distância. IV Congreso Mexicano de Antropología Social y Etnología/México/2016.

5. Mídias contemporâneas: narrativas e aprendizagens fora e dentro da escola. In Visualidades e Cotidiano no ensino da arte. Ebook. FAV/UFG. 2016.

6. Arena aberta de combates, também alcunhada de cultura visual - anotações para uma aula de metodologia de pesquisa. In: Raimundo Martins; Irene Tourinho. (Org.). Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação. 2ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2016.

Teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso orientados no período, e supervisão de pós-doutorado

1. Renato Cirino Machado Alves Pereira.

Título da dissertação: BRINCA_COMIGO: os sujeitos imagéticos e suas sensibilidades projetadas.

Mestrado.

Orientadora: Alice Fátima Martins.

Banca examinadora: NUNES, Lilian do Amaral; FRANCO, Edgar

Data de defesa: maio/2013.

Dissertação disp. em <http://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2013_Renato_Cirino_Machado_Alves_Pereira.pdf>

2. Lara Lima Satler.

Título da tese: Tramas formativas em audiovisual: a minha ação docente à luz de experiências audiovisuais coletivas.

Doutorado.

Orientadora: Alice Fátima Martins.

Banca examinadora: LIGNELLI, César; BORGES, Rafael. A. T.; SANTANNA, Thiago. F.; GUIMARÃES, Leda M.

Data de defesa: março/2016

Tese disp. em <http://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/tese_lara_lima_satler_final.pdf>

3. Ana Priscilla Furtado de Azevedo e Fernanda Isabel Melo Amorim.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

Título da monografia: Cinema: desencadeando memórias.

Orientadora: Alice Fátima Martins

Banca examinadora: CIRINO, Renato; Abreu, Carla.

Data de defesa: novembro/2013

4. Marilia Silva Martins Gidrão.

Iniciação Científica PIBIC/PROLICEN

Título do relatório: Escolarte: Ensino de arte com vídeo-aula.

Orientadora: Alice Fátima Martins

Período: agosto/2015 a julho/2016.

5. Rafael de Almeida Tavares Borges.

Supervisão de pós-doutorado

Título do projeto: Entre a chegada e a partida: aproximações do cinema doméstico ao filme-ensaio em Otto e Elena

Supervisão: Alice Fátima Martins

Período de desenvolvimento: 2015-2016

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual/UFG

Orientação de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso em andamento no início de 2017, e supervisão de pós-doutorado, com temática relacionada com este projeto de pesquisa.

Iniciação científica:

Marilia Silva Martins Gidrão.

Título do projeto: Educomunicação, ensino de arte e cultura.

Início: 2016.

PIBIC/PROLICEN – FAV/UFG

Orientação: Alice Fátima Martins

Mestrado:

Bruno Eduardo Morais de Araújo. (título em construção). Início: 2016.

(Mestrado em Arte e Cultura Visual)

Orientação: Alice Fátima Martins

Doutorado:

Paulo Passos de Oliveira. (título em construção). Início: 2016.

(Doutorado em Arte e Cultura Visual)

Orientação: Alice Fátima Martins

Juan Sebastián Álvarez Ospina. (título em construção). Início: 2014.

(Doutorado em Arte e Cultura Visual)

Orientação: Alice Fátima Martins

Marcelo Henrique da Costa. (título em construção). Início: 2014.

(Doutorado em Arte e Cultura Visual)

Orientação: Alice Fátima Martins

Renato Cirino Machado Alves Pereira. (título em construção). Início: 2017.

(Doutorado em Arte e Cultura Visual)

Orientação: Alice Fátima Martins

Carolina Piva (título em construção). Início: 2017.

(Doutorado em Arte e Cultura Visual)

Orientação: Alice Fátima Martins

Supervisão de pós-doutorado

Lara Lima Satler. Início: 2016. Programa Avançado de Cultura Contemporânea/PACC, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

Supervisão: Alice Fátima Martins

Capacitação de Recursos Humanos

(participação em cursos, treinamentos, simpósios, congressos, etc.):

A principal frente na capacitação de recursos humanos está na formação para a pesquisa, numa integração vertical entre graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, promovendo o intercâmbio entre estudantes, pós-graduandos e pesquisadores em torno a temáticas relacionadas ao projeto de pesquisa em questão, conforme já foi referido nos itens anteriores.

A mais, no período o assunto foi levado a eventos científicos das seguintes entidades de pesquisadores:

Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual/SOCINE, 2016 (Brasil)

Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas/ANPAP, 2016 (Brasil)

Encontro da Red de Estudos Visuales Latinoamericana/REVLAT, 2015 (México)

Encontro da Associação de Investigadores sobre Imagem em Movimento/AIM, 2016 (Portugal)

V Coloquio Internacional Educación y Visualidad: Investigaciones pedagógicas en contextos hiper-visuales, 2016 (Uruguai)

Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2015 (Brasil)

DadáSpring, 2016 (Brasil)

Difusão

(realização de eventos e produção de materiais de divulgação e extensão, especificando sua contribuição para o conhecimento pela comunidade em geral do conteúdo do trabalho desenvolvido):

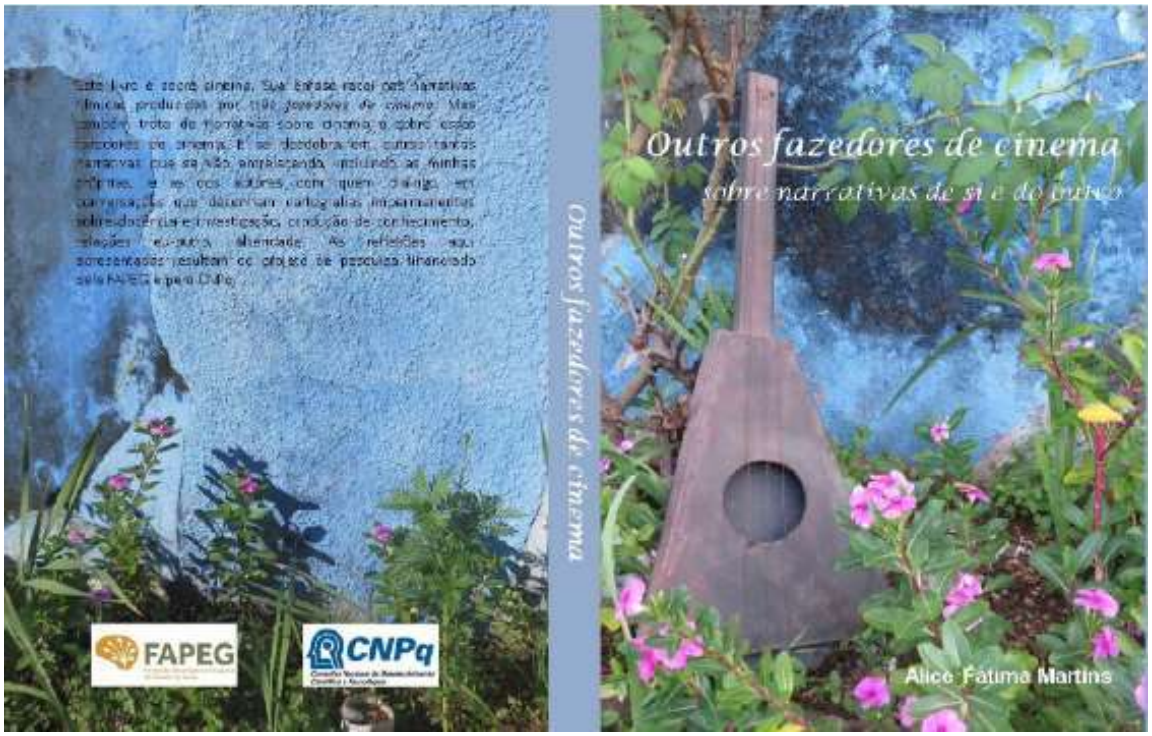
Foi organizada a Mostra Outros Fazedores de Cinema durante o Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas/SIIMI, 2014.

Foi disponibilizado o conjunto de filmes realizado por Martins Muniz em Canal da plataforma Youtube por meio de um dos integrantes do Sistema CooperAção Amigos do Cinema, a saber, Renato Cirino.

A produção fílmica do Seu Osorinho foi disponibilizada ao público na Exposição Infância da Arte, durante o Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), em 2015.

Documentação comprobatória

Capa, contracapa e sumário do livro *Outros fazedores de cinema*, no prelo



Sumário

Apresentação iii
PARTE I 1
Notas para uma metodologia da imersão 2
Advertência 1 3
Tendo a dúvida como guia-mestre 12
Declaração de fé 12
Advertência 2 14
Semeadura de dúvidas 14
Anel de *moebius* 35
Advertência 3 35
Roteiros geográficos: esboço de um mapa de investigação 44
Advertência 4 45
PARTE II 48
Samira, onde estão as outras meninas? 49
Advertência 5 50
PARTE III 59
Vídeos rupestres 60
Um anjo *benjaminiano* sobre bicicleta: cartografias de Serranópolis 70
Advertência 6 74
Entre memórias cravadas na rocha e códigos digitais 77
Singular e coletivo 84
O sertanejo, a galeria de arte e uma mostra Dadá de cinema 94
PARTE IV 95
De amigos e de loucos se faz um cinema tupiniquim 96
As artesanias do cinema e um mestre artífice 104
Cartografias no cinema artesanal de Martins Muniz 113
Políticas públicas, coletivismo, CooperAÇÃO – um coletivo? 124
O que se pode aprender nessa escola? 125
Um artífice-narrador e uma narrativa entre o teatro e cinema: exercícios de resistência 127
Parkinson... e agora? 142
PARTE V 143
Imbilino é pop 144
O cinema popular de Hugo Caiapônia 153
Financiamentos: a cultura dos editais 156

Piratarias nos mares digitais do mercado audiovisual 159
Cartografias do Estado de Goiás 165
"Uma linda assombração" 166
PARTE VI 168
Nem de borda, nem marginal... muito menos *naïf* 169
Natureza política e relevância estética: de que se trata? 183
Nota de pé de página que saltou para dentro da página 188
Notas para pensar sobre uma cultura audiovisual 190
Balancete provisório 191
EPÍLOGO 192
Arremate 1 192
Arremate 2 192
Arremate 3 193
Arremate 4 194
Arremate 5 194
Arremate 6 194
Referências bibliográficas 195
Referências filmográficas 199
Fontes documentais de pesquisa 200

ANPAP 2016

anpap

FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA: DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES A PARTIR DO FILME *BRAZIL*

Alice Fátima Martins / UGF

Bruno Eduardo Morais de Araújo / Mestrando PPGACV – UFG

RESUMO

Embora consolidada nos meios de produção cultural de massa, a Ficção Científica ainda encontra certa resistência para se infiltrar nos meios acadêmicos, e na educação escolar, mesmo tendo em vista a sua capacidade de ilustrar questões relevantes. Tendo em vista as influências que as visualidades e narrativas cientoficcionais têm exercido em algumas concepções da arte contemporânea, nesta pesquisa buscamos apontar alguns dos temas presentes no filme *Brazil* de Terry Gilliam e contextualizá-los com diálogos sócio-políticos contemporâneos, propondo uma reflexão sobre sociedade tecnológica, ciência, cultura global, consumismo, controle e disciplina no sentido obra-sociedade e sociedade-obra.

PALAVRAS-CHAVE

ficção científica; sociedade; distopia; utopia; educação.

anpap
25º Encontro da ANPAP
Arte: seus espaços e/em nosso tempo
Porto Alegre, RS | 25 a 30 de setembro de 2016

Notas

[1] O Patriot Act foi um decreto assinado pelo presidente estadunidense George W Bush que permite às agências de segurança e inteligência dos EUA interceptarem ligações, e-mails e demais correspondências de qualquer indivíduo ou organização sem necessidade de um mandato judicial. Posteriormente foi revelado um esquema ilegal de espionagem internacional por parte da Agencia de Segurança Americana (NSA).

Referências

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança* V.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!. São Paulo. 29 jun. 1999.

DELEUZE, Gilles. *Controle e devir*. São Paulo: Conversações, 1992.

ELHEFNAWY, Nader. *After the new wave*: Science Fiction Since 1980. Estados Unidos: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARTINS, Alice Fátima. *Saudades do futuro*: ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOORE, Alan. *V de vingança*. São Paulo: Panini Books, 2012.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2000

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Brazil. GILLIAM, Terry; MILCHAN, Arnon. [Filme-vídeo]. Produção de Arnon Milchan, direção de Terry Gilliam. Inglaterra, Embassy International Pictures, 1985. 132 min.

O Doador de Memórias. LOWRY, Lois. [Filme-vídeo]. Produção de Neil Koenugsberg, direção de Phillio Noyce. EUA, Walden Media, 2014, 97 min.

Alice Fátima Martins
Professora no curso de Artes Visuais – Licenciatura, e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (Faculdade de Artes Visuais/UFG). Desenvolve o projeto de pesquisa *Outros fazedores de cinema*, financiado pela FAPEG e CNPq. Bolsista de produtividade do CNPq. Autora, dentre outros, do livro *Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir* (Ed. UnB, 2013).

Bruno Eduardo Morais de Araújo
Mestrando no Programa de Pós-Gradução em Arte e Cultura Visual (Faculdade de Artes Visuais/UFG). Graduado em Design Gráfico pela Faculdade de Artes Visuais/UFG. Bolsista PIBIC por dois anos, desenvolvendo os relatórios "Ficção Científica e Sociedade: um estudo de três casos" e "Cyberpunk e sociedade: diálogos possíveis na era digital".

Red de Estudios Visuales Latinoamericanos

Red de Estudios Visuales Latinoamericanos

artes visuais

Visualidades contemporâneas

16 NOVIEMBRE, 201516 NOVIEMBRE, 2015 | AMMORENOA
Por *Alice Fátima Martins (UFG/FAPEG/CNPq – Brasil)*

Neste projeto de pesquisa, com base nos Estudos Visuais, são discutidas algumas questões relativas às imagens que são produzidas e circulam em diversos cenários da cultura contemporânea. Sua ênfase está, sobretudo, nos circuitos mais populares, entre práticas artesanais e articulações com imagens técnicas, nos fluxos de imagens entre os diversos públicos, nos ambientes escolares, salas de projeção, mídias em geral, e nos processos educativos, em ambientes diversos, que atuam na formação dos sujeitos contemporâneos para interagir e se apropriar das dinâmicas dessas visualidades – ou refutá-las.

Para tanto, o projeto integra três subprojetos, abrindo-se à possibilidade de articular redes de investigação e discussão. A partir desses subprojetos, a trama de discussões se desenvolve de modo rizomático: a) *Visualidades contemporâneas em contextos de educação formal e não-formal*, b) *Outros fazedores de cinema*, e c) *Práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas*.

Subprojeto 1: Visualidades contemporâneas em contextos de educação formal e não-formal

Entre os anos 2005 e 2012, desenvolvi o projeto de pesquisa intitulado *Artes Visuais em contextos de educação formal e não-formal*. Nesse período, tive a oportunidade de acompanhar várias escolas da educação básica, conversar com professores, estudantes, membros da comunidade, orientar estudantes de graduação e pós-graduação em projetos de conclusão de curso, iniciação científica, e mestrado (dissertações e teses disponíveis em: http://www.culturavisual.fav.ufg.br/p/6212-dissertacoes (http://www.culturavisual.fav.ufg.br/p/6212-dissertacoes)); foi possível, também, manter contatos sistemáticos com iniciativas do circuito artístico-cultural, tais como centros culturais, museus, associações, onde são desenvolvidas atividades de formação junto à comunidade; finalmente, algumas incursões foram realizadas em ambientes da rede mundial de computadores, no tocante aos seus potenciais tanto para a educação formal, quanto para ações de educação não-formal, e na formação e suporte a educadores. Os trabalhos desenvolvidos a partir desse projeto levaram a uma ampliação de alguns conceitos e à problematização de outros. Nesse período foi formada uma base de dados que têm fornecido os referenciais para o desenvolvimento de reflexões sobre as relações entre imagens da arte, visualidades contemporâneas e projetos educativos dentro e fora das instituições escolares. Ou seja, nesta etapa da pesquisa, serão trazidas à pauta de estudo alguns tópicos que emergiram no trabalho de campo da etapa anterior. Dentre as quais, os modos como a arte e suas imagens têm sido inseridas nos contextos de aprendizagem, na educação formal e não-formal, e seus desdobramentos. Serão feitas perguntas a respeito de como os projetos educativos preveem essas relações, as dificuldades e encaminhamentos que têm sido dados por educadores, as implicações conceituais de escolhas feitas nas práticas educativas. Do mesmo modo, o papel educativo cumprido pelos chamados *aparelhos culturais* será trazido à pauta das reflexões: museus, centros culturais, espaços expositivos, salas de cinema, entre outros.

Subprojeto 2: Outros fazedores de cinema

Em 2009 e 2010, desenvolvi o projeto de pesquisa intitulado *Catadores de sucata da indústria cultural*, no Programa de Pós-Doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ. O recorte proposto envolvia o estudo da produção filmográfica de três cineastas que atuam fora das redes comerciais e também dos circuitos dos festivais e mostras, oficiais ou alternativos. Um exibidor de filmes, na periferia de São Paulo, fechou o grupo pesquisado, e também motivou o título da pesquisa, por se tratar de um catador de sucata que, no exercício de seu trabalho, construiu uma sala de cinema para projetar filmes à comunidade pobre de sua região, sem acesso às salas de cinema comerciais.

A partir de então, o recorte da pesquisa foi estendido para a produção de fazedores de cinema com perfil semelhante, que atuam no Estado de Goiás. Em 2011, mapeei a produção de Martins Muniz (Goiânia), e de Hugo Caiapônia (Caiapônia). Acompanhei, também, a programação de três mostras, tendo realizado a curadoria da terceira: Mostra de Cinema Martins Muniz (Cine Ouro/Goiânia/GO), Mostra de Cinema Hugo Caiapônia (Cine Ouro/Goiânia/GO), Mostra Outros Fazedores de Cinema (Cine UFG/Goiânia/GO).

O subprojeto de pesquisa *Outros fazedores de cinema* tem em foco a análise de filmes produzidos por realizadores de cinema que produzem seus trabalhos de modo alternativo, com autonomia em relação aos circuitos comerciais, à crítica especializada, e aos festivais. Para tanto, faz uso de baixos orçamentos, e estabelece relações de diálogo com segmentos muito específicos de público.

Filmes disponíveis *online*:
Diabo Velho – O Anhanguera – Roteiro e Direção: Martins Muniz

SOCINE 2016

MENU

SOCINE

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL

TRABALHOS APROVADOS 2016

HOME » ENCONTROS » TRABALHOS APROVADOS 2016

Ficha do Proponente

Proponente

Alice Fátima Martins (UFG, CNPq, FAPEG)

Minicurrículo

Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, e no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG). Editora da Revista Visualidades. Autora, entre outros, dos livros Saudades do futuro (Ed. UnB, 2013) e Catadores de sucata da indústria cultural (Ed. UFG, 2013). Desenvolve o projeto de pesquisa "Outros fazedores de cinema", com financiamento da FAPEG e do CNPq, como Bolsista de Produtividade.

Ficha do Trabalho

Título

Um anjo benjaminiano sobre bicicleta e cartografias afetivas

Mesa

Cinema e subjetividade

Resumo

Neste texto são propostas algumas reflexões sobre o trabalho do seu Ozorinho, que filma histórias, caminhos, paisagens, as gentes com quem convive. Filma as árvores que serão derrubadas pela agricultura intensiva, os animais ameaçados de extinção, as cachoeiras cujas águas estão poluídas. Seu Ozorinho usa uma câmera desgastada pelo tempo e pelo uso. O equipamento, obsoleto, poderia provocar risos entre video makers afeitos às novidades tecnológicas. Mas, em suas mãos, configura ferramenta de primeira grandeza, indispensável ao projeto que lhe é mais caro. Ele pretende que, no futuro, os que

AIM 2016

B4

Cinema, Arquivo e Política

A imagem rasa: do pictórico ao desaparecimento da figura humana cinematográfica

Edson Pereira da Costa Júnior
(USP, Brasil)

Durante a década de 1920, Béla Bálazs exaltou o cinema como uma lente de aumento sensível às emanações do mundo visualmente expressivo, um microscópio capaz de desvelar a vida inscrita na superfície do homem filmado, sob suas disposições gestuais e fisionômicas. Em oposição a este princípio de entronização da figura humana, que para Bálazs seria vocacional e inerente ao cinema, realizadores de found footage como Jürgen Reble preterem o drama, as relações inter-humanas e mesmo a presença do corpo para eleger como aspecto fulcral de suas obras a degradação da película fílmica, a partir

Da produção fílmica ao exercício cartográfico, uma CooperAção entre amigos

Alice Fátima Martins
(UFG, Brasil)

Este texto é um recorte do projeto *Outros fazedores de cinema* (CNPq e FAPEG). Nele, a ênfase recai no aspecto cartográfico da coleção de filmes feitos pelo coletivo Sistema CooperAção Amigos do Cinema, liderados por Martins Muniz, em Goiânia. O modo de produção desse coletivo é pensado como espaço para construção de saberes práticos sobre cinema, no aprender a fazer fazendo. A filmografia assim realizada estabelece uma rede de relações a envolver integrantes mais ou menos estáveis e colaboradores circunstanciais, ocupações de espaços referenciais no cenário artístico e cultural da comunidade, e a

DA PRODUÇÃO FÍLMICA AO EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO, UMA COOPERAÇÃO ENTRE AMIGOS[1]

Alice Fátima Martins[2]

Resumo: O Sistema CooperAção Amigos do Cinema, liderado pelo cineasta Martins Muniz, em Goiânia, tem produzido ampla filmografia com algumas marcas diferenciais, dentre as quais destacam-se o baixíssimo orçamento, a ação colaborativa em atuação coletiva, a natureza artesanal das narrativas produzidas, a cartografia cultural da cidade e região resultante das produções. Neste trabalho, partindo da noção de cartografia, com base em seis filmes realizados pelo coletivo entre 2011 e 2015, são referidos os pontos culturais e artísticos da cidade tomados como locações, documentados nas narrativas ficcionais.
Palavras-chave: Coletivo de cinema; cinema artesanal; cartografia.
Contato: profalice2fm@gmail.com

As reflexões apresentadas neste trabalho integram o projeto de pesquisa *Outros fazedores de cinema*, que conta com financiamento do CNPq e da Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás/FAPEG, cujo objetivo é compreender as dinâmicas de produção e relação com o público de filmes com as seguintes características: orçamentos baixos ou baixíssimos, dinâmicas de produção e divulgação fora dos circuitos comerciais e também dos festivais e mostras oficiais de cinema, forte inserção na comunidade. A ênfase deste texto recai no aspecto cartográfico de uma parte da coleção de filmes do Sistema CooperAção Amigos do Cinema, liderado pelo cineasta Martins Muniz, em Goiânia, a partir das locações definidas para seis produções realizadas entre 2011 e 2015. Mesmo sendo filmes ficcionais, resultam em documento relevante de pontos culturais e artísticos da cidade, e configuram trânsitos importantes de seus agentes que participam como atores, técnicos, ou dando suporte às produções.

O desejo de produzir imagens em movimento habita a humanidade desde antanho, nos exercícios de linguagem, nos processos de relação com o mundo (Machado 2011). Daí que uma possível história do cinema não se inicia quando da invenção dos aparatos técnicos por meio dos quais foi possível captar e projetar as

---

[1] Pesquisa financiada pela FAPEG (Edital Universal) e CNPq (Bolsa de Produtividade).
[2] Professora no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual e no curso de Licenciatura em Artes Visuais (Faculdade de Artes Visuais, UFG, Brasil), Editora da Revista Visualidades, Pesquisadora da FAPEG, Bolsista de Produtividade do CNPq.

Martins, Alice Fátima. 2016. "Da produção fílmica ao exercício cartográfico. Uma cooperação entre amigos". In *Atas do VI Encontro Anual da AIM*, editado por Paulo Cunha, Susana Viegas e Maria Guilhermina Castro, 326-334. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-6-9.

VI encontro anual AIM

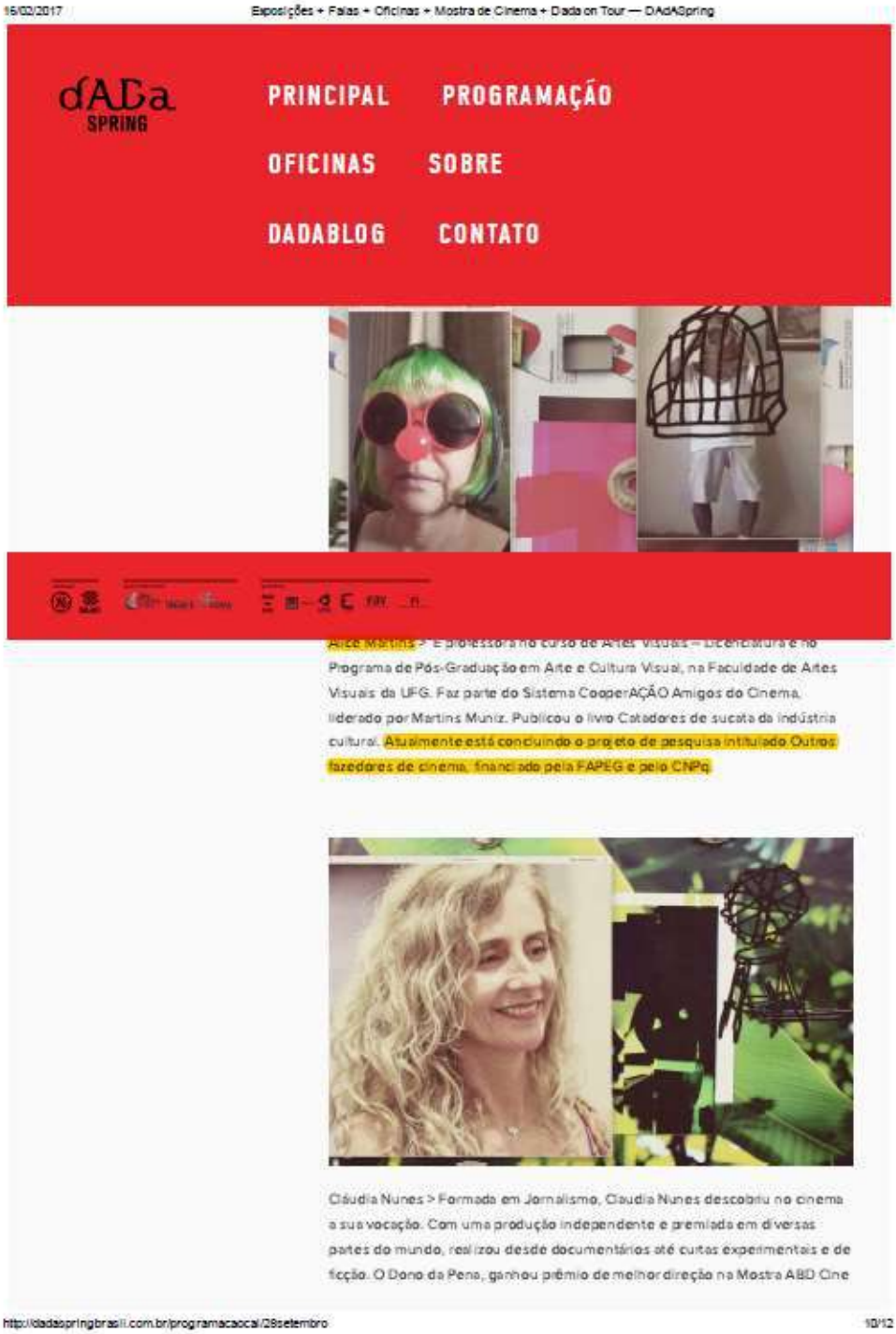
Certificado de Participação

A AIM – Associação de Investigadores da Imagem em Movimento certifica, para os devidos efeitos, que Alice Fátima Martins participou como ORADOR no VI ENCONTRO ANUAL DA AIM, que decorreu de 4 a 7 de maio, na Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, numa organização conjunta com o CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, apresentado a comunicação Da produção fílmica ao exercício cartográfico, uma CooperAção entre amigos

Porto, 10 de maio de 2016

Tiago Baptista
(Presidente da Comissão Organizadora)

Mesa de debate durante programação do DadáSpring 2016



15/02/2017 Exposições + Falas + Oficinas + Mostra de Cinema + Dada on Tour — DAdASpring

dADa SPRING

PRINCIPAL PROGRAMAÇÃO

OFICINAS SOBRE

DADABLOG CONTATO

Alice Martins > É professora no curso de Artes Visuais – Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Faz parte do Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, liderado por Martins Muniz. Publicou o livro Catadores de sucata da indústria cultural. Atualmente está concluindo o projeto de pesquisa intitulado Outros fazedores de cinema, financiado pela FAPEG e pelo CNPq.

Cláudia Nunes > Formada em Jornalismo, Claudia Nunes descobriu no cinema a sua vocação. Com uma produção independente e premiada em diversas partes do mundo, realizou desde documentários até curtas experimentais e de ficção. O Dono da Pena, ganhou prêmio de melhor direção na Mostra ABD Cine

http://dadaspringbrasil.com.br/programacaoocal/28setembro 10/12

IV Congreso Mexicano de Antropología Social y Etnología 2016

Práticas artesanais num curso de licenciatura, na modalidade a distância.

Alice Fátima Martins (UFG, FAPEG, CNPq)
profalice2fm@gmail.com

A educação escolar e demais instituições sociais propiciam a formação dos membros de sua comunidade, propiciando a aprendizagem das categorias da cultura que organizam os modos de viver no coletivo. Por cultura são entendidos não só os saberes e fazeres, os conjuntos de práticas sociais, os elementos constituidores dos imaginários coletivos, os referenciais materiais e imateriais de organização dos grupos humanos em dados contextos sociais, históricos e geográficos, mas também, dentro dessas comunidades, as diversas redes de pertencimento que se constituem, muitas sobrepostas, quantas contínuas, outras tantas conflitantes entre si.

Diferentes culturas tendem a atribuir um caráter universal e atemporal a suas próprias categorias e redes de pertencimento. E quando ocorrem embates entre cosmovisões forjadas por diferentes sociedades em conflito, as relações de dominação operam não apenas no âmbito material, estrutural e econômico, mas sobretudo na dimensão do imaginário, do imponderável. Destarte, os vencedores impõem suas categorias e os modos de funcionamento de suas redes de pertencimento aos vencidos, os outros, os de menor valia.

A noção de arte disseminada foi forjada no contexto europeu, ancorada nas bases da formação do que se acostumou chamar de tradição ocidental. A partir das grandes navegações iniciaram-se os processos de colonização instaurados a partir do período renascentista. Nos processos de ocupação territorial, os colonizadores europeus proclamaram a validade de suas categorias culturais, de sua cosmovisão para todas as comunidades humanas conhecidas. Entre tais categorias, estão os critérios de identificação daquilo que possa ser legitimado como arte, em oposição a tudo o mais, a não-arte, de menor valia. A estas manifestações podem ser atribuídas denominações que revelam alguma concessão na atribuição de valores, mas dentro de limites claramente demarcados. É o caso das ideias de folclore (folk + lore), cultura popular, arte popular, artesanato...

IV Congreso Mexicano de Antropología Social y Etnología (2016)
Santiago de Querétaro, Querétaro, México

IV CONGRESO MEXICANO DE ANTROPOLOGÍA SOCIAL Y ETNOLOGÍA

DIVERSIDAD CULTURAL
RETOS, RIESGOS Y
TRANSFORMACIONES

11 AL 14 DE OCTUBRE 2016

Santiago de Querétaro, Querétaro

Constancia

A

Alice Fátima Martins

por su participación con la ponencia

Práticas artesanais num curso de licenciatura, na modalidade a distancia

DR. EDUARDO SOLORIO SANTIAGO
Presidente del congreso

MTRO. DIEGO PRIETO HERNÁNDEZ
Presidente del CEAS

Santiago de Querétaro, Qro., octubre de 2016

CULTURA INAH ENAH CECEQ IBERO EL COLEGIO DE MICHOACÁN A.C. CIESAS

E-book Visualidades e cotidiano no ensino de arte

6 Mídias contemporâneas: narrativas e aprendizagens fora e dentro da escola

Alice Fátima Martins

Quando as narrativas audiovisuais multiplicaram-se, geradas pelos aparatos tecnológicos portáteis, veiculadas a partir plataformas digitais de relacionamentos sociais, acessadas de todos os lugares, os professores aparentaram perdas para a atenção dos alunos passaram a considerar como um ruído perturbador nas salas de aula, a ponto de serem proibidos, a força da lei, nessas ambientes. O que não impede, contudo, sua presença clandestina. Vê-los durante as aulas pode ser se transformar numa aventura mais instigante, pelo desafio que representa.

Professores, que a muito custo acompanham as novidades do mercado no tocante aos recursos disponibilizados a cada passo, às ferramentas para produção de imagens e narrativas, e aos comportamentos modificados a partir delas, intimidam-se com a vertigem do cenário que se coloca à sua frente, e recuam, preferindo operar com as estratégias em relação às quais se sintam seguros. Sentir-se seguro, contudo, não garante que os processos de ensinar e aprender deflagrados sejam significativos, e estabeleçam relações de comunicação com os estudantes de modo mais profícuo.

Talvez seja tempo de se estabelecerem relações colaborativas de aprendizagens escolares, dialogantes com as demais aprendizagens em curso no quotidiano à revelia das estruturas curriculares vigentes, em projetos que envolvam estudantes e professores nas diferentes etapas de planejamento, preparação, execução, avaliação.

Se, de um lado, os estudantes apresentam-se mais familiarizados com os aparatos tecnológicos e suas ferramentas, e de outro lado os professores têm maturidade para provocar questões diversas para serem desenvolvidas a partir de seus usos, um e outro podem tomar parte desse processo, contribuindo com o que sabem, aprendendo o que ainda não sabem (o que sempre é mais do que o que sabem...), produzindo outras possibilidades de aprendizagem.

Desse modo, é possível pensar em modos de se relacionar com os aparelhos produtores de imagens técnicas um pouco além da condição de funcionários dos aparelhos, nos termos propostos por Vilém Flusser (2008), vislumbrando possibilidades de jogar contra o aparelho, em exercícios poéticos, críticos, de construção de conhecimento. Com vistas ao que o mesmo autor apontou como o exercício da conexão em rede, o que não significa apenas cadastrar-se em plataformas digitais de relacionamentos sociais, mas aprender, além disso, a produzir reflexão em comunidade. Para tanto, as narrativas audiovisuais constituem espaço profícuo de aprendizagens possíveis, na articulação de pensamento imagético e conceitual, sensível, afetivo, capaz de redimensionar o que pensamos ser o mundo no qual nos encontramos, e o nosso estar nele.

Página 22

Referências

7Cajas. Direção: Juan Carlos Maneglia e Tana Schémbori. Gênero: Ação. Nacionalidade: Paraguai. Duração: 105 min. Ano: 2012.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

EUGÊNIO, Fernanda & LEMOS, João Francisco de. Mídia locativa e uso criativo em telefones celulares. In FREIRE FILHO, João & HERSCHMANN, Micael (Orgs). Novos rumos da cultura da mídia: indústrias, produtos, audiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FACHEL, Rosângela. 7cajas. Disponível em paraguaiteete.wordpress.com (https://paraguaiteete.wordpress.com/2014/05/15/pesquisadora-brasileira-fala-sobre-o-filme-7-cajas-em-resenha-critica/). Acesso em 30 jan. 2015.

FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas. São Paulo: Annablume, 2008.

PORTAL TERRA. Portugal faz festival de filmes feitos com celular. 2006. Disponível em tecnologia.terra.com.br (http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI860608-EI4796,00.html). Acesso em 12mai. 2015.

REUTERS. Sul-africano faz primeiro longa-metragem em celular. 2006. Disponível em tecnologia.terra.com.br (http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI860777-EI4796,00.html). Acesso em 12mai. 2015.

Alice Fátima Martins - Doutora em Sociologia (UnB). Pós-Doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea Estudos Culturais (PACC/UFRJ). Professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, e no PPG em Arte e Cultura Visual. Editora da Revista Visualidades (2014-2016). Autora dos livros Catadores de Sucata da Indústria Cultural (Editora UFG, 2013) e Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir (Editora UnB, 2013). Responde pelo projeto de pesquisa "Outros fazedores de cinema", financiado pela FAPEG e pelo CNPq. Bolsista PQ/CNPq.

Capítulo 5 (capitulo5.html) Capítulo 7 (capitulo7.html)

Pirenópolis Doc 2016 – júri

20/02/2017 Pirenópolis Doc

JURI

ILANA FELDMAN

É pesquisadora, professora e crítica. É doutora em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com passagem pelo Departamento de Filosofia, Artes e Estética da Universidade Paris VIII, onde desenvolveu a tese "Jogos de cena: ensaios sobre o documentário brasileiro contemporâneo". Atualmente, realiza pós-doutorado em Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, com pesquisa sobre cinema, testemunho e autobiografia.

TANIA SIQUEIRA MONTORO

Tania Siqueira Montoro é doutora em cinema e televisão (comunicação audiovisual) pela Universidad Autonoma de Barcelona com pós doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Deustch Film Institute/ Amsterdã. Professora de teoria e estética do cinema da Unb na graduação, mestrado e doutorado . É realizadora de cinema e TV e seu longa metragem Hollywood no Cerrado foi premiado no Brasil e exterior. Autora de livros, ensaios e artigos sobre, cinema, televisão e cultura audiovisual contemporânea. Coordenadora da pesquisa Narrativas Audiovisuais e Processos socioculturais –midiáticos /Cnpq. Membro da Sociedade de Estudos de Cinema (socine). Cidadã honorária de Brasília. Participa de seleções e júris de festivais de cinema no Brasil e exterior.

ALICE FÁTIMA MARTINS

É professora no curso de Artes Visuais – Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, ambos na Faculdade de Artes Visuais da UFG. É pesquisadora do Media Lab/UFG, e do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ. Abordando questões sobre cinema, publicou os livros *Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir* e *Catadores de sucata da indústria cultural*. Atualmente está concluindo a pesquisa *Outros fazedores de cinema*, financiada pela FAPEG e pelo CNPq.

GOSTOU?
COMPARTILHE!

(MAILTO:?

http://www.pirenopolisdoc.com.br/2016/juri/ 1/2

V Coloquio Internacional Educación y Visualidad: Investigaciones pedagógicas en contextos hiper-visuales

BELLAS ARTES

UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA URUGUAY

Montevideo, 13 de marzo de 2017

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que ALICE FÁTIMA MARTINS (UFG/FAPEG/CNPq), participou do V Coloquio Internacional Educación y Visualidad: Investigaciones pedagógicas en contextos hiper-visuales, realizado em Montevideo, 9 a 11 de mayo de 2016, pelo Instituto "Escuela Nacional de Bellas Artes" – Universidad de la República, Núcleo de Investigación en Cultura Visual, Educación y Construcción de Identidad, e pela Unidad de Formación y Apoyo Docente. Os seguintes textos, de sua autoria, foram aprovados para publicação no livro que resulta do evento, a ser disponibilizado ao público em 2017:

1. UM CINEMA ENTRE AS RUÍNAS E O FUTURO (integra a pesquisa "Outros fazedores de cinema", com financiamento da FAPEG e do CNPq)

2. Investigaciones pedagógicas en contextos hiper-visuales: Síntesis y Comentarios

Prof. Fernando Miranda

Director

Instituto "**Escuela Nacional de Bellas Artes**" **DIRECCIÓN**

José Martí 3328 TEL: 2707 32 18

Arena aberta de combates, também alcunhada de Cultura Visual...
Capítulo de livro

C968 Culturas das imagens : desafios para a arte e para a educação / Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). – 2. ed. rev. e ampl. – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.
384 p. ; 23 cm

1. Arte 2. Educação artística 3. Cultura visual 4. Imagem I. Martins, Raimundo II. Tourinho, Irene

CDU 7:37 ISBN: 978-85-7391-286-9

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Eckhardt CRB-10/737
Biblioteca Central - UFSM

editoraufsm

Direitos reservados à:
Editora da Universidade Federal de Santa Maria
Prédio da Reitoria - Campus Universitário
Camobi - CEP 97105.900 Santa Maria - RS
Fone|Fax: (55) 3220.8610/8115
editufsm@gmail.com | www.ufsm.br/editora

CAPÍTULO VI
Pós-Produção Educativa:
a possibilidade das imagens 153
Fernando Miranda Somma

CAPÍTULO VII
Arena Aberta de Combates, também alcunhada
de Cultura Visual... – anotações para uma aula
de metodologia de pesquisa – 177
Alice Fátima Martins

CAPÍTULO VIII
Imagens, Pesquisa e Educação:
questões éticas, estéticas e metodológicas 201
Irene Tourinho

PARTE III

CAPÍTULO IX
O Futuro da Imagem: a estrada
não trilhada de Rancière 227
W. J. T. Mitchell

CAPÍTULO VII

ARENA ABERTA DE COMBATES, TAMBÉM ALCUNHADA DE CULTURA VISUAL... – anotações para uma aula de metodologia de pesquisa –

Alice Fátima Martins

Do ponto de vista das redes de forças e disputas, de referenciais teórico-metodológicos, de parâmetros para estabelecer zonas do conhecimento, ou do exercício de conhecer, nas últimas décadas, a **cultura visual** vem se instituindo como campo de fronteiras difusas, demarcado muito mais por esboços inacabados, referências dialogais (por vezes vociferações) do que propriamente por marcos conceituais precisos, delineadores, que possam resultar em alguma instalação minimamente confortável. Filiada aos **Estudos Culturais**, estabelece estreita relação com as discussões decorrentes da chamada **virada cultural**, ou *cultural turn*, quando as análises econômicas, políticas e sociais enveredaram rumo às interpretações culturais.

Como consequência, a preocupação com o simbólico ganhou o primeiro plano, e a cultura passou a ocupar o centro de boa parte das discussões e debates, inclusive no tocante às visualidades contemporâne-

SOBRE OS AUTORES

Aldo Victorio Filho é professor adjunto, coordenador do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGA-UERJ). É líder do grupo de pesquisa (CNPq) Estudos Culturais em Educação e Arte – Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro – e membro do grupo de pesquisa (CNPq) Cotidiano Escolar e Currículo (PPGE-UERJ). E-mail: avictorio@gmail.com

Alice Fátima Martins é doutora em Sociologia (UnB). Tem pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea Estudos Culturais (PACC/UFRJ). Professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, e no PPG em Arte e Cultura Visual. Editora da Revista Visualidades (2014-2016). Autora dos livros *Catadores de Sucata da Indústria Cultural* (Editora UFG, 2013) e *Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir* (Editora UnB, 2013). Responde pelo projeto de pesquisa "Outros fazedores de cinema", financiado pela FAPEG e pelo CNPq. Bolsista PQ/CNPq. E-mail: profalice2fm@gmail.com

Currículo Lattes

Imprimir currículo

Alice Fátima Martins

Endereço para acessar este CV: **http://lattes.cnpq.br/2768377569632609**

Última atualização do currículo em 09/07/2020

Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq - Nível 2

Resumo informado pelo autor

Bolsista de produtividade em pesquisa, pelo CNPq. Cursou Licenciatura em Educação Artística, habilitação em Artes Visuais, pela Universidade de Brasília (conclusão: 1983). Foi professora de Artes na Educação Básica, com experiências diversas, com maior inserção na rede pública de ensino do Distrito Federal. Mestre em Educação, área de Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, pela Universidade de Brasília (conclusão: 1997). Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (conclusão: 2004). A tese foi publicada pela Editora da UnB, em 2013, com o título Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir. Pós-Doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ (2010). O resultado da pesquisa foi publicado, em 2013: Catadores de Sucata da Indústria Cultural, pela FUNAPE/Editora da UFG. Pós-doutorado pela Universidade de Aveiro, com o projeto de pesquisa O cinema de Maria (2017). É professora na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Atua no curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidades presencial e a distância, e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, do qual foi coordenadora de 2005 a 2008, e de 2012 a 2014. Foi editora da Revista Visualidades (UFG) entre julho/2014 e dezembro/2016, e integra a equipe editorial atual (março/2019 a dezembro/2020). Publicou o livro Outros Fazedores de Cinema, pela Editora Zouk, 2019. Coordena a REdArtH, Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades. É membro das seguintes entidades de pesquisa: Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas (ANPAP), Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Associação de Investigadores da Imagem em Movimento (AIM), Red de Estudios Visuales Latinoamericanos (ReVLaT), AO NORTE Associação de Produção e Animação Audiovisual. Tem experiência em: a) Artes Visuais, com recorte em arte contemporânea e estética relacional; b) Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura e da Arte; c) Educação, com ênfase na formação de professores em Artes Visuais, e nas relações entre visualidades contemporâneas, cinema e educação. Atua nos campos em que se entrecruzam arte contemporânea, ensino de artes visuais, estética relacional, cinema, fotografia, relações entre cinema e educação, cultura visual, estudos culturais.

(Texto informado pelo autor)

Links para Outras Bases:

SciELO - Artigos em texto completo

Nome civil

Nome Alice Fátima Martins

Dados pessoais

Nascimento 10/10/1962 - Ponta Porã/MS - Brasil

CPF 281.099.531-15

Formação acadêmica/titulação

2000 - 2004 Doutorado em Sociologia.
Universidade de Brasília, UnB, Brasília, Brasil
Título: Saudades de Futuro: o cinema de ficção científica como expressão do imaginário social sobre o devir/Nostalgie of the future, Ano de obtenção: 2004
Orientador: João Gabriel Lima Cruz Teixeira
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

1995 - 1997 Mestrado em Educação.
Universidade de Brasília, UnB, Brasília, Brasil
Título: O desenho reproduzido e a formação do professor de séries iniciais do ensino fundamental, Ano de obtenção: 1997
Orientador: Iria Brzezinski
Co-orientador: Maria Felisminda de Rezende e Fusari
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

1980 - 1983 Graduação em Educação Artística, habilitação Artes Visuais.
Universidade de Brasília, UnB, Brasília, Brasil
Título: Arte Educação nas Escolas Parque em Brasília
Orientador: Helena Barcelos

Pós-doutorado

2017 Pós-Doutorado .
Universidade de Aveiro, UA, Aveiro, Portugal

2009 - 2010 Pós-Doutorado .
Programa Avançado de Cultura Contemporânea - UFRJ, PACC/UFRJ, Brasil
Bolsista do(a): Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ

Formação complementar

2015 - 2015 Curso de curta duração em Curso de Editoração Científica. (Carga horária: 25h).
Associação Brasileira de Editores Científicos, ABEC, Botucatu, Brasil
Bolsista do(a): Universidade Federal de Goiás

2015 - 2015 Curso de curta duração em FILOSOFIA E CINEMA. (Carga horária: 60h).
Claretiano Centro Universitário , Claretiano/BAT, Batatais, Brasil

2014 - 2014 Curso de curta duração em Edição de Vídeo. (Carga horária: 75h).
OZI Escola de Audiovisual, OZI, Brasil

2011 - 2011 Curso de curta duração em Itens do BNI do ENADE. (Carga horária: 16h).
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP/MEC, Brasília, Brasil

2008 - 2008 Curso Profissional de Fotografia Digital. . (Carga horária: 200h).
SENAC Unidade Elias Bufaiçal, SENAC/GO, Brasil

2007 - 2007 Curso de curta duração em Docência no Ensino Superior. (Carga horária: 60h).
Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiania, Brasil

1994 - 1994 Aperfeiçoamento Em Terapia Psicomotora. . (Carga horária: 180h).
Fundação Educacional do Distrito Federal, FEDF, Brasil

1991 - 1991 Educação Brasileira. . (Carga horária: 180h).
Fundação Educacional do Distrito Federal, FEDF, Brasil

Atuação profissional

1. Universidade Federal de Goiás - UFG

Vínculo institucional

2004 - Atual Enquadramento funcional: Professor Associado , Carga horária: 40, Regime: Dedicação exclusiva

Atividades

03/2019 - 12/2019 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais

Especificação:
Equipe editoria da Revista Visualidades

03/2017 - Atual Pesquisa e Desenvolvimento, Faculdade de Artes Visuais

Linhas de pesquisa:
Culturas da Imagem e processos de mediação , Educação, Arte e Humanidades

08/2014 - 12/2016 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais - PPG em Arte e Cultura Visual

Especificação:
Editora da Revista Visualidades (ISSN on-line: 2317-6784 ISSN impresso: 1679-6748)

05/2013 - 10/2013 Conselhos, Comissões e Consultoria, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Especificação:
Comissão de Elaboração de Resolução Prêmio Tese UFG

03/2013 - 12/2013 Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Comissão de Integração Curricular entre as modalidades à distância e presencial dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais da FAV

07/2012 - 07/2014 Direção e Administração, Faculdade de Artes Visuais - PPG em Arte e Cultura Visual

Cargos ocupados:
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

01/2009 - Atual Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais - PPG em Arte e Cultura Visual

Especificação:
Membro do corpo editorial da Coleção Desenredos

01/2009 - 08/2014 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Membro do Conselho Editorial da Revista Visualidades - UFG

07/2006 - 12/2008 Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria

Especificação:
Membro do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura da UFG

07/2005 - 11/2005 Extensão Universitária, Mestrado em Cultura Visual - FAV/UFG

Especificação:
Coordenação Geral do XIV Encontro Nacional da ANPAP: Cultura Visual e desafios da pesquisa em Artes

06/2005 - 12/2008 Conselhos, Comissões e Consultoria, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Especificação:
Membro da Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação da UFG

06/2005 - 12/2008 Direção e Administração, Mestrado em Cultura Visual - FAV/UFG

Cargos ocupados:
Coordenador do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Cultura Visual - Avaliação 4/CAPES

06/2005 - 05/2006 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Coordenadora do 14º Encontro Nacional da ANPAP

05/2005 - 10/2005 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Representante da FAV na Comissão Organizadora do II CONPEEX - UFG

03/2005 - 12/2005 Extensão Universitária, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Curso Visões do futuro: projetando o devir em interpretações de filmes de ficção científica

01/2005 - 12/2008 Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Membro do Conselho Consultivo da Galeria da Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG

01/2005 - 05/2005 Direção e Administração, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Cargos ocupados:
Vice Coordenador do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Cultura Visual

10/2004 - 12/2008 Pesquisa e Desenvolvimento, Mestrado em Educação/UCG

Linhas de pesquisa:
Políticas de Formação de Professores

10/2004 - Atual Pesquisa e Desenvolvimento, Faculdade de Artes Visuais - PPG em Arte e Cultura Visual

Linhas de pesquisa:
Culturas da Imagem e Processos de Mediação

08/2004 - Atual Pós-graduação, Arte e Cultura Visual

Disciplinas ministradas:
Abordagens Qualitativas de Pesquisa , Estudos Orientados em Arte e Cultura Visual - obra e pensamento de Vilém Flusser , Estudos Orientados em Arte e Cultura Visual - obra e pensamento de Walter Benjamin e Vilém Flusser , Metodologias de Pesquisa em Arte e Cultura Visual , Saberes Escolares e Cultura Visual , Seminário Avançado de Pesquisa em Arte e Cultura Visual , Teorias da Arte e da Cultura Visual

08/2004 - 12/2004 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Artes Visuais/UFG

Especificação:
Coordenação de Especialização

07/2004 - Atual Graduação, Licenciatura em Artes Visuais

Disciplinas ministradas:
Arte e Cultura Visual , Arte e Educação Especial , Arte, Percepção e Aprendizagem I , Arte, Percepção e Aprendizagem II , Estágio Supervisionado I: Observação , Estágio Supervisionado II: Acompanhamento e análise do cotidiano escolar , Arte e Cultura Popular , Estágio Supervisionado IV , Estágio Supervisionado V - Prática Pedagógica , Fundamentos da Arte na Educação , Fundamentos da Arte na Educação II , Metodologia do Ensino de Artes Visuais , Metodologia do Trabalho de Investigação , Oficina dos Fios , Pedagogias de Fronteira , Pesquisa em Ensino de Arte , Seminário de Arte e Ensino , CINEMA, ARTE E EDUCAÇÃO

2. Programa Avançado de Cultura Contemporânea - UFRJ - PACC/UFRJ

Vínculo institucional

2010 - Atual Vínculo: Pesquisador Visitante , Enquadramento funcional: pesquisador , Carga horária: 8, Regime: Parcial
Outras informações:
Além de pesquisadora, atua com supervisão de pós-doutorado.

2009 - Atual Vínculo: Pesquisador Visitante , Enquadramento funcional: Pesquisador, Regime: Parcial

Atividades

03/2010 - Atual Pesquisa e Desenvolvimento, Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC

Linhas de pesquisa:
CULTURA E DESENVOLVIMENTO

3. Universidad de la Republica Uruguay - UDELAR

Vínculo institucional

2014 - 2015 Vínculo: Professor Convidado , Enquadramento funcional: Professor Convidado , Carga horária: 2, Regime: Parcial
Outras informações:
Professora na disciplina Taller de Didáctica del Diseño, no Programa de Especialización y Maestría en Enseñanza Universitaria, da UdelaR.
http://www.cse.edu.uy/sites/posgrados.cse.edu.uy/files/cronograma_2014_preliminar.pdf

Atividades

04/2014 - 04/2015 Pós-graduação, Enseñanza universitária

Disciplinas ministradas:
Didática Proyectual

03/2013 - 02/2014 Outra atividade técnico-científica, Escuela Nal. de Bellas Artes

Especificação:
Coorientação de mestrado

4. INSTITUTO MEMÓRIA EDITORA & PROJETOS CULTURAIS - IME

Vínculo institucional

2009 - Atual Vínculo: Membro do Conselho Editorial , Enquadramento funcional: Voluntário , Carga horária: 2, Regime: Parcial
Outras informações:
Membro do Conselho Editorial e Científico do INSTITUTO MEMÓRIA EDITORA & PROJETOS CULTURAIS, com sede em Curitiba/PR

5. Universidade de Brasília - UnB

Vínculo institucional

2004 - 2004 Vínculo: contrato temporário , Enquadramento funcional: Professor substituto , Carga horária: 40, Regime: Integral

Atividades

04/2004 - 07/2004 Graduação, Sociologia

Disciplinas ministradas:
Introdução à Sociologia

01/1998 - 02/1998 Graduação, Pedagogia

Disciplinas ministradas:
Fundamentos da Arte na Educação

08/1997 - 12/1997 Graduação, Pedagogia

Disciplinas ministradas:
Didática , Fundamentos da Arte na Educação

6. Faculdade de Artes Dulcina de Moraes - FADM

Vínculo institucional

2004 - 2004 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Coordenador de Especialização , Carga horária: 16, Regime: Parcial

Atividades

04/2004 - 07/2004 Outra atividade técnico-científica, Pós Graduação

Especificação:
Coordenação de Pós Graduação - Especialização

08/2000 - 12/2000 Graduação, Licenciatura Em Educação Artística

Disciplinas ministradas:
Metodologia do Ensino de Artes Visuais no Ensino Fundamental

02/2000 - 07/2000 Graduação, Licenciatura Em Educação Artística

Disciplinas ministradas:
Oficina Básica de Artes Visuais

08/1999 - 12/1999 Graduação, Licenciatura Em Educação Artística

Disciplinas ministradas:
Cultura Brasileira

02/1998 - 12/2000 Graduação, Licenciatura Em Educação Artística

Disciplinas ministradas:
Metodologia da Educação Artística I e II

08/1997 - 12/1997 Graduação, Licenciatura Em Educação Artística Artes Cênicas

Disciplinas ministradas:
História do Teatro I e II

7. Very Special Arts/Programa Arte Sem Barreiras - VSA

Vínculo institucional

1999 - 2005 Vínculo: Consultoria , Enquadramento funcional: Consultora, Regime: Integral

Atividades

1999 - 2005 Conselhos, Comissões e Consultoria, Programa Arte sem Barreiras

Especificação:
Consultora em Arte Educação

Linhas de pesquisa

1. Culturas da Imagem e Processos de Mediação

   Objetivos:Investigação da experiência estética, significação e interpretação em contextos educativos e culturais.

2. Culturas da Imagem e processos de mediação
3. Educação, Arte e Humanidades
4. Políticas de Formação de Professores

   Objetivos:Desenvolver estudos relativos às políticas de formação dos profissionais da educação, aos movimentos organizados de educadores e ao estado do conhecimento neste campo de saber

5. CULTURA E DESENVOLVIMENTO

Revisor de periódico

1. COMUNICAÇÃO & INFORMAÇÃO (UFG) -

Vínculo

2019 - Atual Regime: Parcial

2. Revista HISTEDBR On-line -

Vínculo

2018 - Atual Regime: Parcial

3. Lumina (UFJF. Online) -

Vínculo

2016 - Atual Regime: Parcial

4. Musas (IPHAN) -

Vínculo

2016 - Atual Regime: Parcial

5. A MARgem - Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes -

Vínculo

2009 - Atual Regime: Parcial

6. Revista Digital do LAV -

Vínculo

2007 - Atual Regime: Parcial

Membro de corpo editorial

1. Artefacto Visual -

Vínculo

2017 - Atual Regime: Parcial

2. Universo do Conhecimento - Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade -

Vínculo

2015 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Membro do Conselho Editorial da REVISTA UNIVERSO DO CONHECIMENTO - Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP

3. Visualidades (UFG) -

Vínculo

2014 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Editora da Revista Visualidades, do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - FAV/UFG

4. Visualidades (UFG) -

Vínculo

2019 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Membro da Equipe Editorial

2009 - 2014 Regime: Parcial

5. Revista Digital do LAV -

Vínculo

2008 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Membro do Conselho Editorial da Revista Digital do LAV

Membro de comitê de assessoramento

1. Comisión Sectorial de Investigación Científica - UDELAR - CSIC

Vínculo

2013 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Avaliação de candidaturas de financiamento a projetos de pesquisa e publicação de livros.

2012 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Análise e avaliação de projetos de pesquisa encaminhados à Comisión Sectorial de Investigación Científica da Universidad de la República, Uruguay, por meio da plataforma http://darwin.csic.edu.uy/evaluaciones/validacion/Login%21input.action?programa=43

2012 - Atual Regime: Parcial

Revisor de projeto de agência de fomento

1. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Vínculo

2014 - Atual , Enquadramento funcional: Bolsista de produtividade em pesquisa , Carga horária: 8, Regime: Parcial

2014 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Avaliação de: 1. candidaturas de projetos a bolsa/PIBIC 2. solicitação de apoio à participação em eventos 3. outros

2. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

Vínculo

2007 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Avaliação de 1. solicitação de financiamento para publicação de livro 2. solicitação de financiamento para projeto de pesquisa

3. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Vínculo

2007 - Atual Regime: Parcial
Outras informações:
Avaliação de: 1. solicitação de financiamento de projetos de pesquisa 2. solicitação de apoio a participação em eventos

Producão

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. doi **MARTINS, Alice Fátima**; OSPINA, J. S. A.
CONVERSACIONES HIPERVISUALES, ESBOZOS DE UNA TECNOLOGÍA SOCIAL PARA LA EDUCACIÓN DE LA CULTURA VISUAL. REVISTA EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO. , v.16, p.58 - 82, 2020.

2. doi **MARTINS, Alice Fátima**
Em Cinema & Humanidades, exercícios de aproximação entre o cinema e outros campos do conhecimento. ANIKI: REVISTA PORTUGUESA DA IMAGEM EM MOVIMENTO. , v.6, p.190 - 195, 2019.

3. **MARTINS, Alice Fátima**
Poética de la solidaridad en espacios compartidos para enseñar y aprender. CUADERNOS TERRITORIO y DESARROLLO LOCAL. , v.1, p.3 - 12, 2019.

4. doi **MARTINS, Alice Fátima**
Exercícios para uma poética da solidariedade. Revista Apotheke. , v.4, p.36 - 49, 2018.

5. **MARTINS, Alice Fátima**
Narrativas audiovisuais digitais: fluxos de vida, memória e ruína ISSN 852-9550. REVISTA IMAGOFAGIA. , v.17, p.361 - 379, 2018.

6. **MARTINS, Alice Fátima**
RASCUNHOS PARA UMA POÉTICA DA SOLIDARIEDADE COMO EXERCÍCIO CRÍTICO à concepção colonizadora da arte. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. , v.2, p.9 - 24, 2018.

7. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
NARRATIVAS AUDIOVISUAIS ENTRE COLETIVOS ARTÍSTICOS ISSN 1980-9921. REVISTA Z CULTURAL (UFRJ). , v.2, p.86 - 102, 2017.

8. **MARTINS, Alice Fátima**; BAMBERG, J.
O cinema-sonho de José Luiz Zagati. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica. , v.2, p.240 - 249, 2017.

9. doi **MARTINS, Alice Fátima**
Sobre aprender com o cinema. Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais ? UFSM/RS. , v.10, p.006 - , 2017.

10. doi **MARTINS, Alice Fátima**; GIDRAO, M. S. M.
Educomunicação como ensino de arte e cultura: reflexões sobre um projeto de videoaula para crianças. REVISTA POLYPHONÍA. , v.27, p.71 - 738, 2016.

11. **MARTINS, Alice Fátima**; OSPINA, J. S. A.
El infierno de Flusser tiene pocos demonios y muchos diseñadores. Revista KEPES. , v.12, p.113 - 131, 2015.

12. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
O CINEMA FEITO EM COLETIVO. Artefactum (Rio de Janeiro). , v.2, p.1 - 10, 2015.

13. doi SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
O método cooperação dos Amigos do Cinema. Visualidades (UFG). , v.12, p.203 - 223, 2015.

14. doi **MARTINS, Alice Fátima**
As hiper mulheres kuikuro: apontamentos sobre cinema, corpo e performance. Sociedade e Estado (UnB. Impresso). , v.29, p.747 - 766, 2014.

15. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
Do ensaio fílmico ao aprender ensaiando: notas para uma pesquisa em audiovisual. Alceu (Online). , v.29, p.40 - 61, 2014.

16. doi **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, R.; TOURINHO, I.
Entre subjetividades e aparatos pedagógicos: o que nos move a aprender?. Visualidades (UFG). , v.11, p.59 - 70, 2014.

17. **MARTINS, Alice Fátima**
Cineasta, narrador, mercador de imagens: um certo Simião Martiniano. Gayza. , v.1, p.1 - 7, 2013.

18. TEIXEIRA, J. G. L. C.; **MARTINS, Alice Fátima**; VIANA, L.
O AUDIOVISUAL E AS POLÍTICAS DE SALVAGUARDA E DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA POPULAR. Políticas Culturais em Revista. , v.6, p.28 - 39, 2013.

19. doi SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
Ser professora: representações e identidades no contexto da cultura visual. Revista Digital do LAV. , v.0, p.152 - 176, 2013.

20. **MARTINS, Alice Fátima**
Uns e outros fazedores de cinema. In-Visibilidades (Lisboa). , v.4, p.19 - 27, 2013.

21. CUNHA, VIRGINIA P. P.; **MARTINS, Alice Fátima**; TOURINHO, I.
Cotidianos e experiência de pesquisa entre habitantes e sombras da escola. Imaginar (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual). , v.1, p.56 - 64, 2012.

22. doi **MARTINS, Alice Fátima**
Imagens de nós e dos outros nos filmes de ficção científica. Visualidades (UFG). , v.2, p.4 - 38, 2012.

23. doi CIRINO, Renato.; **MARTINS, Alice Fátima**
Imagens na parede, uma brincadeira na rede. Revista Digital do LAV. , p.098 - 124, 2012.

24. doi COSTA, ADRIANE CAMILO; **MARTINS, Alice Fátima**
O cinema como mediador na educação da cultura visual. Visualidades (UFG). , v.6, p.193 - 201, 2012.

25. **MARTINS, Alice Fátima**
Cruzamentos, tensões, possibilidades: textos e imagens sobre o nosso tempo. Revista Z Cultural (UFRJ). , v.ano VI, p.1 - 3, 2011.

26. **MARTINS, Alice Fátima**
Identidade e pertencimentos: reflexões sobre a filmografia de Afonso Brazza. Revista de Ciências Sociais (UFC). , v.41, p.9 - 16, 2010.

27. **MARTINS, Alice Fátima**
Sobre a ideia de liberdade, a propósito da autorreferência como enciclopédia livre, pela Wikipedia, na rede mundial de computadores. Revista Z Cultural (UFRJ). , v.2, p.1 - 8, 2010.

28. **MARTINS, Alice Fátima**; SANTOS, Noeli B. dos
A Imagem Eva. Revista Digital do LAV. , v.1, p.1 - 12, 2009.

29. MARTINS, Alice Fátima; SANTOS, N. B.
Apocalipse. Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. , v.2, p.01 - 12, 2009.

30. **MARTINS, Alice Fátima**
Cartões Postais de Cidades que Habitam Filmes de Ficção Científica. Mosaico (Goiânia). , v.2, p.35 - 44, 2009.

31. **MARTINS, Alice Fátima**
Cinéfilos e fazedores de cinema a contrapelo. Revista Z Cultural (UFRJ). , v.5, p.1 - 19, 2009.

32. **MARTINS, Alice Fátima**
IMAGENS TÉCNICAS: QUESTÃO DE VIDA OU MORTE NO VAZIO SEM DIMENSÕES. Revista VIS (UnB). , v.8, p.121 - 127, 2009.

33. **MARTINS, Alice Fátima**; ELER, Rogéria
As imagens digitais e o sujeito que interage. Art& (São Paulo. Online). , v.10, p.1 - 6, 2008.

34. **MARTINS, Alice Fátima**
O cinema de ficção científica e a questão do imaginário social. Imaginário (USP). , v.16, p.15 - 36, 2008.

35. doi **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
A aventura de Georges Méliès dans la Lune. Sociedade e Cultura (Online). JCR, v.6, p.99 - 107, 2007.

36. **MARTINS, Alice Fátima**; ROCHA, C.
Universos poéticos: a academia e as possibilidades de poetificar. Revista VIS (UnB). , v.6, p.36 - 44, 2007.

37. **MARTINS, Alice Fátima**
Sobre os embates entre nós e os aliens. Caligrama (ECA/USP. Online). , v.2, p.3 - , 2006.

38. **MARTINS, Alice Fátima**
Aspectos culturais do uso do desenho reproduzido no processo de alfabetização. Visualidades (UFG). , v.3, p.1 - , 2005.

39. **MARTINS, Alice Fátima**
Aspectos do pensamento de Karl Marx e Max Weber na obra Peças e Engrenagens das Ciências Sociais, de Jon Elster. Pós (Brasília). , v.IX, p.15 - 28, 2005.

Livros publicados

1. **MARTINS, Alice Fátima**
Outros fazedores de cinema: narrativas para uma poética da solidariedade ISBN 9788580490855. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2019, v.1. p.298.

2. **MARTINS, Alice Fátima**
Catadores de Sucata da Indústria Cultural. Goânia: Editora da UFG, 2013, v.1. p.174.

3. **MARTINS, Alice Fátima**
Saudades do futuro : ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir. Brasília: Editora da UnB

- EdUnB, 2013, v.1. p.292.

4. **MARTINS, Alice Fátima**
Tramas artísticas, práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas (livro eletrônico). Goiânia: FAV/UFG/FUNAPE, 2013, v.1. p.142.

5. TEIXEIRA, J. G. L. C.; **MARTINS, Alice Fátima**; VIANNA, L. C. R.; OSORIO, P. S.; VEIGA, F. B.; SILVA, M. C. G.; SILVA, G. S.; SILVA JR., A. R.; SOUZA, N. M.; MAGALHAES, G. M.; BERTOLUCCI, A.; RODRIGUES, A. I. P.; SOUZA, R. M.; PECANHA, J. C. S.; ALVES, A. C. L. E.; RIOS, S.; VIANA, T.; PEREIRA, L. P.; ALMEIDA, A. J. M.; FONSECA, E. J. M.; ALCANTARA, N. N. S. E.; PINTO, F. R. C.; ZENUN, M.
As Artes Populares no Brasil Central: Performance e Patrimonio. Brasília: Idade da Pedra, 2012, v.1. p.400.

Capítulos de livros publicados

1. **MARTINS, Alice Fátima**; CASTRO, H. M.
Cici Pinheiro: Entre as Cenas dos Palcos e do Audiovisual ISBN 9789898971203 In: Registros.1 ed.Aveiro: Ria Editora, 2020, v.1, p. 255-270.

2. **MARTINS, Alice Fátima**; OLIVEIRA, G. C.
Memórias para Além das Fronteiras: Ocupação dos Corpos no Brasil e Chile ISBN 9789898971197 In: Cidadania.1 ed.Aveiro: Ria Editora, 2020, v.1, p. 591-611.

3. **MARTINS, Alice Fátima**; PAIXAO JUNIOR, M. M.
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO In: Linguística, letras e artes: cânones, ideias e lugares 2.1 ed.Ponta Grossa: Atena, 2020, v.2, p. 175-185.

4. **MARTINS, Alice Fátima**; SOARES, M. A.; PIVA, C. B.
Plataformas Solidárias de Compartilhamento de Informações e Produções sobre Arte e Outros Saberes ISBN 9789898971180 In: Transformações.1 ed.Aveiro: Ria Editora, 2020, v.1, p. 151-161.

5. **MARTINS, Alice Fátima**; OLIVEIRA, B. S.; SILVA, M. M.; ARAUJO, B. E. M.
Presença Feminina nos Games Online: Visualidades, Papéis e Outras Questões ISBN 9789898971203 In: Registros.1 ed.Aveiro: Ria Editora, 2020, v.1, p. 309-325.

6. **MARTINS, Alice Fátima**; COSTA, M. H.; CIRINO, Renato.
Cinema, Arte e Educação In: Licenciatura em artes visuais : percurso 5. [ebook].1 ed.Goiânia: Gráfica UFG, 2019, v.5, p. 64-86.

7. **MARTINS, Alice Fátima**; OLIVEIRA, B. S.; SOARES, M. A.
Ensino de Arte: Redes de Aprendizagem entre as Salas de Aula e as Plataformas Digitais. 9789898971050 In: Paradigmas da educação.1 ed.Aveiro: Ria Editorial, 2019, v.1, p. 12-23.

8. **MARTINS, Alice Fátima**; SILVA, M. M.; PEREIRA, L. L.
Narrativas Digitais Contemporâneas, Arte e Engajamento Social ISBN 978-989-8971-08-1 In: Arte e narrativas emergentes.1 ed.Aveiro: Ria, 2019, v.1, p. 300-312.

9. **MARTINS, Alice Fátima**; MATEO, R. C.; ELER, Rogéria
PROPUESTAS SUBVERSIVAS DEL LENGUAJE AUDIOVISUAL: DEL VIDEOARTE A LA CONTEMPORANEIDAD EN EL CONTEXTO DIGITAL ISBN 9788413243689 In: ARTE, ACTIVISMO Y COMUNICACIÓN EN EL ÁMBITO ACADÉMICO.1 ed.Madrid: Dykinson, 2019, v.1, p. 224-245.

10. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.; CIRINO, Renato.
Um filme para pensar um modo de fazer filmes In: CULTURA VISUAL: MEMÓRIA, DISCURSOS E SOCIALIDADES ISBN da versão digital 8546213488.1 ed.Jundiaí: Paco Editorial, 2019, v.1, p. 101-116.

11. **MARTINS, Alice Fátima**; ABREU, C. L.
A ARTE E SEU ENSINO ENVOLVE RISCOS. OU NÃO? .... ISBN 9789898771995 In: ARTE E ENSINO: PROPOSTAS DE RESISTÊNCIA.1 ed.Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018, v.1, p. 39-48.

12. **MARTINS, Alice Fátima**
A experiência poética na educação promovida em escolas do campo ISBN 9788560487349 In: Artes visuais na educação do campo: contextos, tramas e conexões.1 ed.Palmas: EDUFT, 2018, v.1, p. 141-158.

13. **MARTINS, Alice Fátima**
Notas sobre o CIEM: o projeto de educação integrada para o ensino médio, na Universidade de Brasília In: Anísio Teixeira e seus legados à educação do Distrito Federal: História e memória ISBN 9788523010225.1 ed.Brasília: Editora UnB, 2018, v.1, p. 1-15.

14. **MARTINS, Alice Fátima**; ABREU, C. L.
Pedagogias de Fronteira ISBN 9788549502247 In: Licenciatura em artes visuais : percurso 1 [Ebook].1 ed.Goiânia: Gráfica da UFG, 2018, v.1, p. 1-14.

15. **MARTINS, Alice Fátima**
Um artífice-narrador e uma narrativa entre o teatro e cinema: exercícios de resistência ISBN 9788546210893 In: Múltiplos olhares sobre processos descoloniais nas artes cênicas ISBN 9788546210893.1 ed.Jundiaí: Editorial Paco, 2018, v.1, p. 20-34.

16. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.; CIRINO, Renato.
Um filme para pensar um modo de fazer filmes ISBN 9788546213474 In: Cultura visual: memória, discurso e socialidades.1 ed.Jundiaí: Paco Editorial, 2018, v.1, p. 101-116.

17. **MARTINS, Alice Fátima**
Apuntes sobre fronteras y mercado: posible lectura de 7 Cajas ISBN 9788594580177 In: New Concepts and Territories in Latin America / Nuevos Conceptos y Territorios en América Latina.1 ed.Cartagena: ALAIC/ULEPICC, 2017, v.1, p. 31-46.

18. **MARTINS, Alice Fátima**
UM CINEMA ENTRE AS RUÍNAS E O FUTURO ISBN 9789974014619 In: V COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD INVESTIGACIONES PEDAGÓGICAS EN CONTEXTOS HIPER-VISUALES.1 ed.Montevidéu: UdelaR, 2017, v.1, p. 83-86.

19. **MARTINS, Alice Fátima**
V COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD INVESTIGACIONES PEDAGÓGICAS EN CONTEXTOS HIPER-VISUALES: SÍNTESIS Y COMENTARIOS ISBN 9789974014619 In: V COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCACIÓN Y VISUALIDAD INVESTIGACIONES PEDAGÓGICAS EN CONTEXTOS HIPER-VISUALES.1 ed.Montevidéu: UdelaR, 2017, v.1, p. 11-12.

20. **MARTINS, Alice Fátima**; ROSA, Aline N. da; SATLER, L.
VISUALIDADES CONTEMPORÂNEAS: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS EM REDE In: Memórias e InventAÇÕES.1 ed.Campinas: ANPAP, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017, v.1, p. 40-54.

21. **MARTINS, Alice Fátima**
Arena aberta de combates, também alcunhada de cultura visual - anotações para uma aula de metodologia de pesquisa In: Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação.2 ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2016, v.1, p. 177-199.

22. **MARTINS, Alice Fátima**
Arena de combates, también conocida como Cultura Visual... apuntes para una clase de metodologia de investigación In: Educación de la cultura visual, tomo II. Acerca de las imágenes: desafíos para pensar el arte y la educación.1 ed.Montevidéu: UdelaR, 2016, p. 44-66.

23. **MARTINS, Alice Fátima**
Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais In: Arte, educação e cultura (ebook).2 ed.Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, v.1, p. 101-118.

24. **MARTINS, Alice Fátima**
Mídias contemporâneas: narrativas e aprendizagens fora e dentro da escola In: Visualidade e cotidiano no ensino da arte.1 ed.Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, v.11, p. 46-55.

25. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
Narrativas do encontro, o audiovisual realizado em coletivos In: Imagens, olhares, narrativas.1 ed.Curitiba: Editora CRV, 2016, v.1, p. 27-42.

26. **MARTINS, Alice Fátima**
Nem de centro, nem de borda: outros cinemas e seus fazedores In: Pedagogias, espaços e pesquisas moventes nas visualidades contemporâneas.1 ed.Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, v.10, p. 19-28.

27. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
Para pensar sobre o ensino em Publicidade e Propaganda In: SÉCULO XXI: A publicidade sem fronteiras?.1 ed.Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, v.3, p. 43-70.

28. **MARTINS, Alice Fátima**; BAMBERG, Jario R. P.
'... não aprendi a dizer adeus...' In: Aconteceu em Curitiba (romance colaborativo).1 ed.Curitiba: Instituto Memória, 2015, v.1, p. 109-114.

29. **MARTINS, Alice Fátima**
Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais In: Arte, educação e cultura.2 ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2015, v.1, p. 101-118.

30. **MARTINS, Alice Fátima**
Becos e trânsitos entre escola e cinema In: Pedagogias Culturais.1 ed.Santa Maria: Editora da UFSM, 2014, v.1, p. 177-196.

31. AZEVEDO, A. P. F.; AMORIM, F. I. M.; **MARTINS, Alice Fátima**
Cinema: desencadeando memórias In: Prêmio SBPC/GO de Popularização da Ciência: Coletânea de Artigos Premiados.1 ed.Goiânia: Gráfica e Editora Sete LTDA, 2014, v.1, p. 167-170.

32. **MARTINS, Alice Fátima**
Engenheiros genéticos e "filhos do amor": embates além da ficção In: Engenharia genética e suas implicações.1 ed.Madrid: Common Ground Publishing, 2014, v.1, p. 49-61.

33. **MARTINS, Alice F.**; KLEM, D. M. S.
IMAGENS DIGITAIS: CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO In: Cultura da imagem: pesquisas, poéticas e mediações.1 ed.Montes Claros: Polo Arte na Escola da Universidade Estadual de Montes Claros, 2014, v.1, p. 7-18.

34. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
O CINEMA TUPINIQUIM DO SISTEMA COOPERAÇÃO In: Cultura visual e ensino de arte: concepções e práticas em diálogo.1 ed.Pelotas: Editora UFPel, 2014, v.1, p. 72-92.

35. **MARTINS, Alice Fátima**
Um certo encontro com Tàpies In: Trânsitos e Fronteiras em Educação da Cultura Visual.1 ed.Goiânia: Ed. UFG, 2014, v.1, p. 181-199.

36. **MARTINS, Alice Fátima**
Algumas frestas de luz, zonas de penumbra: densas sombras sobre pesquisas em contextos educativos e suas visualidades In: Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação.1 ed.Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2013, v.1, p. 181-200.

37. **MARTINS, Alice Fátima**; KLEM, D. M. S.
Imagens Digitais - Mediação na Cultura Contemporânea In: Cultura da imagem: pesquisas, poéticas e mediações.1 ed.Montes Claros: Polo Arte na Escola da Universidade Estadual de Montes Claros, 2013, v.1, p. 9-21.

38. MEDRADO, Allex; **MARTINS, Alice Fátima**
Os sujeitos desviantes e a questão do olhar educado In: Seminário Internacional de Rede ICCI – Imagens da cultura. Cultura das imagens.1 ed.São Paulo: ECA/USP, 2013, v.1, p. 912-927.

39. **MARTINS, Alice Fátima**
Arena aberta de combates, também alcunhada de cultura visual - anotações para uma aula de metodologia de pesquisa In: Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação.1 ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2012, v.1, p. 207-229.

40. **MARTINS, Alice Fátima**; SANTOS, Noeli B. dos
Conversas sobre imagens técnicas, jogadores libertários e o direito de brincar. In: Interações com visualidades em contextos de ensinar e aprender.1 ed.Goiânia: FUNAPE-FAV/UFG, 2012, v.1, p. 99-124.

41. **MARTINS, Alice Fátima**
Da Boca do Lixo às portas da fama: Afonso Brazza, uma história de paixão pelo cinema In: As artes populares no Brasil Central: performance e patrimônio.1 ed.Brasília: UnB/FLAAC/Idade da Pedra, 2012, v.1, p. 87-104.

42. **MARTINS, Alice Fátima**
O ensino de artes nas Escolas Parque In: Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964).1 ed.Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2011, v.1, p. 231-251.

43. **MARTINS, Alice Fátima**; BEZERRA JUNIOR, B. D.; MARTINS, R.; TOURINHO, I.; GUIMARÃES, Leda M. de B.
Atolados: troupes frouxas, terras instáveis, topografias ambíguas In: Desafios da educação artística em contextos ibero-americanos.1 ed.Porto, Portugal: APECV (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual), 2010, v.1, p. 48-58.

44. **MARTINS, Alice Fátima**
Toda criança desenha... Toda criança desenha?! In: Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola....1 ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2010, v.1, p. 227-247.

45. **MARTINS, Alice Fátima**
Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada In: Educação da cultura visual: narratvias de ensino e pesquisa.1 ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2009, v.1, p. 101-117.

46. **MARTINS, Alice Fátima**
Para reinventar narrativas imagéticas In: O ensino de artes visuais: desafios e possibilidades contemporâneas.1 ed.Goiânia: GRAFSET, 2009, v.1, p. 45-49.

47. **MARTINS, Alice Fátima**
Arte contemporânea e o ensino de Artes Visuais: mediações possíveis e desejáveis In: Galeria da FAV: percurso e reflexões.1 ed.Rio de Janeiro: Petrobrás, 2008, v.1, p. 13-18.

48. **MARTINS, Alice Fátima**
Conflitos e acordos de cooperação nos trânsitos das visualidades na educação escolar In: Visualidade e educação.1 ed.Goiânia: Funape, 2008, p. 97-108.

49. **MARTINS, Alice Fátima**

Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de Artes Visuais In: Arte, Educação e Cultura.1 ed.Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, v.1, p. 111-130.

50. **MARTINS, Alice Fátima**
Escolas-Parque: legado do educador Anísio Teixeira, patrimônio da educação brasileira. In: Anísio Teixeira na direção do INEP - programa para a reconstrução da nação brasileira: 1952-1964.1ª ed.Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005, p. 143-158.

51. **MARTINS, Alice Fátima**
Visões do futuro: projetando o devir em interpretações de filmes de ficção científica In: Cultura Visual e desafios da pesquisa em artes.1ª ed.Goiânia: FAV/UFG, 2005, v.2, p. 291-301.

Livros organizados

1. **MARTINS, Alice Fátima**; RIBEIRO, J. S.
ENCONTROS DE FOTOGRAFIA, CINEMA, ARTES DIGITAIS - ANAIS ISBN 9788549501554. Goiânia: Gráfica UFG/UEG, 2017, v.1. p.259.

2. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.
Imagens, olhares, narrativas. Curitiba: Editora CRV, 2016, v.1. p.156.

3. MARTINS, R.; **MARTINS, Alice Fátima**
Cultura visual e ensino de arte: concepções e práticas em diálogo. Pelotas: Editora UFPel, 2014, v.1. p.120.

4. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, R.
Trânsitos e Fronteiras em Educação da Cultura Visual. Goiânia: Ed. UFG, 2014, v.1. p.184.

5. MARTINS, Alice Vieira; MARTINS, R. S.; **MARTINS, Alice Fátima**
Do rascunho ao livro... do livro aos corações. Brasília: Thesaurus, 2012, v.1. p.157.

6. MARTINS, R.; **MARTINS, Alice Fátima**
Interações com visualidades em contextos de ensinar e aprender. Goiânia: Cegraf, 2012, v.1. p.230.

7. MARTINS, Alice Vieira; MARTINS, R. S.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Poeta meia tigela: canto para disfarçar. Brasília: Thesaurus, 2011, v.1. p.141.

8. MARTINS, Alice Vieira; MARTINS, R. S.; **MARTINS, Alice Fátima**
Passo a Passo. Brasília: Thesaurus, 2010, v.1. p.152.

9. **MARTINS, Alice Fátima**; COSTA, L. E.; MONTEIRO, R. H.
Cultura Visual e desafios da pesquisa em artes. Goiânia: FAV/UFG, 2005, v.2. p.1200.

10. **MARTINS, Alice Fátima**; ALCANTARA, M. H.; CARNEIRO, M. A.; CARNEIRO, M. S. S. U.
Metodologias aplicadas na educação profissional de pessoas com deficiência mental e múltipla. Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2005, v.1. p.239.

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. **MARTINS, Alice Fátima**; PAIXAO JUNIOR, M. M.
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO In: 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2019, Goiás.
Anais do XXVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Goiânia: ANPAP, 2019. v.1. p.632 - 645

2. **MARTINS, Alice Fátima**; RIBEIRO, J. S.; VALENTE, A. C.; VIANA, C. E.
CONFLUÊNCIAS ENTRE REALIZAÇÃO CINEMATOGRÁFICA, EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO: OS CASOS DA AO NORTE E AVANCA, EM PORTUGAL ISBN 9789974015463 In: I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL, 2017, Montevidéu.
DISPOSITIVOS Y ARTEFACTOS / NARRATIVAS Y MEDIACIONES. Montevidéu: UdelaR, 2018. v.1. p.848 - 854

3. **MARTINS, Alice Fátima**
Dentro e fora de narrativas fílmicas: estratégias de pesquisa ISBN 21840520 In: Avanca Cinema International Conference, 2018, Avanca.
Avanca Cinema International Conference 2018. Avanca: Edições Cine-Clube de Avanca, 2018. v.1. p.762 - 770

4. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.
DOCUMENTÁRIO EM REDE E COLETIVISMO ARTÍSTICO. O DISPOSITIVO CORRESPONDÊNCIA COMO ESTRATÉGIA DE NARRAÇÃO AUDIOVISUAL ISBN 9789974015463 In: I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL, 2018, Montevidéu.
DISPOSITIVOS Y ARTEFACTOS / NARRATIVAS Y MEDIACIONES. Montevidéu: UdelaR, 2018. v.1. p.1031 - 1039

5. **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.; OLIVEIRA, P. P.
QUESTÕES SOBRE ESTÉTICA E POLÍTICA NA PRODUÇÃO DE TRÊS REALIZADORES NO CINEMA ISBN 9789974015463 In: I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL, 2017, Montevidéu.
ACTAS DEL I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL DISPOSITIVOS Y ARTEFACTOS / NARRATIVAS Y MEDIACIONES. Montevidéu: UdelaR, 2018. v.1. p.903 - 910

6. **MARTINS, Alice Fátima**
A educação, as artes, e a presença feminina na produção cinematográfica ISBN/ISSN 21758212 In: 26º Encontro da ANPAP, 2017, Campinas.
MEMÓRIAS E INVENTAÇÕES. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. v.1. p.1575 - 1587

7. **MARTINS, Alice F.**
O que temos aprendido com o cinema? In: 6.a Conferência Internacional de Cinema de Viana do Castelo, 2017, Viana do Castelo, Portugal.
Encontros de Cinema: 6a conferência de cinema de Viana do castelo. Viana do Castelo: Ao Norte, 2017. v.1. p.27 - 35

8. **MARTINS, Alice Fátima**
Quando cai na rede... apontamentos sobre cinema e cultura digital ISBN/ISSN 21840520 In: Cinema Avanca International Conference 2017, 2017, Avanca.
Avanca | Cinema International Conference 2017. Avanca: Edições Cine-Clube Avanca, 2017. v.1. p.962 - 966

9. **MARTINS, Alice Fátima**
Um anjo benjaminiano sobre bicicleta e cartografias afetivas ISSN/ISBN 9788563552204 In: XX ENCONTRO DA SOCINE, 2017, Curitiba.
Anais de textos completos do XX Encontro da SOCINE. São Paulo: SOCINE, 2017. v.1. p.65 - 72

10. **MARTINS, Alice Fátima**
DA PRODUÇÃO FÍLMICA AO EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO, UMA COOPERAÇÃO ENTRE AMIGOS In: VI encontro anual da AIM, 2016, Porto.
Atas do VI Encontro Anual da AIM. Lisboa: AIM, 2016. v.1. p.326 - 334

11. **MARTINS, Alice Fátima**; ARAUJO, B. E. M.
FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA: DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES A PARTIR DO FILME BRAZIL In: 25º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 2016, Porto Alegre.
ARTE: SEUS ESPAÇOS E/EM NOSSO TEMPO. Porto Alegre: ANPAP, 2016. v.1. p.116 - 127

12. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
Plataforma Vimeo, Coletivo Garapa e a economia criativa: questões em curso In: IV Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas - SIIMI 2016, 2016, Goiânia.
Anais do Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas/2016 - Ignição. Goiânia: MediaLab UFG, 2016. v.1. p.552 - 563

13. OSPINA, J. S. A.; TORO, P. A. C; **MARTINS, Alice Fátima**
Narrando Nuevas Masculinidades In: "I Bienal Latinoamérica de Infancias y Juventudes. Democracias, Derechos Humanos y Ciudadanías"., 2014, Manizales.
Infancias y Juventudes Latinoamericanas. Buenos Aires: Centro Editorial CINDE/CLACSO, 2015. v.1. p.1 - 20

14. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
POR UMA PESQUISA À MEIA-LUZ EM CULTURA VISUAL In: VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2015, Goiânia.
Arquivos, memórias, afetos. Goiânia: Ed. UFG, 2015. v.1. p.617 - 621

15. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
REFLEXIVIDADE EU-OUTRO: UMA ESTRATÉGIA DE PESQUISA COM AUDIOVISUAL E COLETIVOS In: 24º Encontro Nacional da ANPAP, 2015, Santa Maria/RS.
Anais do 24º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. Santa Maria/RS: ANPAP/UFSM, 2015. v.1. p.3992 - 4006

16. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.
JOGAR FAGULHAS DE PRODUÇÃO COLETIVA E EM REDE In: SIIMI 2014, 2014, Goiânia.
Anais do III SIIMI 2014. Goiânia: Media Lab/UFG, 2014. v.1. p.67 - 80

17. **MARTINS, Alice Fátima**; ROCHA, C.
ARTE RELACIONAL EM UMA POÉTICA COLABORATIVA: NÓS & NÓS In: 22º Encontro Nacional da ANPAP, 2013, Belém.
Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Ecossistemas Estéticos. Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, 2013. v.1. p.3519 - 3530

18. SOLDERA, D.; **MARTINS, Alice Fátima**
Conversando sobre as imagens, da luz às trevas In: I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, 2013, Londrina.
Anais do I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. v.1. p.773 - 791

19. CIRINO, Renato.; **MARTINS, Alice Fátima**
HOMO SENSITIVUS: UMA REFLEXÃO SOBRE SENSIBILIDADE DO PROFESSOR DE ARTES VISUAIS EM FORMAÇÃO In: V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2012, Goiânia.
Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: FAV/UFG, 2012. v.1. p.1075 - 1086

20. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
SAI DA CAIXA O INÍCIO DE UMA AVENTURA EMANCIPATÓRIA COM O ENSINO AUDIOVISUAL In: 21º Encontro Nacional da ANPAP, 2012, Rio de Janeiro.
Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online). Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. v.1. p.2171 - 2185

21. FERREIRA, Júlia M.; **MARTINS, Alice Fátima**
AS IMAGENS TÉCNICAS COMO REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA SEM TERRA In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2011, Goiânia/GO.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia/GO: Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2011. v.1. p.1055 - 1067

22. ROSA, Aline N. da; **MARTINS, Alice Fátima**
CARTOGRAFAR VISUALIDADES E BRICOLAMENTOS AFETIVOS: POSSIBILIDADES PARA PENSAR A DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS In: 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio de Janeiro.
Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. v.1. p.1 - 11

23. **MARTINS, Alice Fátima**; ROSA, Aline N. da
CARTOGRAFIAS PARA PENSAR VISUALIDADES E BRICOLAMENTOS AFETIVOS: INVENÇÃO DE POSSÍVEIS PARA DESENHAR-SE NA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2011, Goiânia.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2011. v.1. p.796 - 805

24. **MARTINS, Alice Fátima**; SANTOS, Noeli B. dos
CONVERSAS SOBRE IMAGENS TÉCNICAS, JOGADORES LIBERTÁRIOS E O DIREITO DE BRINCAR In: 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio de Janeiro.
Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. v.1. p.1 - 14

25. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Impressões do vazio In: II Congresso Internacional Criadores Sobre outras Obras 2011, 2011, Lisboa.
Quando os criadores apresentam obras de outros criadores: Actas do II Congresso Internacional Criadores Sobre Outras Obras - CSO'2011. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2011. v.1. p.15 - 23

26. ROCHA, C.; LOPES JUNIOR, Vanderlei V. C.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
JOGOS ELETRÔNICOS NA APRENDIZAGEM: PROBLEMATIZAÇÕES In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2011, Goiânia.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia/GO: Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2011. v.1. p.910 - 921

27. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
NARRATIVAS FÍLMICAS E UMA CERTA ESTÉTICA DA DESTRUIÇÃO In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2011, Goiânia.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia/GO: Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2011. p.1419 - 1423

28. MEDRADO, Allex; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
PESQUISADOR-AMADOR In: IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2011, Goiânia/GO.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia/GO: Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2011. v.1. p.806 - 817

29. KANDA, Aishá Terumi; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; AFONSO, M. A.; COIMBRA, Tatianny Leão
PORTAL B: ENTRE-LUGARES, (DES)ENCONTROS POSSÍVEIS In: 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio de Janeiro.
Anais do 20º Encontro Nacional da ANPAP:. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. v.1. p.1 - 13

30. KANDA, Aishá Terumi; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; AFONSO, M. A.; COIMBRA, Tatianny Leão
PORTAL L: ENTRE-LUGARES, (DES)ENCONTROS POSSÍVEIS In: 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio

de Janeiro.
Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online). Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. v.1. p.1 - 15

31. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Simião Martiniano: cineasta, mercador de imagens In: XV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011, Curitiba/PR.
Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Curitiba-PR, de 26 a 29 de julho de 2011. Curitiba/PR: UFPR, 2011. v.1. p.1 - 15

32. **MARTINS, Alice Fátima**
E o catador de papelão construiu um cinema In: 19º Encontro Nacional da ANPAP, 2010, Cachoeira/BA.
Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online). Salvador/BA: ANPAP/UFBA, 2010. v.1. p.1 - 12

33. **MARTINS, Alice Fátima**
Angelus Novus e o Anjo da História: narrativas fílmicas e uma certa estética da destruição In: 18º Encontro Nacional da ANPAP, 2009, Salvador.
Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP. Salvador: EDUFBA, 2009. v.1. p.3033 - 3042

34. **MARTINS, Alice Fátima**; BATISTA, N.
Apocalipse In: II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2009, Goiânia.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia/GO: FAV/UFG, 2009. v.1. p.1 - 12

35. ROCHA, C.; **MARTINS, Alice Fátima**; CARVALHO, Leonardo E. S.
Ciberespaço e a experiência do mundo In: WCCA'2009 World Congress on Communication and Arts, 2009, São Caetano.
Communication and arts beyond words and images. São Caetano, São Paulo: COPEC Council of Researches in Education and Sciences, 2009. v.1. p.1 - 32

36. **MARTINS, Alice Fátima**
Fluxos e contra-fluxos: reflexões sobre a filmografia de Afonso Brazza In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro.
Sociologia: consensos e controvérsias. Rio de Janeiro: SBS, 2009. v.1. p.1 - 10

37. **MARTINS, Alice Fátima**; CARDOSO, Marla; CUNHA, Leandro
O cinema e seu público: uma reflexão a partir de três filmes de João Bennio In: II Congresso de Educação, Arte e Cultura, 2009, Santa Maria/RS.
Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura. Santa Maria/RS: UFSM, 2009. v.1. p.1 - 10

38. **MARTINS, Alice Fátima**
Antropofagia e narrativa fílmica: pertencimentos In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008, Salvador/BA.
IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - anais/CDrom. Salvador/BA: FACOM/UFBA, 2008. v.1. p.1 - 11

39. ELER, Rogéria; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Imagens digitais: fluxos clandestinos em instituições escolares anacrônicas In: 17º Encontro Nacional da ANPAP, 2008, Florianópolis.
Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP. Florianópolis: UDESC/SC, 2008. v.1. p.1 - 12

40. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; CAMILO, A.
O Cinema como Mediador na Educação da Cultura Visual In: I Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2008, Goiânia.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: FAV/UFG, 2008. v.1. p.1 - 12

41. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; CAMILO, A.
O cinema como mediador na educação da cultura visual In: I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL, 2008, Goiânia/GO.
Anais do ... Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia/GO: FAV/UFG, 2008. v.1. p.1 - 12

42. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; SOARES, K. G.
UMA ANÁLISE SOBRE O FIGURINO CINEMATOGRÁFICO In: II ENCONTRO CENTRO-OESTE DE DESIGN DE MODA: novos territórios, desafios ao design de moda, 2008, Goiânia.
Novos Territórios: desafios ao design de moda. Goiânia: FAV/UFG, 2008. v.1. p.124 - 134

43. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Cinema e ensino de Artes Visuais: questões para reflexão In: I Congresso de Educação, Arte e Cultura, 2007, Santa Maria.
Anais do I Congresso de Educação, Arte e Cultura. Santa Maria: Centro de Educação/UFSM, 2007. v.1.

44. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Destruição: uma estética em questão In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia: Desigualdade, Diferença, Reconhecimento, 2007, Recife.
XIII Congresso Brasileiro de Sociologia: Desigualdade, Diferença, Reconhecimento. Recife: UFP/SBS, 2007. v.1. p.1 - 10

45. ABREU, C.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
EXERCÍCIO CURATORIAL NO ESPAÇO VIRTUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O ACERVO DA GALERIA DA FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV) In: IV CONPEEX: Ciência, Educação e Compromisso Social, 2007, Goiânia.
VI CONPEEX: Ciência, Educação e Compromisso Social. Goiânia: UFG, 2007. v.1. p.1 - 1

46. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Imagens Digitais, Imagens em Movimento e o Ensino de Artes Visuais In: I Seminário de Ensino de Arte: Desafios e Possibilidades, 2007, Goiânia.
Anais do I Seminário de Ensino de Arte: Desafios e Possibilidades. Goiânia: Ciranda da Arte/Secretaria de Educação/GO, 2007. v.1. p.1 - 10

47. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO DE ARTES VISUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES In: 16° Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas, 2007, Florianópolis.
Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2007. v.1. p.1 - 10

48. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Anel de Moebius do tempo: representações do futuro (futuros...) em filmes de ficção científica In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 2006, Florianópolis.
III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL - MUNDOS DA IMAGEM DO TEXTO AO VISUAL. Florianópolis/SC: UFSC, 2006. v.1.

49. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
CIDADES QUE HABITAM FILMES DE FICÇÃO CIENTÍFICA: UM BREVE SOBREVÔO In: 25ª RBA, 2006, Goiânia.
Anais da 25ª RBA. , 2006.

50. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Cidades que habitam filmes de ficção científica: um breve sobrevôo In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 2006, Florianópolis.
III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL - MUNDOS DA IMAGEM DO TEXTO AO VISUAL. Florianópolis/SC: UFSC, 2006. v.1.

51. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; ASSIS, H. L.
Outros modos de ver: imagens cinematográficas no ensino de artes visuais In: XV Encontro Anual da ANPAP, 2006, Salvador/BA.
Arte: limites e contaminações. Salvador/BA: UNIFACS, 2006.

52. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Sobre os embates entre nós e os aliens In: XV COMPÓS, 2006, Bauru/SP.
15ª COMPÓS - anais. Bauru: UNESP, 2006.

53. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Sobre os embates entre nós e os aliens In: XV COMPÓS, 2006, Bauru/SP.
Revista Caligrama. São Paulo: ECA/USP, 2006. v.1.

54. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; OLIVEIRA, D.
Visualidades da cena: relações entre as práticas corporais e religiosas do Vale do Amanhecer In: XV Encontro Anual da ANPAP, 2006, Salvador/BA.
Arte: limites e contaminações. , 2006.

55. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Entre o pensamento científico e as narrativas cinematográficas científico-ficcionais: questões de cunho metodológico In: XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 2005
Anais do XXIX Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2005.

56. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Sociedades totalitárias e a educação nos filmes de ficção científica In: I Congresso Internacional Luso-Brasileiro e II Congresso CIDINE, 2005, Florianópolis.
Anais dos Congressos CIDINE, 1ª ed.. , 2005. v.1.

57. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Visões do futuro: projetando o devir em interpretações de filmes de ficção científica In: 14º Encontro Nacional da ANPAP, 2005, Goiânia.
Cultura Visual e os Desafios da Pesquisa em Artes. Goiânia: Gráfica Elite, 2005. v.2.

58. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
O objeto do ensino das artes visuais: entre as noções de obra de arte e cultura visual In: 13º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2004, Brasília/DF.
Arte em pesquisa: especifidades. Brasília/DF: Pós Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2004. v.2. p.23 - 31

59. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Sociedades totalitárias e a educação nos filmes de ficção científica In: I Congresso Internacional Luso-Brasileiro e II Congresso CIDInE, 2004, Florianópolis.
Anais do I Congresso Internacional Luso-Brasileiro e II Congresso CIDInE. Goiânia: UCG/CIDInE, 2004.

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
As múltiplas linguagens da criança e a formação da identidade na educação infantil: processos de socialiação, linguagens artísticas e formação da identidade na criança In: 17º CONGRESSO DO SINPEEM, 2006, SÃO PAULO.
OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ATUAL. SÃO PAULO: SINPEEM, 2006. p.15 - 15

2. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Destruição: a nova estética das narrativas cinematográficas In: III Fórum de Pesquisa em Arte, 2006, Belém/PA.
Caderno de Resumos do III Fórum de Pesquisa em Arte. Belém: Universidade Federal do Pará, 2006. v.1.

3. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Fahrenheit 451: uma elegia à resistência da cultura por meio da tradição oral In: Fahrenheit 451: uma elegia à resistência da cultura por meio da tradição oral, 2005, Pirenópolis.
Caderno de Resumos do V Encontro Regional Centro-Oeste de História Oral. Goiânia: FE/UFG, 2005.

4. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Fahrenheit 451: uma elegia à resistência da cultura por meio da tradição oral In: V Encontro Regional Centro-Oeste de História Oral, 2005, Pirenópolis.
V Encontro Regional Centro-Oeste de História Oral Caderno de Resumos. Goiânia/GO: FEd/UFG, 2005. v.1. p.9 - 9

5. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; MARTINS, Alice Fátima
La nostalgie du futur In:
Revue Opus - Sociologie de l'Art. Paris: , 2005. v.6.

6. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
A etnografia na educação e a questão da cultura visual In: V Seminário de Pesquisa - Cultura Visual: Exercícios do Olhar, 2004, Goiânia/GO.
Cultura Visual: Exercícios do Olhar - caderno de resumos. Goiânia/GO: UFG/FAV, 2004. v.1. p.69 - 70

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo expandido)

1. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**; MORAES, P. C. S. C.; CRILLANOVICK, Quéfren; ROCHA, C.; MARIANO, Júlia; MARIANO, L.
NÓS SOMOS TODOS In: VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2014, Goiânia.
Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: Núcleo Editorial da FAV, 2014. p.24 - 40

2. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Césio 137 não é um filme de ficção científica - sobre a produção brasileira de filmes de ficção científica In: VI SEMINÁRIO DE PESQUISA, 2005, Goiânia.
Visualidades contemporâneas: transpondo fronteiras. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, 2005. v.1. p.17 - 20

3. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Césio 137 não é um filme de ficção científica – sobre o reduzido número de filmes de ficção científica de produção brasileira In: VI Seminário de Pesquisa - FAV, 2005, Goiânia.
VI Seminário de Pesquisa - FAV. Goiânia/GO: FAV/UFG, 2005. v.1. p.3 - 4

Artigos em jornal de notícias

1. **MARTINS, Alice Fátima**
Batalhas no trânsito. O Popular. Goiânia/GO, p.1 - 1, 2009.

2. **MARTINS, Alice Fátima**
A ficção científica no cinema e o sentido de futuro. Gazeta do Povo - Caderno Idéias. Curitba/PR, p.2 - 2, 2007.

Artigos em revistas (Magazine)

1. **MARTINS, Alice Fátima**
Cineasta, narrador, mercador de imagens: um certo Simião Martiniano. Revista Guayza, Revista del Centro de Estudios Socioculturales de Holguín, Cuba. Holguín, Cuba, p.1 - 7, 2013.

Demais produções bibliográficas

1. **MARTINS, Alice Fátima**
APONTAMENTOS SOBRE O FILME QUE LEO PYRATA NÃO FEZ. Coletânea de textos de crítica de cinema. Goiânia:III Fronteira International Documentary & Experimental Film Festival, 2017. (Outra produção bibliográfica)

2. RIBEIRO, J. M. G. S.; **MARTINS, Alice Fátima**
Cinema e Memória || Cinema and Memory. Catálogo de Festival Internacional de Cinema. Viana do Castelo:Ao Norte, 2017. (Outra produção bibliográfica)

3. **MARTINS, Alice Fátima**
Entre a ficção e o documento, trânsitos para lá de amazônicos. Catálogo de Festival de Cinema. Pirenópolis:Pirenópolis Doc - Festival de Documentário Brasileiro, 2017. (Outra produção bibliográfica)

4. JESUS, S.; **MARTINS, Alice Fátima**
A Infância da Arte. Catálogo de exposição. Goiânia:Galeria da FAV/UFG, 2015. (Outra produção bibliográfica)

5. MARTINS, Alice Vieira; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Passo a Passo. fotografia para livro de poesia. Brasília:Thesaurus, 2010. (Outra produção bibliográfica)

Produção técnica

Trabalhos técnicos

1. **MARTINS, Alice Fátima**
Comissão científica do III Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual, 2019

2. **MARTINS, Alice Fátima**
Consultora ad hoc do processo de avaliação dos planos de trabalho submetidos ao Edital 2019 do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica da UFG, 2019

3. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.; ABDALA JR, R.; LIGNELLI, César; BARCELOS, P.
Coordenação do GT Performances Culturais e Visualidades, no V Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais – Democracia e Direitos Humanos/UFG, 2019

4. **MARTINS, Alice Fátima**
Escala docente AUGM, 2019

5. **MARTINS, Alice Fátima**
Comissão Científica do II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018

6. **MARTINS, Alice Fátima**
Comissão Científica do 5º Colóquio de Apresentação de Produções Acadêmicas CAPPA, 2018

7. **MARTINS, Alice Fátima**
Consultoria ad hoc PIBIC/PIBITI - UFG, 2018

8. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista AD HOC - CNPq, modalidade Apoio à Participação em Eventos Científicos no Exterior -AVG, 2018

9. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista ad hoc da Editora UFPR, 2018

10. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista AD HOC MEC/CAPES - categorias PEV, VEJ, Doutorado, PEC/PG, 2018

11. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista ao Programa de Apoyo a Publicaciones, de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC), Universidad de la República, 2018

12. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista Revista Histedbr/UNICAMP, 2018

13. **MARTINS, Alice Fátima**
Comissão Científica da VI SAU - Semana de Cinema e Audiovisual, 2017

14. **MARTINS, Alice Fátima**
Comissão Científica do I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual, 2017

15. **MARTINS, Alice Fátima**; RIBEIRO, J. M. G. S.; COSTA, M. H.; CAMILO, A.; ASSIS, F.
Comissão Científica dos Encontros Fotografia, Cinema e Artes Digitais, edição 2017, 2017

16. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.; ROSA, Aline N. da
Comissão Científica 26º Encontro Nacional da ANPAP, 2017

17. **MARTINS, Alice Fátima**
Emissão de parecer Ad Hoc - AVG - 2012, 2017

18. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecer ao Programa Doutorado Pleno no Exterior 2016 - CAPES, 2017

19. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecer ao Programa PVE, Edital nº 65/2014 ? 2ª Chamada de 2016 - CAPES, 2017

20. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista Ad Hoc Chamada CNPq N º 12/2017 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ, 2017

21. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista Ad Hoc PECPG – Edital nº 32/2017 – CAPES, 2017

22. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista CNPq, Edital PDE/2017, 2017

23. **MARTINS, Alice Fátima**
Avaliação de relatórios finais de PIBIC na UFOB, 2016

MARTINS, Alice Fátima

24. **consultora ad hoc/PIBIC - IF Goiano Campus Iporá**, 2016

25. **MARTINS, Alice Fátima**; SILVA, Wagner B.; SILVA, C. A. B.; ABREU, C. L.
Curadoria do ensaio visual 'Arte fora da norma: a obra de Moacir, o Nô, da Vila de São Jorge', na Revista Visualidades, 2016

26. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecer para a Revista InterCambios/UdelaR (ISSN 2301-0118, E-ISSN 2301-0126), 2016

27. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIBIC) da UFOB, 2016

28. **MARTINS, Alice Fátima**
Comissão Científica do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2015

29. **MARTINS, Alice Fátima**
COMISSÃO CIENTIFICA E EDITORIAL DO SEMINÁRIO MÉTODOS VISUAIS & CULTURAS DAS IMAGENS, 2015

30. **MARTINS, Alice Fátima**
Emissão de parecer ad hoc Participação em Eventos Científicos no Exterior - AVG / Apoio a Eventos Científicos - CNPq, 2015

31. **MARTINS, Alice Fátima**
Emissão de Parecer Ad Hoc AVG 2012 - CNPq, 2015

32. FREITAS, N. A.; **MARTINS, Alice Fátima**
Membro da Comissão Científica do Programa Visualidades, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2015

33. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista ad hoc 24º Encontro Nacional da ANPAP, 2015

34. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIBIC) da UFOB, 2015

35. **MARTINS, Alice Fátima**
Parecerista externo: avaliação de livro encaminhado para publicação - Editora da UFSM, 2015

36. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Análise e avaliação do Projeto de pesquisa PVE11248-2014 e planos de trabalho - PROPESQ-UFRN, 2014

37. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Avaliação de cursos de Artes Visuais para o Guia do Estudante - Editora Abril, 2014

38. **MARTINS, Alice Fátima**
Avaliação para o Programa de Apoyo a Publicaciones 2014, CSIC, UdelaR, Montevidéu, 2014

39. FREITAS, N. A.; **MARTINS, Alice F.**
Membro da Comissão Científica do Programa Visualidades, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), 2014

40. **MARTINS, Alice Fátima**
Membro do Comitê Externo PIBIC da UFOB, 2014

41. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; TOURINHO, I.; COUTINHO, R.; CARVALHO, Lívia Marques; SILVA, M. C. R. F.
Membro do Conselho Editorial dos Anais do 22º Encontro Nacional da ANPAP, 2014

42. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecer sobre trabalhos inscritos ao VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2014

43. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecer sobre trabalhos inscritos no 23º Encontro Nacional da ANPAP, 2014

44. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecerista para o Comitê Editorial da Edições UESB, pelo Edital-179/2013 de Livros Técnico Científicos, da UESB, 2014

45. **MARTINS, Alice F.**
9º Ciclo de Investigações - Transgressões, 2014

46. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Avaliadora de cursos de Artes Visuais para o Guia do Estudante - Editora Abril, 2013

47. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecerista ad hoc CAPES, 2013

48. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; TOURINHO, I.; COUTINHO, R.; PILAR, A. D.
Parecerista do Comitê Educação em Artes Visuais, para o 22º Encontro Nacional da ANPAP, 2013

49. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de
Parecerista e propositora do Simpósio Regimes de Visualidades e Educação, no 22º Encontro Nacional da ANPAP, 2013

50. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecerista para o 23 CONFAEB, 2013

51. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Digital do LAV (ISSN: 1983-7348), 2013

52. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Avaliadora para o Guia do Estudante - Editora Abril, 2012

53. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; ROSARIO, M.
Comisión Sectorial de Investigación Científica - CSIC - UdelaR - avaliação, 2012

54. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Digital do LAV (ISSN: 1983-7348), 2012

55. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Visualidades (ISSN 1679-6748), 2012

56. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2012

57. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecerista do IV Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2011

58. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima

Avaliadora para o Guia do Estudante - Editora Abril, 2010

59. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecerista para o Confaeb 20 anos, 2010

60. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; MARTINS, R.; TOURINHO, I.; GUIMARÃES, Leda M. de B.; COUTINHO, R.; NASCIMENTO, Erinaldo A. do
Parecerista para o III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2010

61. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Digital do LAV (Online), ISSN 1983-7348, 2010

62. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
ESPAÇO DO CONHECIMENTO TIM UFMG, 2009

63. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecerista da Revista do LAV, 2009

64. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Digital do LAV (Online), ISSN 1983-7348, 2009

65. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Instituto Memória Editora e Projetos Culturais, 2008

66. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Digital do LAV (Online), ISSN 1983-7348, 2008

67. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Sociedade & Estado, 2008

68. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Visualidades: Revista do Mestrado em Cultura Visual, 2008

69. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; EDUARDO, Cléber; GROSSI, Murilo
8ª Goiânia Mostra Curtas - Curta Mostra Goiás - Instituto Icumam, 2008

70. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; GROSSI, Murilo; EDUARDO, Cléber
8ª Goiânia Mostra Curtas - Curta Mostra Municípios - Instituto Icumam, 2008

71. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
I Congresso de Educação, Arte e Cultura, 2007

72. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Estado e Sociedade - Dossiê: Sociologia da Arte Hoje, 2005

Demais produções técnicas

1. **MARTINS, Alice Fátima**
Cineastas latinoamericanas que fazem filmes de ficção, 2019. (Relatório de pesquisa)

2. **MARTINS, Alice Fátima**; ABREU, C. L.
Pedagogias de fronteira, 2018. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional)

3. RIBEIRO, J. M. G. S.; **MARTINS, Alice Fátima**
Fora de Campo: Cinema, narrativas, lugares de memória, 2017. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

4. **MARTINS, Alice Fátima**
Oficina Brevidades, de fotografia e poesia, 2017. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

5. **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.
OfiCineDada, 2016. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

6. **MARTINS, Alice Fátima**
Taller en Jornadas de formación docente de la Licenciatura en Diseño de Comunicación Visual / 2016, 2016. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

7. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Taller de "Didáctica del Diseño", 2014. (Especialização, Curso de curta duração ministrado)

8. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Parecer ad hoc - CAPES - pós-doutorado pelo Programa Ciência Sem Fronteiras, 2013. (Outra produção técnica)

9. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Inter-Ação, 2013. (Outra produção técnica)

10. MONTEIRO, R. H.; ROCHA, C.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Trans: VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2013. (Anais, Editoração)

11. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
TECNOLOGÍAS CONTEMPORÁNEAS DE LA IMAGEN Y OTRAS NARRATIVAS VISUALES, 2012. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

12. OLIVEIRA, A. M. V.; CAIXETA, Eline M. M. P.; SAMPAIO, G. A.; MARQUES FILHO, A.; SILVA, Wagner B.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Comissão de Pesquisa da Faculdade de Artes Visuais, 2011. (Outra produção técnica)

13. ARANTES, Kelly C. M.; MARTINS, R.; TOURINHO, I.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Contando Historias Olvidadas: las relaciones entre el poder y sus márgenes en las historias de êxito de profesores condenados al fracaso., 2011. (Outra produção técnica)

14. QUARESMA, Alexandre; BAMBERG, Jario R. P.; ROCHA, C.; AFONSO, M. A.; SANTOS, Noeli B. dos; GOYA, Edna; COUTINHO, Laura; MOELLMANN, Adriana; TEIXEIRA, J. G. L. C.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Curadoria da Revista Z Cultural, ano VII, nº 2, 2011. (Periódico, Editoração)

15. MONTEIRO, R. H.; ROCHA, C.; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Visualidades, 2011. (Outra produção técnica)

16. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Catadores de sucata da indústria cultural, 2010. (Relatório de pesquisa)

17. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Reorientação Curricular na Prática - Arte, 2010. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

18. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Análise de mérito, 2009. (Outra produção técnica)

19. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Análise de mérito, 2009. (Outra produção técnica)

20. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima

Instituto Memória, 2009. (Outra produção técnica)

21. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Revista Eletrônica do LAV, 2008. (Outra produção técnica)

Produção artística/cultural

Artes Visuais

1. **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **O Legado do Artífice**, 2020. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Sistema CooperAÇÃO Amigos do Cinema, Instituto Kaapykongo, Macaco Amarelo Produções. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Cineasta.

2. MUNIZ, Martins; **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.
Evento: **Agonia**, 2019. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Sistema CooperAção Amigos do Cinema. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Performer.

3. MUNIZ, Martins; **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.
Evento: **Anos de delírio**, 2019. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Sistema CooperAção Amigos do Cinema. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Performer.

4. LIGNELLI, César; **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Estandarte para o espetáculo DeBanda**, 2018. Cidade do evento: Brasília. País: Brasil. Instituição promotora: DeBanda. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Artista Plástico.

5. **MARTINS, Alice Fátima**; CAIAPONIA, H.; ANDRADE FILHO, A.
Evento: **IMBILINO E O BAÚ DE OURO**, 2018. Cidade do evento: Caiapônia. País: Brasil. Instituição promotora: Gigante Filmes Produções. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Performer. Home-page: https://www.youtube.com/watch?v=3XDGGI39Dd4.

6. PEREGRINO, S.; **MARTINS, A. F.**; COSTA, M. H.; BORGES, R. A. T.
Evento: **Imbilino vai ao cinema - entrevista para filme documentário sobre o trabalho de Hugo Caiapônia no cinema.**, 2017. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Universidade Estadual de Goiás, Futura. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Performer.

7. **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Brevidades**, 2016. Cidade do evento: Brasília/DF. País: Brasil. Instituição promotora: Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Artista Multimídia. Premiação: Premio Cassiano Nunes.

8. **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.; MARU, A. F.; BEATRIZ, C.; SANTOS, D. A. C.; TRINDADE, G.; OLIVEIRA, J.; ARAGAO, M.; PIRES, M.; CENA, N.; BRAGA, R.
Evento: **CARACOL CRAMUNHÃO QUESTIONA O TEMPO MÍNIMO DE ORGIA INFORMAL NA LAGOA COMO OBJETO DE SOCIALIZAÇÃO**, 2016. Local Evento: Cabaret Voltaire. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Grupo EmpreZa, Balaio Produções e Cabaret Voltaire. Tipo de evento: Exposição Coletiva Convite.

Atividade dos autores: Vídeo Maker. Home-page: https://www.youtube.com/watch?v=7NcFEdRNNXA.

9. **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Ensaio Visual para Revista Visualidades**, 2016. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Artes Visuais/FAV/UFG. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Fotógrafo. Home-page: https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/issue/view/1807.

10. SATLER, L.; **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Imagens, olhares, narrativas**, 2016. Local Evento: Vila Cultural Cora Coralina. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: NPTI/FIC/UFG. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Artista Visual. Temporada: 3 de junho a 16 de julho de 2016.

11. **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.
Evento: **Mostra de Cinema Dadá**, 2016. Local Evento: Cine UFG. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Grupo EmpreZa, Balaio Produções e Cabaret Voltaire. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Curador. Home-page: http://dadaspringbrasil.com.br/programacaocal.

12. MUNIZ, Martins; **MARTINS, Alice Fátima**; MOTA, N. L.
Evento: **Egotismo**, 2015. Local Evento: Catedral das Artes. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Sistema CooperAção Amigos do Cinema, Catedral das Artes. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Performer.

13. **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Egotismo: still**, 2015. Local Evento: Catedral das Artes. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Sistema CooperAção Amigos do Cinema, Catedral das Artes. Tipo de evento: Exposição Individual.

Atividade dos autores: Fotógrafo.

14. CAIAPONIA, H.; ANDRADE FILHO, A.; **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Imbilino 6: Uma linda assombração**, 2015. Local Evento: Teatro Municipal. Cidade do evento: Caiapônia/GO. País: Brasil. Instituição promotora: Gigante Produções. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Performer.

15. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.; CRILLANOVICK, Quéfren; ROCHA, C.; FERREIRA, Júlia M.; MARIANO, L.; MORAES, P. C. S. C.
Evento: **Nós somos todos - narrativa poético visual**, 2014. Local Evento: Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Vídeo Maker.

16. MUNIZ, Martins; **MARTINS, Alice F.**
Evento: **Parkinson... e agora?**, 2014. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Sistema CooperAção Amigos do Cinema. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Performer. Home-page: https://www.youtube.com/watch?v=nl3hLAjmWlk.

17. **MARTINS, Alice Fátima**; SATLER, L.; SOLDERA, D.
Evento: **Intervenção artística coletiva Tramas no Jardim de Inverno**, 2013. Local Evento: Biblioteca Central - Campus Samambaia. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Artes Visuais/UFG. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Artista Visual. Temporada: 9 de julho a 30 de julho de 2013.

18. **MARTINS, Alice Fátima**; CRILLANOVICK, Quéfren; ROCHA, C.
Evento: **NÓS & NÓS - instalação relacional, em que foi disponibilizada uma estrutura de metal e teares, fios, cordas, fibras diversas, para o público tecer, amarrar, tramar livremente, produzindo um grande nó coletivo. Centenas de pessoas atenderam ao convite, participando ativamente.**, 2013. Local Evento: Galeria da FAV/UFG, Praça do Chafariz/Goiás/GO, UNIMONTES, MediaLab/UFG. Cidade do evento: Goiânia/GO, Goiás/GO, Montes Claros/MG. País: Brasil. Instituição promotora: Galeria da FAV/UFG, Festival de Arte/IFG, Arte na Escola/UNIMONTES, FAV/EaD/MediaLab. Tipo de evento: Exposição Individual Edital.

Atividade dos autores: Artista Visual. Temporada: 19 de fevereiro a 5 de março de 2013.

19. **MARTINS, Alice Fátima**; FERREIRA, Júlia M.; MYLENA, L.; SIQUEIRA, C.
Evento: **Nós & Nós proporciona experiências de arte relacional. Fotos sobre a instalação relacional NÓS & NÓS, publicadas em matéria veiculada pelo Jornal da UFG, de periodicidade mensal.**, 2013. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Universidade Federal de Goiás. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Fotógrafo. Home-page: http://www.jornalufgonline.ufg.br/uploads/243/original_Jornal_UFG_57__P16.pdf?1366223103.

20. MARTINS, Alice Vieira; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, R. S.
Evento: **Autoria das fotografias que integram o livro Do rascunho ao livro... do livro aos corações, no formato de ensaio poético-fotográfico**, 2012. Local Evento: Brasília/DF. Cidade do evento: Brasília/DF. País: Brasil. Instituição promotora: Editora Thesaurus. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Fotógrafo.

21. **MARTINS, Alice Fátima**; MUNIZ, Martins
Evento: **Fora do padrão: o filme**, 2012. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Martins Muniz e Sistema de CooperAÇÃO Amigos do Cinema. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Fotógrafo.

22. MARTINS, Alice Vieira; **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, R. S.
Evento: **Autoria das fotografias que integram o livro Poeta meia tigela: canto para disfarçar, no formato de ensaio poético-fotográfico**, 2011. Cidade do evento: Brasília. País: Brasil. Instituição promotora: Editora Thesaurus. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Fotógrafo.

23. **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **edição e apresentação do vídeo NARRATIVAS FÍLMICAS E UMA CERTA ESTÉTICA DA DESTRUIÇÃO**, 2011. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Artes Visuais/UFG. Tipo de evento: Apresentação.

Atividade dos autores: Vídeo Maker.

24. **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Intervenção artística coletiva Tramas à beira dos caminhos**, 2011. Local Evento: Campus Samambaia/UFG. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Artes Visuais/UF. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Artista Visual.

25. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Evento: **organização, produção e manutenção do Bloco de notas e rabiscos, com literatura, fotografia e informações artístico-culturais**, 2011. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Blogger. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Web artist. Home-page: http://www.blocodenotaserabiscos.blogspot.com/.

26. MARTINS, Alice Vieira; MARTINS, R. S.; **MARTINS, Alice Fátima**
Evento: **Passo a Passo - ilustração de livro de poesias**, 2010. Cidade do evento: Brasília/DF. País: Brasil. Instituição promotora: Editora Thesaurus. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Fotógrafo.

27. AFONSO, M. A.; LOPES, Bárbara; COIMBRA, Tatianny Leão; **MARTINS, Alice Fátima**; CRILLANOVICK, Quéfren
Evento: **PEQUINIQUE**, 2010. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Grupo Arquigravura. Tipo de evento: Outro.

Atividade dos autores: Performer.

28. **MARTINS, Alice Fátima**; CAMILO, A.; ABREU, C.
Evento: **Cenas Urbanas**, 2008. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Programa de Pós Graduação em Cultura Visual - FAV/UFG. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Fotógrafo.

29. **MARTINS, Alice Fátima**; AFONSO, M. A.; BAMBERG, J.; Behatriz, Anna; Melo, Bruno; Alves, Cris; Edivaldo Jr; Cunha, Reijane; Farias, Rildo; Gonçalves, Sammuel; Zago,Vanessa; Figueiredo, Vinicius
Evento: **Pátria que o Pariu! Exposição coletiva, a convite do Museu de Arte de Goiânia, envolvendo técnicas como fotografia, vídeoarte, gravura, instalação, arte postal e outros.**, 2008. Local Evento: Praça Universitária. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Museu de Arte de Goiânia. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Artista Visual.

30. **MARTINS, Alice Fátima**; AFONSO, M. A.
Evento: **GRUPO TEIA: INTERVENÇÕES TRAMADAS**, 2007. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Universidade Estadual de Goiás e Universidade Federal de Goiás. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Artista Visual.

31. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima; AFONSO, M. A.
Evento: **Tramas no muro**, 2007. País: Brasil. Instituição promotora: Aliança Francesa - Goiânia/GO. Tipo

de evento: Exposição.

Outra produção artística/cultural

1. **MARTINS, Alice Fátima**; RIBEIRO, J. M. G. S.; VALENTE, A. C.
Evento: **Noutras Falas - curadoria de mostra de filmes falados em língua portuguesa, mas não brasileiros, como parte da programação do Festival de Documentário Brasileiro**, 2017. Local Evento: Cinema Pireneus. Cidade do evento: Pirenópolis. País: Brasil. Instituição promotora: UFG, Ao Norte, Cine Clube de Avanca, Pirenópolis Doc,. Duração: 240. Tipo de evento: Festival de cinema.

Atividade dos autores: curadoria. Data da estreia: 20/08/2017. Local da estreia: Cinema dos Pireneus. Home-page: http://w w w.pirenopolisdoc.com.br/2017/mostra-noutras-falas/.

2. **MARTINS, Alice Fátima**; CIRINO, Renato.
Evento: **MOSTRA DE CINEMA DADA**, 2016. Local Evento: Cine UFG. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Balaio Produções. Duração: 600. Tipo de evento: DADASpring - mostra de cinem.

Atividade dos autores: Curadoria. Data da estreia: 26/09/2016. Local da estreia: Cine UFG - Goiânia. Home-page: http://dadaspringbrasil.com.br/programacao/.

3. **MARTINS, Alice Fátima**; MARTINS, Alice Fátima
Evento: **Mostra Outros Fazedores de Cinema**, 2014. Local Evento: Cine Ouro. Cidade do evento: Goiânia. País: Brasil. Instituição promotora: Media Lab/FAV/UFG e Secretaria Municipal de Cultura/Goiânia/GO. Duração: 1080. Tipo de evento: Simpósio Internacional.

Atividade dos autores: Curadoria. Data da estreia: 14/04/2014. Local da estreia: Cine Ouro, Goiânia/GO. Home-page: http://siimi.medialab.ufg.br/?page_id=1445.

Orientações e Supervisões

Orientações e supervisões

Orientações e supervisões concluídas

Dissertações de mestrado: orientador principal

1. Itandehuy Castañeda Demesa. **em construção**. 2019. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
2. Alda Alexandre. **PERCORRENDO TANGERINE: ROTAS DE CONFLUÊNCIA**. 2019. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás
3. BRUNO EDUARDO MORAIS DE ARAÚJO. **O cinema de ficção científica na escola**. 2018. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
4. ANTONIA CAMILA ALVES MOREIRA. **O Museu na Escuta: A Experiência na Formação de Educadores**. 2016. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
5. Dânia Soldera. **FOTOGRAFIA: conversa com imagens, entre a luz e as trevas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
6. Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes. **Intervenções Clandestinas**. 2014. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
7. RENATO CIRINO MACHADO ALVES PEREIRA. **BRINCA_COMIGO: os sujeitos imagéticos e suas sensibilidades projetadas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás
8. VIRGINIA PERINI PERALTA CUNHA. **COTIDIANO, IMAGEM E EXPERIÊNCIA: UMA NARRATIVA ESCOLAR CONTEMPORÂNEA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
9. DILMA MARQUES SILVEIRA KLEM. **Experiências estéticas e cognitivas mediadas por imagens digitais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
10. Juan Sebastián Álvarez Ospina. **Pixeles que identifican. Etnografía digital sobre las identidades digitales de género y sexualidad en las interfaces del grupo GAY COLOMBIA**. 2013. Dissertação (Maestría en Diseño y Creación Interactiva) - Universidad de Caldas
11. JULIA MARIANO FERREIRA. **Tia, me ensina a tirar foto? Saberes partilhados, visões plurais de um assentamento rural**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
12. ALLEX RODRIGO MEDRADO ARAÚJO. **Entre artistas, cineastas e sujeitos desviantes, a questão do olhar educado**. 2012. Dissertação (Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
13. Marla Cardoso Oliveira Cunha. **"Vou te contar uma história!" - estudo a partir do filme Simeão, o Boêmio, de João Bennio.**. 2011. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás

14. Leandro Bezerra Cunha. **Cinema de índio: aspectos da produção audiovisual Kuikuro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Mestrado em Cultura Visual/FAV/UFG

15. Noeli Batista dos Santos. **Imagens técnicas e o ensino de artes: um jogo antropofágico**. 2010. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais

16. Rogéria Eler. **Imagens de Narcisos nas Prateleiras do Orkut**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

17. Adriane Camilo Costa. **O cinema como mediador na educação para a cultura visual**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

18. Luciana de Maya Ricardo. **Tessituras de identidades: o poder em suas mãos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

19. Henrique Lima Assis. **Outros Modos de Ver: imagens cinematográficas no ensino de artes visuais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

20. Daniela de Oliveira. **Visualidades em foco: conexões entre a cultura visual e o Vale do Amanhecer**. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

21. Angela Batista Rosa Mendes. **Visualidades produzidas por adolescentes a partir de filmes de ficção científica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

Dissertações de mestrado: co-orientador

1. Leonardo Eloi Soares de Carvalho. **Dualidades: sobre permanências e impertinências - um estudo sobre a percepção do ciberespaço**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais

2. Lilian Ücker. **Espaços reais e imaginados: um estudo de desenhos de alunos em escolas públicas de Goiânia**. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

3. Valeria Fabiane Braga Ferreira. **IMAGEM E ARTE NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS: VER, FAZER, FALAR E REFLETIR NUM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

4. Ana Lúcia Siqueira de Oliveira Nunes. **Festas e Celebrações: estudo sobre as visualidades escolares**. 2005. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Teses de doutorado: orientador principal

1. Paulo Passos de Oliveira. **JOSAFÁ DUARTE E O CINECORDEL: O CINEASTA CABRA DA PESTE CONTRA O DRAGÃO DE ROLIÚDI**. 2019. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

2. Adriane Camilo Costa. **O Protagonismo das Imagens em Propostas Pedagógicas na Escola de Tempo Integral de Goiânia**. 2019. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás

3. Juan Sebastián Álvarez Ospina. **CONVERSAÇÕES HIPERVISUAIS: VAMOS FALAR SOBRE OLHARES MASCULINIZADOS?**. 2018. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

4. Marcelo Henrique da Costa. **OLHARES MÓVEIS: NARRATIVAS AUDIOVISUAIS, DISPOSITIVOS MÓVEIS E EXPERIÊNCIAS CARTOGRÁFICAS**. 2018. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás

5. Paul Cezanne Souza Cardoso de Moraes. **VISÕES DA CAIXA DE PANDORA: FRICÇÕES ENTRE ARTISTA, INSTITUIÇÃO E PÚBLICO**. 2018. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

6. LARA LIMA SATLER. **TRAMAS FORMATIVAS EM AUDIOVISUAL: A MINHA AÇÃO DOCENTE À LUZ DE EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS COLETIVAS**. 2016. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa de Goiás

7. Vandimar Marques Damas. **VERMELHO E NEGRO: BELEZA, SENTIMENTOS E PROTEÇÃO ENTRE OS TAPIRAPÉ**. 2016. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás

8. Aline Nunes da Rosa. **Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais**. 2015. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Teses de doutorado: co-orientador

1. Paula Grazielle Viana dos Reis. **Antropologia compartilhada entre os Apyãwa (Tapirapé): cinema e etnografia**. 2019. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

2. Carla Luzia de Abreu. **Géneros y sexualidades no heteronormativas en las redes sociales digitales**. 2014. Tese (Programa de Doutorado "Arts i Educació") - Universitat de Barcelona

3. Mariane Blotta Abakerli Baptista. **Relaciones entre la cultura visual y la perspectiva educativa de los proyectos de trabajo en un trayecto de formación**. 2014. Tese (Programa de Doutorado "Arts i Educació") - Universitat de Barcelona

Monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização

1. Claudia Babinski. **O ENSINO DE ARTE E A APROXIMAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA E DAS NOVAS TECNOLOGIAS**. 2007. Monografia (Curso de Especialização em Arte Contemporânea) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
2. Eudirce Silva Almeida. **Duas mulheres de fibra**. 2005. Monografia (Especialização em Arte, Educação e Inclusão) - Faculdade de Artes Dulcina de Moraes

Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1. GABRIEL CUNHA VILELA e LUCAS XAVIER DE OLIVEIRA. **PROJETO EXPERIMENTAL – ENTREPOSTO**. 2019. Curso (Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal de Goiás
2. Iana Francisca Quirino Do Nascimento. **Manifesto Zine: engrenagem de ensino**. 2018. Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
3. Thiago Batista Dornelas dos Santos. **Tatuagem e docência: considerações e implicações para o professorado de Artes Visuais**. 2018. Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
4. KARLA OLIVEIRA SOUZA. **... A ESCOLA ERA ARVORE, E NÓS ESTÁVAMOS XÍCARAS**. 2016. Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
5. TIAGO ALVES DE OLIVEIRA FONSECA. **... A ESCOLA ERA ARVORE, E NÓS ESTÁVAMOS XÍCARAS**. 2016. Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
6. LUIZA FERNANDA VIANA DA SILVA. **... A ESCOLA ERA ARVORE, E NÓS ESTÁVAMOS XÍCARAS**. 2016. Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
7. REBECA TAYANNE SOUZA CARDOSO DE MORAIS. **AÇÕES EDUCATIVAS NO CENTRO CULTURAL UFG: CAMINHOS PERCORRIDOS**. 2016. Curso (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
8. Fernanda Isabel Melo Amorim. **Cinema: desencadeando memórias**. 2013. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
9. Ana Priscilla Furtado de Azevedo. **Cinema: desencadeando memórias**. 2013. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
10. Paul Cezanne S. C. de Moraes. **Aproximações entre arte e vida**. 2012. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
11. Heloísio da Silva. **Aproximações entre arte e vida**. 2012. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
12. HERNANY RABELO DIAS. **HQs e Cosplayers: O que a cultura juvenil escolar pode dizer às aulas de artes visuais**. 2012. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
13. SILVESTRE BARBOSA FERREIRA. **HQs e Cosplayers: O que a cultura juvenil escolar pode dizer às aulas de artes visuais**. 2012. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
14. Monique de Jesus Vieira Coelho dos Santos. **ARTE CONTEMPORÂNEA E FOTOGRAFIA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO COTIDIANO DOS SURDOS**. 2011. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
15. Priscila de Macedo Pereira e Souza. **ARTE CONTEMPORÂNEA E FOTOGRAFIA: UMA REFLEXÃO ACERCA DO COTIDIANO DOS SURDOS**. 2011. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
16. Valdson Ramos Pereira. **Cinema & educação/tecnologia de bolso**. 2008. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
17. Adriana Rodrigues Teles. **Cinema & educação/tecnologia de bolso**. 2008. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
18. Ester de Souza Aguiar Costa. **Tecnologias e experiência estética: possibilidades do uso do computador no ensino de Arte**. 2007. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
19. Carla Luzia de Abreu. **Tecnologias e experiência estética: possibilidades do uso do computador no ensino de Arte**. 2007. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
20. Claudia Regina Babinski. **Tecnologias e experiência estética: possibilidades do uso do computador no ensino de Arte**. 2007. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
21. Adriane Camilo Costa. **Possibilidades do filme infantil na educação escolar**. 2006. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
22. Marla Cardoso. **As Visualidades do Contexto Urbano numa Perspectiva Futurista**. 2005. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
23. Rogéria Eler Silva. **As Visualidades do Contexto Urbano numa Perspectiva Futurista**. 2005. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
24. Herlaine Reis Mariano. **As Visualidades do Contexto Urbano numa Perspectiva Futurista**. 2005. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
25. Eleny Macedo de Oliveira. **A imagem da obra de arte e o processo criativo da linguagem grafo-plástica**. 2004. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais
26. Márcia dos Santos Xavier. **A imagem da obra de arte e o processo criativo da linguagem grafo-plástica**. 2004. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais
27. Angélica Aparecida de Oliveira. **Representação gráfica da criança e formação continuada de professores**. 2004. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais
28. Graciele Silva Ribeiro. **Representação gráfica da criança e formação continuada de professores**. 2004. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais
29. Mariana Pedrosa Marcassa. **Utilizando as idéias de Celestin Freinet e Madalena Freire para o aprendizado em artes visuais**. 2004. Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais

Iniciação científica

1. Bárbara Stela Oliveira. **Cultura digital e ensino de artes visuais**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

2. Maria Angélica Soares Toledo. **Cultura digital e o ensino de arte: a autonomia do sujeito que aprende por meio de mídias ativas**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

3. Lucas Liandro Pereira. **Práticas cineclubistas: uma ponte entre o cinema, as artes visuais e a educação**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás

4. Matheus Martins da Silva. **Relações entre práticas cineclubistas e o campo das artes visuais**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

5. Marilia Silva Martins Gidrão. **Escolarte – Ensino de arte com vídeo-aula**. 2017. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Universidade Federal de Goiás

6. Marilia Silva Martins Gidrão. **Educomunicação, ensino de arte e cultura.**. 2016. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

7. KESIA DOS SANTOS RAMOS. **GALERIA DA AUSÊNCIA E DO VAZIO**. 2016. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

8. BRUNO EDUARDO MORAIS DE ARAÚJO. **FICÇÃO CIENTÍFICA E CULTURA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO CYBERPUNK**. 2015. Iniciação científica (Artes Visuais - Design Gráfico) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

9. BRUNO EDUARDO MORAIS DE ARAÚJO. **Ficção científica e sociedade: um estudo de três casos**. 2014. Iniciação científica (Bacharelado em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

10. Angélica Rodrigues Lima. **A fotografia em arte educação: um acervo para a escola.**. 2012. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Universidade Federal de Goiás

11. HERNANY RABELO DIAS. **AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PODEM REPRESENTAR UM RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE ARTES?**. 2012. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

12. SILVESTRE BARBOSA FERREIRA. **COSPLAYERS E MANGAS GRUPOS SOCIAIS NA ESCOLA**. 2012. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

13. PAUL CEZANNE SOUZA CARDOSO DE MORAES. **INTERVENÇÕES VISUAIS, POR QUE ESSAS MANIFESTAÇÕES SÃO TÃO FREQUENTES NAS ESCOLAS?**. 2012. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

14. Lia Ribeiro Bello. **O cinema na contextualização das relações sociais**. 2009. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG

15. Kárita Garcia Soares. **FIGURINO NO CINEMA: CONCEPÇÕES E PROCESSOS DE CRIAÇÃO**. 2008. Iniciação científica (Design de Moda) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

16. Carla Luzia de Abreu. **Exercício curatorial no espaço virtual: uma reflexão sobre o acervo da Galeria da FAV**. 2007. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

17. Claudia Babinski. **O Ensino de Artes Visuais e as páginas eletrônicas de museus, galerias e outras instituições culturais: uma proposta metodológica de ação educativa**. 2006. Iniciação científica (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa

Supervisão de pós-doutorado

1. Maurineide Alves da Silva. 2019. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Goiás

2. LARA LIMA SATLER. 2018. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro

3. Rafael de Almeida Tavares Borges. 2016. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Goiás

4. Luis Carlos de Morais Junior. 2015. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro

5. Cesar Lignelli. 2015. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro

6. Jorge das Graças Veloso. 2014. Supervisão de pós-doutorado - Faculdade de Artes Visuais/UFG

7. Lilian do Amaral Nunes. 2014. Supervisão de pós-doutorado - Faculdade de Artes Visuais/UFG
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Orientação de outra natureza

1. Dábilla Elen Ferreira de Oliveira. **Monitoria - arte e educação especial**. 2016. Orientação de outra natureza (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Universidade Federal de Goiás

2. STÉFANY ALVES TOBIAS. **Monitoria - Laboratório de Informática**. 2015. Orientação de outra natureza (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Universidade Federal de Goiás

Orientações e supervisões em andamento

Dissertações de mestrado: orientador principal

1. Iana Francisca Quirino do Nascimento. **em construção**. 2019. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
2. Alzira Martins Prado. **em construção**. 2019. Dissertação (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás

Dissertações de mestrado: co-orientador

1. Julio Eduardo Pereyra Silva. **Familias universitarias afrouruguayas: Narrativas en torno a estrategias de egreso Universidad**. 2018. Dissertação (Enseñanza universitária) - Universidad de la Republica Uruguay

Teses de doutorado: orientador principal

1. Julia Mariano Ferreira. **em construção**. 2019. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
2. Jossier Boleão. **em construção**. 2019. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
3. Renato Cirino Machado Alves Pereira. **A Odisseia do Guerrilheiro: conhecimentos articulados para resistência no Cinema Imperfeito de Martins Muniz**. 2017. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás
4. Carolina Brandão Piva. **(As outras fazedoras de sentidos) Dicionário de imaginaturas e letripulias com a linguagem**. 2017. Tese (Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás

Teses de doutorado: co-orientador

1. MARCIA INEZ DA SILVA. **FIOS E ARTEFIOS INTERCULTURAIS : AS PERFORMANCES CULTURAIS E O ENSINO DA ARTE DO COTIDIANO**. 2020. Tese (PERFORMANCES CULTURAIS) - Universidade Federal de Goiás

Iniciação científica

1. Gabriela Chaves. **Arquivos de memórias: construção de narrativas a partir das ocupações de escolas do ensino médio em Goiás**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
2. LUCAS LIANDRO PEREIRA. **Estudo para a proposição de cineclubes escolares**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
3. BARBARA STELA OLIVEIRA. **Garotas na comunidade gamer, visualidades, narrativas digitais e educação**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
4. Gabriel Cunha Vilela. **Narrativas audiovisuais de mobilizações sociais produzidas em coletivo e difundidas na internet**. 2019. Iniciação científica (Comunicação Social - Publicidade) - Universidade Federal de Goiás
5. MATHEUS MARTINS DA SILVA. **Narrativas contemporâneas: plataformas de streaming e jogos digitais**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
6. MARIA ANGELICA SOARES TOLEDO. **Redes de informação em arte: o uso de aplicativos móveis para o compartilhamento de conhecimento artístico e cultural da cidade de Goiânia**. 2019. Iniciação científica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Supervisão de pós-doutorado

1. Erizaldo Cavalcanti Borges Pimentel. . 2020. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Goiás
2. Émile Cardoso Andrade. . 2019. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Goiás

Página gerada pelo sistema Currículo Lattes em 09/07/2020 às 18:37:49.